Universidade de São Paulo

Faculdade de Saúde Pública

Adolescência e Desafios na Contracepção e Prevenção das DST/Aids: Uma Relação em Questão Para a Saúde Pública

Ludmila Ramos Carvalho

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de Concentração: Saúde, Ciclos de Vida e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Augusta Thereza de Alvarenga.

São Paulo

2013

Adolescência e desafios na contracepção e prevenção das DST/Aids: uma relação em questão para a Saúde Pública

Ludmila Ramos Carvalho

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de Concentração: Saúde, Ciclos de Vida e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Augusta Thereza de Alvarenga.

São Paulo

2013

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na sua forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da tese/dissertação.

Dedico a todos aqueles e aquelas que, como eu, sonham, pois “é necessário sempre acreditar que o sonho é possível, que o céu é o limite e você é imbatível”.

À Flávia Recabarren, minha querida amiga Lolô, que me ajudou a acreditar que era possível.

AGRADECIMENTOS

Essa dissertação é o fruto de um extenso trabalho, cujo mérito certamente não pode ser atribuído somente a mim. Assim, faz-se necessário agradecer as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para a realização e sucesso desse trabalho. Na impossibilidade de citar todas, expresso aqui alguns agradecimentos especiais:

Agradeço à minha mãe **Ana Maria** que primeiro me apresentou o mundo mágico das palavras, me incentivando à leitura ao ler todas as noites histórias para que eu adormecesse. E quando cansada de ler, criava suas próprias histórias.

Ao meu pai, **José Carlos,** que despertou em mim a curiosidade científica, me ensinando a, sempre, questionar.

Ao meu companheiro **Caio**, meu amor, meu melhor amigo, pela infinita paciência, pelo incentivo constante e por ter passado suas férias me ajudando no momento em que mais precisei, proporcionando-me maior tempo para dedicação a este trabalho.

À **Profa. Dra. Augusta Thereza de Alvarenga**, por ter aceitado o desafio de me orientar nesse percurso em busca do conhecimento, por ser essa pessoal especial e iluminada e por toda a paciência que teve comigo ao longo desse processo.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - **CAPES** pelo benefício financeiro concedido.

Aos funcionários e funcionárias da Área de Concentração Saúde, Ciclos de Vida e Sociedade: **Carmen, Iara, Leandro, Maria e Meire**.

Aos **funcionários e funcionárias da FSP**, em especial, da biblioteca, da secretaria de pós-graduação, do restaurante COSEAS, da segurança e da limpeza.

Aos **Professores** e **Professoras da Área de Concentração Saúde, Ciclos de Vida e Sociedade**, pela receptividade durante minha atuação na Representação Discente, pela disponibilidade e solicitude, e àqueles cujas disciplinas contribuíram com meu aprimoramento acadêmico: as Professoras Maria da Penha Vasconcellos, Ana Cristina Tanaka e o Professor Edemilson Campos.

Aos **Professores e Professoras de outros Departamentos da FSP e outras unidades da USP**, cujas disciplinas contribuíram enormemente para o enriquecimento deste trabalho: Professoras Dirce Zanetta, Márcia Furquim e o Prof. Àquilas Mendes, e também a Profa. Heloísa Buarque de Almeida, da FFLCH, cuja disciplina contribuiu sobremaneira para com o desenvolvimento do trabalho.

Aos membros do **Comitê de Ética da FSP**, pela receptividade durante minha atuação como Representante Discente, em especial ao Matheus pela incrível paciência, e ao Prof. Cláudio Leone a quem aprendi a admirar e respeitar.

À **banca examinadora da qualificação**, que muito contribuiu para o aprimoramento deste estudo, composta pela Profa. Dra. Néia Schor e Profa. Dra. Kátia Cibelle Machado Pirotta.

Aos componentes da **banca examinadora da defesa**, suplentes e titulares, que tanto colaboraram para o aprimoramento deste trabalho: Profa. Dra. Maria José Osis, Prof. Dr. Rubens de Camargo Adorno, Profa. Dra. Graciana Alves Duarte, Dra. Gisele Aparecida Arrunátegui.

Aos colegas da **Representação Discente.**

Ao **Grupo de Estudos em Gênero, Corpo e Sexualidade**, em especial para a colega Lena Franco que com seu apoio e determinação levou adiante comigo o grupo.

À Enfermeira **Fernanda Akaboshi**, minha prima e à equipe da **UBS do Pq. Corolla**, pela contribuição com este trabalho.

Aos **meus familiares**, **amigas** e **amigos**, que sempre me incentivaram, acreditaram em mim e não me deixaram desistir, e a **todas as pessoas** que direta ou indiretamente me auxiliaram em algum momento durante o desenvolvimento deste trabalho.

Aos **garotos e garotas participantes desta pesquisa**. Nada disto faria sentido sem suas contribuições.

E por fim, mas não com menor importância, agradeço aos (às) **colegas deste percurso**, amizades que conquistei na FSP e que levarei para sempre: Alexandra Pava, Elaine Lopes (e lá fomos nós, de novo!), Flora Vezzá, Gislene Vieira, Ieda Borges, Patrícia Lhacer, Paula Prates, Silvânia Caribé e turma do grupo "epidemio e agregados", aos "onipresentes do facebook" César Soares e Thiago Marques, às "ratas do porão" Patrícia Carla, Janaína Ralo, Rosario Avellaneda e Sabrina Viana. E especialmente às "sempre amigas" Miriam Silva, Roberta Oliveira e Sandra Costa, e, em especial, à querida Natália Stofel, pelo apoio incondicional e desabafos intermináveis (fala que eu te escuto!).

CARVALHO, L. R. **Adolescência e desafios na contracepção e prevenção das DST/Aids: uma relação em questão para a Saúde Pública.** [dissertação de mestrado]. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo - USP; 2013.

RESUMO

No presente trabalho partimos do pressuposto de que o planejamento reprodutivo e a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis (DST), sobretudo a Aids, ganham especificidades quando considerada a fase da adolescência, de forma a se caracterizarem como um problema complexo e de natureza multidisciplinar para o campo da saúde pública. Em termos de objetivos, propomos verificar as relações existentes entre práticas contraceptivas, práticas preventivas para DST/AIDS, sexualidade e corpo, na perspectiva de adolescentes, garotos e garotas. Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, com proposta de análise discursiva a partir de relatos orais de adolescentes de ambos os sexos, colhidos através da técnica de depoimentos pessoais. Quanto aos resultados podemos observar, a despeito da presença de alguns resquícios de tradicionalismo em termos das relações de gênero, uma abertura nos discursos de garotos e garotas para a busca de relações mais igualitárias que envolvem as diferentes esferas da vida. Em relação às práticas sexuais e afetivo-sexuais, observamos que o cuidado com o corpo assume significado especial em termos de instrumento de conquista, requerendo para tal, adequá-lo a uma linguagem própria e especial bem como a determinado padrão de beleza. Em termos de considerações finais, e abertura de questões, podemos observar que a questão da dupla proteção oferecida pelo preservativo, quer em relação à prevenção das DST/Aids, quer em relação à contracepção, a vulnerabilidade de garotos e garotas se coloca em função dos conhecimentos fragmentados acerca da prevenção e da contracepção, apontando para necessidade dos serviços de saúde pública se repensarem, em termos de suas estratégias, procurando inovar na identificação de espaços, considerados próprios dos adolescentes, capazes de incorporarem suas ações a partir do aprofundamento do conhecimento acerca do que significa a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis e a contracepção, notadamente no âmbito do que representa a construção de um projeto de vida para o adolescente, conhecimento esse que vai além, portanto, da simples informação. Nesse sentido, a Escola se destaca como rica parceira dos serviços de saúde, enquanto um espaço pleno de possibilidades, a partir de um trabalho interdisciplinar e intersetorial.

UNITERMOS: Adolescência, Corpo, Gênero, Sexualidade, Contracepção, DST/Aids, Saúde Pública

CARVALHO, L. R. Adolescência e desafios na contracepção e prevenção das DST/Aids: uma relação em questão para a Saúde Pública./**Adolescence and challenges for contraception and prevention of STD / AIDS: a relation at issue on Public Health**. [dissertation]: Faculdade de Saúde Pública da USP; 2013.

ABSTRACT

In this work it is assumed that the reproductive planning and prevention of sexually transmitted diseases (STDs), particularly AIDS, gain specificities when considering the adolescence phase, so they are characterized as a complex and multidisciplinary problem for the field of public health. In terms of the aims, we propose to verify the relations between contraceptive practices, preventive practices for STD / AIDS, sexuality and body, from the perspective of teenagers, boys and girls. From the a methodological standpoint, it is a qualitative research, with proposed discursive analysis starting from oral reports of adolescents both sexes, collected through the technique of personal testimonials. Concerning the results, despite the presence of some remnants of traditionalism in terms of gender relations, we can see an opening in the discourse of boys and girls to search for more equal relationships involving different spheres of life. Towards sexual and emotional-sexual practices, we observed that care of body takes special meaning in terms of an instrument of conquest, requiring for it, adapt it to their own special language and as well as particular pattern of beauty. In terms of final thoughts and opening of questions, we can see that the issue of dual protection offered by condoms, or in relation to the prevention of STD / AIDS, both in relation to contraception, the vulnerability of boys and girls arises due to the fragmented knowledge about prevention and contraception, pointing the need for public health services to rethink in terms of their strategies, trying to innovate in identifying spaces, adolescents considered themselves able to incorporate their shares from the deepening of knowledge means that the transmission of sexually transmitted diseases and contraception, especially in the context of what is the construction of a project life for teenagers, knowledge that goes beyond this, however, the simple information. In this direction, the school stands out as rich partner health services, as one space full of possibilities, from an interdisciplinary and intersectoral work.

KEYWORDS: Adolescence, Body, Gender, Sexuality, Contraception, STD / AIDS, Public Health.

ÍNDICE

SOBRE A ESCOLHA DO TEMA 9
1 INTRODUÇÃO 11
1.1 ADOLESCÊNCIA NOS CONTEXTOS DA SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA 11
1.1.1 A concepção da adolescência e o paradigma biomédico 11
1.1.2 A adolescência como questão para a saúde pública, no Brasil 14
1.1.3 Contracepção e gravidez na adolescência como questão demográfica e de saúde pública 17
1.1.4 DST/Aids e sua expressão na adolescência como questão epidemiológica e de saúde pública 23
1.2 ADOLESCÊNCIAS, SEXUALIDADE, CORPO E SAÚDE 28
1.2.1 Sobre a questão do corpo: por que discuti-la? 28
1.2.2 Corpo, sexualidade, gênero e adolescências 30
1.2.3 Adolescências e a relação entre sexualidade e corpo como questões de saúde sexual e saúde reprodutiva 33
2 HIPÓTESE E OBJETIVOS 37
3 PERCURSO METODOLÓGICO 38
3.1 NATUREZA DA PESQUISA 38
3.2 AS ENTREVISTAS 39
3.3 A ENTRADA NO CAMPO OU SOBRE ADOLESCENTES E SEUS ESPAÇOS 40
3.4 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS 43
3.5 ASPECTOS ÉTICOS 45
4 SOBRE ADOLESCENTES, CARACTERÍSTICAS E TRAJETÓRIAS DE VIDA 47
4.1 OS GAROTOS 49
4.2 AS GAROTAS 62
5 SOBRE OS DISCURSOS DOS GAROTOS 74
5.1 SER HOMEM, SER MULHER, SER ADOLESCENTE 74
5.2 O CORPO ADOLESCENTE: USOS E SIGNIFICADOS 91
5.2.1 Imagem, estética e culto ao corpo 92
5.2.2 Percepção do corpo adolescente, virilidade e masculinidade 96
5.2.3 Corpo adolescente, cuidados e saúde 99
5.3 A SEXUALIDADE NOS DISCURSOS ADOLESCENTES 106
5.3.1 Sexo ou sexualidade? 106
5.3.2 Acerca das relações afetivas 109
5.3.3 Acerca das relações sexuais 116
5.4 O LUGAR DA SAÚDE SEXUAL E DA SAÚDE REPRODUTIVA NO UNIVERSO ADOLESCENTE 124
5.4.1 Sobre gravidez na adolescência e seus significados 124
5.4.2 O Lugar das DST/Aids no pensamento adolescente 133
5.4.3 Sobre contracepção e prevenção das DST/Aids: práticas, riscos e desafios 142

5.4.4 O Não lugar dos serviços de saúde na saúde sexual e reprodutiva de adolescentes 159
6 SOBRE OS DISCURSOS DAS GAROTAS 170
6.1 SER MULHER, SER HOMEM, SER ADOLESCENTE 170
6.2 O CORPO ADOLESCENTE: USOS E SIGNIFICADOS 183
6.2.1 Imagem, estética e culto ao corpo 183
6.2.2 Percepção do corpo adolescente e questão da autoestima 188
6.2.3 Corpo adolescente, cuidados e saúde 190
6.3 A SEXUALIDADE NOS DISCURSOS ADOLESCENTES 198
6.3.1 Sexo ou sexualidade? 198
6.3.2 Acerca das relações afetivas 201
6.3.3 Acerca das relações sexuais 205
6.4 O LUGAR DA SAÚDE SEXUAL E DA SAÚDE REPRODUTIVA NO UNIVERSO ADOLESCENTE 215
6.4.1 Sobre gravidez na adolescência e seus significados 215
6.4.2 O lugar das DST/Aids no pensamento adolescente 223
6.4.3 Sobre Contracepção e Prevenção das DST/Aids: Suas Práticas, Riscos e Desafios. 230
6.4.4 O não lugar dos serviços de saúde na saúde sexual e reprodutiva de adolescentes 241
7 DO CRUZAMENTO DE OLHARES ÀS CONSIDERAÇÕES FINAIS .. 248
8 REFERÊNCIAS 256
ANEXOS 267

I - Formulário para Caracterização Socioeconômica e Demográfica do (a) Entrevistado (a)
II - Roteiro Temático para Coleta de Depoimento Pessoal (adolescente do sexo feminino)
III - Roteiro Temático para Coleta de Depoimento Pessoal (adolescente do sexo masculino)
IV - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
V - Parecer do Comitê de Ética da Faculdade de Saúde Pública – FSP/USP
VI - Currículo Lattes

SOBRE A ESCOLHA DO TEMA

Desde a graduação em Psicologia meu interesse esteve voltado às questões da adolescência, essa etapa da vida tão rica, de modo que busquei realizar estudos e cursar disciplinas que remetessem a esse grupo, para mim tão fascinante. Unindo esse interesse a uma atuação profissional na área da saúde, em um município do interior de SP, acabei por me aproximar dessa faixa etária, mais especificamente, realizando trabalhos e projetos referentes à educação e orientação a respeito de saúde sexual e reprodutiva.

Posteriormente, atuando junto aos CRAS (Centro de Referência de Assistência Social), tive a oportunidade de desenvolver ações coletivas com adolescentes, para além das questões de saúde sexual e reprodutiva, que e visavam o empoderamento desses jovens, fomentando o protagonismo social, a cidadania, bem como o preparo para inserção no mercado de trabalho especialmente através do programa Projovem Adolescente. Nesses CRAS pudemos desenvolver ações intersetoriais para construção de uma rede assistencial com objetivo de buscar estratégias para minimizar questões problemáticas diagnosticadas em cada território de ação, circunscritos às regiões periféricas do município com alto índice de vulnerabilidade social. Em duas unidades do CRAS a gravidez na adolescência foi apontada como uma questão emergente e, sob o olhar da rede de assistência, uma das questões que necessitavam de maior atenção e atuação imediata.

Foi ao longo das reuniões para o desenvolvimento de tais ações que passei a me questionar acerca do olhar e da atuação dos profissionais da assistência, bem como de outros setores e outros participantes da rede, em relação ao trabalho com adolescentes, especialmente as adolescentes grávidas. Questionei, inclusive, a minha própria visão e atuação com esse grupo. Notei que raramente as questões pertinentes à adolescência eram pensadas sob o ponto de vista dos (as) próprios (as) jovens, sendo que estes não possuíam nenhum tipo de participação ou representação em tais ações e discussões, nem mesmo eram considerados como parte da rede sócioassistencial.

Fui, então, percebendo que as estratégias de educação sexual que visavam à orientação para a contracepção e a prevenção das DST/Aids que vinham sendo praticadas pelas áreas da Saúde, Educação e Assistência Social, bem como em ONGs e outras ações comunitárias eram, em sua maioria, meramente informativas e não levavam em conta as diferentes realidades e expectativas dos (as) jovens. Pude observar que os mais diversos profissionais, em seus diferentes níveis de formação, possuíam um olhar fragmentado sobre a questão da sexualidade adolescente, permeado de julgamentos morais, preconceitos e culpabilização dos indivíduos. E eu não estava excluída.

Minhas indagações se ampliaram após ouvir relatos de enfermeiras do Ambulatório de Saúde da Mulher localizado no mesmo território do CRAS em que eu atuava as quais afirmavam que a gravidez era desejada pelas garotas, na maioria das vezes, embora não planejada. Como seria possível, então, falar em "prevenção"? – Questionei-me. A partir desse momento, iniciei um processo pessoal de desconstrução de saberes e de práticas profissionais neste campo e fui à busca de maior conhecimento sobre o assunto de modo a perceber o quão complexa é a questão da sexualidade na adolescência e como a promoção da saúde sexual e reprodutiva para esse grupo deve levar em conta tal complexidade, considerada em referências às especificidades desse grupo.

Assim foi que cheguei à faculdade de Saúde Pública, com ânsia em dar voz às adolescentes gestantes e buscar compreender suas motivações e os significados atribuídos por elas ao fenômeno da gravidez. Porém, à medida que meus conhecimentos se aprofundaram, pude redirecionar minha busca, me interessando por questões anteriores à gravidez, ou seja, a própria sexualidade, a iniciação e ad práticas sexuais dos adolescentes, contemplados em discussões de gênero, numa tentativa de compreender a complexidade desse universo. E assim é que surge a proposta desse estudo: uma busca junto aos próprios adolescentes, garotas e garotos, de desvelar as relações que se apresentam entre corpo, gênero e sexualidade, considerando suas práticas sob o enfoque da saúde sexual e reprodutiva na adolescência.

1 INTRODUÇÃO

1.1 ADOLESCÊNCIA NOS CONTEXTOS DA SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA

Eu vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério.
O jovem no Brasil nunca é levado a sério.
A polícia diz que já causei muito distúrbio
O repórter quer saber por que eu me drogo
O que é que eu uso
Eu também senti a dor e disso tudo eu fiz a rima
Agora tô por conta.
Pode crer que eu tô no clima. Segue a rima.
(Charlie Brown Jr. - Não é Sério, composição: Charlie Brown Jr.)

1.1.1 A concepção da adolescência e o paradigma biomédico

A compreensão sobre a fase da vida que nomeamos como adolescência não pode ser homogênea e tampouco delimitada com clareza, sendo que seus significados e atribuições podem variar de acordo com cada cultura, como amplamente discute a antropologia, especialmente autoras como Benedict (s/d) e Mead (1981).

Ao longo da história o conceito de adolescência também foi se modificando, sendo que na idade antiga pouco se definiam os limites entre infância e idade adulta. Segundo Ariès (1978), a família tradicional na idade média não possuía uma função afetiva, mas, sim, a de conservação de bens. Foi entre os séculos XVI e XVII que a criança passou a ocupar um lugar central na dinâmica das relações familiares, ao mesmo tempo em que houve uma valorização da educação, de modo que a infância passou a ser considerada um período de imperfeição a ser disciplinado, em busca de uma completude a ser atingida somente na maturidade, ou, na fase adulta (ANDRADE, 2008).

Após o desenvolvimento da medicina científica e dos estudos da anatomia patológica, no fim do século XVIII, surgiram diversas descobertas que possibilitaram, nas décadas de 20 e 30, o início dos estudos sobre o desenvolvimento biológico, que possibilitaram a compreensão da adolescência em seus aspectos anatômicos, fisiológicos e psicológicos, assim como sobre a sexualidade, sobretudo, a sexualidade da mulher (ROHDEN, 2001).

O olhar biologizante e naturalizante sobre a adolescência possibilitou que o conceito adquirisse um caráter universal e homogêneo, respondendo ao que foi chamado por Peres (1995) como paradigma biomédico ou médico-biológico e que, neste estudo, nomearemos como paradigma biomédico ou olhar biomédico. Segundo Uchôa (1994), este paradigma, tem sua raiz no pensamento cartesiano que propunha o dualismo entre corpo e espírito e que possibilitou o pensamento materialista radical que caracteriza a biomedicina.

No ocidente, sob essa perspectiva positivista de desenvolvimento linear, a adolescência passou a ser entendida como etapa de transição da infância para a idade adulta, tomando por base as transformações puberais de caráter biológico, que desencadeiam mudanças psicológicas e sociais, até que a maturidade seja atingida (Peres, 1995) ou então, uma fase de "moratória social" - para trazer o conceito proposto por Erikson (1972) - uma fase de ajustes em que comportamentos rebeldes e inadequados são relativizados. Sob essa compreensão, crianças e adolescentes passaram a ser educados, instruídos e terem seus corpos e comportamentos – entendidos como inadequados – controlados e punidos em função de atingir o ideal de ajustamento social, considerado adequado à maturidade.

A definição de adolescência adotada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), e pelo Ministério da Saúde do Brasil (MS), localiza-se sob tal concepção de adolescência ao circunscrever essa fase à segunda década da vida, ou seja, de 10 a 19 anos e considerar que a juventude se estende dos 15 aos 24 anos. Pela sobreposição de faixas etárias, as definições comportam desdobramentos, neste caso, sendo considerados adolescentes jovens aqueles entre de 15 a 19 anos e adultos jovens, os de 20 a 24 anos (BRASIL, 2005). Nosso Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) também busca delimitar esta fase da vida como o período localizado dos 12 aos 18 anos, sendo que, em casos específicos expressos por lei, pode-se estender as aplicações do Estatuto àqueles que possuam entre 18 e 21 anos (BRASIL, 1990).

Assim pode-se observar que, diante da necessidade de definições jurídicas para o controle legal e de orientar investigações epidemiológicas para elaboração de políticas públicas, características individuais são ignoradas numa tentativa de delimitar o início e o fim da adolescência e universalizar essa etapa tão diversa, que pode ser experienciada e significada de maneiras muito distintas de acordo com cada

sistema de valores e de crenças. Porém, em nossa sociedade, é perceptível a existência de certa assincronia entre as delimitações da puberdade - mudanças anatomofisiológicas - e as delimitações sociais para a adolescência, sendo possível observar, também, um crescente “alargamento” desses limites de forma a ampliar cada vez mais essa fase, quer pelo seu início precoce, quer pelo seu final tardio, como descreveram Oliveira e Egry (1997).

De acordo com Ariès (1978), passamos de uma época sem adolescência para uma em que essa passa a ser considerada a idade predileta, de maior prestígio, se apresentando como referência em muitos aspectos. Daí que podemos observar, notadamente no Brasil, que a juventude é um ideal e uma busca para todas as faixas etárias, assim como afirma Goldenberg (2006) que no país, o corpo e a aparência juvenil se constituem em verdadeiros capitais.

Contudo, Almeida (2002) observa que nas camadas populares a adolescência é uma categoria que nem sempre apresenta vantagens, de modo que a tendência entre jovens que nelas se inscrevem é a de desejar a entrada no mundo adulto o mais rápido possível.

Tais observações apontam para a importância de não se homogeneizar a adolescência e estabelecer seu início e seu fim apenas pela faixa etária ou fisiologia, e para tanto, consideramos importante ir para além do olhar biomédico, que fragmenta o indivíduo, medicaliza conflitos, reduz e naturaliza a adolescência (a partir da delinquência, drogadição, gravidez, violência, comportamento sexual de risco), desconsiderando a integralidade dos sujeitos e suas trajetórias de vida. Nesse sentido, juventude e adolescência podem ser compreendidas como categorias que comportam várias definições, sendo a delimitação de tais etapas, bem como todas as etapas que compõem o ciclo vital, socialmente definida, havendo grande variação nessas delimitações e suas faixas etárias, bem como o que é socialmente esperado para cada uma delas (ALMEIDA, 2002). Assim é que Ayres (1993) problematiza que, em nível de realidade, não existe uma adolescência, mas, adolescências, em função das dimensões políticas, sociais e culturais características do momento histórico de sociedades em que estará inserido o adolescente.

Peres (1995) destaca, ainda, a importância de diferenciar o uso dos termos juventude – categoria fundamentalmente sociológica – de adolescência, termo que se

refere mais ao processo de maturidade biológica, que transcende a área psicossocial, constituindo um período em que se inicia e se adquire o sentido de identidade, se constitui a personalidade, a capacidade de abstração e adaptação ao meio social.

Adotaremos o termo adolescência neste trabalho por ser este um termo já consagrado na área das políticas públicas, em especial da saúde. Porém, explicitamos que com essa escolha não pretendermos reduzir esse grupo a uma classificação meramente etária, mas, considerá-lo em sua heterogeneidade quanto a relações culturais, bem como de classe e de gênero, que apontam para as transversalidades que devem ser contempladas na abordagem relacionada a este grupo.

1.1.2 A adolescência como questão para a saúde pública, no Brasil

A adolescência é assumida como questão relevante para a Saúde Pública Brasileira somente a partir de 1988, com o Programa Saúde do Adolescente (PROSAD), num período de crise do Estado capitalista, de instituição de uma nova Constituição Federal e com o “movimento sanitário” brasileiro em processo, com a proposta da criação de um Sistema Único de Saúde (SILVA, 2010).

Antes desse período, cada problema da adolescência era abordado em particular, da mesma forma que se davam as práticas em saúde em geral, ou seja, de acordo com a demanda os adolescentes eram encaminhados a serviços específicos, quer seja para tratar e/ou prevenir o consumo de álcool e drogas, quer para receber educação sexual visando a contracepção ou a prevenção e ou tratamento de alguma DST, quer para a realização de pré-natal, entre outros, seguindo a lógica fragmentadora já mencionada.

Traçando um histórico das Políticas Públicas para adolescentes, Silva (2010) resgatou os marcos referenciais internacionais mais importantes para essas políticas, que vão desde a Convenção Internacional dos Direitos da Criança – Assembleia Geral das Nações Unidas (1989), às conferências de Cairo (1994) e Pequim (Beijing, 1995), ressaltando que, embora o Brasil seja signatário destes documentos, há, ainda, obstáculos no acesso de adolescentes e jovens aos serviços públicos de saúde no país especialmente quanto à programas de educação, orientação e assistência sexual. A

autora apresenta igualmente, um panorama das mais relevantes Políticas de Saúde para Adolescentes no Brasil, dentre as quais merecem destaque:

- Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher/PAISM (1984): introduz novo olhar para as políticas públicas para a saúde da mulher, ao propor uma abordagem global à saúde em todas as fases do ciclo vital feminino, rompendo com o chamado materno-infantilismo;
- Estatuto da Criança e do Adolescente/ECA (1990): embora não preveja questões acerca dos direitos sexuais e reprodutivos dos adolescentes, enuncia pressupostos fundamentais para que estes sejam assegurados a partir do reconhecimento dos adolescentes como sujeitos de direitos.
- Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher/PNAISM (2004): representa a ampliação do programa anterior (PAISM), e sua transformação em política nacional. Contempla a saúde reprodutiva e saúde sexual segundo diretrizes da conferência de Cairo.
- Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção e Recuperação da Saúde: aprovadas em 2009 na Comissão Intergestores Tripartite, porém, representando uma vitória parcial, pois, anteriormente, em 2007, a propositura de uma Política Nacional de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens foi retirada de pauta e considerada não prioritária.

Vale também mencionar que em 1996 o Congresso Nacional aprovou a Lei n. 9.263 que regulamenta o parágrafo 7º. do art. 226 da Constituição Federal, que trata do planejamento familiar no Brasil, incorporando as discussões sobre o planejamento familiar como um direito da mulher, do homem e do casal, integrando um conjunto de ações de atendimento global e integral à saúde (ALVES, 2006; DIAZ et. al, 2004). E também que, em 2005, foi lançada a Política Nacional de Direitos Sexuais e Reprodutivos, tendo como foco a saúde sexual e a saúde reprodutiva da população adolescente, especialmente na faixa dos 10 aos 15 anos. (BRASIL, 2005)

Como é possível notar, embora no Brasil não se tenha conseguido, ainda, instituir a saúde do adolescente como política nacional, algumas ações são relevantes

nesse sentido, inclusive as “Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção e Recuperação da Saúde” já representam avanços na proposição de temas estruturantes para a concepção de atenção integral à saúde de adolescentes e jovens (BRASIL, 2010a). Diante do exposto, é possível constatar, portanto, que possuímos no Brasil uma legislação que pode ser considerada avançada no que diz respeito à garantia de direitos da adolescência e juventude, especialmente quanto ao direito à saúde. Porém muito falta para que tal legislação seja concretizada em termos da implantação e implementação de ações em nível dos serviços de saúde. Assim, concordamos com Silva (2010), ao afirmar que:

> ...fica evidente porque os programas e ações voltados para essa parte da população não progridem de forma consistente: nem mesmo existem recursos que possam financiar essa proposta. Embora tudo faça parte de um processo, é preciso que as instâncias deliberativas olhem com mais atenção e respeito para essa parte da população brasileira (p. 57).

Adolescentes e jovens, em geral não recebem a necessária atenção à saúde por serem considerados pessoas saudáveis. No entanto, as condições de saúde desse grupo populacional vêm tornando-se um diferencial que evidencia, hoje, a sua vulnerabilidade frente às diferentes formas de violências e a crescente incidência de mortalidade, sobretudo pelas causas externas (BRASIL, 2010a). Cabe observar que a percepção de tais vulnerabilidades, notadamente entre jovens do sexo masculino, pode endossar a concepção de delinquência tradicionalmente associada a esta etapa, recaindo numa culpabilização do indivíduo, ao mesmo tempo em que pode deslocar o foco das políticas de saúde para outras políticas, como segurança, trânsito, educação, dentre outras.

A preocupação política com a adolescência no que se refere à saúde sexual e à saúde reprodutiva tem sido configurada tanto em relação às questões demográficas, quanto às epidemiológicas. No âmbito da demografia, no que se refere à informação e contracepção para que se evite a gravidez na adolescência, quando indesejada, considerando-se as individualidades e os projetos de vida dos jovens, garotos e garotas. Enquanto que, no âmbito epidemiológico, a chamada liberação sexual dos anos 1960, somada ao advento da Aids nos anos 1980, configurou a abordagem da sexualidade adolescente como um desafio frente à prevenção de DST/Aids.

Assim, para o campo da Saúde Pública, há uma busca para que seja adotada uma dupla proteção nas práticas sexuais entre os jovens e adolescentes:

- Da gravidez indesejada, através do planejamento reprodutivo e uso de métodos contraceptivos, inscrita no âmbito definido como saúde reprodutiva e dos direitos reprodutivos;
- Das DST, especialmente o HIV/Aids, a partir do uso do preservativo, (camisinha) masculino ou feminino, inscrita no âmbito do que se cunhou como saúde sexual e dos direitos sexuais.

Nesse aspecto, o desafio que se coloca é que tais questões, embora discutidas em políticas distintas garantindo visibilidade a cada uma, não sejam abordadas de forma isolada, pois, referem-se a uma mesma prática, qual seja, a prática sexual.

1.1.3 Contracepção e gravidez na adolescência como questão demográfica e de saúde pública

Em sua revisão acerca do discurso da saúde pública sobre a adolescente grávida entre os anos de 1930 e 1980, Reis (1993) relata que até a década de 1950, os estudos tinham foco predominantemente obstétrico-pediátrico, e, a partir da década de 1960, com aumento dos movimentos sociais com participação juvenil, notadamente movimentos feministas, o exercício da sexualidade das mulheres começa a ser desvinculado da maternidade como finalidade principal. Na década de 1970, o discurso científico começa a focar as gestações que ocorrem antes dos 15 anos de idade, configurando a chamada precocidade materna, e a saúde pública começa, então, a olhar para a questão da contracepção nesse grupo.

Discussões referentes à saúde reprodutiva e aos direitos reprodutivos, de um modo geral, avançaram muito após as reuniões realizadas em Pequim (Beijing, 1995) e em Cairo (1994). Esta última, especialmente, por ter sido a IV Conferência Mundial da ONU sobre População e Desenvolvimento (CIPD) e que seguia a conferências cuja preocupação principal era a ênfase exclusiva no binômio população-desenvolvimento, numa perspectiva econômico-demográfica tradicional.

Com tais objetos em pauta, as conferências anteriores travaram inúmeros debates acerca do papel da população no desenvolvimento de uma nação, sendo que diversos países participantes se alternaram na adoção de posições ora neomalthusianas[1], ora natalistas. Ou seja, alternavam-se entre defender políticas controlistas, por entender o alto crescimento populacional como entrave ao desenvolvimento econômico, e defender o natalismo, sob o argumento de que o crescimento populacional seria um sinal de afirmação nacional e o controle da natalidade seria uma ingerência dos países mais ricos sobre a soberania dos países pobres. E ainda, adotando por vezes uma postura neutra, entendendo que a população seria elemento neutro para o desenvolvimento (CORRÊA et al., 2003).

A maior vitória da CIPD do Cairo, segundo Corrêa et al. (2003), foi deslocar a questão populacional de uma perspectiva meramente econômica, passando a situá-la no marco da saúde e dos direitos humanos, discutindo as questões referentes à reprodução humana no âmbito dos direitos sexuais e de relações de gênero. Assim, de acordo com a Plataforma de Cairo (1994), foi estabelecida a seguinte definição para Saúde Reprodutiva:

> Estado de completo bem-estar físico, mental e social e não simplesmente a ausência de doença ou enfermidade, em todas as matérias concernentes ao sistema reprodutivo, às suas funções e processos. […] que a pessoa possa ter uma vida sexual segura e satisfatória, tenha a capacidade de reproduzir e a liberdade de decidir sobre quando e quantas vezes o deve fazer. Implícito nesta última condição está o direito de homens e mulheres de serem informados e de ter acesso a métodos eficientes, seguros, permissíveis e aceitáveis de planejamento familiar de sua escolha, assim como outros métodos, de controle da fecundidade que não sejam contrários à lei, e o direito de acesso a serviços apropriados de saúde... (par. 7.2, p 62)

É possível, então, observar um grande avanço nessa definição ao incluir os homens como partícipes das relações de gênero nesse contexto. Nesta mesma direção, foi pautada a IV Conferência Mundial sobre a Mulher, realizada em Pequim (Beijing), em 1995, de modo que os resultados além de convergirem com os de Cairo foram complementares notadamente no que se refere tanto à promoção da igualdade

---

[1] Malthus foi um autor que ficou conhecido por não separar sexo de reprodução. Considerava que casamento envolvia sempre um casal heterossexual, cujo relacionamento tinha por finalidade a procriação (Corrêa et al., 2003), e acabou tornando-se sinônimo de teorias de controle populacional.

de gênero, quanto à relação sexual e reprodução, incluindo-se o respeito à integridade, o respeito mútuo, o consentimento e divisão de responsabilidades pelos comportamentos sexuais e suas consequências (CORRÊA, 2003).

Tais conferências tiveram, portanto, grande relevância para a elaboração de políticas públicas no Brasil, sendo que a delegação brasileira desempenhou papel muito importante nesses encontros. Alvarenga e Schor (1998), ao traçarem um histórico da questão da contracepção feminina identificam que o país, de um Estado pró-natalista (1965 a 1974) passou a uma posição ambígua frente à assunção de uma política nacional de planejamento familiar ou controle da natalidade (1984 a 1993). Porém, após 1993, segundo as autoras, houve uma busca pela inserção dessa discussão num contexto mais amplo, como definido pela CIPD do Cairo, na direção de preconizar uma política contraceptiva como política social, e não demográfica, inserida num programa de assistência integral à saúde de mulheres e homens para toda a sociedade brasileira, visando à implementação das políticas já mencionadas em item anterior.

Os dados do último censo indicam que, embora a taxa de fecundidade total brasileira venha diminuindo consideravelmente – de 2,38 filhos por mulher em 2000 a 1,9 em 2010 –, o padrão de fecundidade na faixa etária de 15 a 19 anos sofreu apenas uma diminuição discreta, ou seja, de 18,8% da fecundidade total em 2000, passou a concentrar 17,7% em 2010 (IBGE, 2010). Segundo Berquó e Cavenaghi (2005), em 1990, a taxa de fecundidade específica na faixa etária de 15 a 19 anos representava 98 para cada mil adolescentes que tiveram filhos. Em 2000 a taxa foi de 78 para cada mil.

Dados similares constam na publicação de Victora et. al. (2011), que indica que a taxa de fecundidade no país havia sido reduzida de 6,3 em 1960 para 1,8 em 2002-2006, mas que a redução se apresentou mais lenta entre adolescentes, sendo que 45 em cada 1000 mulheres com idade de 10 a 19 anos tiveram filhos em 1996 e em 2006, essa proporção foi de 39 em cada 1000. Contudo, o que chama a atenção nos dados publicados é que para o mesmo período (1996 a 2006) houve discreto aumento, entre meninas na faixa de 10 a14 anos, que passou de 3 para 4 nascimentos, por 1000. A publicação ainda informa que, atualmente, mais de 20% de todas as crianças brasileiras nascem de mães adolescentes.

Heilborn et. al. (2002) refere a importância de se observar a questão da gravidez na adolescência no contexto da rápida transição demográfica brasileira – iniciada em meados dos anos 1960 e caracterizada no final da década de 1990, dada a redução da taxa de fecundidade ao nível da reposição das gerações – bem como pelo aumento do índice de métodos contraceptivos. Segundo os autores, "o fato de a fecundidade adolescente ir na direção inversa da transição demográfica gera o aumento de sua visibilidade e a torna intrigante" (p.17). Esta observação confere ao fenômeno um *status* de problema social, acompanhando a tendência internacional das últimas décadas, muito embora a gravidez na adolescência não constitua um fenômeno novo para o cenário brasileiro.

Diferentes discursos contribuíram para a consolidação de tal *status*, sendo que o do paradigma biomédico, já discutido anteriormente, propicia, juntamente com o olhar psicológico, o entendimento da gravidez, nessa fase, como precoce devido à denominada imaturidade psicológica e biológica das adolescentes. Nesse sentido, há uma vasta literatura, sobretudo médica, que relaciona a gravidez nessa etapa da vida a diversos problemas tais como: mortalidade e baixo peso do neonato, eclâmpsia, mortalidade materna, entre outras complicações perinatais (SILVA, 2010). Porém, a crítica a ser feita acerca desses estudos é que nem sempre são considerados alguns fatores associados importantes tais como nível socioeconômico, acesso a serviços de saúde, tempo de acompanhamento pré-natal, entre outros, que ampliam a vulnerabilidade desse grupo aos agravos de saúde. Diversos autores, dentre os levantados por Dias e Teixeira (2010) e por Levandowski et al. (2008) em suas revisões de literatura, problematizam, ainda, se tais complicações ocorrem somente devido à faixa etária ou, se por falta de informação, medo, preconceito ou vergonha, as garotas tentem esconder a gravidez e acabem por não realizar nenhum acompanhamento pré-natal.

E também há o discurso fundamentado no paradigma controlista, mencionado em outro item, fortalecido pela visão de que o fenômeno contribuiria para um ciclo de reprodução da pobreza (HEILBORN et al., 2002; LEVANDOWSKI et al., 2008; DIAS E TEIXEIRA, 2010).

Face à liberdade propiciada pelo advento da pílula anticoncepcional, há ainda o discurso de que a gravidez na adolescência representa a contramão do exercício

pleno da sexualidade, desvinculado da reprodução. Sob esse panorama, para retomar a problematização de Heilborn et al. (2002), o fenômeno tomaria contornos de desperdício de oportunidades – tanto de estudos, como de carreira profissional – e de uma subordinação, precoce, ao papel do qual as mulheres vem tentando se desvencilhar há anos. De acordo com os autores, seria como se as adolescentes não merecessem as supostas novas chances oferecidas aos jovens, em geral, e, ainda, se colocassem numa dupla contramão: seja em relação às mudanças demográficas, seja em relação à emancipação feminina, o que aumenta não apenas a visibilidade, mas também a sanção social dirigida à gravidez nesse período. Porém, tais argumentos não consideram o fato de que oportunidades podem não ser igualmente oferecidas para jovens de diferentes camadas sociais, além de supor, como universal, o valor de um novo papel feminino.

Cabe, ainda, buscarmos diferenciar o uso dos termos gravidez – um fenômeno observável e quantificável – de maternidade, que vem a ser uma experiência subjetiva. Especialmente para esta faixa etária tal diferenciação se faz importante, haja vista que dentre as jovens que engravidam, nem todas assumem a maternidade, mesmo quando a gravidez é levada a termo, podendo haver abandono da criança, ou mesmo, esta pode ser deixada aos cuidados de terceiros, muito frequentemente a própria avó e outros familiares, e ainda, dada para adoção. E ainda, além da possibilidade da perda natural do bebê, muitas garotas, frente à gravidez indesejada, recorrem às possibilidades de aborto, por vezes inseguro, dado ser uma prática ilegal, o que pode colocar em risco suas vidas. Análise realizada pelo Ministério da Saúde, em 2004, aponta um total de 274 óbitos de adolescentes (10 a 19 anos) em consequência de causas relacionadas à gravidez, parto e puerpério, sendo que adolescentes representam 16,4% do total de óbitos por essa causa, quando consideradas todas as idades (BRASIL, 2010a).

Segundo Heilborn et al. (2002), “sob o termo gravidez na adolescência abriga-se uma faixa etária que, por muito tempo, foi considerada a ideal para a mulher ter filhos” (p. 17), tendo em vista que até o início do século passado, as chamadas debutantes eram meninas de alta classe que, ao completarem 15 anos eram apresentadas à sociedade, para que pudessem ser escolhidas como esposas e constituírem família (leia-se, reproduzirem). Para aquele período, tal evento teria a

função similar a um rito de passagem, significando que a jovem já seria “mulher” e estaria apta a ser mãe e esposa.

Em nossa sociedade, vários eventos podem ser considerados ritos de passagem, de acordo com Brêtas et al (2008). Para as camadas de maior poder aquisitivo, a passagem para o mundo adulto pode estar associada à chamada maioridade, atingida aos 18 anos, e possivelmente à conquista da carta de habilitação e do primeiro carro ou, ainda, estar relacionada à entrada no mercado de trabalho após a conclusão dos estudos, em geral de nível universitário, quiçá de pós-graduação, o que contribui para que a estada na casa dos pais seja estendida e, em decorrência, a adolescência também o seja, como já mencionamos.

Porém, para as camadas populares tais ritos nem sempre são semelhantes, sendo que a entrada no mercado de trabalho costuma ocorrer mais cedo, inclusive por necessidade econômica. Assim, não é incomum que adolescentes mal concluam o ensino fundamental e já partam em busca de emprego, o que propicia grande evasão escolar nessa etapa, o que independe da experiência da parentalidade (maternidade ou paternidade). Tal observação se contrapõe à ideia de que a gravidez na adolescência seja o grande mote para os altos índices de evasão escolar existente dentre as camadas populares.

Oliveira (2007) discute que, para o senso comum, a maternidade faz parte da construção da identidade feminina e constitui uma etapa no processo de maturidade para a mulher. Assim, a gravidez pode ser sinônimo, para muitas adolescentes, notadamente das camadas populares, de um projeto de vida, de realização pessoal, de *status* e mobilidade social (PANTOJA, 2003; ALMEIDA, 2002; GONTIJO, 2008). Para jovens mulheres, nesse contexto, a independência financeira e o ingresso no mercado de trabalho podem ser dificultados, de modo que a maternidade se torne uma opção, ganhando o significado de rito de passagem para que se sintam mulheres, adultas, independentes, autônomas, donas de seus corpos, independentemente da situação conjugal que venha a se configurar posteriormente.

Cabe ressaltar que pouco se fala da paternidade nessa faixa etária, mas, apesar de escassos, estudos apontam que tal experiência entre os rapazes de camadas populares é tida como reforço à imagem pública de virilidade. A diferença de gênero se evidencia no fato de que a paternidade, em si, não propicia independência da

família de origem e mudança de *status*, mas sim, o fato de assumir a paternidade e desempenhar do papel de provedor, mesmo quando não há constituição de nova família (ALMEIDA, 2002; CABRAL, 2002).

Os motivos que podem levar a garota adolescente a engravidar já foram amplamente estudados e discutidos (DADOORIAN, 2000; ALMEIDA, 2002; PANTOJA, 2003; LEVANDOWSKI et. al., 2008; DIAS E TEIXEIRA, 2010), o que nos permite observar que a gravidez nessa fase da vida não costuma ser planejada, mas é possível que, em muitos casos, seja desejada e considerada uma experiência gratificante, a despeito de todos os problemas de ordem social, psicológica, econômica ou de saúde que aparentemente possam estar envolvidos.

Assim, diante do exposto, a questão que se coloca é de que a gravidez na adolescência é um fenômeno complexo, não sendo possível compreendê-lo apenas sob o paradigma biomédico, nem sob outros olhares reducionistas. Isto porque tais olhares não compreendem, nem levam em conta a sexualidade adolescente e as relações existentes entre corpo e gênero, a partir de um contexto sócio-histórico.

1.1.4 DST/Aids e sua expressão na adolescência como questão epidemiológica e de saúde pública

O uso da expressão “saúde sexual”, segundo Corrêa et al. (2003), esteve ligado por muito tempo ao termo “saúde reprodutiva”, carregando forte influência da sexologia clássica, muito próxima do discurso médico. Sua definição atual consolidada pela Plataforma de Cairo (1994), embora represente grande avanço, ainda encontra-se subsumida à definição de saúde reprodutiva, como podemos observar no trecho que segue:

> ...a assistência à saúde reprodutiva é definida como a constelação de métodos, técnicas e serviços que contribuem para a saúde e o bem-estar reprodutivo, prevenindo e resolvendo problemas de saúde reprodutiva. Isto inclui igualmente a saúde sexual, cuja finalidade é a intensificação das relações vitais, melhoria da qualidade de vida e das relações pessoais e não simples aconselhamento e assistência relativos à reprodução e a doenças sexualmente transmissíveis (par. 7.2, p 62).

Para Corrêa et al., (2003) tal definição encerra certa ambivalência, podendo pode ser entendida tanto como questão subordinada à reprodução, quanto uma questão autônoma e importante por si só, sem ligação com as questões de concepção e contracepção. Os autores afirmam que a utilização do termo saúde sexual foi ampliada e intensificada a partir da década de 1980, por efeito da rápida expansão da epidemia da Aids, de modo que nos anos subsequentes a Cairo e Pequim, o termo passasse a ser utilizado cada vez mais em documentos oficiais, inclusive das Nações Unidas, mesmo que em associação com o termo saúde reprodutiva.

Os primeiros casos de Aids identificados no Brasil datam da década de 1980 e atualmente estima-se 630 mil indivíduos de 15 a 49 anos de idade vivendo com HIV/Aids no País. A taxa de prevalência da infecção pelo HIV na população de 15 a 49 anos se mantém estável em 0,6% desde o ano de 2004, sendo 0,4% entre as mulheres e 0,8% entre os homens (BRASIL, 2011a).

O Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (BRASIL, 2010b) aponta que entre jovens de 17 a 20 anos do sexo masculino a prevalência de infecção foi de 0,12% e entre em mulheres de 15 a 24 anos foi de 0,28%. O documento também informa que, em 2009, foram identificados 3.398 casos de Aids em jovens de 13 a 24 anos de idade, resultando numa taxa de incidência de 8,3 casos por 100.000 habitantes. Quanto aos óbitos por HIV, em jovens, o boletim refere que entre 1998 a 2009 o número foi de 7.443, sendo 58% no sexo masculino e 42% no sexo feminino. Embora nos últimos 10 anos o país tenha registrado uma redução de 31,6% no coeficiente de mortalidade entre os jovens, o índice atual, 1,3 óbitos para cada 100.000 habitantes, ainda preocupa.

Com os avanços tecnológicos da medicina, aliados à política de distribuição de medicamentos, ao longo dos últimos anos foram desenvolvidos tratamentos mais eficazes e que possibilitaram um grande aumento na expectativa de vida do indivíduo que contraiu o vírus HIV (ou HIV positivo), diminuindo o caráter letal da doença aos olhos da população em geral, e igualmente, diminuindo a visibilidade midiática, sendo muito raro encontrarmos, hoje, algum caso de grande repercussão, como ocorria na década de 1980. E ainda, o coeficiente de mortalidade por Aids no Brasil, em 2009, foi de 6,2 óbitos por 100.000 habitantes, com tendência de diminuição desde 1997 até 2004, ano em que se estabilizou (BRASIL, 2010b). Tais dados

justificam a ideia, mesmo que equivocada, presente na população de modo geral de que Aids é um problema resolvido e que a atenção deveria ser voltada a outras doenças (CLAM, 2011).

Os fatos apresentados colocam desafios para a saúde pública na sociedade atual em termos de prevenção da Aids e outras DST, especialmente entre os jovens, pois, estes por não terem vivido o período mais agressivo da epidemia, tendem a minimizar sua gravidade e por consequência, podem se dispor menos à utilização de preservativo em suas práticas sexuais. E também, de modo semelhante ao que ocorre nos casos de gravidez cujas adolescentes desejem engravidar, jovens (homens e mulheres) podem não se preocupar em contrair o vírus, até mesmo por identificar ganhos secundários ao adoecerem, tais como maior atenção e apoio social, como podem observar existirem em indivíduos HIV positivo que por ventura conheçam (MONTEIRO, 2002).

Concernente à Aids, outra preocupação que se coloca é em relação ao atual perfil da epidemia no Brasil, que aponta um aumento dos índices entre jovens homossexuais, sendo que em 1998, para cada 12 homossexuais infectados com HIV, havia 10 heterossexuais contaminados e atualmente a proporção chega a 16 para 10 (CLAM, 2011), sendo essa uma tendência internacional.

De acordo com o Ministério da Saúde, entre homens na faixa etária de 15 a 24 anos, a categoria de exposição, ou forma de infecção, denominada “homens que fazem sexo com homens” (HSH) apresentou aumento proporcional significativo, passando de 25,2% em 1990 para 46,4% em 2010. O mesmo documento informa, ainda, que entre os jovens HSH, de 18 a 24 anos, a prevalência atingiu 4,3%. A conclusão a que se chega é que ao comparar esse grupo com os jovens em geral, a chance de um jovem homossexual ou HSH estar infectado pelo HIV é aproximadamente 13 vezes maior (BRASIL, 2011b).

Outro aspecto importante da epidemia que se coloca como questão para a saúde pública é a tendência mundial da chamada “feminização da Aids”, ou seja, aumento gradativo da proporção de mulheres infectadas. Atualmente, as mulheres representam quase metade do total de pessoas vivendo com HIV em todo o mundo (em torno dos 34 milhões de pessoas), sendo que a maioria se encontra em regiões

como África Subsaariana e Caribe (ONU, 2011). No entanto, este fenômeno pode ser observado também no Brasil, notadamente entre as adolescentes:

> A evolução da epidemia de Aids foi marcada por queda na razão de sexos, passando de 9,0:1 em 1987 para 1,6:1 em 2009, mantendo-se estabilizada desde 2002. Por outro lado, na faixa etária de 13 a 19 anos, observa-se a inversão da razão de sexos a partir de 1997, chegando a 0,8:1 em 2009. (BRASIL, 2011a, p.339)

De acordo com o Plano Integrado de Enfrentamento da Feminização da Epidemia de Aids e outras DST (Brasil, 2009), o processo de feminização da epidemia entre jovens sobretudo na faixa de 13 a 19 anos, ocorre numa velocidade muito rápida, apontando a necessidade de ações que resultem no empoderamento das mulheres, como a ampliação do acesso ao preservativo feminino. Contudo, tendo em vista que empoderar as mulheres não significa excluir a possibilidade de ampliar a participação dos homens na construção de estratégias de autocuidado e cuidado com a parceira, bem como na reflexão das questões de gênero, estruturantes da sociedade e que tornam as mulheres especialmente vulneráveis à infecção por HIV e DST.

A feminização da doença se torna mais preocupante em relação às mulheres em idade fértil devido, também, aos crescentes índices de transmissão vertical (transmissão mãe-bebê) que, de acordo com relatório do Ministério da Saúde, situam-se entre 25% e 30%, sendo que a amamentação pela mãe soropositiva aumenta o risco de transmissão de 7% para 22%, chegando a 29% em casos de infecção materna aguda. Dados referem que, enquanto a taxa nacional de transmissão vertical do vírus vem caindo no Brasil, a tendência é de alta no Norte e no Nordeste do país (NUBLAT, 2011a).

No que se refere às outras DST, temos as hepatites virais entre as mais preocupantes, ao lado do HPV e da sífilis, sendo esta última seu problema maior a sífilis congênita (infecção de mãe para filho). Dados apontam que a maior parte das gestantes com sífilis pertence à faixa etária compreendida entre 20 e 29 anos, sendo que a prevalência de sífilis em parturientes (1,6%) é cerca de 4 vezes maior que a de infectadas pelo HIV (BRASIL, 2010b). Acerca da incidência e prognóstico de HPV em adolescentes, estudos revelam que após o início da atividade sexual 36,5% das adolescentes acompanhadas durante 5 anos (1999 a 2006) apresentaram alterações citológicas por HPV. Nesse período, também se observou a incidência de 24,1% de

lesões cervicais no primeiro ano de atividade sexual e a redução nos quatro anos subsequentes, mostrando a regressão, com o tempo, na maioria das lesões (BRASIL, 2010a).

Diante do panorama apresentado, as mulheres em idade fértil passam a ser foco das campanhas preventivas, o que denota que a responsabilidade pela prevenção tende a recair ainda mais sobre a mulher, sem que se lembre de que a contaminação da mulher se dá numa relação sexual, havendo homens envolvidos nesse processo:

> …pesquisas mostram redução do uso de camisinha entre os mais jovens. […] mulheres com idades entre 13 anos e 29 anos e homens do grupo HSH (homens que fazem sexo com homens) com idades entre 15 anos e 24 anos são o público alvo da campanha. (NUBLAT, 2011b)

Assim podemos observar que existem lacunas no que se refere às ações voltadas para a saúde reprodutiva entre a população jovem, conforme aponta Pirotta (2002), sobretudo, ao não se incorporar o jovem heterossexual do sexo masculino em atividades ligadas à contracepção e prevenção das DST. Dessa forma, as assimetrias de gênero podem ser reproduzidas inclusive no âmbito da organização dos serviços de atenção à saúde da população.

Por fim, pode se problematizar o olhar paternalista da sociedade em relação aos jovens, que tende a compreendê-los como se não tivessem autonomia, responsabilidade ou discernimento para lidar com suas vidas sexuais, o que dificulta a discussão e implementação de políticas para um grupo populacional cujos direitos sexuais e reprodutivos parecem não ter legitimidade ou aceitação (CLAM, 2011).

Diante do exposto, podemos observar que a questão da prevenção das DST e do HIV/Aids na adolescência se coloca como um desafio para a saúde pública, notadamente diante das especificidades desse grupo que configura peculiaridades acerca da história natural da doença que não devem ser menosprezadas (TAQUETTE et. al., 2011), sobretudo, ao se pensar em práticas e políticas de saúde sexual para adolescentes, que demandam um olhar livre de preconceito, para além do paternalismo e do conservadorismo.

1.2 ADOLESCÊNCIAS, SEXUALIDADE, CORPO E SAÚDE

1.2.1 Sobre a questão do corpo: por que discuti-la?

As observações de Marcel Mauss (2003), em seu clássico texto sobre técnicas corporais, contribuíram para não mais se considerar que existe técnica somente quando há um instrumento, pois devemos levar em conta todo um conjunto de técnicas corporais. Para o autor, o corpo é o primeiro instrumento do homem e, portanto, o mais natural, sendo, ao mesmo tempo, objeto e meio técnico do homem. Para Mauss (2003), técnica deve ser entendida como um ato tradicional e eficaz, visto que não há técnica se não houver tradição e transmissão através da tradição. As técnicas corporais se dividem e variam por sexo e por idade e a biomecânica do corpo é socialmente moldada nos indivíduos através de uma educação que consiste em adaptar o corpo a seus usos.

Michel Foucault, ao estudar a história da penalidade e o poder que incidia sobre os indivíduos enclausurados, observou, de acordo com o prefácio de sua obra elaborado por Machado (2012), uma relação de poder que incidia sobre seus corpos e utilizava uma tecnologia própria de controle, não exclusiva da prisão, mas igualmente presente em outros locais, como no hospital, na escola, entre outros. Para Foucault, este poder não possui apenas um aspecto negativo, como força destrutiva, mas também um lado positivo, no sentido de produzir discursos que controlam comportamentos, ao invés de puni-los. Este aspecto positivo, enquanto produtivo, do poder visa a adestrar o corpo humano, gerindo a vida dos homens e controlando suas ações, com objetivo ao mesmo tempo, econômico, no sentido de aumentar o efeito do trabalho, e político, no que se refere a diminuir a capacidade de revolta e insurreição contra as ordens de poder, e a tornar os indivíduos dóceis politicamente. (MACHADO, 2012)

O poder disciplinar, descrito por Foucault ao longo de sua obra, pode ser compreendido, ainda segundo Machado (2012), como dispositivo que permite o controle minucioso das operações do corpo e que possui, como características, a organização do espaço, o controle do tempo, a vigilância e o registro contínuo de

conhecimento, assim, ao mesmo tempo, exerce um poder disciplinar e produz um saber. Sob tal concepção, o poder disciplinar não destrói o indivíduo, mas ao contrário, o fabrica através do adestramento do corpo, do aprendizado do gesto, da regulação do comportamento, da normalização do prazer e da interpretação do discurso, com o objetivo de separar, comparar, distribuir, avaliar, hierarquizar.

Quanto aos dispositivos de controle da sexualidade, para Foucault (2012), estes não são apenas do tipo disciplinar, mas, também se realizam por uma biopolítica da população, um biopoder que age sobre a espécie humana e sobre o corpo como espécie. Daí, questões como nascimento, mortalidade, nível e duração da vida estarem ligadas não apenas a um poder disciplinar, mas também a um poder que se exerce no âmbito da população, com o objetivo de gerir a vida do corpo social.

Podemos, portanto, trazer a posição defendida por Galeano (1983) relativa à vigência de uma ideia controversa de que a explosão demográfica constituía o maior obstáculo para o progresso da América Latina e que o Banco Mundial dava prioridade em seus empréstimos aos países que realizam planos para o controle da natalidade. Nessa sua perspectiva, partilhada por outros autores, a concepção é a de que se propunha justificar a distribuição desigual de renda entre os países e classes sociais, justificando que a causa da pobreza é a elevada taxa de natalidade, buscando controlar, com esse discurso, a revolta das massas em movimentos sociais. A partir dessa concepção, o autor defendia que:

> ...na maior parte dos países latino-americanos não sobra gente, ao contrário, falta. O Brasil tem 38 vezes menos habitantes por km^2 que a Bélgica, Paraguai 49 vezes menos que a Inglaterra, Peru 32 vezes menos que o Japão. Haiti e El Salvador têm uma densidade populacional menor do que a Itália. (GALEANO, 1983)

Nesse contexto, cabe a observação de Weeks (2010) de que as preocupações com a subjetividade – quem e o que somos – e com a sociedade – saúde, prosperidade, crescimento e bem estar da população – estão intimamente conectadas "porque no centro de ambas está o corpo e suas potencialidades" (p. 52), sendo, ambas, modeladoras da nossa sexualidade. À medida que a sociedade se tornou mais preocupada com determinadas questões morais, com a chamada prosperidade econômica, com a segurança nacional ou com a higiene e saúde, foi se preocupando

cada vez mais com o “disciplinamento dos corpos e com as vidas sexuais dos indivíduos” (p. 52)

Retomando Foucault (2012), a sexualidade se tornou alvo de preocupação, análise, vigilância e controle, ao mesmo tempo em que se passou a produzir, a intensificação dos desejos de cada um pelo próprio corpo, configurando uma revolta do corpo sexual à disciplina. O poder responde a partir de uma exploração econômica e ideológica da erotização, com desenvolvimento dos mais diversos produtos de consumo, desde os voltados para a questão estética até para a pornografia. O que se pode observar, segundo o autor, portanto, é uma nova forma de controle, não mais em termos de repressão, mas como controle-estimulação: “fique nu, mas seja magro, bonito, bronzeado” (p. 236). Foucault (2012) ressalta, ainda, que a partir dos anos 1960 se percebeu que as sociedades industriais podiam exercer um poder mais sutil sobre o corpo e a sexualidade, podendo se atenuar e tomar outras formas, restando, portanto, estudar “que corpo necessita a sociedade atual” (p. 238).

1.2.2 Corpo, sexualidade, gênero e adolescências

Silva (2010) discute que a sexualidade é uma das dimensões do humano e que além do aparato biológico existem as relações afetivas, trocas sensoriais, sensações prazerosas, que constituem um jogo de descobertas em si mesmo e no outro por meio dos corpos. Sexualidade não é apenas sexo, mas uma construção que se dá a partir de crenças, regras sociais e ideologias, presentes numa dada cultura, num determinado momento e que dizem como os corpos devem se relacionar, estabelecendo limites para tanto. As possibilidades da sexualidade e das formas de se expressar desejos e prazeres, de acordo com Louro (2010), também são socialmente estabelecidas.

Para Weeks (2010), a sexualidade tem papel crucial na constituição do bio-poder proposto por Foucault, sendo que o sexo configura um meio de regulação tanto dos corpos individuais, quanto do comportamento da espécie, enquanto população, ou corpo político, conforme discutido no item anterior. Nesse sentido, Foucault (2010) considera, em sua obra História da Sexualidade, que a sexualidade não deve ser concebida como dada pela natureza, mas como dispositivo histórico, de forma

que o autor analisa diferentes discursos que contribuiriam para produzir a verdade do sexo, desse modo exercendo o que chama de aspecto positivo do poder, enquanto produtivo. Assim, é possível compreender que a intensa produção de discursos sobre a sexualidade, ao invés de reprimi-la, a normatiza através das práticas discursivas.

Acerca da ideia de que nossos corpos se constituem numa referência para ancorar nossa identidade por ser, aparentemente, inequívoco e evidente, Louro (2010) propõe a reflexão a partir da compreensão de que os corpos são significados pela cultura e por ela são continuamente alterados:

> O corpo se altera com a passagem do tempo, com a doença, com mudanças de hábitos alimentares e de vida, com possibilidades distintas de prazer ou com novas formas de intervenção médica e tecnológica. Em tempos de epidemia de Aids, por exemplo, a preocupação com exercício do 'sexo seguro' vem sugerindo novos modos de encontrar prazer corporal, alterando práticas sexuais ou produzindo outras formas de relacionamento entre os sujeitos. (LOURO, 2010, p. 14).

Então, se os corpos ganham sentido socialmente, a inscrição do feminino ou do masculino nos corpos de homens e mulheres apenas pode se dar "no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com marcas dessa cultura" (LOURO, 2010, p. 11). Historicamente o corpo da mulher tem carregado significados que o associam naturalmente à reprodução e à maternidade, sendo que muitos significados costumam ser atribuídos ao que se considera ser mulher. De acordo com Silva (2010), as feministas passaram a questionar as desigualdades presentes nas relações sociais entre homens e mulheres baseadas em aspectos que, até então, eram considerados naturais e próprios da mulher, com embasamento em aspectos biomédicos.

A partir do movimento feminista, portanto, foram descortinadas as desigualdades entre os sexos e as opressões sofridas pela mulher ao longo da história, bem como foi possível questionar o patriarcado e colocar em discussão a questão conhecida como gênero, explorada por diversas autoras como Scott (1995), que definiu gênero como um "elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre sexos" e "uma forma primária de dar significado às relações de poder" (pg. 86). Ou, como Haraway (2004), para quem gênero é um conceito desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual em que homens e mulheres são socialmente constituídos e posicionados em relações de hierarquia e antagonismo.

Nesse contexto, o advento da pílula anticoncepcional tornou-se um marco, pois passou a delegar à mulher o poder de decisão sobre sua função reprodutiva, visto que o fenômeno ocorre especificamente em seu corpo. Inicialmente não havia o enfoque na liberação das relações sexuais, mas, sim, na possibilidade de optar por não ter filhos e, assim, libertar as mulheres da esfera doméstica, possibilitando a apropriação da esfera pública e da conquista de direitos. Tal fato possibilitou, conforme Franchetto e cols. (1981), um novo olhar sobre o corpo feminino haja vista que sobre este é que se dá a relação social que conjuga sexualidade e reprodução, cujas questões da contracepção e do aborto propõem-se a separar.

Para Dias e Teixeira (2010), a liberdade trazida pela revolução sexual não foi devidamente acompanhada por uma discussão acerca de valores relacionados ao corpo, à sexualidade, aos papéis sexuais e de gênero presentes em nossa sociedade, de modo que mensagens contraditórias são oferecidas aos jovens, nesse contexto. Assim, por trás de uma aparente liberdade se pode observar uma moralidade rígida e punitiva, ou seja, por um lado a família reprime a sexualidade do adolescente e, por outro, o grupo de pares exerce pressão quanto a experimentar e expressar essa sexualidade. A mídia também representa forte contribuição para a sexualização dos jovens, notadamente através do uso da imagem da mulher como símbolo sexual, fortalecendo a desigualdade de gênero.

Domingues e Alvarenga (1997) discutem que o corpo representa importante elo entre os adolescentes, sendo que o padrão de beleza imposto pela mídia – da mulher magra, alta e do homem forte e musculoso – influencia na autoestima do adolescente, bem como nas relações afetivas entre amigos, namorados, paqueras, entre outros, em termos de relações de gênero, interferindo também em seus comportamentos, principalmente no que diz respeito à sexualidade. Tal questão pode apresentar implicações, ainda, na busca e acesso a informações e serviços de saúde sexual e saúde reprodutiva, oferecidos, conforme pode ser observado em publicações oficiais como as do Ministério da Saúde (BRASIL, 2010a).

1.2.3 Adolescências e a relação entre sexualidade e corpo como questões de saúde sexual e saúde reprodutiva

Arcar com a responsabilidade pela fecundidade pode parecer uma forma da mulher, especialmente a jovem, assumir o controle sobre seu próprio corpo e sobre seu próprio destino, libertando-se das determinações impostas pela natureza, tal como problematizou Pirotta (2002). Mas se por um lado, a pílula anticoncepcional, possibilitou ressignificar a reprodução conferindo, segundo Barbosa (1997), sua responsabilidade exclusivamente às mulheres, por outro lado, a não participação dos parceiros nessa decisão pode ter minimizado o uso do método masculino de proteção – a camisinha, o que pode ter contribuído para a rápida transformação da Aids em epidemia, nos anos 1980, após a revolução sexual.

Nesse período, partia-se do pressuposto de que as mulheres não seriam capazes de negociar o uso de métodos contraceptivos e, assim, métodos de uso em comum acordo foram desestimulados, em especial o preservativo, diretamente relacionado ao controle do corpo e do comportamento do homem, havendo, inclusive, constatação de sua impopularidade junto à população masculina (BARBOSA, 1997). Assim, a mulher se encontraria em posição de maior vulnerabilidade, reforçado pelo fato de que os homens, cultural e tradicionalmente, são os que possuem múltiplas parceiras. E desse modo, segundo a autora, a negociação sexual estaria ligada ao conceito de *empowerment*, ou empoderamento feminino, um elemento importante a ser agregado às conquistas femininas.

Contribuindo com essa discussão, Heilborn et. al. (2002) sugerem que a existência de uma assimetria de gênero, encontrada na literatura como característica da cultura brasileira, também dificulta a negociação de práticas protetivas entre parceiros, afirmando-se esta como um dos fatores que predispõem a uma gravidez indesejada e à contaminação por DST/Aids. Ou seja, em função dos valores tradicionais constituintes das relações de gênero, as mulheres se encontrariam em posição desvantajosa para negociar o uso da camisinha. Nesse sentido, Pirotta (2002) discute que diferenças entre homens e mulheres são socialmente construídas e apropriadas pela cultura, resultando no estabelecimento de regulações sociais,

proibições e regras morais, de forma que, no que se refere à vida reprodutiva, é possível que a naturalização das diferenças, acabe por transformar-se em desigualdades. E ainda, a moralidade que permeia a atitude sexual da mulher prevê que esta não deve ser ativa, sendo que posturas preventivas como propor ou mesmo disponibilizar o preservativo para o ato sexual seria entendido como existência de experiências sexuais prévias, algo que nem sempre é visto com bons olhos pelos parceiros, o que também aponta para a falta de empoderamento feminino, sobretudo entre as jovens, neste contexto.

Na percepção de jovens universitárias, segundo Pirotta (2002), a participação do homem nas práticas preventivas e/ou contraceptivas revela-se através de atos como discutir o número ideal de filhos, adquirir ou lembrá-la de tomar a pílula, usar eventualmente um método que dependa de sua intervenção direta, como a camisinha, nos momentos em que a mulher estiver impossibilitada de tomar a pílula. Portanto, a participação masculina é vivenciada apenas como apoio do parceiro, não se configurando em práticas efetivas como ter a camisinha consigo.

Há, ainda, um elemento importante na discussão acerca da negociação no uso de métodos protetivos, que se refere ao *status* atribuído ao parceiro. Existe uma tendência de prática sexual desprotegida em relacionamentos com vínculo afetivo, estáveis ou com parceiros “conhecidos” e quando há crença na fidelidade conjugal, estabelecendo um nexo significativo entre vínculo afetivo e sexo desprotegido. (SOUZAS e ALVARENGA, 2001, MONTEIRO, 2002, PIROTTA, 2002, GRAVAD, 2008).

A atual configuração da epidemia da AIDS contribuiu para que a adolescência, apesar de considerada uma etapa saudável, assuma uma posição de destaque no campo da saúde, pois, é nessa fase da vida em que o exercício da sexualidade frequentemente se inicia (TAQUETTE et. al., 2011). No entanto, a ideia de irresponsabilidade que acompanha esse grupo confere uma ideia de maior de vulnerabilidade ao exercício dessa sexualidade. São diversas as discussões acerca de características da adolescência que podem potencializar seus riscos quanto a contrair DST/Aids, dentre as quais podemos mencionar, entre as mulheres adolescentes, epitélio uterino mais exposto, violência sexual e de gênero, menor controle sobre

relações sexuais e o uso do preservativo, parceiros mais velhos, entre outros (TAQUETTE et al., 2011).

Entre os adolescentes HSH (homens que fazem sexo com homens) as primeiras experiências sexuais ocorrem em geral, segundo os autores, de forma desprotegida, e o preconceito ainda existente contribui para uma baixa autoestima que os deixa suscetíveis a uma desigualdade de poder em seus relacionamentos afetivo-sexuais, dificultando a negociação por práticas sexuais seguras. Existe, ainda, o problema de menor acesso a serviços, insumos de prevenção e tratamentos, pois, são poucas as unidades de saúde que oferecem atendimento em saúde sexual e reprodutiva para adolescentes e jovens de forma individualizada, com privacidade e confidencialidade.

Chalem et al. (2007), bem como Dias e Teixeira (2010), discutem que o não uso de métodos contraceptivos entre jovens, em geral, não decorre de desinformação sendo que há entre eles a informação sobre a necessidade do uso, mas não conhecimento suficiente para exercitar um comportamento nesse sentido. Monteiro (2002) complementa tal concepção referindo que o chamado comportamento de risco decorre de visões de mundo resultantes das experiências sociais nas quais o risco é minimizado ou super-reconhecido. Aponta, assim, que as situações de risco não devem ser avaliadas de forma isolada à probabilidade de um acontecimento, mas em função de um contexto político e moral e de atitudes compartilhadas socialmente.

Nesse sentido, Ayres et al. (1999) fornecem uma análise acerca da origem e das contribuições do conceito de vulnerabilidade para o conhecimento e para as intervenções sobre as doenças, em particular a epidemia de HIV/Aids, abordagem essa, para além do conceito de risco. Assim, vulnerabilidade pode ser compreendida, simultaneamente, como construto e construtor de uma percepção ampliada e reflexiva que identifica as razões últimas da epidemia e seus impactos em totalidades dinâmicas formadas por aspectos que vão de suscetibilidades orgânicas à forma de estruturação de programas de saúde, passando por aspectos comportamentais, culturais, econômicos e políticos. Para Ayres (2003), a proposta da vulnerabilidade é interessante e aplicável a qualquer tipo de dano ou enfermidade de interesse para a saúde pública. Desse modo é que propomos pensar a questão da vulnerabilidade em função da expressão que as DST/Aids e a gravidez assumem na adolescência,

entendendo que esta ideia permite articular a visão da epidemiologia com a das ciências humanas e sociais, uma intersecção que se coloca como importante para a Saúde Pública (AYRES, 2002, 2011), o que vai ao encontro do proposto pelo documento oficial "Marco Legal, Saúde um Direito do Adolescente":

> [...] a noção de vulnerabilidade vem confirmar a visão de um homem plural, construído na sua diversidade a partir das suas diferenças, não cabendo mais a ideia de pensar as nossas ações e práticas educativas baseadas numa perspectiva de universalidade do sujeito. (Brasil, 2005, p. 9).

Embora as questões referentes à saúde sexual e à saúde reprodutiva venham sendo abordadas separadamente, de forma a conferir maior visibilidade a cada uma, notadamente por autoras feministas, um problema relevante se coloca, contudo, no campo da saúde pública. Trata-se das relações entre práticas contraceptivas e práticas preventivas para as DST/Aids que representam, na perspectiva da saúde pública, a dupla proteção almejada, ao estabelecer estreita relação entre os âmbitos da saúde sexual e da saúde reprodutiva.

A importância adquirida pela contracepção e prevenção das DST/Aids para o campo da Saúde Pública, como pudemos observar, coloca a questão da adolescência – um momento da vida de garotos e garotas, enquanto sujeitos sociais – como de grande relevância para pesquisas que busquem observar as estreitas relações existentes entre esses fenômenos, considerando sua complexidade e os significados especiais que as questões da sexualidade e corpo adquirem nesse momento da vida.

Nesse sentido, consideramos relevante buscar entender as relações entre adolescências, sexualidade, corpo e saúde reprodutiva e sexual, possibilitando desdobramentos das questões que se encontram em aberto nas investigações do campo da saúde pública.

2 HIPÓTESE E OBJETIVOS

Partindo do pressuposto que a opção pelo uso, ou não uso, de métodos preventivos para DST/Aids, bem como o planejamento reprodutivo, inscrevem-se no contexto de relações de gênero com implicações para a autonomia feminina em relação ao exercício de sua sexualidade e decisão sobre o próprio corpo, a hipótese levantada é a seguinte:

Na adolescência, o uso da camisinha na prevenção das DST/Aids e o uso de métodos contraceptivos estão relacionados às características próprias desta fase de vida, que leva adolescentes, homens e mulheres, a atribuírem novos significados às relações de gênero, corpo e sexualidade.

Assim, este trabalho tem por objetivos:

- Caracterizar os sujeitos da pesquisa, suas condições e contextos de vida.
    - Desvelar os significados atribuídos ao uso de métodos contraceptivos e prevenção de DST/Aids, por adolescentes.
    - Verificar as relações existentes entre práticas contraceptivas, práticas preventivas de DST/Aids, sexualidade e corpo, na perspectiva de adolescentes.
    - Interpretar significações e ressignificações das relações de gênero, corpo e sexualidade na adolescência e suas implicações para as práticas contraceptivas e preventivas das DST/Aids.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 NATUREZA DA PESQUISA

O presente estudo se circunscreve a uma abordagem de natureza qualitativa uma vez que a proposta é apreender, através da história oral, os significados atribuídos às práticas, experiências e vivências dos (as) adolescentes, buscando dar-lhes voz e considerá-los (as) enquanto protagonistas sociais e sujeitos de direitos.

Tal pesquisa em profundidade possibilitou a identificação de como se dão as relações entre corpo e sexualidade, bem como as relações de gênero, na perspectiva dos (as) entrevistados (as), no que se refere à adoção de práticas contraceptivas e preventivas para DST/Aids. De acordo com Minayo (2007), as metodologias de pesquisas qualitativas são capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações humanas e às estruturas sociais, tomadas, essas, tanto na sua configuração como na sua transformação enquanto construções humanas significativas. A pesquisa qualitativa, segundo a mesma autora, possibilita a apreensão da lógica interna que rege os indivíduos e os grupos sociais, além de permitir desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos, referentes a grupos específicos, propiciando, durante a investigação, a construção de novas abordagens, revisão e identificação de novos conceitos e criação de novas categorias. Desse modo, almejamos com esta metodologia, possibilitar um novo olhar frente à sexualidade na adolescência e suas práticas, no que se refere à dupla proteção proposta pelo campo da Saúde Pública, tanto no âmbito da saúde sexual, quanto no da saúde reprodutiva.

Para a coleta dos relatos foi eleita a técnica de depoimentos pessoais, que, segundo Rigotto (1998), possibilita o foco no relato na história do entrevistado, sob um aspecto de interesse definido pelo pesquisador, que exerce papel ativo por dirigir a narração em busca de aprofundar o conhecimento sobre o recorte desejado, e por preocupar-se em superar a dimensão individual do relato procurando encontrar nele a dimensão do coletivo. Ainda segundo a autora, os depoimentos pessoais não se

limitam à emissão de opiniões sobre questões levantadas pelo pesquisador, mas estimulam o entrevistado a falar de suas experiências, ou seja, sobre como pensou e como vivenciou tais questões.

3.2 AS ENTREVISTAS

Participaram do presente estudo 15 adolescentes, heterossexuais e com vida sexual ativa, residentes em um município do interior paulista, a 100 km da Capital. Foram entrevistados 09 rapazes e 06 garotas, com idades entre 14 e 19 anos.

Tendo em vista o objetivo proposto, a técnica de entrevista se apresentou como o melhor recurso para a tomada dos depoimentos. Assim, foi elaborado um formulário semiestruturado (ANEXO I) visando à caracterização socioeconômica e demográfica dos sujeitos. Para a entrevista em profundidade foram elaborados diferentes Roteiros Temáticos (MEIHY, 2005) para adolescentes de cada sexo, buscando cobrir algumas questões consideradas relevantes para a investigação do problema e que contemplassem igualmente a abertura de espaço para a fala livre dos sujeitos, possibilitando a emergência de outras questões (ANEXO II e ANEXO III).

Antes do início do campo, propriamente dito, foi realizado um pré-teste dos roteiros temáticos para que fosse verificada a estrutura e clareza do roteiro de forma que o instrumento pudesse ser aprimorado. O pré-teste consistiu na realização da entrevista via formulário semiestruturado e roteiros temáticos, com dois garotos e duas garotas com características semelhantes aos adolescentes que foram investigados como sujeitos da pesquisa.

A participação dos (as) jovens na pesquisa deu-se de forma voluntária e mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) por eles (as) e por um responsável maior de idade, nos casos de entrevistados (as) menores de 18 anos (ANEXO IV).

Todas as entrevistas foram gravadas, transcritas e revisadas pela própria pesquisadora e tiveram duração média de 48m, sendo que a mais curta durou 30m28s e a mais longa 82m03s. Após a realização de algumas entrevistas ocorreu uma conversa informal, em que os (as) entrevistados (as) aproveitaram para tirar suas

dúvidas e se informarem sobre a pós-graduação, a pesquisa e o trabalho acadêmico, além de temas abordados ao longo da entrevista. Também, nesse momento, alguns jovens que demonstraram grande desconhecimento acerca de assuntos importantes, como sobre formas de prevenção às DST/Aids, ou apresentaram dúvidas quanto a sua própria condição de saúde, foram informados e orientados a procurar a unidade de saúde de referência ou outros serviços.

As entrevistas foram realizadas em diferentes lugares públicos de convívio dos adolescentes tais como praças, parques, lanchonetes e shoppings. Duas entrevistas foram realizadas em uma sala cedida por uma Unidade de Saúde (Programa de Saúde da Família – PSF) do bairro de residência dos (as) entrevistados (as) em questão e outras duas entrevistas foram realizadas em frente à casa do (a) próprio (a) entrevistado (a).

3.3 A ENTRADA NO CAMPO OU SOBRE ADOLESCENTES E SEUS ESPAÇOS

Um dos eixos de interesse desse estudo está fundamentado nas práticas sexuais dos adolescentes, de modo que a proposta foi a de buscar sujeitos heterossexuais, que já tivessem iniciado a vida sexual. Para encontrar tais sujeitos, a técnica da “bola de neve”, ou rede social, mostrou-se inicialmente a mais adequada, pois, segundo Patton (2002), tal estratégia consiste em identificar um sujeito que atenda aos critérios de inclusão pré-estabelecidos pelo pesquisador e, então, tal pessoa é convidada a participar da pesquisa e também a indicar outras pessoas nas mesmas condições. Segue-se, assim, sucessivamente, até que se complete o número desejado de entrevistas, e quando não se conseguir novas indicações, segundo o autor, deve-se reiniciar a rede a partir de um novo contato.

No entanto, tal técnica apresentou algumas dificuldades ao longo do trabalho, pois os primeiros sujeitos a aceitarem participar da entrevista foram adolescentes com os quais eu já havia trabalhado em projetos anteriores. Portanto, havia algum vínculo estabelecido previamente, bem como um conhecimento da minha pessoa e do tipo de trabalho que vinha desenvolvendo junto à juventude. Desse modo,

conseguir a entrevistas com esses (as) adolescentes foi um processo simples, mesmo porque, desde a realização dos pré-testes eu já vinha mantendo contatos com o grupo, solicitando colaboração. Porém, quando, a partir deles, houve a necessidade de indicação de outros sujeitos é que as dificuldades começaram a surgir, pois, ao tentarem indicar pessoas que não me conheciam, nem ao meu trabalho, poucos dos sujeitos se sentiram à vontade preferindo acreditar que os (as) colegas não gostariam de se expor, como eles o haviam feito. E, ainda, mesmo mediante a indicação por parte de alguns, grande parte dos (as) indicados (as) não aceitou, ou nem ao menos respondeu à solicitação, enquanto alguns concordaram inicialmente, porém, voltaram atrás em momento posterior, recusando ou mesmo não comparecendo ao agendamento da entrevista. Tal fato pode ter ocorrido devido à natureza dos temas da entrevista, de modo que os (as) jovens que participaram inicialmente da pesquisa se sentiram à vontade para falar, mas o mesmo nem sempre ocorreu com os (as) colegas que indicaram ou poderiam indicar, por se tratar de alguém desconhecido, no caso, a pesquisadora.

Desse modo, a “bola de neve” precisou ser reiniciada diversas vezes, mesmo porque os (as) jovens se mostraram mais solícitos frente a um contato inicial (mesmo que via internet), diretamente com a entrevistadora, do que pela indicação de colegas. Para tais reinícios, duas estratégias se mostraram eficientes para contatar os sujeitos:

> **1-** Através da internet, a partir de contatos em rede social (Facebook) que indicaram adolescentes na faixa etária desejada, que posteriormente foram contatados através desta mesma plataforma, ou via telefone, e convidados a participar.
>
> **2-** Através da abordagem direta, pessoalmente, em espaço público frequentado por jovens.

No caso dos (as) adolescentes contatados (as) via internet ou telefone, o local e data da entrevista eram combinados com o próprio sujeito, visando maior facilidade de acesso para este. Os locais sugeridos por eles (as) se resumiram a shoppings, parques e lanchonetes.

A segunda forma de abordagem se deu a partir de minha observação num parque da cidade em que algumas entrevistas já haviam sido realizadas mediante agendamento. O parque em questão é fruto de uma parceria público-privada e é

constituído por 3 praças, que contém uma quadra coberta, uma quadra aberta, um campo de areia, *playground*, uma mini concha acústica e uma pequena área verde. Mesmo com essa área verde o parque, como um todo, é pouco arborizado. São localizados ali alguns equipamentos públicos, como uma piscina coberta, de uso e administração da secretaria municipal do esporte e uma academia de ginástica, de administração e uso compartilhado entre as secretarias do esporte e da cultura. Na área do parque também se localiza uma unidade básica de saúde (UBS), que contém uma equipe do programa de saúde da família (PSF).

Passei alguns períodos neste parque, aguardando os (as) jovens para as entrevistas agendadas, como alguns não compareciam, tive a oportunidade de passar algum tempo apenas observando aquele espaço, compreendendo-o enquanto espaço de lazer e convivência de jovens da periferia, ocupado por diversos grupos, em diferentes períodos do dia.

Assim, foi possível identificar que à tarde, após o horário escolar, o parque se enchia de adolescentes, na maioria meninos, que se reuniam para jogar bola ou andar de bicicleta. Poucas garotas circulavam por ali, especialmente no período da manhã e no início da tarde, em pequenos grupos. No final da tarde e início da noite havia, ainda, alguns pequenos e raros grupos de garotas que apenas caminhavam por ali, circundando o parque, para flertar com os rapazes que ocupavam maciçamente o espaço, à noite, transitando entre traficantes e usuários de drogas.

Diante da necessidade de reiniciar a rede social dos sujeitos para a entrevista, passei a frequentar sistematicamente esse espaço, em períodos diferentes, buscando algum contato com os (as) jovens que ali frequentavam, a fim de estabelecer um vínculo inicial, apresentando-me como pesquisadora e explicando a proposta e objetivos da pesquisa, e assim, conseguindo novos sujeitos dispostos a participar.

Tal experiência, de cunho quase etnográfico, mostrou-se rica e eficaz, especialmente após ter estabelecido contato com um rapaz que frequentava o parque diariamente e conseguir entrevistá-lo. Assim, outros garotos de seu grupo de amizade, ou apenas frequentadores do espaço, foram surgindo naturalmente a medida que eu ganhava a confiança deles. Bastava que eu estivesse no local, em horário próximo ao que eles costumavam frequentá-lo, para que pudesse encontrar entrevistados em potencial. Nesses casos, as entrevistas se realizaram no próprio

local, ou mesmo, na garagem ou calçada da própria casa do sujeito, nas proximidades do referido parque.

Tanto nesses contatos feitos pessoalmente, como nas abordagens via telefone, ou internet, havia a impossibilidade de saber, de antemão, se os sujeitos se encaixavam nos critérios de inclusão para a pesquisa. Portanto, nenhum sujeito em potencial foi descartado, sendo que foram realizadas mais 5 entrevistas, não utilizadas para este estudo, visto que os entrevistados estavam fora dos critérios, seja por não terem iniciado sua vida sexual, seja por terem relatado experiências homossexuais.

Tal fato também explica a presença de maior número de garotos, do que de garotas, neste estudo, visto que, de acordo com a tendência também observada em outros estudos, as garotas em geral iniciam a vida sexual mais tarde, dificultando a possibilidade de encontrar garotas que atendessem aos critérios de inclusão referentes à faixa etária e experiências sexuais.

Os (as) jovens eram comunicados (as) quanto ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) logo no primeiro contato e a entrevista apenas era realizada mediante a concordância destes (as) em assiná-lo e levá-lo para um responsável assinar, quando menores de idade. Nestes casos, era combinado outro momento para que eu pudesse realizar a entrevista mediante o TCLE assinado, não tendo havido nenhuma dificuldade nesse processo. Em algumas entrevistas agendadas, o (a) adolescente compareceu ao local combinado inclusive, acompanhado de um dos responsáveis, de modo que eu pude obter a assinatura do referido termo no momento da entrevista, aproveitando para explicar melhor os objetivos do estudo e esclarecer dúvidas. Em outros casos, algum responsável foi buscar o jovem ao final da entrevista, havendo, igualmente, a oportunidade de confirmar a autorização e fornecer esclarecimentos.

3.4 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

A partir dos relatos orais obtidos nas entrevistas, as falas foram gravadas em arquivo digital MP3, através de gravador digital de pequeno porte, transcritas e

revisadas pela própria pesquisadora, sendo que a transcrição ocorreu concomitante à realização das entrevistas, possibilitando o aprimoramento das entrevistas posteriores. Na transcrição, foram assinaladas diferentes entonações de voz, pausas, interrogações e exclamações, além de outras variações ocorridas na entrevista, que constituíram elementos importantes para análise.

Para a interpretação dos dados, as narrativas foram consideradas como discursos dotados de conteúdos significativos (LIMA, 2003; ROCHA e DEUSDARÁ, 2005), de forma que a proposta para tratamento e interpretação das falas foi a análise de discurso, cujas categorias foram elaboradas a partir da fala dos sujeitos como categorias específicas, gerais e unidades discursivas, tomando como ponto de partida a leitura flutuante e aprofundada dos depoimentos.

A leitura preliminar exaustiva buscou identificar palavras-chave, bem como expressões que pudessem traduzir conteúdos significativos para a análise do tema e objeto da pesquisa (MINAYO, 2007). Posteriormente, foram definidas as categorias específicas relevantes para a análise dos discursos, a partir das relações observadas entre as palavras-chave ou expressões compostas, mais próximas da linguagem-objeto. A definição de categorias gerais, tendo em vista se aproximar de uma linguagem teórica mais abstrata para efeitos de interpretação do tema e do problema sob investigação, deu-se a partir da articulação de categorias específicas previamente elaboradas. Finalmente, as categorias gerais foram integradas em unidades de discurso, objetivando uma melhor estruturação para a apresentação e discussão dos resultados da pesquisa à luz de perspectivas teóricas de gênero e das ciências sociais.

Rocha e Deusdará (2005) referem que o início da análise do discurso se deu no sentido da construção de outro olhar para as práticas linguageiras e do redimensionamento do objeto de análise, de modo que a análise discursiva é entendida como um espaço de articulação entre o mundo da linguagem e o mundo social. Esse tipo de interpretação possibilita desvelar os sentidos produzidos pela linguagem, considerando que o discurso produzido pela fala sempre guarda relações com o contexto sócio-histórico (CAREGNATO e MUTTI, 2006).

Vale sinalizar também que, de acordo com Haguette (1995), a análise dos dados qualitativos não acontece apenas numa etapa distinta, após a coleta, mas sim, permeia o processo de investigação, tendo início no momento em que o pesquisador

seleciona seu problema de estudo e apenas se finaliza quando escrita a última palavra de seu discurso científico.

3.5 ASPECTOS ÉTICOS

Os dados obtidos estão circunscritos somente aos objetivos centrais desse trabalho. As falas gravadas foram identificadas por nomes fictícios, bem como a identidade dos sujeitos entrevistados em profundidade foram e continuarão mantidos em sigilo.

A resolução 196 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde, de 10/10/96, acerca de pesquisa com seres humanos coloca ao investigador a necessidade de zelar por quatro requisitos básicos: sigilo, riscos e benefícios, voluntariedade e consentimento pós-informado. Neste trabalho nos propusemos a respeitar fielmente esses preceitos, garantindo o sigilo, voluntariedade e acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (ANEXO IV), no qual estavam explícitos os objetivos da pesquisa, assim como garantias e direitos dos entrevistados. Para os sujeitos da pesquisa, menores de 18 anos, o TCLE foi assinado além da jovem ou do jovem, também por um dos pais ou responsável pelo jovem.

A pesquisa apresentou riscos mínimos aos entrevistados, havendo apenas a possibilidade de algum constrangimento mediante questões relativas à sexualidade. No entanto, os (as) entrevistados (as) foram informados verbalmente e através do TCLE, que poderiam desistir de participar a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo para eles (as). Em contrapartida, pesquisas desta natureza, ao realizarem uma entrevista em profundidade com o sujeito sobre determinado assunto, possibilitam-lhe uma reflexão sobre o tema, propiciando-lhe autoconhecimento e aprendizado como benefícios.

O projeto inicial da pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP-USP), com parecer favorável emitido em 20/08/2012, sob o no. 77743, (Anexo V) após respostas às pendências apontadas no parecer nº 32380, de 11/05/2012, sendo que a coleta de dados apenas teve início após sua aprovação.

As entrevistas transcritas e as informações armazenadas em MP3 serão mantidas sob guarda da pesquisadora por cinco anos, juntamente com os demais documentos recomendados pelo Comitê de Ética da FSP.

4 SOBRE ADOLESCENTES, CARACTERÍSTICAS E TRAJETÓRIAS DE VIDA

A dificuldade em encontrar uma definição objetiva para juventude e/ou adolescência se fez presente nas entrevistas, pois os garotos e garotas ao serem indagados quanto a se identificarem como jovens ou adolescentes responderam de forma diversificada, como é possível observar nos Quadros 1 e 2, ilustrando a impossibilidade de se estabelecer critérios etários para tal classificação, bem como a diversidade de experiências e percepções que compõem as categorias adolescências e juventudes. Assim, meninas se dividiram igualmente em suas respostas, enquanto entre os meninos a divisão maior deu-se entre ser jovem, ou ambos (tanto faz). Apenas dois garotos se declararam adolescentes e apenas um rapaz se declarou adulto.

No que se refere à escolaridade, a maioria dos (as) entrevistados (as) cursava o Ensino Médio (EM), sendo que um rapaz e uma garota já o haviam concluído. Dois rapazes haviam deixado os estudos, sendo um na 8ª série do Ensino Fundamental (EF) e outro no 1º ano do EM, e ainda, um dos rapazes que havia deixado a escola, estava concluindo o EM através de supletivo à distância. Todos os sujeitos eram provenientes de escolas públicas, sendo que alguns frequentavam a única escola de Ensino Médio em período integral do município, o que pode ser um indicativo de que pertençam a famílias com melhores condições sociais e de renda.

É possível dizer que todos os sujeitos da pesquisa eram provenientes de famílias de classes populares e médias e a maioria residia em bairros periféricos da cidade. Porém, quando indagados acerca de suas percepções sobre o pertencimento às diferentes camadas sociais, apenas um rapaz se autorreferiu como classe média alta, e duas meninas se autorreferiram como classe média baixa. Todos (as) os (as) outros (as) jovens se autorreferiram como pertencentes à classe média, sendo comuns expressões “dá pra viver né”, ou “ninguém passa fome em casa”, associadas à identificação com tal camada, mesmo sendo evidentes as condições precárias das famílias e a vulnerabilidade social, em alguns casos.

A renda familiar por pessoa foi estimada pela pesquisadora a partir do relato dos entrevistados acerca da renda de seus familiares e de suas próprias, quando exerciam alguma função remunerada. Nesse sentido, a maioria dos sujeitos trabalhava, sendo 03 garotos e 01 garota sob a condição de jovem aprendiz, ou estagiário (a), 02 rapazes como autônomos e um deles referiu fazer "bicos" como pintor, mas sem nenhum trabalho no momento.

De acordo com o critério de inclusão da pesquisa, todos (as) os (as) jovens eram heterossexuais e possuíam alguma experiência sexual, sendo que 02 rapazes relataram experiência de paternidade, mas num dos casos, a criança havia tido óbito ainda no período neonatal.

Quase todas as meninas referiram estar solteiras, sendo que apenas uma estava namorando. Entre os rapazes, a maioria referiu estar solteiro, sendo que dois estavam namorando, um deles se referiu casado e outro separado, embora não judicialmente em ambos os casos.

Chamou-nos a atenção o fato de que, apesar de não ser o foco da pesquisa e tampouco haver perguntas específicas sobre o assunto, quatro rapazes admitiram uso de substâncias ilícitas e outros dois mencionam o uso por parte de amigos, também surgindo nas entrevistas menções ao uso de álcool e cigarro, de modo geral. Já entre as garotas o tema de uso de substâncias praticamente não aparece, sendo que uma delas refere, criticamente, o uso de álcool e substâncias ilícitas pelos (as) jovens em geral e uma outra relata um episódio de abuso de álcool.

Vale lembrar que os nomes pelos quais os sujeitos estão aqui apresentados são fictícios, tendo sido inspirados em músicos brasileiros cantores e cantoras, mencionados pelos próprios jovens em diferentes momentos de nossos contatos, sendo eles (as): Rita Lee, Maria Bethânia, Pitty (Priscilla), Marisa Monte, Cássia Eller, Ana Carolina, Gabriel o Pensador, Seu Jorge, Marcelo D2, Cazuza (Agenor), Mc Catra (Wagner), Mano Brown (Pedro Paulo), Emicida (Leandro), Chorão (Alexandre, da banda Charlie Brown Jr.) e P. Lucas (da banda Restart).

4.1 OS GAROTOS

Gabriel, 15 anos, 1º. EM, Manhã

A história de Gabriel foi a mais tocante com que me deparei. Ele foi indicado por um amigo seu a quem havia entrevistado no dia anterior. Eu estava sentada no mesmo banco do parque que estava frequentando há alguns dias em busca de sujeitos, observando o movimento, quando Gabriel chegou com o amigo que falava sobre a pesquisa e já perguntando se ele aceitava participar. Gabriel aceitou e então se sentou ao meu lado, de modo que eu pude explicar melhor do que se tratava.

Era um rapaz alto, magro, branco, com aparelho nos dentes e de aspecto humilde. Vestia bermuda e camiseta apesar do vento frio do início da noite. Usava boné, chinelos de dedo e uma corrente dourada, grossa, no pescoço.

Nossa conversa foi a mais longa dentre todas, sendo que me contou diversas coisas de sua vida, relatou situações, falou sobre sentimentos. Pareceu-me que o garoto ansiava por um momento como aquele, em que alguém o ouvisse. Em alguns momentos, elogiava a realização da pesquisa e ressaltava o quanto estava sendo bom conversar. Evitava o olhar direto pois, segundo me disse, não é capaz de encarar ninguém.

Expressou-se muito bem ao longo de nossa conversa, pediu-me diversas vezes para que seu relato fosse levado adiante, de forma que as pessoas, os políticos, pudessem fazer alguma coisa, qualquer coisa, para mudar a situação das famílias das camadas populares, especialmente das crianças. Apesar da origem e da aparência simples e humilde, Gabriel me surpreendeu com um discurso crítico e bastante consciente acerca de sua condição social.

Refere não perceber muita diferença entre ser chamado de jovem ou adolescente, não manifestando preferência por nenhuma forma. Mora no mesmo bairro de periferia de seus colegas, o mesmo em que se localiza o parque.

Voltou a estudar recentemente, cursando o 1º ano do EM pela manhã numa escola pública nos arredores do bairro, que, segundo ele, é ruim por não possuir nem uma quadra e ser toda cheia de grades. “Parece Carandiru, pra matar aula é ruim”,

segundo suas palavras. Depois da escola, Gabriel passa o resto do dia na rua e queixa-se por não poder trabalhar. Conta que estava trabalhando e ganhando um bom salário, mas o Conselho Tutelar vinha fiscalizando e devido à sua idade, não pôde ser registrado, acabou sendo demitido.

Implicitamente, pelo seu discurso, é possível inferir que pratica furtos e tem envolvimento com o tráfico de drogas. O que pode ser inferido em algumas de suas palavras, como “não deixo de dar dinheiro em casa. É pouco, mas o que eu consigo eu dou”, mesmo tendo dito em outro momento que não trabalhava.

Sua família é constituída por 04 pessoas: a mãe, um irmão de 07 anos e uma irmã de 03, além dele próprio. Há ainda uma irmã mais velha que não reside mais com a família. Considera a mãe como responsável, mas se coloca ao lado dela como chefe da família. A mãe completou o EM recentemente, através de supletivo, e trabalha registrada em empresa terceirizada para uma multinacional. Gabriel não sabe seu salário, nem mesmo se sente no direito de questioná-la acerca disso. Diante dessa falta de informação é difícil estimar uma renda familiar, mas Gabriel classifica sua situação social como classe média, pois, segundo sua fala “não falta nada, tem televisão”, e “dá pra viver”. Conta, ainda, que ele morou um tempo com sua avó, devido a conflitos com seu padrasto, que hoje já não reside mais com a família. Atualmente, considera o relacionamento com a mãe como bom, apesar de não conversarem muito.

Gabriel está solteiro e em seu tempo livre, quando tem oportunidade, gosta muito de nadar em rios, além de passear com amigos, mesmo que no próprio parque em que estávamos ou outros parques da cidade. Também gosta de frequentar bailes funk, mas não vai sempre, pois não são todos que permitem a entrada de menores de 16 anos. Considera seu gosto musical bem eclético, e, apesar de gostar de internet, usa pouco, pois refere que a conexão que possui em casa falha muito. Quando utiliza, gosta de assistir desenhos e vídeos. Não utiliza, nem gosta de redes sociais.

Gabriel me relatou com detalhes seu envolvimento com o uso de drogas desde muito cedo, começando pelo cigarro aos 07 anos, passando posteriormente para o uso de maconha e chegando à cocaína, que é a substância contra a qual tem lutado nos últimos tempos, embora não tenha deixado o uso das outras.

Agenor, 16 anos, autônomo, 1º. EM, matutino

Agenor foi indicado por uma garota, que também foi entrevistada. Combinamos via telefone a realização da entrevista com ambos na mesma data, porém individualmente. A sugestão foi de nos encontrarmos no parque, próximo à casa da entrevistada. Porém, no horário da entrevista estava chovendo, e então procurei a equipe do PSF, localizado na mesma área do parque, que me cedeu uma sala para que pudesse realizar as entrevistas. Os dois chegam juntos, explico a necessidade de entrevistá-los separadamente, e eles decidem que a garota seria entrevistada em primeiro lugar, depois Agenor.

Ele fica bem tímido no início da entrevista, mas vai se soltando e se mostrando um rapaz bastante divertido. Aparenta ter mais idade, por ser alto, forte e possuir uma voz grave. Tem a pele branca, num tom moreno de sol, e olhos claros. Usava boné e trajava bermuda, camiseta e tênis, bem ao estilo jovem vigente, ou seja, das marcas da moda. Possui um linguajar muito simples, com sotaque típico do interior de São Paulo ou de Minas Gerais.

Estuda pela manhã numa escola perto de sua casa, está cursando o 1º ano do EM. No período da tarde, trabalha como cabeleireiro, autônomo, tendo seu próprio salão e contando com a ajuda de um tio no atendimento aos clientes. Trabalha também aos fins de semana, folgando na segunda-feira. Durante as férias escolares, fica o dia todo no salão.

Sua família é composta, além dele, por seus pais e uma irmã de 10 anos. Considera sua mãe como chefe e responsável pela família, sendo que ela possui apenas o ensino fundamental incompleto e trabalha como vendedora de flores em outro município. É possível estimar uma renda média familiar de aproximadamente R$2.500 por pessoa, e Agenor se considera pertencente à classe média alta. Menciona que o relacionamento familiar tem sido bastante conflituoso nos últimos tempos, pois os pais estão em processo de separação há aproximadamente 03 meses, e, embora ainda morem juntos, dormem em quartos separados. Na opinião do garoto, a separação é positiva, pois acredita ser melhor assim, já que sabia das traições do pai e se sentia mal por não poder fazer nada.

Com 16 anos, considera-se um adolescente, e, em seu tempo livre o que mais gosta de fazer é ficar com a namorada, com quem está há um ano, aproximadamente, e a quem tenta ver todos os dias o que refere ser mais fácil hoje em dia, pois no início do namoro o pai da garota a proibia de sair.

Diz gostar bastante de internet, que utiliza especialmente para jogos e Facebook. Nos fins de semana, gosta de sair com a namorada para jantar ou ir ao cinema. Geralmente saem junto com a família, tanto dela, como dele. Também gosta de jogar futebol, mas deixou a prática devido ao ciúme da namorada. Praticava Muhai Thai e frequentava academia, mas também deixou depois do início do namoro. Relata que apenas anda de skate de vez em quando, aos fins de semana, porque a namorada o acompanha.

Wagner, 16 anos, aprendiz, 1º. EM, noturno

Meu primeiro contato com Wagner se deu na internet, via Facebook, através de indicação de uma colega na mesma rede social. Desde os primeiros contatos ele havia se mostrado um jovem prestativo, solícito e bastante responsável. O local sugerido por ele para a entrevista foi um shopping, porém, havíamos combinado um horário pela manhã, e o shopping ainda estava fechado. Wagner chegou de bicicleta, vestindo jeans e camiseta, e, por sua sugestão, nos encaminhamos para uma lanchonete localizada na mesma área do shopping.

Wagner está cursando o 1º. ano do EM à noite numa escola pública localizada em bairro próximo à sua casa, em que vai de bicicleta. Pela manhã trabalha como Mecânico Industrial na condição de Jovem Aprendiz. Está há 02 meses nesse trabalho e poderá ter seu contrato renovado por até 03 anos, o que o deixa com grande expectativa. No período da tarde frequenta um curso de ensino técnico pelo SENAI, localizado em outro município, de modo que faz uso de serviço de transporte privado, indo direto do trabalho para o curso.

Sua família é composta, além dele, por sua mãe e seu padrasto, cuja presença ainda é muito recente. Há 03 meses Wagner ainda residia com a mãe junto à avó materna, em outro bairro, próximo ao centro. Dada a configuração familiar recente, o rapaz considera a mãe como chefe e responsável pela família. Ela cursa Ensino

Superior e trabalha como funcionária pública, concursada. O padrasto exerce a mesma função, sendo que a renda familiar se aproxima a R$900,00 por pessoa. Wagner autorrefere como pertencente à classe média.

Segundo seu relato, o relacionamento familiar é um tanto conflituoso, mas nada grave, como expressa em suas próprias palavras "a gente briga muito, mas a gente se ama". Conta que as brigas aumentaram recentemente, após a mudança, pois toda sexta-feira ele vai de bicicleta para a casa da avó, fazer companhia para ela e acaba dormindo por lá. No dia seguinte, sábado, vai visitar o pai, saindo de lá mais tarde e indo direto para a casa dos antigos amigos, só voltando para casa no domingo à noite, que é quando a mãe briga com ele. O padrasto não interfere nas brigas, de modo que há um respeito mútuo.

Refere gostar e usar bastante a internet, especialmente redes sociais como o Facebook. Quando sai com os amigos, costuma ir ao shopping ou barzinho de rock. Algumas vezes os amigos organizam festas em chácaras, em que passam o fim de semana. Queixa-se de somente poder ir na "balada" quando há eventos para menores de idade, do tipo matinê. Em sua opinião, a cidade não oferece muitas opções de lazer. Está solteiro atualmente, e não pensa em namorar agora, até mesmo porque terminou um namoro recentemente, mesmo que não muito sério.

Wagner tem a pele muito branca, olhos grandes, claros e cabelos escuros. Considera-se adolescente e diz gostar de vários tipos de música, especialmente rock nacional e funk, sendo que já frequentou alguns bailes funk no centro da cidade, e gostou. Conta que recentemente passou a funcionar um baile do estilo num bairro próximo de sua casa, na periferia, mas ele não vai porque lá, "só tem nóia", que é como se refere aos usuários de drogas, pessoas que diz preferir evitar.

Jorge, 17 anos, estagiário, 3º. EM, noturno

Cheguei a Jorge através de alguns meninos, mais jovens que os sujeitos que eu procurava, com os quais fui mantendo contato ao longo dos dias que frequentei o parque. Passando por um grupo desses meninos, na rua, ao voltar da casa de uma entrevistada, um deles sabendo do meu trabalho, pergunta-me sobre como andam as entrevistas. Disse-lhe que ainda precisava de mais pessoas, ao que ele sugere o irmão

de outro menino presente ali no grupo, que sai para chamá-lo, entrando na casa a qual estávamos em frente. Jorge aparece no portão, de uniforme escolar, aparentemente saído do banho, junto ao irmão que o chamou. Explico sobre a pesquisa e ele aceita responder à entrevista desde que não seja muito longa, devido ao seu horário para ir à escola. Não abre possibilidade para a realização da entrevista em outro dia.

Sentamo-nos para conversar na calçada um pouco depois de sua casa, em frente a um muro grande, mantendo uma distância razoável do grupo de meninos, de modo que não nos ouvissem, visto que demonstravam curiosidade nos olhando de tempo em tempos. Jorge parece não se intimidar com o fato, respondendo a todas as questões tranquilamente, sem demonstrar nenhum tipo de constrangimento. Apenas fomos atrapalhados pelos constantes ruídos da rua, motos muito barulhentas e carros com som muito alto – tocando música funk – passavam o tempo todo por ali.

A rotina de Jorge é bastante corrida. Acorda às 05h30m, pois vai de ônibus para o trabalho em que entra às 07h. É auxiliar administrativo num hospital, tendo vínculo como estagiário. Sai às 13h e vai caminhando para o curso Técnico em Administração que tem início no mesmo horário, sendo que possui permissão para atrasar 20m diariamente. Sai do curso às 17h, volta para a casa de ônibus e nem sempre tem tempo de jantar, ou tomar banho, antes de ir para a escola no período noturno, em que está cursando o 3º. EM. A escola é pública e próxima à sua casa. Nos fins de semana, ainda faz “bicos” como monitor em festas infantis.

Sua família é constituída por 04 pessoas: sua mãe, dois irmãos, de 06 e 13 anos, além dele próprio. Considera a mãe como chefe e responsável pela família, sendo que esta possui Ensino Médio Completo e trabalha como empregada doméstica. A renda familiar aproximada é de R$460,00 por pessoa e Jorge considera pertencer à classe média, apresentando alguma dificuldade para esta definição por não se acha nem rico, nem pobre, já que “não tem de tudo, mas ninguém passa fome”, segundo suas palavras. Considera o relacionamento com a família bom, respeitoso e com abertura para diálogo.

Está namorando há 01 ano e vê a namorada todos os dias, pois, estudam na mesma sala e ainda trabalham juntos aos finais de semana. Com 17 anos, Jorge prefere ser chamado de jovem. Diz gostar de música, especialmente funk e pagode.

Apesar do pouco tempo livre que dispõe, refere que em seus momentos de lazer gosta de ficar no computador ou jogar videogame. Na internet, que diz utilizar bastante, sua preferência é pela rede social Facebook, e, quando sai, gosta de ir para "baladas", shows, bailes funk e barzinhos.

Lucas, 17 anos, 2º. EM, Integral

Lucas foi indicado por uma colega sua da escola, também entrevistada, sendo que o contato inicial foi realizado através da internet e posteriormente, via telefone. O local sugerido por ele para a entrevista foi a praça de alimentação de um shopping.

Encontramo-nos ali, após seu horário da escola, de modo que ele ainda vestia camiseta do uniforme escolar, jeans e boné. Mostrou-se, ao longo da entrevista um garoto simpático, bastante comunicativo e divertido.

Confesso que, a partir dos contatos iniciais, quer pela internet quer pelo telefone, e até pessoalmente, nesse momento, não acreditei que ele pudesse ser um entrevistado relevante, imaginando que ele não teria experiências sexuais, nem outras experiências nesse sentido, cujo relato pudesse contribuir com a pesquisa, devido ao seu jeito de garoto "bonzinho", de aparência arrumadinha e vaidosa. Ledo engano o meu, pois sua entrevista foi riquíssima e em seu discurso surgiram elementos muito interessantes e de grande contribuição para o objetivo final do trabalho.

Lucas reside num bairro bem periférico da cidade, de pouco acesso. Utiliza-se basicamente de transporte público, assim como o resto da família. Sua casa é simples, porém é própria, de modo que a família vem investindo em ampliá-la e reformá-la. Sua família é composta por 03 pessoas, sendo apenas ele e os pais. Possui outros irmãos e irmãs mais velhos frutos do primeiro casamento do pai, que não residem mais com a família. A mãe trabalha como empregada doméstica e é considerada por ele como chefe e responsável pela família. Seu pai é mestre de obras, de modo que renda familiar estimada é de R$1000,00 por pessoa. Lucas se identifica como pertencente entre a classe média e média baixa.

Estuda no 2º. Ano do EM num colégio de Período Integral e está solteiro atualmente, apesar de estar em busca de uma namorada, porque "muita mulher é só

problema", segundo suas palavras, pois se considera popular, fazendo muito sucesso entre as garotas, o que lhe trouxe problemas em outros momentos.

Em seu tempo livre aproveita para descansar, dormir e utilizar o computador para redes sociais, especialmente Facebook. Gosta também de ver TV, assistir seriados e desenhos. Quando sai, costuma ir ao shopping ou à casa de amigos. Em relação à música refere um gosto bem variado, indo do pagode ao rock. Manifesta desejo de fazer faculdade de música. Embora não considere que toque, de fato, nenhum instrumento, costumava fazer cursos de música (violão, bateria, coral) além de informática, antes de estudar em período integral. Quando tem possibilidade, procura os amigos que conquistou nessa época, nos locais dos cursos.

Conta, mas sem detalhar, que a relação familiar sempre foi muito boa, até a semana anterior, pois, segundo ele, aconteceram uns "rolos com meu pai", sem, no entanto, comentar o assunto.

Alexandre, 18 anos, autônomo, EM incompleto

Foi a partir da entrevista de Alexandre que notei maior facilidade em encontrar sujeitos para a pesquisa abordando-os diretamente e, também, que o parque seria um bom lugar para realizar tal abordagem.

Após uma tarde de agendamento com entrevistados que não compareceram me sentei em um banco do parque, observando os jovens ali, pensando em estratégias para encontrar quem aceitasse responder à pesquisa. Foi quando Alexandre passou de bicicleta por mim, muito próximo, dando a impressão de que queria chamar minha atenção. Continuei observando, ele continuou passeando de bicicleta ao redor do banco em que eu estava. Sorri, ele parou para me perguntar as horas, aparentemente, uma forma de iniciar uma conversa. Aproveitei a oportunidade, perguntei seu nome, me apresentei e expliquei sucintamente que estava realizando uma pesquisa e que precisava de jovens para conversar. Alexandre demonstrou interesse, deixou sua bicicleta de lado e se sentou ao meu lado para conversarmos, aceitando participar da entrevista naquele momento.

Ele mora no mesmo bairro, bem próximo ao parque em questão. Não está estudando atualmente, tendo parado no 1º. EM, já porque se sentia mal por ser mais

velho em relação aos colegas de classe. Com 18 anos, diz não se importar em ser chamado de jovem ou adolescente, o que não tem diferença, a seu modo de ver.

Trabalha como pintor autônomo, mas está sem trabalho há 03 meses. Sua família é numerosa, sendo um total de nove pessoas: a mãe; o pai; três irmãos de 26, 20 e de 15 anos, além dele próprio; a irmã de 22 com a filha de 02 anos e o marido, cuja idade ele não soube dizer. Possui ainda uma irmã mais velha, que já não reside mais com a família. O irmão de 20 anos será pai em breve, e provavelmente vai continuar residindo com a família, trazendo a namorada e o bebê. Segundo ele o relacionamento com a família é tranquilo, havendo bastante diálogo e poucas brigas, apesar do grande número de pessoas convivendo na mesma casa. Considera o pai e a mãe, ambos como chefes e responsáveis pela família, sendo que sua mãe possui EM incompleto e o pai, EM completo e formação técnica. Ambos trabalham em empresas, e a renda familiar por pessoa é de aproximadamente R$500,00, sendo que Alexandre se classifica como pertencente à classe média.

Está solteiro atualmente e quando não está trabalhando passa o dia na internet assistindo desenhos, ouvindo música e utilizando redes sociais. Às vezes sai, indo para barzinhos, mas diz que prefere evitar, porque sempre acaba bebendo muito e "dando trabalho", em suas palavras. O tipo de música que mais gosta é rock, entre outros, referindo apenas não gostar de funk. Assim como seus amigos que entrevistei, referiu uso de maconha, mas, diferente dos outros, falou muito pouco sobre o assunto, aparentemente receoso do meu julgamento.

De todos os rapazes entrevistados, Alexandre foi o único que manifestou se sentir envergonhado ao responder algumas questões mais íntimas, especialmente quando contou sobre sua primeira vez, relembrando o relacionamento com a ex-namorada, de quem expressou sentir saudade.

Leandro, 18 anos, estagiário, EM completo

Leandro foi um dos primeiros jovens que procurei, pois já nos conhecíamos de um projeto com jovens em que eu havia trabalhado, sendo que ele aceitou de pronto participar da pesquisa, como eu havia imaginado, pois sempre demonstrou ser um rapaz interessado e solícito.

Leandro chama a atenção por sua aparência diferente do padrão dos jovens da sua idade. De pele morena, traços fortes, possui o cabelo crespo, cheio, estilo “black power”. Veste-se de modo simples, mas com alguns detalhes que lhe conferem um estilo, como óculos escuros e pulseiras com cores que remetem à Jamaica e à música reggae. Quanto a ser chamado de adolescente ou de jovem, diz acreditar possuírem o mesmo significado. Já terminou o EM e tem pensado em cursar faculdade de design gráfico. Trabalha como estagiário em informática, na mesma instituição em que está finalizando um curso técnico na área, cumprindo carga horária de 05 horas diárias, de segunda a sábado.

A renda familiar é de aproximadamente R$400,00, sendo que além dele, apenas o pai trabalha, como autônomo, tendo terminado o EM há pouco tempo através de supletivo. O pai é considerado, por ele, como chefe e responsável pela família. A mãe tem apenas o EF completo recentemente. Leandro tem ainda 03 irmãos, sendo duas irmãs de 17 e 14 anos e um irmão de 15. Considera sua situação familiar como classe média. Conta que o relacionamento com a família é bom, havendo apenas um pouco de atrito com a irmã caçula. Segundo sua percepção, não há muita abertura para diálogo com os pais, de religião evangélica e postura conservadora. Sua afinidade maior é com o irmão de 15 anos, que lhe pede conselhos frequentemente.

Terminou um namoro recentemente, de modo que ainda não se sente muito bem para sair com os amigos, referindo sentir falta da rotina que tinha com a namorada. Assim, tem passado seu tempo livre na internet, em redes sociais ou assistindo desenhos animados. Gosta de música, preferindo rock, rap e reggae, e também gosta de desenhar. Praticava esportes, mas acabou abandonando por falta de tempo, atualmente apenas anda um pouco de skate aos sábados, após o trabalho, sendo que reserva o domingo para descansar e dormir. Às vezes vai ao shopping, ou a barzinhos no sábado à noite, mas não gosta muito. Prefere encontrar amigos em casa, ou lugares abertos como praças ou parques, onde possam conversar. Relata que costuma ser chamado de “nerd” pelos amigos, devido a seu comportamento mais introspectivo, por gostar de informática e não ter muita “vida social”.

Marcelo, 19 anos, 2º. EM, supletivo à distância

Contatei Marcelo através da internet por indicação de uma conhecida, via Facebook. Porém nós já nos conhecíamos pessoalmente através de sua esposa. Sua sugestão foi de nos encontrarmos numa lanchonete, anexa a um supermercado. Encontro-o na fila do balcão, comprando um suco, que vai tomando ao longo da entrevista. Quando estamos quase no final ele pergunta se me importo que ele vá comprar cerveja, eu digo que não, e ele volta com algumas garrafas (long neck), abre uma, me oferece outra, que recuso.

De todos os entrevistados Marcelo é o que reside em bairro melhor localizado e mais tradicional, indicando melhores condições sociais. Vive há 01 ano com a esposa de 23 anos, e com a filha de 03 meses, numa casa no mesmo terreno que sua mãe, não sendo casado judicialmente. Seus pais são separados, de modo que recebe uma pensão do pai, de alto valor, o que possibilita que ele não trabalhe e ainda possua condições de manter a esposa e a filha. A mãe é autônoma, e a esposa está desempregada. A renda familiar por pessoa é de aproximadamente R$800,00 e ele classifica sua situação social como classe média.

Sua relação familiar é tranquila, sendo que no início morava com a esposa na casa da sogra, mas a convivência não deu certo, de modo que se mudaram para a casa da mãe dele. Refere a si mesmo como o chefe da família, considerando a esposa a responsável pela família. Parou de estudar, mas atualmente está cursando o supletivo, à distância, com o propósito de completar o EM, que havia abandonado no 2º ano. Sua esposa possui EM completo. Autodenomina-se adulto, já, devido às experiências vividas e suas condições de vida.

O que Marcelo mais gosta de fazer em seu tempo livre, segundo suas palavras é “escutar rap e fumar maconha”. No entanto, ocupa boa parte de seu tempo com os afazeres domésticos, cuidando do bebê, do jardim, do cachorro e limpando a casa. Além de rap, refere que também ouve um pouco de rock britânico. Gosta bastante de internet, utilizando com mais frequência a rede social Facebook e o site Youtube. Menciona, também, utilizar muito Google, para pesquisar coisas que esteja com dúvida.

Relata grande mudança em sua rotina depois que casou e se tornou pai, pois agora possui horários para chegar em casa e “tem que dar satisfação de tudo”. Diz não se incomodar com tal mudança, pois está muito satisfeito com o relacionamento com a esposa e com a paternidade. Não costuma sair mais, porém refere que saía muito antes, gostando especialmente de frequentar barzinhos e assistir a shows.

Ao final da entrevista seguimos conversando, ele se mostra bastante curioso a respeito da pesquisa, aproveitando para perguntar sobre o tema e ainda para falar um pouco mais sobre suas preocupações e problemas de saúde, contando que se considera hipocondríaco e que sofre de síndrome do pânico. Relata, ainda, um pouco de sua trajetória em busca de diferentes médicos e neurologistas na tentativa de solucionar esse problema, sem êxito até o momento.

Pedro Paulo, 19 anos, autônomo, EF incompleto

Encontrei Pedro Paulo por acaso no fim da tarde em que, após realizar algumas entrevistas e apesar do frio, sentei-me num banco do parque para organizar meu material e refletir um pouco sobre o que tinha ouvido, enquanto na quadra à minha frente, um grupo de meninos jogava bola.

Foi quando, num banco próximo ao que estava, senta um rapaz. De aspecto simples e pele parda, vestia bermuda, chinelos de dedo e blusa com o capuz por cima do boné. De repente, a bola que as crianças jogavam é arremessada em sua direção e ele rapidamente se levanta e a chuta de volta para os meninos. Porém, com esse gesto, o seu chinelo acaba sendo arremessado para o outro lado.

Observo a cena, sorrindo, enquanto ele corre para apanhar o chinelo e volta para o banco sorrindo timidamente para mim e fazendo alguma piada com a situação. Eu rio da piada e volto às minhas reflexões, mas ele se dirige a mim, novamente, perguntando (ou, quase afirmando) se eu estava fazendo uma pesquisa.

Na certa, a notícia já havia corrido, pois num bairro como esse, numa cidade do interior, sem dúvida todos são capazes de perceber quem “não pertence” àquele lugar. E certamente eu não pertencia, mas já o frequentava há alguns dias, e podia ter despertado interesse e curiosidade entre os moradores. Imagino, no instante em que ele me pergunta, que alguns dos rapazes que havia entrevistado anteriormente,

tivessem lhe falado sobre mim, ou até mesmo indicado para que ele viesse falar comigo. Pergunto sobre quem havia lhe contado sobre minha pesquisa, mas ele não responde, apenas sorri e murmura alguma resposta evasiva.

Obviamente, sem descartar um entrevistado em potencial, pergunto se ele gostaria de saber mais sobre o meu trabalho e mediante sua afirmativa, vou me sentar próximo a ele, explicando sobre a pesquisa, sendo que ele aceita participar. Realizamos a entrevista ali mesmo, expostos àquele vento gelado. No decorrer da entrevista descubro que ele é amigo de alguns garotos a quem havia entrevistado anteriormente, pois eles passam por ali e param para nos cumprimentar e conversar um pouco.

Pedro Paulo tem uma história bem interessante, trabalha como pintor, autônomo, o que lhe proporciona uma renda mensal variada. Parou de estudar na 8ª série do EF, com 16 anos, para começar a trabalhar, mas, manifesta interesse em voltar a estudar, fazer supletivo. Possui duas irmãs, uma de 18 e outra de 16, que além dele, residem com a mãe compondo 04 pessoas na família. Possui outro irmão mais velho, que já não vive na mesma residência. Sua mãe faz "bicos" como faxineira, e ele diz não ter ideia de sua renda, preferindo nem questionar. Considera-se chefe e responsável pela família e, apesar da falta de algumas informações, é possível supor uma renda aproximada de R$400,00 por pessoa. Menciona um relacionamento familiar tranquilo.

É recém-separado (há apenas uma semana), sendo que esteve casado, não oficialmente, por 02 anos, tendo vivido com a esposa na mesma casa que continua hoje, juntamente com sua família. No ano anterior, a esposa engravidou e a filha chegou a nascer, porém faleceu devido ao que ele chamou de "probleminha de pulmão", pois não "conseguia respirar sozinha". Conta, com pesar, que a menina ficou internada alguns meses antes de vir a óbito.

O que mais gosta de fazer no tempo livre é jogar bola e andar de bicicleta. Aos fins de semana, costuma ficar por ali no parque, ou "dar rolê", ou seja, um passeio de carro ou de moto com os amigos, além de jogar bola. De vez em quando vai a bailes funk ou a festas e churrascos organizados pelos amigos.

Identifica-se como jovem e suas preferências musicais são o samba, o sertanejo, o funk e a música gospel, referindo frequentar esporadicamente igreja

evangélica, aos domingos. Utiliza pouco a internet atualmente, pois não possui computador em casa, tendo que ir à lan house para esse fim. Mas conta que já foi viciado, passando horas na lan house, para ficar jogando, ou utilizando Facebook. Parou porque gastava muito dinheiro, e segundo suas palavras "só ficava na lan house, não comia, não fazia nada".

Relata uso de maconha, tendo iniciado o uso de substâncias psicoativas muito cedo, com o cigarro. Quanto à cocaína, relata que deixou de fazer uso há dois anos. Conta que foi difícil, mas que a força de vontade foi maior. Tem tentado deixar o cigarro atualmente, mas sem sucesso.

4.2 AS GAROTAS

Marisa, 14 anos, 1º. EM, matutino

Foi uma vizinha de Marisa, a quem entrevistei, que sugeriu que eu falasse com ela. Apontou em direção a uma casa em que havia algumas meninas brincando, indicando-me qual delas era a garota, que, a seu ver, aceitaria falar comigo e estaria na faixa etária que eu procurava.

Cheguei à frente da casa, dirigi-me diretamente à garota, explicando sobre a pesquisa e perguntando sua idade. Marisa foi muito solícita e se mostrou tão entusiasmada em participar que foi logo abrindo o portão me convidando para entrar e conversarmos. Sua atitude me causou estranhamento e até preocupação. Como é possível que essa menina vá logo me deixando entrar na casa sem nem sequer me conhecer? – pensei – é um perigo!

Aceito o convite, entro e rapidamente Marisa encaminha as outras meninas, menores que ela, para dentro da casa, para assistir TV. Explica-me que uma delas é sua irmã, as outras são suas vizinhas. Na verdade, ali há um aglomerado de casas, em que vivem famílias diferentes, sendo que Marisa fica responsável por cuidar de mais algumas crianças, além das irmãs. Portão adentro, há uma pequena área aberta, uma garagem inutilizada em que há um sofá velho claramente usado não apenas para as

brincadeiras das crianças mas como descanso pelos diversos cães e gatos, animais de estimação que transitam livremente por aquele espaço.

O acesso às casas, num nível inferior, quase um subsolo, se faz por uma escadaria lateral. Sentamo-nos naquele sofá, então, para conversarmos.

Marisa possui ainda uma aparência ainda infantil, corpo pequeno, mas em claro processo de transformações pela puberdade. Muito alegre e sorridente, com os cabelos castanhos e cacheados presos num rabo de cavalo já desgrenhado pelas brincadeiras com as outras meninas e roupas bem surradas e já sujas aparentemente pelo mesmo motivo. Possui 14 anos, considerando-se, assim, adolescente. Estuda no período da manhã numa escola bem próxima a sua casa e está cursando 1º. Ano EM.

Vive com sua mãe e 02 irmãs, sendo uma de 06 e outra de 12 anos, num bairro de periferia. A chefia e a responsabilidade pela família cabem à mãe, que possui EF incompleto e trabalha registrada em uma empresa, de modo que a renda familiar compreende aproximadamente R$250,00 por pessoa. Marisa classifica a família como pertencente à classe média, pois, não é pobre porque em suas palavras "não passa fome", e tem "uma vida boa".

Há ainda uma ajuda financeira constante, mas de valor impreciso, por parte do pai de Marisa, separado há pouco mais de um mês de sua mãe. A separação é vista como um fato positivo por ela, pois não considera que tenha tido um pai presente. Relata que, inclusive, teve a opção de ir morar com ele após a separação, mas não aceitou, preferindo ficar com a mãe e ajudá-la, cuidando da casa e das irmãs, para que pudesse trabalhar. Segundo seu depoimento, o relacionamento familiar é bom, diz gostar de suas irmãs e se sentir muito à vontade em conversar com a mãe, comparando-a uma amiga.

Não tem namorado e quando não está na escola, está em casa cuidando da casa e das irmãs. Segundo suas palavras "minha, mãe trabalha, e chega cinco horas, daí a casa tem que tá limpa e a comida feita". Quando tem tempo livre, gosta muito de ler ou de assistir filmes com as irmãs e amigas, e tem preferência por ficções e romances, tanto na leitura quanto nos filmes, especialmente as sagas sobre vampiros. Não costuma sair muito, refere apenas que em algumas oportunidades acompanha a mãe a alguns bailes ou festas.

Ouve muita música, preferencialmente pop internacional, pelo rádio. Gosta de usar internet, mas não tem em casa, recorrendo às lan houses para acessar redes sociais ou realizar pesquisas escolares. Possui canais de TV por assinatura em que gosta de assistir desenhos, filmes e séries.

Cássia, 16 anos, atendente, 2º. EM, noturno

Já conhecia Cássia da época em que trabalhei em projetos com adolescentes. É uma garota que, apesar da pequena estatura, chama a atenção não apenas pela beleza singular e pela incrível simpatia, mas por apresentar fala e comportamentos mais maduros que as colegas da sua idade, em geral.

Ao contatá-la pelo telefone explicando sobre a pesquisa, Cássia aceitou de pronto, porém apresentou dificuldades de estabelecer um horário para combinarmos a entrevista, tendo desmarcado por algumas vezes nosso encontro. Até que conseguimos nos encontrar durante a semana, em ma noite em que ela não havia ido para a escola. Ela chega ao local combinado toda arrumada, maquiada, com seus cabelos negros, longos e encaracolados, soltos, me dizendo que vai encontrar as amigas depois da entrevista. Apesar do compromisso posterior, ao longo de nossa conversa ela se solta e fala bastante, estendendo a previsão de duração da entrevista.

Com 16 anos, Cássia está solteira e prefere ser chamada por jovem, pois acredita que adolescência é apenas o começo, é a puberdade, são transformações físicas, e ela julga ter passado por diversas experiências que já a descaracterizam como adolescente, especialmente no que se refere a assumir responsabilidades.

Está cursando o 2º ano do EM, em uma escola pública perto de sua casa. Durante o dia trabalha como atendente e/ou secretária, na pequena empresa do irmão, cumprindo carga horária de 08 horas não podendo ser registrada devido à idade. Preenche seus sábados fazendo curso de inglês pela manhã e curso técnico em auxiliar administrativo, no período da tarde, ambos no centro da cidade. Mesmo possuindo uma rotina tão cheia, entre trabalho, escola e cursos profissionalizantes, considera-se uma pessoa preguiçosa.

Durante os fins de semana e períodos de férias, fica em casa. Diz não gostar muito de sair, de ir para baladas como as garotas em geral. Prefere ficar na casa de

amigas assistindo filmes ou ir para chácaras com amigos. Até mesmo porque, alguns lugares que gostaria de frequentar não permitem a entrada de menores de 18 anos.

No pouco tempo livre que tem para ficar em casa, costuma ouvir música, sendo que gosta especialmente de flashback dos anos 80 e 90. Utiliza pouco a internet, apenas para acessar Facebook, realizar algumas pesquisas e ouvir música. Nunca namorou, mas manifesta preferência e desejo de namorar, porque assim, segundo seu ponto de vista, poderia ficar com o namorado sem necessidade de sair para se divertir.

Mora em um bairro de periferia, com sua mãe e o padrasto, em uma casa muito humilde, nos fundos da casa da avó. Tem outros irmãos e irmãs mais velhos, que já não moram com a família. A mãe possui EM completo e não trabalha devido a problemas de saúde, sendo que há anos tenta se "aposentar" pelo INSS. O padrasto tem EF completo, e trabalha registrado em uma empresa. A renda familiar constitui aproximadamente R$420,00 por pessoa. Apesar de sua condição simples, Cássia se considera pertencente à classe média, pois "tem o que comer e vestir", mesmo que não seja da maneira que gostaria, "um pouco mais elegante", segundo suas palavras.

Conta que o relacionamento familiar atualmente é estável, mas já foi bastante conturbado, sendo que por se desentender muito com a mãe, já morou um período sozinha, na mesma casa em que estão hoje. Não gosta muito do padrasto, e, devido ao fato de seu pai tê-la abandonado quando pequena, refere ter se acostumado a não ter a presença masculina em casa e, portanto, incomodar-se com a presença recente do padrasto, sentindo que perdeu sua liberdade.

Cássia indicou suas amigas para participarem da pesquisa, porém, após meus contatos algumas não aceitaram, enquanto outras chegaram a marcar a entrevista, mas desistindo posteriormente.

Ana Carolina, 16 anos, estagiária, 3º. EM, noturno

Também já possuía contato anterior com Ana Carolina, da época em que trabalhei com adolescentes. Aceita participar da pesquisa a partir de um contato através da internet, também indicando outras pessoas para serem entrevistadas. Sua

entrevista é realizada num espaço cedido pela unidade de saúde (PSF) do bairro em que reside, localizado bem próximo à sua casa.

Ana Carolina é uma garota aparentemente tímida. Pequena e magra, loira de cabelos lisos e longos e aparência frágil, fala pouco e em volume baixo, respondendo às perguntas objetivamente, sem se estender nas respostas, ou então, de forma lacônica. Apesar do jeito sempre muito simples de se vestir, aparenta alguma vaidade, pois mantêm o cabelo tingido com mechas de diferentes cores, e as unhas sempre pintadas com cores fortes.

A família de Ana Carolina é composta por 04 pessoas, sendo, além dela, o pai, o irmão de 23 anos e a cunhada (esposa do irmão) de 20 anos, grávida. Há ainda um irmão mais velho, que não vive mais com a família. Residem num bairro de periferia numa casa muito simples, localizada numa área que inicialmente foi povoada como área de invasão. Considera o pai como responsável pela família e como chefe, o irmão. Seu pai não completou o EF, e está afastado do trabalho, pelo INSS, por motivo de doença. Seu irmão possui EM incompleto e trabalha registrado numa empresa, embora Ana Carolina não saiba dizer sua função nem o salário. Devido à falta de informação, é possível apenas presumir a renda familiar de aproximadamente R$400,00 a R$500,00, sendo que classifica sua situação social como entre baixa e média baixa.

Considera sua situação familiar atual como muito complicada, pois os pais se separaram há cerca de um ano, ao que refere ainda não ter aceitado tal condição. Relata ainda haver muita briga pela questão da divisão de bens, o que a deixa muito entristecida. Sua mãe vive perto, o que possibilita a manutenção de um bom vínculo com esta, apesar de possuir um novo companheiro de quem Ana Carolina diz não gostar muito e procurar não demonstrar esse sentimento para não entristecer a mãe. Já o relacionamento é considerado bom tanto com o pai quanto com a mãe, apesar de revelar possuir maior abertura para diálogo com a mãe.

Aos 16 anos, Ana Carolina se considera uma adolescente. Estuda à noite numa escola pública próxima de sua casa, em que está cursando o 3º ano do EM. Pela manhã trabalha como monitora de sala de informática, na mesma escola, cumprindo uma carga horária de 04 horas, tendo um contrato de estagiária para tal função. Manifesta desejo de estudar medicina veterinária, mas por não possuir

condições financeiras para tal, pensa em escolher outro curso que seja mais acessível, ou buscar um curso técnico que lhe proporcione uma inserção no mercado de trabalho, de modo que possa pagar a faculdade desejada, posteriormente. Possui um namorado, com quem está há um ano, sendo que ele a incentiva muito a continuar estudando. Segundo ela, encontram-se todos os dias.

Em seu tempo livre gosta de assistir televisão para ver novela, desenho e jornal, e diz gostar também de dormir bastante. Usa bastante internet, especialmente para redes sociais e costuma ficar ao mesmo tempo na internet e na televisão. Também tem acesso à internet no trabalho. Assim como Cássia, considera-se preguiçosa e refere não gostar muito de sair por esse mesmo motivo. Aos fins de semana costuma ficar com o namorado e ir para a casa da mãe ou da sogra. Raramente, quando sai à noite, vai a alguma lanchonete apenas para comer e voltar logo para casa.

Rita, 17 anos, 3º. EM, integral

Rita me foi indicada via internet por uma colega sua, da escola, que já havia sido entrevistada para a pesquisa em outro momento. Combinamos nosso encontro por telefone, sendo que ela sugere a praça de alimentação de um Shopping como local para a entrevista, após seu horário de escola. Ela chega, trajando camiseta do uniforme e jeans, e, antes de iniciarmos, pede licença para comprar um sorvete que vai tomando ao longo da nossa conversa.

Mostra-se uma garota simpática, inteligente, bastante informada e interessada sobre os acontecimentos no mundo, apresentando opiniões conscientes e críticas sobre diversos temas. Porém, ao tocarmos em assuntos mais íntimos e pessoais, ela se intimida bastante e fala com alguma dificuldade, ao mesmo tempo em que reforça com sua fala que optou participar da entrevista e compartilhar suas experiências por acreditar ser uma atitude importante e que poderá servir para ajudar outras garotas que passam por situações semelhantes às vividas e relatadas por ela ao longo de nossa conversa. E assim, toma coragem, e segue adiante.

Com 17 anos, Rita se considera jovem. Estuda no colégio público de período integral, cursando o 3º ano do EM. Pensa em prestar faculdade para Medicina ou

Direito e para isso faz cursinho aos fins de semana. Frequenta, ainda, um curso de informática durante a semana, à noite.

Vive em um bairro periférico com seus pais e um irmão de 15 anos. Em sua concepção, a "mãe é cabeça e o pai entra com o dinheiro", ou seja, considera a mãe como chefe, e o pai o responsável pela família. Sua mãe possui formação de nível superior em pedagogia, e trabalha como inspetora de alunos, sendo funcionária pública concursada. Seu pai possui EF completo e trabalha numa grande multinacional instalada na cidade. A renda familiar é de aproximadamente R$1250,00 por pessoa e Rita se autodenomina como Classe Média. Considera o relacionamento familiar ótimo, com boa abertura para diálogo, apenas referindo brigas "normais" com o irmão.

Nunca namorou, e, apesar do pouco tempo livre que tem, sempre que possível gosta de aproveitar para ler revistas, ouvir música e assistir televisão, além de usar internet, considerada por ela como um "vício", para ler notícias e utilizar Facebook. Gosta de sair aos fins de semana, indo para barzinhos, restaurantes, pizzarias e baladas que permitam sua entrada, devido à idade. Mas relata que não sai tanto quanto gostaria, pois se sente constantemente muito cansada e acaba aproveitando mais seu tempo para descansar e dormir.

Bethânia, 18 anos, EM completo

Uma pessoa conhecida me indicou Bethânia via Facebook e, através dessa mesma plataforma que a convidei para participar da pesquisa, sendo que ela aceitou de imediato, demonstrando entusiasmo. Agendamos nosso encontro para uma tarde, num shopping, por sugestão dela. À primeira vista é possível notar que Bethânia não é o tipo de garota que segue modismos, aparentando um estilo bem alternativo de ser e de se vestir, o que ressalta sua beleza exótica.

Sua família é composta por 05 pessoas, sendo além dela, seus pais, uma irmã de 10 anos e um irmão de 15. Residem em um bairro que, embora afastado, é um bairro tipicamente residencial de classe média.

Refere-se a seu pai como chefe da família e sua mãe como a responsável. O pai tem EF completo e trabalha registrado numa multinacional instalada na cidade. A

mãe tem EM completo e é costureira registrada em empresa. A renda familiar se aproxima a R$700,00 por pessoa e Bethânia considera sua condição social como classe média baixa. Segundo sua fala, a relação familiar é boa, havendo bastante abertura para diálogo.

Não trabalha, tendo concluído o EM no ano anterior, dedicando o ano atual a se preparar e decidir sobre qual curso superior irá cursar no próximo ano, e, também para participar de atividades culturais e artísticas através de oficinas e cursos de curta duração. Pensa em cursar nível superior em audiovisual ou fotografia. Considera bom que tenha muito tempo livre, pois, utiliza esse tempo para fotografar, assistir filmes, ouvir música e utilizar internet para redes sociais e conversar com amigos via e-mail. Também gosta de sair pra caminhar e refere buscar sempre aprender alguma coisa nova.

Acredita que a cidade não oferece muita opção para sair, então geralmente costuma ir à casa de amigos ou a praças e outros espaços públicos, onde se reúnem para conversar, cantar e tocar. Refere gostar muito de música, manifestando preferência por ouvir MPB, Música Instrumental, Jazz e Rock. Está solteira atualmente, e, com 18 anos, considera-se jovem.

Priscilla, atendente, 18 anos, 3º. EM, noturno

Eu caminhava pelo parque, numa tarde, observando e pensando em estratégias para encontrar mais jovens para entrevistar. Foi quando vi Priscila e uma amiga, sentadas num degrau à sombra de uma árvore. Resolvi me aproximar. Apresentei-me a elas e contei um pouco sobre a pesquisa. Priscilla aceitou responder à entrevista na hora, enquanto a amiga, que se disse muito tímida, não aceitou e nos deixou, retornando mais tarde para que fossem embora juntas.

Priscilla tem um rosto bonito, com a pele muito branca, olhos claros e cabelos negros, lisos de comprimento médio. Possui piercings no rosto (nariz e boca) e vestia roupas curtas e justas deixando à mostra seu corpo, acima da forma considerada como padrão. Ela me conta, enquanto come um pacote de salgadinho e outro de amendoim, que não havia ido trabalhar naquele dia, pois um amigo havia falecido e por isso ela estava ali com a amiga, conversando e refletindo sobre o ocorrido.

Com 18 anos, Priscilla se considera uma adolescente, ainda. Estuda à noite, em escola próxima a sua casa onde está concluindo o 3º ano do EM. Durante o dia, trabalha como atendente de lanchonete num shopping, cumprindo uma carga horária de 8h diárias de segunda-feira a sábado. Possui registro em carteira profissional.

Mora próximo ao parque em que nos encontramos, localizado num bairro de periferia, com sua família de 05 pessoas: Uma irmã de 05 anos e outra de 13, a mãe de 37 anos e o padrasto de 40, além dela própria. São considerados por ela como chefes e responsáveis pela família, ambos, a mãe e o padrasto, sendo que a mãe trabalha registrada em uma empresa e o padrasto possui a mesma condição, numa outra empresa, tendo completado o EM recentemente através de supletivo. A renda familiar é de aproximadamente R$650,00 por pessoa e Priscilla se considera como classe média.

O relacionamento familiar é referido por ela como tranquilo, havendo apenas alguns desentendimentos com a mãe devido a alguns amigos seus, de quem a mãe não gosta. Porém, como passa muito tempo fora e os horários de trabalho são diferentes da mãe e do pai, quase não encontra ninguém em casa, de modo que não há muita divergência, e tampouco diálogo. O fato de os pais serem evangélicos também dificulta o diálogo a respeito de alguns assuntos, em sua percepção.

Priscilla está solteira atualmente, pois terminou há um mês o namoro de longa duração. Diz apreciar todo tipo de música, e em seu tempo livre, gosta de ficar no computador para jogar jogos ou assistir desenhos e filmes com as irmãs, além de usar redes sociais. Também utiliza seu tempo livre para arrumar a casa e não costuma sair muito, sendo que quando sai, gosta de ir ao cinema.

Quadro 1 - Caracterização socioeconômica e demográfica dos garotos entrevistados.

NOME (fictício)	IDADE	ESCOLARIDADE	JOVEM OU ADOLESCENTE (autorreferido)	OUTROS CURSOS	TRABALHA	CAMADA SOCIAL (autorreferida)	ESTADO CIVIL	COMPOS. FAMILIAR (no. de pessoas)	COMPOS. FAMILIAR (responsáveis)	RENDA / PESSOA (aproximada)
GABRIEL	15	1º. EM	Indiferente	NÃO	NÃO	Média	Solteiro	4	Somente Mãe	s/ informação
AGENOR	16	1º. EM	Adolescente	NÃO	Autônomo	Média alta	Namora	3	Mãe e Pai separando-se	R$ 2.500,00
WAGNER	16	1º. EM	Adolescente	SIM	Aprendiz	Média	Solteiro	3	Mãe e Padrasto	R$ 900,00
JORGE	17	3º. EM	Jovem	SIM	Aprendiz	Média	Namora	4	Somente Mãe	R$ 460,00
LUCAS	17	2º. EM (integral)	Jovem	NÃO	NÃO	Média/Média Baixa	Solteiro	3	Mãe e Pai	R$ 1.000,00
ALEXANDRE	18	Não Estuda (1º. EM)	Indiferente	NÃO	NÃO	Média	Solteiro	9	Mãe e Pai	R$ 500,00
LEANDRO	18	EM completo	Indiferente	SIM	Estágio	Média	Solteiro	6	Mãe e Pai	R$ 400,00
MARCELO	19	2º. EM (supletivo)	Adulto	NÃO	NÃO	Média	Casado	3	Somente Mãe	R$ 800,00
PEDRO PAULO	19	Não Estuda (8º. EF)	Jovem	NÃO	Autônomo	s/ informação	Separado	4	Somente Mãe	R$ 500,00

Quadro 2 - Caracterização socioeconômica e demográfica das garotas entrevistadas.

NOME (fictício)	IDADE	ESCOLA RIDADE	JOVEM OU ADOLESCENTE (autorreferido)	OUTROS CURSOS	TRABALHA	CAMADA SOCIAL (autorreferida)	ESTADO CIVIL	COMPOS. FAMILIAR (no. de pessoas)	COMPOS. FAMILIAR (responsáveis)	RENDA / PESSOA (aproximada)
MARISA	14	1º. EM	Adolescente	NÃO	NÃO	Média	Solteira	4	Somente Mãe	R$ 250,00
CÁSSIA	16	2º. EM	Jovem	SIM	Informal	Média	Solteira	3	Mãe e Padrasto	R$ 420,00
ANA CAROLINA	16	3º. EM	Adolescente	NÃO	Estágio	Baixa / Média Baixa	Namora	4 (mais 1 a nascer)	Somente Pai	R$ 400,00 a R$500,00
RITA	17	3º. EM	Jovem	SIM	NÃO	Média	Solteira	4	Mãe e Pai	R$ 1.250,00
BETHÂNIA	18	EM completo	Jovem	SIM	NÃO	Média Baixa	Solteira	5	Mãe e Pai	R$ 700,00
PRISCILLA	18	3º. EM	Adolescente	NÃO	Formal	Média	Solteira	5	Mãe e Pai	R$ 650,00

Quadro 3 – Categorias de Análise dos Discursos de Garotos e Garotas.

CATEGORIAS DE ANÁLISE	SUBCATEGORIAS
Ser mulher, ser homem, ser adolescente	-
O corpo adolescente: usos e significados	Imagem, estética e culto ao corpo
	Percepção do corpo adolescente (virilidade e masculinidade / a questão da autoestima)
	Corpo adolescente, cuidados e saúde
A sexualidade nos discursos adolescentes	Sexo ou sexualidade?
	Acerca das relações afetivas
	Acerca das relações sexuais
O lugar da saúde sexual e da saúde reprodutiva no universo adolescente	Sobre gravidez na adolescência e seus significados
	O Lugar das DST/Aids no pensamento adolescente
	Sobre contracepção e prevenção das DST/Aids: práticas, riscos e desafios
	O Não lugar dos serviços de saúde na saúde sexual e reprodutiva de adolescentes

5 SOBRE OS DISCURSOS DOS GAROTOS

5.1 SER HOMEM, SER MULHER, SER ADOLESCENTE

As revistas, as revoltas, as conquistas da juventude
São heranças, são motivos pras mudanças de atitude
Os discos, as danças, os riscos da juventude
A cara limpa, a roupa suja, esperando que o tempo mude
(Engenheiros do Hawaii – Terra de Gigantes, compositor:. H. Gessinger)

Ao discutirmos as concepções acerca de ser homem, ser mulher e ser adolescente nas perspectivas dos garotos entrevistados, o que podemos observar é que tais concepções revelam a adolescência e a juventude, consideradas no presente trabalho de uma maneira articulada, como uma categoria histórica que se apresenta na riqueza de sua diversidade apontando, portanto, para a ideia de que não podemos falar em adolescência ou juventude, mas em adolescências e juventudes. Seus discursos revelam a identificação dessas categorias com as transformações da modernidade, presentes na sociedade contemporânea, muito embora sejam ainda permeados por traços de uma cultura tradicional.

Nos estudos sobre jovens, como aponta Dayrell (2005), uma série de autores nacionais e estrangeiros sinaliza a relevância que os grupos de pares representam ao se buscar caracterizar as singularidades do que significa o ser jovem, notadamente nas camadas populares, camadas essas nas quais se inscreve a grande maioria de garotos por nós entrevistado no presente trabalho. O autor refere que a sociabilidade, para esses jovens, parece responder às suas necessidades de comunicação, solidariedade, democracia, autonomia, trocas afetivas e identidade e, nesse contexto, grupos culturais podem funcionar como produtores de sociabilidades e instâncias de mediação possibilitando a diminuição da distância entre a vida cotidiana e as imagens que vêm da sociedade.

Assim, entendemos que a relevância do grupo de pares se deve ao fato de ser no espaço de tais grupos que a questão de uma cultura juvenil propriamente dita se manifesta. Tal manifestação se dá em termos de lazer, diversão e da expressão tanto da sociabilidade, quanto de uma identidade, no sentido de sentimentos de

pertencimento a grupos diferenciados nesse amplo espaço que a juventude contemporânea comporta. Tal espaço que abrange o "concreto vivido", para usarmos uma expressão de Magnani (2002), comportaria, numa contraposição a esse termo, o que poderíamos designar como "virtual vivido" dada a grande expressão que essa concepção assume entre jovens e adolescentes na atualidade. Assim, esses dois espaços se apresentam, nos discursos dos sujeitos entrevistados, como espaços de vivência e de sociabilidade.

Sobre a concepção de ser homem

Como expressão da relevância dos grupos de pares, ou grupos socioculturais, no contexto do presente estudo é ilustrativo, para a abordagem das várias categorias analisadas, o discurso de Leandro acerca do que representa, para um jovem, refletir sobre o que é ser homem, nesse tipo de universo.

> *Ah, hoje em dia tá bem estranho né, porque… de vez em quando assim, muda de modinha, às vezes é Restart, Emo, agora tá Funk, [grupo e estilos musicais] e aí, sei lá… é meio estranho falar, assim, porque eu gosto de outro estilo [...] Tanto é que, se você andar na rua você vê que tá todo mundo andando igual, camisa gola polo, meia até a canela, um Air Max, Nike, [marcas de tênis] e um boné na cabeça, ou então cabelo cortado gramadinho assim. É… não faz muito meu estilo andar igual a todo mundo, prefiro ser diferente.*
> **(Leandro, 18 anos, estagiário, EM completo)**

Num primeiro momento, é possível observar, no discurso de Leandro, a manifestação de um sentimento de estranhamento ao buscar refletir sobre o que representa ser homem, dentro de um contexto cuja realidade é caracterizada, em sua percepção, pelo mutável, representado pelas sucessivas modas que caracterizam diferentes grupos identitários, em suas homologias, quer em termos de música, vestimenta, performance, e, portanto, nas diversas linguagens, sejam elas musicais, sejam dos corpos que se expressam ou das palavras e seus sentidos, quer em relação aos "cenários", que compõem e caracterizam os espaços de vivência de cada grupo.

O estranhamento de Leandro pode ser compreendido devido ao fato de que o garoto, ao mesmo tempo em que critica os comportamentos de consumo que observa entre os jovens, em geral, ao dizer que prefere ser diferente, identifica-se com outro

tipo de grupo, de estilo mais "alternativo". Portanto, embora seja diferente da maioria, Leandro também se apresenta como pertencente a um grupo identitário, através do seu estilo e das preferências musicais.

A importância que a linguagem musical representa como expressão de tais grupos pode ser exemplificada pelo estudo de Dayrell (2005), quando analisa a importância de linguagens artísticas, como a música e a dança, para a sociabilidade e formação humana de jovens na contemporaneidade, através da criação de grupos denominados culturais. E também quando o autor discute a centralidade do consumo e da produção cultural para os jovens como sinais de novos espaços e novas formas de produção e atuação como atores sociais.

O estranhamento de Leandro, diante de tal fluidez de estilos delineados pelas sucessivas modas, vai ao encontro a uma ideia de identidade de característica fluida, proposta por Bauman (2001), e que não possui raízes, mas sim, ancoragens, no sentido de que a âncora é mais versátil do que a raiz por não existir nenhum comprometimento, bastando apenas içá-la e partir para outro porto, como discutido por Fragoso (2011). Em tal contexto, a moda permite a exploração sem compromisso que confere um grau de liberdade genuína, ou supostamente genuína, ao selecionar a própria identidade e de mantê-la enquanto se deseje (BAUMAN, 2001).

Se, por um lado, ao falar sobre o ser homem, o discurso de Leandro remete a ideia de adolescência ou juventude, marcada pelo que considera o partilhamento de um dado modo de vida com características de homogeneidade, por outro lado, observamos que valores tradicionalmente identificados em pesquisas sobre juventude como pertinente à fase adulta da vida, surgem de maneira ressignificada por jovens adolescentes, como Wagner e Agenor, em seus 16 anos:

> *- Diz pra mim, o que que é, pra você, ser homem, no mundo de hoje?*
> *- Trabalhar. (risos) Pra você conseguir fazer alguma coisa. Você precisa de dinheiro, certo? Ah... Você curtir a vida, você trabalha, tem seu dinheiro, chega final de semana, ah, vou fazer o que eu quero. Você quer casar, você casa, se não quiser, não casa. É isso.*
> **(Wagner, 16 anos, aprendiz, 1º. EM, noturno)**

> *Ser homem, ah, não sei… é, sei lá, dar mais valor as coisas que tem, né […] É, nas coisa que você conseguiu, você dá mais valor. nunca desperdiçar algumas coisa, tipo, eu tenho a [nome da garota], que é minha namorada. Aí, não vou ficar saindo com as outras garotas por*

> *aí, entendeu, aí eu dou valor nela, tipo assim também, quando você trabalha, aí você tira seu dinheiro. Não ficar gastando com porcaria sabe?*
> **(Agenor, 16 anos, autônomo, 1º. EM, matutino)**

Nos discursos de Wagner e Agenor, a questão do trabalho se apresenta como um valor para os mesmos enquanto adolescentes, significando não a tradicional concepção de responsabilidade atribuída aos adultos, mas, sim, a condição de autonomia para se vivenciar o que representa ser um homem, no caso, um homem jovem, tendo em vista o lazer e a ideia de "curtir a vida". Semelhantes aspectos foram identificados por Sarti (1996), Domingues e Alvarenga (1997) e Brêtas (2008), considerando que as atividades ocupacionais representam, para os adolescentes de diferentes estratos sociais, acesso à diversão, bens de consumo e a padrões de comportamento definidores da identidade do jovem urbano, a exemplo da moda, bem como a afirmação da individualidade e autonomia em relação aos pais.

Cabral (2002) discute igualmente o significado do trabalho enquanto elemento importante na trajetória dos jovens rapazes de camadas populares, ganhando relevância na constituição da identidade masculina. Tal relevância, ao lado da autonomia financeira e do acesso ao consumo já mencionados, torna-se elemento motivador para que jovens de camadas populares iniciem o mais cedo possível suas trajetórias de trabalho, muitas vezes, em detrimento da trajetória escolar.

Porém, diferente valor atribuído ao trabalho pode ser encontrado no discurso de Alexandre, na medida em que para o mesmo a questão remete à responsabilidade e, portanto, ao que pode ser considerado um rito de passagem da adolescência ou juventude para o mundo adulto, bem demarcado pela questão da idade, em seu caso:

> *- Ah, mano, ser homem, tem que ter muita responsabilidade! […] Igual, agora, eu fiz 18 anos, todo dia: vai no PAT [Posto de Atendimento ao Trabalhador]! Vai procurar emprego! Não posso mais dormir até tarde. É foda, é outro mundo, sei lá…*
> *- Você acha que mudou alguma coisa, depois dos 18?*
> *- Mudou, mudou demais, não faz nem um mês direito, né.*
> **(Alexandre, 18 anos, autônomo, EM incompleto)**

A questão do trabalho, no discurso de Alexandre, remete não somente à responsabilidade socialmente implicada em ser homem adulto, mas se apresenta como uma cobrança, uma pressão social, que o remete para outro mundo, não apenas

desconhecido por ele, mas que o alija das prerrogativas que sua condição de adolescente lhe permitia. O marco dessa mudança é identificado por ele como o momento em que completou 18 anos. Nesse sentido, cabe mencionar que, conforme Sposito (1993), em alguns casos a inserção no mundo do trabalho é movida pela pressão familiar, quer numa busca por melhorar o nível de subsistência, quer para ocupar o tempo ocioso do adolescente ou jovem.

Já na fala de Gabriel, abaixo apresentada, podemos observar que para esse garoto, diferentemente de Wagner e Agenor, refletir sobre ser homem o desloca da sua condição de adolescência, a despeito de seus 15 anos, em termos do imaginário, para uma referência à vida adulta em que ser homem é, ao lado de outros valores, ser, sobretudo, um provedor e protetor da família.

> *Ah, ser homem…? Sei lá, eu tenho dois pontos de vista. Tem um que o ser homem, ser um homem de família, trabalhar, cuidar de sua família, né, dar dinheiro em casa. Sempre tá ali do lado do seu filho… esse é o homem de hoje em dia, entendeu? O que eu tenho pra mim. Só que também tem o outro né. Homem! O fator homem, tem… também tem esse aqui, o cara… é mala, bravo, pensa que é mais forte que os outros.*
> **(Gabriel, 15 anos, 1º. EM, Manhã)**

Podemos observar que Gabriel contrapõe sua concepção de ser homem na contemporaneidade ao padrão de uma masculinidade hegemônica, ainda bastante presente em nossa sociedade, como permanência dos fortes resquícios de uma concepção de família patriarcal, cuja dominação e poder do homem subjuga quer a mulher, quer os filhos, quer os demais homens considerados portadores de masculinidades subordinadas, conforme terminologia empregada por Connell, em suas obras “Masculinidades” e “Gênero e Poder”, apresentadas em reflexão de Guiddens (2005).

Apesar de contrapor sua concepção de ser homem a um ideal de masculinidade hegemônica, Gabriel mantém, no entanto, a ideia do homem como se apresentando basicamente como o único provedor da família, discurso no qual a questão da desigualdade de gênero poderia ser identificada, na medida em que a mulher se encontra ausente nesse seu discurso. Tal fato difere da narrativa de Lucas, 17 anos, que introduz uma percepção de igualdade de gênero:

> *[ser homem] Nossa! Ah, não tá diferenciando tanto, homem e mulher, agora. Ah, é uma pessoa normal, sabe, só acho que, às vezes, tem mais pressão por ser homem, tipo… tem que trabalhar mais. Mais cedo […] porque tipo, por mais que a mulher queira ser independente, ela não vai com o pensamento de que vai sustentar uma família, certo. Não, vou sustentar minha família. E sim de ajudar, tipo, o homem fica mais nessa pressão, entendeu […] A única pressão que tem, mais, é histórica mesmo. Mas tipo, ultimamente tá muito igual, homem ou mulher.*
> **(Lucas, 17 anos, 2º. EM, Integral)**

Podemos identificar no discurso de Lucas uma reflexão acerca do que pode ser considerado como resquícios de uma tradicional desigualdade de gênero, que historicamente caracterizou e ainda caracteriza as relações entre homens e mulheres em nossa sociedade. Del Priore (2007) refere que o ambiente doméstico foi o lugar destinado à mulher, desde os primórdios do Brasil colonial, sendo que as ideias de fragilidade, suscetibilidade às emoções atribuídas ao feminino, bem como o exercício da sexualidade exclusivo para a procriação, aliados às recomendações médicas e às concepções religiosas de virtude e castidade, foram legitimadores da casa como esfera relacionada à figura feminina. O ambiente doméstico, como esfera do privado destinado, portanto, à mulher, em contraposição ao ambiente público, destinado ao homem que, segundo D'Incao (2007), na esfera do privado desempenha seu papel de pai e detentor de poder sobre seus dependentes.

Assim, muito embora Lucas refira uma ausência de diferenciação nas relações de gênero na atualidade, seu discurso aponta para a percepção de uma desigualdade, representada por uma pressão maior sobre os homens no sentido de eles terem de assumir o papel de provedor na sua necessária inserção no mundo do trabalho. Observamos ainda uma concepção de que as conquistas femininas, no campo profissional representariam, em seu discurso, ao que parece, muito mais uma autonomia no sentido de afirmação da independência das mulheres do que a assunção do papel de provedora ou co-provedora da família.

Ao lado da ênfase na questão do trabalho e na responsabilidade como valores característicos do ser homem, observada nos discursos anteriores, também outros valores relacionados às questões de gênero ganham expressão nos discursos de garotos como Marcelo, Pedro Paulo e Leandro.

> *Pra mim, ser homem, é, sei lá, respeitar a mulher, saber conversar, é mais assim, sabe… ficar mais na sua, esse negócio que falam assim, ter*

> *atitude, mas, pra eles ter atitude é, e aí novinha, tudo bem? E não é bem meu estilo…*
> **(Leandro, 18 anos, estagiário, EM completo)**

> *Se for homem, mesmo, é você fazer as cagadas e assumir as consequências. Pra mim é isso […] É. Você não ficar fugindo das coisas aí, ou… não ser machista, isso não é ser homem, isso é ser viado, pra mim, machista, essas coisas aí, pra mim é ser viado.*
> **(Marcelo, 19 anos, 2º. EM, supletivo à distância)**

> *- Ser homem? Nossa! Ah! sei lá. Atitude, porque. Ah sei lá, não sei nem explicar. Agora você me pegou nessa pergunta… Porque tem muitos cara que não é homem muito não […] sei lá, batendo nas mulher aí… aqui mesmo esses dias, todo dia tava tendo briga aqui, os caras batendo na namorada, esses negócio aí.*
> *- Isso pra você não é ser homem?*
> *- Pra mim não, mano… Homem que bate em mulher não é homem, não.*
> *- Não é homem não? Então o que seria ser homem…?*
> *- Ah… (risos). Eu não sei explicar…*
> **(Pedro Paulo, 19 anos, autônomo, EF incompleto)**

Tais discursos ilustram a importância que a questão de gênero vem adquirindo para as novas gerações, sobretudo, como resultado de lutas históricas e políticas das mulheres pela igualdade de gênero, a partir dos movimentos feministas que inicialmente almejaram a igualdade de direitos, desde a possibilidade de votar, até a conquista de diversos direitos trabalhistas (SAFFIOTI, 1999, ROHDEN, 2001, PISCITELLI, 2002, RAGO, 2007).

Portanto, ao mencionarem o machismo e a violência contra a mulher como o não ser homem, Marcelo e Pedro Paulo se posicionam como Leandro, valorizando o respeito à mulher, e, como decorrência, os direitos femininos conquistados notadamente a partir da segunda metade do século XX. Seus discursos apontam para o fato de que a juventude percebe e passa a reconhecer tais conquistas das mulheres na sociedade contemporânea, o que vem resultando em algumas mudanças nas próprias relações entre os garotos e garotas, como poderemos observar ao longo desse estudo.

Sobre a concepção de ser mulher

A despeito de algum reconhecimento acerca das conquistas femininas e menções à igualdade de gênero, como discutido anteriormente, ao refletirem sobre o

que é ser mulher, as narrativas de alguns rapazes apontam para uma visão dicotômica que tradicionalmente polariza e reduz identidades femininas a partir de uma conotação valorativa de mulher que se apresenta de maneira contraposta, como exemplificam as seguintes falas:

> *- E o que é ser mulher, então, no mundo de hoje?*
> *- ...ah, tem a mulher boa e tem a mulher ruim, que quer fazer o cara sofrer, tipo assim, tem a mulher boa, a mulher que se compromete ao cara, que fica com o cara que gosta do cara, tá com o cara porque ela gosta mesmo, mas tem outras que só tá por tá mesmo, tipo assim, não se valoriza, sai com uns e outros... Isso pra mim não é ser mulher não.*
> **(Pedro Paulo, 19 anos, autônomo, EF incompleto)**
>
> *Ah, a maioria das garotas, assim, agora, estão se vulgarizando muito, sabe… elas curtem aquelas músicas, assim, fala muita besteira. Elas ficam lá dançando. Eu acho meio […] as mulheres assim, de hoje em dia, as garotas, sei lá… de quinze anos pra baixo, elas tão ficando muito vulgar […] mas assim, as garotas que eu ando, elas se respeitam mais, sabe? Pra mim, ser uma mulher hoje em dia, não saberia dizer, sei lá, se respeitar mais, é procurar um relacionamento, não ficar só ficando por aí, acho que ser mulher hoje em dia deveria ser assim, mas não tá sendo…*
> **(Leandro, 18 anos, estagiário, EM completo)**
>
> *Ser mulher? Ser responsável mais ainda! [mais que o homem] Ô, as mulher hoje em dia tá difícil, né. Não é como antigamente. Mudou muito […] tipo, na verdade antes as mulheres eram mais santinha, né. Eu acho. Menina, digo, menina assim, no começo e tal… Hoje em dia tá muito assanhada.*
> **(Jorge, 17 anos, estagiário, 3º. EM, noturno)**
>
> *- Ah, os cara, tem sempre as novinha, né? É aquela menina que é nova, que tá doidinha pra… aí a molecada vai e arrasta. Leva pra casa, dá uns beijo, acontece. […] é aquela menina terrível. Aquela menina mais assanhada. Também tem a fiel, né. […] pra você namorar, ter um compromisso sério. Mas sempre tem as novinha, pra você se diferenciar, todo dia arroz e feijão enjoa. Sempre tem que ter uma outra carta na manga, né? (risos)*
> *- Aí, então, tem as novinhas, a fiel… e como que é pra você isso tudo?*
> *- Ah, pra mim, eu já tenho um outro conceito desses moleque, entendeu? Pra mim, só vale namorar. Fiel é melhor. Porque se você arrumar uma mina firmeza e você tem confiança nela, ela tem confiança em você, já é outros quinhentos… se você gostar dela, você não precisa das novinha, só dela.*
> **(Gabriel, 15 anos, 1º. EM, Manhã)**

Nos discursos de Pedro Paulo, Leandro, Jorge e Gabriel emerge uma concepção de mulher, não apenas polarizada em relação ao homem, conforme discutido por Louro (1996), mas também, entre si. Trata-se da mulher que é

companheira, por um lado, que busca relacionamento sério e estável, que se contrapõe, por outro lado, à mulher considerada vulgar, “assanhada” – que expressa seu desejo, infiel, má, ruim, que faz o homem sofrer. Tais características são mais especificamente atribuídas às garotas de uma idade mais tenra em relação à dos rapazes, denominadas no jargão da juventude de hoje como as “novinhas”, termo consolidado no contexto das músicas e dos bailes funk, conforme apresentado por Moreno (2011).

Essa visão dicotômica na representação das mulheres é abordada por Goldenberg (2001), que problematiza a partir de DaMatta, a posição ambígua que a mulher possui no Brasil a partir de duas figuras paradigmáticas existentes como modelos representativos: a da “virgem-mãe” e a da “puta”. Nessa concepção, a primeira é tida como a mulher da casa, a santa, a mulher mãe, a mulher de família, que tem sua sexualidade controlada pelo homem e a segunda, representada pela “mulher da vida”, “mulher da rua”. Trata-se daquela que não possui sua sexualidade controlada pelos homens, sendo a esta negado direitos, dentre outros, o de ser mãe.

Parece haver entre os garotos uma percepção de que o comportamento feminino vem mudando ao longo do tempo e de que a geração mais nova apresenta comportamentos mais liberais, o que pode ser fruto da revolução sexual e do empoderamento da mulher, que permitiu às garotas expressarem mais livremente seus desejos. Porém, tais mudanças ainda são vistas por eles sob uma perspectiva moralizante e de juízo de valores, herança do patriarcado. Daí tais meninas já serem diferenciadas, discriminadas e colocadas em oposição às pertencentes à categoria das santas, as que podem ser consideradas “mulheres de verdade”, tal como celebra a tradicional canção, “ai que saudades da Amélia” de Ataulfo Alves e Mário Lago.

Tal discussão vai ao encontro do problematizado por Dias e Teixeira (2010), em que a revolução sexual e a liberdade sexual, por implicação, não ocorreram necessariamente “acompanhadas por uma discussão de valores associados ao corpo, à sexualidade e aos papéis sexuais e de gênero presentes em nossa sociedade” (p. 126). Para as autoras, a sociedade oferece aos jovens mensagens contraditórias constantemente, uma vez que por trás de uma aparente liberalidade ou indiferença é possível encontrar uma moralidade rígida e punitiva quando transgredidos os valores familiares.

Se, por um lado, os garotos acima referidos apresentaram uma concepção dicotômica do ser mulher, a perspectiva de Agenor, por outro, aponta para uma visão essencializada do feminino, como é possível observar a partir de sua narrativa:

> *- Ah, mulher sofre bastante né… (risos) Ah sei lá, namoro mesmo, o pai dela [sua namorada] não deixava ela namorar com ninguém […] porque tinha um namorado dela, né, que, ela tava ficando com um rapazinho, sabe, o pai bateu nela na frente dele [o namorado]. Sofre mais, tipo tem família assim, que o pai dela e a mãe dela tava separado, aí, eu acho que ela sofre bem mais que os namorado. Porque ela sente falta de uma família.[…] É porque os irmão dela, eles… entendeu, ele vê, é normal. […] coisa de família assim, tal, acho que sente mais que o homem.*
> *- E no teu caso também, com a sua família, você acha que a sua irmã, por exemplo, vai sentir mais?*
> *- É, vai sentir mais falta do que eu. Porque geralmente, a menina… minha irmã mesmo, ela não sabe o motivo de eles tá separando.*
> **(Agenor, 16 anos, autônomo, 1º. EM, matutino)**

No discurso de Agenor podemos observar a presença de uma concepção de ser mulher como ingênua, fragilizada, com maior apego à família que o homem. Seu discurso caracteriza, em termos de gênero, uma concepção essencialista da mulher, cujos aspectos apontados se referem ao que se entende como a natureza humana feminina, em contraposição à natureza viril, forte e independente do homem. A compreensão de tais essências como naturais, universais e imutáveis é ainda vigente em nossa sociedade, conforme problematizado amplamente por autoras como Louro (1996, 2010) e Meyer (1996). Contudo, essa concepção apresenta matizes, conforme ilustra a fala de Marcelo, a seguir:

> *- Ah, ser mulher é ser mulher, né. Ah! Não tem como que falar… Ser a reprodutora, a que cuida dos filhos. Não é a que cuida dos filhos, é a que dá mamá, né. Porque eu cuido da filha também! Porque ela dá mamá, é uma responsabilidade a mais. Então, ser mulher é ser mulher, meu, é a mesma coisa que ser homem, pra mim, homem e mulher não tem diferença. Só que o homem, ele tem… ele é um pouco mais agressivo, eu acho, que a mulher. O homem, né. [...] É. Eu acho que o homem é mais agressivo. É mais autoritário, mulher não é assim, totalmente… é um pouco assim, autoritária, agressiva, mas não é que nem o homem, né. Acho que é isso.*
> **(Marcelo, 19 anos, 2º. EM, supletivo à distância)**

Consideramos exemplar a fala de Marcelo para representar um aspecto nuclear da perspectiva essencialista sobre a chamada natureza feminina, a partir da ideia de que toda mulher é, por vocação natural, predisposta ao desejo de ser mãe,

fato amplamente discutido por Badinter (1985) em sua obra intitulada "O Mito do Amor Materno", já considerada clássica. Ao lado dessa concepção do ser mulher, podemos observar que Marcelo apresenta, igualmente, a perspectiva relacionada à essencialização do ser homem, ao atribuir à sua natureza o caráter de agressivo, autoritário, aproximando-se, assim, da concepção de masculinidade hegemônica já mencionada. Contudo, Marcelo indica certa fluidez, pois, ao mesmo tempo em que naturaliza conceitos do ser homem e ser mulher, expressa uma visão relacional de gênero, mencionando não perceber diferença entre ser homem e ser mulher e relatando uma divisão mais igualitária nas tarefas domésticas.

Nessa mesma direção, Wagner Lucas e Alexandre apresentam narrativas que apontam para uma percepção de equidade de gênero, como é possível observar nos excertos abaixo:

> *- E o que é ser mulher, no mundo de hoje?*
> *- Mesmos direitos, tipo, você trabalha, se quiser, sai com os amigos…*
> **(Wagner, 16 anos, aprendiz, 1º. EM, noturno)**

> *- acho que elas tentam provar mais, também, que podem, entendeu. Elas podem, mas tipo, por a sociedade não aceitar tanto assim…*
> *- Você acha que a sociedade ainda não aceita?*
> *- Às vezes, muitas vezes. Na maioria das vezes até, elas são muito mais capazes que os homens.*
> **(Lucas, 17 anos, 2º. EM, Integral)**

> *- Ah, mulher? Sei lá, né, as mulheres tão ultrapassando os homens, as mulheres estão fazendo coisas que nem os homens conseguem…*
> *- Ultrapassando em que sentido?*
> *- Sei lá, capacidade, mais inteligência, ah essas coisas, entendeu…*
> **(Alexandre, 18 anos, autônomo, EM incompleto)**

Conforme podemos observar, Wagner apresenta em seu discurso uma concepção de igualdade de direitos entre homens e mulheres, bem como o reconhecimento da autonomia conquistada pelas mulheres, notadamente quanto a questões financeiras e maior inserção no mercado de trabalho. Lucas e Alexandre vão além ao expressarem uma valorização das mulheres, apontando para uma concepção de equidade de gênero e superação da teoria da diferença e da divisão sexual do trabalho tradicionais do patriarcado, conforme demonstra Kergoat (1996).

Sobre a concepção de ser jovem, de ser adolescente

Ao tratar sobre a questão da adolescência, autores como Rodrigues (1979) mencionam a questão da ambiguidade nela presente, por localizar-se numa considerada fase de transição na qual o adolescente já não é uma criança, mas ainda não é adulto. Daí, podemos entender que tal fase se caracteriza como um momento de buscas, descobertas, experimentações, e assim, podemos observar nos relatos de Wagner e Lucas algumas características consideradas marcantes dessa etapa da vida.

> *- Para você, o que é ser adolescente, no mundo de hoje?*
> *- Ah, você ser feliz, é… sair bastante, conhecer novas pessoas, novos mundos… assim, conhecer, se conhecer, conhecer todo mundo… Ser feliz, assim, é procurar sua felicidade.*
> **(Wagner, 16 anos, aprendiz, 1º. EM, noturno)**

> *Ser jovem é… aprender, tipo, tá aprendendo a viver nesse mundo que tá agora, tem que se preparar. Que o jovem agora não é tanto, curtição, ah… é curtição, mas, tipo, tem gente que os pais quer que a gente, preparar pro futuro, entendeu, aí alguns nem deixa muito o filho quebrar a cara sozinho. Ah, ser jovem é aprender. Explorar… sei lá.*
> **(Lucas, 17 anos, 2º. EM, Integral)**

Para Wagner e Lucas, a percepção da adolescência e da juventude surge como fase de experimentação, de busca por autonomia, de preparo para o futuro, de aprendizado, uma etapa de curtição sem grandes responsabilidades, tal como a ideia de "moratória social", proposta por Erikson (1972). Porém, para Bourdieu (2003), as noções de adolescência, juventude, bem como a velhice, são construções de poder, de modo que a divisão por faixas etárias seria uma forma de impor limites e produzir uma ordem. Assim, aos adolescentes, seria atribuída uma espécie de irresponsabilidade provisória, por serem considerados adultos para algumas coisas, enquanto para outras, seriam crianças, tal como discutido por Pereira (2007).

A fala de Agenor, descrita abaixo, pode ilustrar tais problematizações, pois, a despeito da liberdade, o que se observa é a busca de uma dada monitoria, por parte dos pais, considerando as próprias características desse período de vida em termos da multiplicidade de experiências possíveis de serem vivenciadas.

> *- Ah, pra mim, adolescente, porque eu não sou, meio, muito normal, adolescente normal, que os adolescentes tem limite, mas, eu nunca tive limite, sabe essas coisa.*

> *- Limite, como assim, limite dos pais?*
> *- É. Minha mãe nunca pois limite ni mim, sabe, pra fazer nada.*
> *- E você acha que adolescentes, em geral, tem, e você não teve…?*
> *- É. Minha mãe nunca pois limite ni mim, sabe, pra fazer nada. Até droga, assim, eu nunca me interessei, que minha mãe soltou eu, ensinou eu, o que é o certo, o que é o errado, aí só tem duas coisa…*
> **(Agenor, 16 anos, autônomo, 1º. EM, matutino)**

No discurso de Agenor podemos observar a questão dos limites colocados, em geral, pelos pais, na tentativa de exercer um dado controle ou orientação para o adolescente ou jovem, que na sociedade contemporânea protagoniza importante papel vivenciando grande parte dos riscos ou vulnerabilidades de diferentes ordens. Vale observar que o sentimento de não pertencimento à categoria de adolescente comum, mencionado por Agenor como "normal", mas talvez a uma categoria diferente, aponta para a diversidade das vivências da etapa chamada adolescência e a complexidade que significa caracterizar esse momento de vida dos garotos.

Nesse sentido, Guerreiro et. al. (2007) refere que a juventude, enquanto transição para a vida adulta tem sido amplamente discutida na tentativa de explorar seus contornos dinâmicos e multidimensionais, o que possibilita a reflexão acerca da dificuldade de desvincular os sujeitos adolescentes de suas histórias de vidas, dado que estas ocorrem em momentos históricos específicos. Para os autores, a passagem para a idade adulta se apresenta como um trajeto socialmente construído que se inscreve em um campo de possibilidades, histórias e projetos de vida que refletem uma série de dinâmicas e processos sociais, a despeito de serem individuais. Nessa linha de reflexão, podemos observar a fala de Leandro, a seguir:

> *- Ah eu não tenho, tipo, muita vida social, sabe. Tanto que quando que eu comecei a fazer informática todo mundo começou a me chamar de 'nerd' (risos). […] Mas, ser adolescente hoje em dia, no geral, é muita modinha… seguir pela cabeça dos outros […] se aparecer na televisão ou na internet, ah, agora a modinha é reggae… não demora uma semana você vê todo mundo de dread [tipo de penteado] com um beck [cigarro de maconha] na boca […]. Meu irmão mesmo é funkeiro, mas ele não sabe por quê… ele gosta de funk porque as menininhas curte funk, então é basicamente isso, ser adolescente hoje em dia é saber seguir a moda. Então não tem muita expectativa pros adolescentes de hoje […] Hoje em dia tá muita modinha virar bissexual. Nossa, tem muito amigo meu da escola que falava eu sou macho e hoje em dia tá ficando com outros garotos, com outras garotas […] Então, tá bem zuado [confuso] a atitude jovem hoje em dia.*
> **(Leandro, 18 anos, estagiário, EM completo)**

A exemplo de Agenor, Leandro também não se identifica como vivendo a condição de adolescente "normal", tendo em vista a forma como se coloca em contraposição ao que reconhece como sendo característico do vivenciar o mundo adolescente típico, ou seja, seguir a moda. Assim, o discurso de Leandro permite-nos sintetizar como esse mundo adolescente é o mundo da moda, quer na música, nas performances ou estilos, quer na própria vivência da sexualidade ao considerar, também como moda, a busca de experiências bissexuais como parte do amplo repertório de experimentações disponíveis aos mesmos nesse momento da vida.

De acordo com Guerreiro et. al (2007), a tecnologia e a grande variedade de elementos midiáticos, facilmente assimilados pelos jovens, transformam as redes de sociabilidade, os estilos de vida, as formas de comunicação e os mecanismos de construção identitária à medida que permitem envolvimentos em comunidades globais. Diferentes relações com a sexualidade e o corpo podem emergir a partir de tais transformações, pois, valores e práticas culturais mais cosmopolitas e liberais tendem a disseminar-se, enquanto grupos financeiros e indústrias do lazer se dedicam a produzir e a impor continuamente, aos consumidores, novos elementos de um estilo de vida juvenil, com ícones e linguagens próprias (GUERREIRO et. al, 2007). Assim, nessa mesma tendência, a própria bissexualidade vem sendo cada vez mais experienciada pelos jovens, a partir de certa "glamorização" praticada pela mídia, na atualidade, conforme discute Wilkinson (1996), acerca de tal comportamento, notadamente para as mulheres. Tal fato contribui, portanto, para a consolidação de um fenômeno que vem sendo reconhecido e nomeado como "heteroflexibilidade" (ESSIG, 2000), a exemplo do grupo HSH – homens que fazem sexo com homens – já reconhecido, inclusive, pelas políticas públicas brasileiras. (SILVA E PIRAJÁ, 2012; DIAMOND, 2005). Dentre as buscas, descobertas e experimentações, não somente a curtição e o viver a vida sem preocupação ou responsabilidade caracterizam essa fase considerada de transição, uma vez que o mundo do trabalho, discutido anteriormente, se descortina no horizonte desses jovens adolescentes como algo que representa um grande valor, conforme podemos observar ainda na fala de Jorge acerca do ser adolescente:

> *Ah, eu acho que é a fase mais da hora [legal], por que você vai passar pra ser adulto né, você tá passando da adolescência, vai começar a ter*

> *mais responsabilidade, vai começar a ver que as coisas não é do jeito que era antes. Porque você podia fazer tudo […] Mas aí você vai vendo que as coisas são diferente, tipo, você sai, chega a hora que você quer, não precisa ficar se preocupando... tipo, se você não trabalha, fica o dia inteiro em casa, você curte ficar jogando videogame, namora […] pra mim… a partir do momento que a pessoa passa a ser adulto, é ser responsável, começar a trabalhar, é fazer tipo o que eu faço, eu acho que eu sou responsável [fala sobre sua rotina] Acho é importante ser assim. Mas é a fase mais da hora que tem. Não a que eu tô, na que eu era antes, acho que uns dois anos atrás, faz dois anos, ou três, que eu tô trampando [trabalhando] […] Na idade do meu irmão, assim, eu acho que é melhor, 14 anos, 15. É, ele tá na rua eu vou ter que ir…*
> **(Jorge, 17 anos, estagiário, 3º. EM, noturno)**

No discurso de Jorge, podemos observar que adolescência, posta em referência à fase adulta, se apresenta como a melhor fase, ou seja, de curtição e sem grandes responsabilidades, além de autonomia. Para Jorge, o marco de entrada para o mundo adulto parece se concretizar com o início da vida no mundo do trabalho, o que passa a configurá-lo já como um adulto, a despeito de seus 17 anos, dada a rotina de trabalho e responsabilidades assumidas por ele mesmo já há alguns anos. Podemos observar em seu discurso, como o sentir-se adolescente se refere ao momento de vida anterior à sua inserção no mundo do trabalho, a exemplo da fase vivenciada, no momento, pelo seu irmão em seus 14 anos. Nesse sentido temos, novamente, uma ilustração de que a questão da adolescência, ou juventude, não pode ser entendida de maneira linear, conforme reflexões de Guerreiro et. al. (2007), já apresentadas, e que a fala de Marcelo, abaixo, vem a complementar, em termos de exemplo.

> *- Ser jovem… É curtir bastante o que tá acontecendo! Zuar bastante, não ligar pros outros, o que os outros falam: ah vocês são muito moleque, a gente é adulto, acho que não tem que ligar pra isso, jovem mesmo não tem que ligar pra nada disso tudo, tem que mandar todo mundo se foder mesmo! E já era. Tem uns que estuda, tem uns que não estudam, jovem é jovem. Cada um… tem muitos estilos de jovem, né. Não tem só um. Não tem como falar, o jovem é assim, o jovem não é assim. Jovem, é… tem jovem que fuma crack, aí. Pode até ser de família boa, mas usa droga pra caramba, você nunca sabe, jovem é jovem, né.*
> *- Com certeza. Mas você já passou dessa, já? Dessa fase?*
> *- Já! (risos)*
> **(Marcelo, 19 anos, 2º. EM, supletivo à distância)**

Em seu discurso, Marcelo generaliza a categoria juventude, por um lado, ao considerar que jovem é "jovem é jovem" indicando, com essa expressão, a ideia de

liberdade e autonomia que se costuma atribuir a esse momento de vida, caracterizadora de múltiplas experiências, como já discutido. Por outro lado, seu discurso aponta para a ideia da diversidade e impossibilidade de se homogeneizar ou generalizar indivíduos e comportamentos, conforme apontam autores como Almeida (2002), Guerreiro et. al. (2007).

Portanto, o discurso de Marcelo, ao lado dos apresentados anteriormente, permite-nos uma reflexão acerca dos conceitos adolescência e juventude no mundo contemporâneo, que implica necessariamente lançar mão de uma abordagem interdisciplinar, que não as reduza somente a uma passagem, ou a uma mera questão de delimitação de faixas etárias. Trata-se de compreendê-las como um momento da vida, um dado tipo de inserção social, no qual o indivíduo vai se descobrindo e descortinando possibilidades em todas as instâncias da vida social, ou seja, compreendê-las enquanto relação experimental com o presente, que tende a fazer com que valorizem as vivências do imediato e a espontaneidade, como proposto por autores como Dayrell (2005) e Groppo (2004). Deve-se considerar, portanto, que tal processo é constituído a partir do próprio meio social em que se desenvolve e pelas trocas que proporciona e sentidos que produz, de forma que garotos e garotas construam determinados modos de ser jovem. Nesse sentido é que se enfatiza a pertinência dos termos adolescências e juventudes, expressando a diversidade de tais modos de ser jovem.

Groppo (2004), assim como Dayrell (2005), propõem uma concepção dialética da condição juvenil a partir da observação da existência de elementos contraditórios no interior de seus próprios grupos, que colocam o que é definido institucional e oficialmente em constante estado de superação. Então, é a partir das imposições do mercado de consumo e da convivência entre os grupos de pares que existe a possibilidade dos jovens criarem identidades e comportamentos próprios, alternativos aos oficiais, percorrendo um percurso entre a institucionalização da juventude e a possibilidade de autonomia.

Na sociedade contemporânea, segundo Groppo (2004), a juventude passa a significar, sobretudo, um modo de ser, bastando em si mesma. Deixa de ser uma vivência meramente transitória, para ser um estilo de vida identificado ao consumo e ao estado de espírito que todos, independentemente de sua idade, podem e querem

assumir. Para Guerreiro et al (2007), ser ou parecer jovem se tornou um novo ideal de vida dominante, uma nova forma de capital, passível de se adquirir através de exigentes consumos e tecnologias do *self*. Isto porque, na atualidade, as culturas juvenis surgem profundamente mediatizadas, globalizadas, comercializadas e mesmo folclorizadas, como um produto que penetra no imaginário coletivo global, estimulando a necessidade de uma vasta gama de outros produtos.

Enfim, há que se compreender a adolescência e juventude num contexto de transformações da sociedade que, de acordo com Hall (2005), vem mudando as identidades pessoais, abalando a ideia de sujeitos integrados, processo esse denominado pelo autor como deslocamento ou descentração do sujeito. Ou seja, constitui-se uma "crise de identidade" para o indivíduo, pois, de supostamente estável e fixa, a identidade é deslocada pela experiência da dúvida e da incerteza. Assim, como refere Osório (1989), o mundo contemporâneo, em diversos sentidos, parece atravessar uma crise de identidade similar àquela tradicionalmente caracterizadora da adolescência.

5.2 O CORPO ADOLESCENTE: USOS E SIGNIFICADOS

Eu não caibo mais nas roupas que eu cabia,
Eu não encho mais a casa de alegria.
Os anos se passaram enquanto eu dormia,
E quem eu queria bem me esquecia.
(Titãs - Não Vou Me Adaptar, compositores: Reis/Antunes)

Cada sociedade ou grupo social imprime marcas em seus membros através de inscrições que podem ser físicas, estéticas e comportamentais, ou seja, o pertencimento social é corporalmente inscrito, conforme discutem Víctora et al (2000). As autoras se referem aos trabalhos de Mauss (2003) para problematizar o aprendizado social das técnicas corporais e a compreensão de gestos e outros comportamentos, que, antes entendidos como naturais, podem ser socialmente aprendidos. Assim, a partir de Csordas (2008), podemos compreender que a abordagem da corporeidade parte da premissa de que o "corpo não é um objeto a ser estudado em relação à cultura, mas é sujeito da cultura; em outras palavras, consiste na base existencial da cultura" (p.102).

A partir de indagações referentes ao corpo com os garotos entrevistados, o que pudemos observar foi uma complexidade de elementos que colaboram para a construção de suas concepções acerca dos usos e significados possíveis de serem atribuídos ao corpo, que correspondem às questões consideradas relevantes por Birman (1991), quais sejam, a representação do corpo, sua inserção num sistema de trocas reguladas pela sexuação, pela reprodução e pela religião, bem como sua representação individualizada em conjunção com o psiquismo, configuram o corpo como uma realidade simbólica.

Estudar a apropriação social do corpo é importante, pois, o mesmo pode ser considerado o primeiro, mais evidente e concreto patrimônio que o homem possui (Rodrigues, 1979). Observar a maneira como cada sociedade "normaliza, normatiza e valoriza" seus indivíduos a utilizarem seus corpos, de determinados modos, e a se comunicarem com eles de maneiras particulares, possibilita novas perspectivas para o estudo das relações corpo, cultura e sociedade. E assim, é possível identificar os processos através dos quais a marca da estrutura social se imprime sobre a própria estrutura somática individual, possibilitando a formação de um amálgama único a partir do psíquico, do físico e do coletivo e que somente a abstração pode separar.

Portanto, o corpo simbólico, como considerado por Birman (1991), não é delineado apenas por características inerentes à natureza do organismo – a anatomia e fisiologia – notadamente em relação ao desenvolvimento neurofuncional da espécie humana. Esse corpo simbólico é principalmente construído a partir das "modalidades de relações sociais que instituem os sujeitos como individualidades e pelos códigos culturais que as comunidades sociais constituem como sujeito, na sua história" (p. 21). Nesse sentido, a fala de Leandro pode ser bastante ilustrativa ao indicar uma concepção de corpo dada a partir de uma doutrina religiosa, que delineia seu uso ao atribuir significados a este:

> *- Que tipo de cuidado você tem com teu corpo…?*
> *- Ah, eu sou bem vaidoso com meu corpo (risos)… antes de eu sair eu passo creme… tenho uma série de cuidados com meu corpo sabe, porque assim, minha família é inteira evangélica. Aí quando, antes eu ia pra igreja, agora eu parei um pouco... assim, o ensinamento que eu tive é que o corpo é o templo de Deus, então tem que ter muito cuidado com ele. Então eu procuro sempre estar me cuidando…*
> **(Leandro, 18 anos, estagiário, EM completo)**

Podemos observar no discurso de Leandro uma significação de corpo configurada numa visão holística e fundamentada a partir de uma doutrina religiosa, cujo aprendizado se deu dentro de seu núcleo familiar. Tal significação delineia não apenas o significado atribuído ao corpo, mas seus usos, expressos em seu discurso, através dos cuidados referidos que podem representar, além de um cuidado de si, um uso social desse corpo. Tal cuidado, expresso na vaidade, conduz a uma apresentação social desse corpo como bem cuidado, o que pode envolver, para esse garoto, uma colocação ou posicionamento dentro de sua própria dinâmica e estrutura familiar, bem como dentro de um grupo de sociabilização, em seu caso, o grupo religioso.

5.2.1 Imagem, estética e culto ao corpo

Ao considerarmos as relações entre corpo, cultura e sociedade nos relatos dos garotos entrevistados, a questão da valorização da imagem e da estética, assim como do verdadeiro culto ao corpo, presente no mundo contemporâneo, notadamente na sociedade brasileira, pôde ser observada nos relatos dos garotos entrevistados. O

culto ao corpo pode ser compreendido, de acordo com Castro (2007), como todo tipo de prática e cuidado corporal cujo objetivo principal seja o de se aproximar o máximo possível, de um padrão de beleza estabelecido socialmente.

As falas de Alexandre e Agenor, em seus 18 e 16 anos respectivamente, apresentadas abaixo, podem ilustrar a questão:

> *- O que você acha que mais preocupa os rapazes, hoje em dia, em relação ao corpo?*
> *- Sei lá, físico... Tem um monte de cara aí que quer ser aqueles "iron man", bombadão [muito musculoso], sair no frio sem camisa... Eu não ligo pra essas coisas não, mas eu também faço um físico em casa, né, não deixo de fazer, né, ficar gordo também não.*
> **(Alexandre, 18 anos, autônomo, EM incompleto)**

> *Porque sempre... tem os meninos que quer se achar fortão, e tal... aí, eles tenta fazer mais ainda, tipo, academia, né, pra ganhar músculo, pra ficar mais forte.*
> **(Agenor, 16 anos, autônomo, 1º. EM, matutino)**

Os discursos de Alexandre e Agenor apontam para uma preocupação com questões estéticas, generalizada entre os rapazes, especialmente quanto à aparência, ou imagem física do corpo, expressa no valor do ganho de massa muscular em detrimento do acúmulo de gordura corporal.

Em nossa sociedade, segundo Goldenberg e Ramos (2002), a inimiga número um da boa forma é a gordura, tomada quase que por uma doença, especialmente para aqueles que buscam ostentar um corpo com a musculatura definida, de acordo com o ideal da cultura da malhação. Segundo esse ideal, não basta apenas não ser gordo (a), também é necessário construir um corpo firme, musculoso e que obedeça a determinadas características. Para os autores, dentro da chamada cultura da malhação, que classifica, hierarquiza e julga as pessoas a partir da forma física, a gordura e a flacidez podem ser tomadas como símbolo da indisciplina, do desleixo, da preguiça, da falta de certa virtude, ou seja, da falta de investimento do indivíduo em si mesmo.

Vale considerar que, no caso da juventude, esse ideal de corpo é bastante valorizado pelos homens, conforme pudemos observar nos relatos dos garotos antes mencionados. O que podemos depreender de seus discursos é o fato de que nesse

momento da vida tal valorização representa a autoafirmação da identidade, da masculinidade, do reconhecimento dos pares – notadamente das garotas.

Assim, o corpo passa a se configurar como uma das fortes estratégias de conquista, pois, conforme discutido por Macedo (1997), é muito difícil uma sociedade em qualquer época e local em que não exista a preocupação com a beleza, tal como ocorre no reino animal, em que as fêmeas buscam selecionar seus parceiros a partir de aspectos de sua aparência. O autor discute o fato que, em nossa sociedade, podemos observar os ideais de beleza variando de acordo com as épocas e as culturas, porém tais qualidades consideradas atraentes, em geral, guardam fortes relações com sinais de saúde, fertilidade e resistência a doenças.

Contudo, as preocupações estéticas que surgem nas falas dos garotos em relação ao próprio corpo são referidas, não somente ao que poderíamos considerar como configuração da silhueta, mas em relação à aparência física em geral, em que partes do corpo podem ser destacadas, como no relato de Jorge, abaixo, exemplificando como a configuração do corpo se apresenta igualmente como importante estratégia de sedução e de conquista:

> *-O que que você mais gosta seu corpo?*
> *- No meu corpo? Ah, eu gosto da minha bunda. (risos) As mina pira! [as meninas gostam]*
> *- […] E o que você mudaria, se pudesse?*
> *- Que que eu mudaria, meu físico. Ficar forte, assim, não fortão, fortão, mas pelo menos, assim, mais ou menos…*
> **(Jorge, 17 anos, estagiário, 3º. EM, noturno)**

E ainda, outra parte do corpo que se mostra bastante valorizada em termos de aparência em geral nos discursos dos garotos trata-se do rosto, onde se destaca a preocupação com a questão do cabelo, como moldura do rosto e a questão da pele, livre das espinhas denunciantes da puberdade, conforme exemplificam os relatos de Alexandre, Lucas e Marcelo:

> *- Ah, eu nunca quero ficar gordo e eu não gosto de espinha, ó que coisa feia. [mostra uma no rosto]*
> *- E que cuidados você tem com isso, com essas duas coisas?*
> *- Ah, eu puxo um peso, né. E teve uma vez que eu comprei… aquela pomada… [nome da pomada] Eu passei no meu rosto, meu rosto ficou assim ó. Cheio! Daí, foi um cuidado que eu tentei, fazer… e não funcionou […] só piorou, daí eu parei de passar.*
> **(Alexandre, 18 anos, autônomo, EM incompleto)**

> *- O que eu tenho preocupação, deixa eu ver, minhas espinhas... (risos). Ah, tipo, preocupação, ah, normal, de jovem, assim, sei lá… você fala em geral, né. […] Ah, tenho preocupação com meu cabelo… com minha aparência mesmo, assim...*
> *- Sei, você acha... você se acha vaidoso?*
> *- É… ah, eu dei uma relaxada agora, pelo amor de Deus. Mas estraguei tudo de uma vez só. Adolescência é foda. Eu era tão bonitinho… (risos)*
> **(Lucas, 17 anos, 2º. EM, Integral)**

> *Eu faço limpeza facial, né (risos). Todos os dias. Eu sou muito vaidoso. […] cuidados em geral, ah, tenho cuidado com meu rosto, com cabelo. corpo, passo sempre hidratante, sempre tô passando coisa, é, depilar…*
> **(Marcelo, 19 anos, 2º. EM, supletivo à distância)**

Se os relatos anteriormente apresentados revelam uma preocupação estética mais voltada para a questão da silhueta propriamente dita, nos demais discursos, acima apresentados, a menção a outras preocupações estéticas mais gerais como a questão da pele e cabelo aponta, igualmente, para a constatação de que a tão apregoada vaidade feminina vem ganhando lugar no universo masculino, e, igualmente, entre homens jovens. Como observou Macedo (1997), de adolescentes a homens maduros, os cosméticos vêm conquistando um amplo mercado consumidor, sendo que diversos estudos tem tomado esse homem contemporâneo por objeto, no sentido de traçar os contornos da chamada "nova identidade masculina".

Como podemos observar, tanto Lucas, como Marcelo, relatam cuidados estéticos mais tradicionalmente reconhecidos como práticas femininas, o que parece indicar uma mudança no comportamento masculino. Observa-se ainda, o significado que o corpo passa a assumir nas relações notadamente de gênero, pela valorização que as próprias mulheres atribuem a esse tipo de prática pelos homens, consolidando, ao que parece, o que na atualidade se denomina como uma cultura do "metrossexual". O termo derivado do inglês *metrosexual*, a partir da contração de heterossexual com metropolitano, conforme refere Garcia (2004), é usado para definir esse novo/outro homem, segundo Oliveira Jr. e Cancela (2012), preocupa-se, sobretudo com a aparência, investe em tratamentos estéticos, consome de carros a hidratantes corporais, visando se tornar cada vez mais desejável.

Desse modo, o que podemos depreender, do conjunto de narrativas dos garotos entrevistados, é o fato de que o corpo, antes que físico, apresenta-se como

importante representação de corpo social, de forma que a sequência da narrativa de Lucas pode ilustrar de maneira exemplar tal observação:

> *- Você acha que você cuida, do seu corpo?*
> *- Ah, às vezes até demais! ...Ah, sei lá, eu, eu tenho complexo […] Tipo, segunda-feira eu já vou no médico pra ver baguio [bagulho] de espinha... sei lá, eu passo mais tempo no salão que minha mãe, às vezes. Por causa de cabelo. Passava né, agora não passo mais... agora eu tenho cabelo curto. Antes eu tinha cabelo grande e tal [...] chapinha eu nunca cheguei a fazer, porque eu não sabia, também, minhas irmãs não ia fazer ni mim, aí era mais progressiva mesmo, relaxamento… Aí gastava dinheiro só em salão, entendeu...*
> **(Lucas, 17 anos, 2º. EM, Integral)**

5.2.2 Percepção do corpo adolescente, virilidade e masculinidade

Ao se indagar sobre a maior preocupação dos garotos em relação ao corpo, surge a questão das transformações características da chamada puberdade pelas quais passam o corpo adolescente. Ao lado da questão da imagem, da estética e do culto ao corpo, tais transformações parecem descortinar aos olhos dos garotos um "mundo novo" a ser descoberto a partir da percepção dessas mudanças corporais, referida por alguns de nossos entrevistados, a exemplo de Leandro e Lucas:

> *- O que você acha que mais preocupa os garotos, em relação ao corpo?*
> *-…é que tá mudando sabe, conforme você vai crescendo, vai mudando… Aí você fica, tipo, pensando, ah… que será que é isso? É novo no meu corpo, não tinha antes. Aí a preocupação é, sabe, ter alguém, que possa explicar e normalmente, assim, hoje em dia não é todo mundo que é aberto com o pai, né, chegar, ai pai, tem isso no meu corpo, que que é... Então a preocupação mais é essa assim.*
> **(Leandro, 18 anos, estagiário, EM completo)**
> *- Ah,tipo, você não conversa com outro amigo seu pra… comparar alguma coisa, entende, porque aí, você não sabe o que acontece com seu corpo, porque, muitas crianças tem medo de conversar com o pai, entendeu, nem tanto em relação a desempenho nem nada, mas, as vezes, acontece alguma coisa que eles não sabem direito, algum problema, sei lá.. É isso, eu acho… falta de informação assim, né, saber sobre a puberdade mesmo. Eu fui mais de boa, mas eu imagino que sim.*
> **(Lucas, 17 anos, 2º. EM, Integral)**

O que podemos observar a partir dos discursos de Leandro e Lucas é a ocorrência de transformações profundas vivenciadas no corpo juvenil, mas que a ele não se circunscrevem na medida em que passam a representar todo um novo universo

de inscrição do jovem no mundo. Este mundo, ao qual o jovem se inscreve, é caracteristicamente denominado masculino, em que um dado ideal de homem aparece de maneira naturalizada e como uma identidade a ser perseguida. Trata-se, portanto, de uma inscrição em um mundo adulto, tal como pudemos observar quando da interpretação da concepção do que representa, para o discurso dos entrevistados, ser homem e ser homem adolescente, em que existem expectativas para além do desempenho sexual caracterizado pela heteronormatividade e por responsabilidades em relação à constituição de família e procriação, dentre outras.

O que parece relevante reter, em ambos os discursos, são as mencionadas dificuldades que o adolescente identifica na interlocução com o mundo adulto, o que os faz se sentirem em um período de vida cuja sexualidade, que se descortina, encontra limites em termos de referências que ampliassem o seu próprio autoconhecimento. Nesse sentido é que se coloca a questão apontada pelos garotos acerca da abertura paterna em relação à interlocução com os filhos, bem como em relação à ausência de informação voltada para o jovem a respeito das transformações do corpo juvenil.

Nesse universo de mudanças e de aprendizado pela sociabilidade com os pares, ganha expressão, em alguns discursos, a menção às tradicionais brincadeiras nas quais é posta à prova a questão da própria masculinidade e sua construção, tendo, ao que parece, como referência, a ideia polarizada de sexualidade ativa e passiva, conforme discorre DaMatta (1997), em seu texto, considerado clássico, intitulado “Tem Pente aí?”. O autor reflete sobre a construção da identidade masculina a partir das brincadeiras vivenciadas na sua própria adolescência, apontando para o fato de que, nesse processo, é possível observar como a questão da masculinidade se constrói em relação a uma concepção de feminilidade, partindo-se da ideia do que se pode considerar como desempenho sexual. Assim, o masculino, portador da identidade ativa, caracterizaria o homem enquanto tal, contrapondo-se ao feminino, portador da identidade passiva, caracterizando as mulheres e, igualmente, os “não-homens”, ou seja, os homossexuais.

Menções a tais brincadeiras podem ser observadas nas falas dos garotos entrevistados, conforme exemplificam os relatos de Wagner e Gabriel, em seus 16 e 15 anos, respectivamente.

> *- O que você acha que mais preocupa os rapazes em relação ao corpo?*
> *- Tamanho. (risos). Você fala de tamanho do cara, nossa, ele fica um bicho! [...] Tanto é, que a gente zoa [faz piada com] japonês, e eles ficam bravos!*
> **(Wagner, 16 anos, aprendiz, 1º. EM, noturno)**

> *- Ah! Todo mundo, todos assim, a maioria dos homens se preocupa com o tamanho, só. Tamanho do 'documento', entendeu? É! Só! (risos)... Maioria das conversa, os cara só...*
> *- [...] Mas, que tipo de conversa que rola? Assim...*
> *- Ah, zueira [piada], entendeu... os cara, ah, o seu é pequeneninho e tal, só que assim, o cara sempre, nunca fala a verdade. Não! O meu é... [faz sinal de tamanho grande com a mão]... Entendeu? Sempre gosta de aumentar [...] tem uns caras que gosta de falar mais, né. Fala que faz isso e aquilo. Mas cachorro que muito ladra não morde!*
> **(Gabriel, 15 anos, 1º. EM, Manhã)**

Nas piadas, ou zoeiras, mencionadas por Wagner e Gabriel, ganha expressão a questão do tamanho do pênis que surge, igualmente, como uma das preocupações comuns para os rapazes, juntamente com a performance da masculinidade, em termos do que se consideraria a assunção do papel ativo nas práticas sexuais heteronormativas, ideia que se aproximaria do que autores como Conell (1995) denomina de masculinidade hegemônica.

Retomando a interpretação de DaMatta (1997) acerca das referidas brincadeiras, o que podemos observar, a partir dos discursos de Wagner e notadamente de Gabriel, é o quanto a ideia de masculinidade encontra, nessas brincadeiras, as possibilidades de se identificar a própria desconstrução da referida masculinidade hegemônica, daí as brincadeiras representarem uma espécie de cobrança dos pares em relação à necessidade da afirmação do que, em tese, representaria ser homem "de verdade", cuja representação, conforme discorre Nolasco (1997), existe para encobrir as sucessivas ausências de figuras masculinas no cotidiano das crianças, instituindo um ideal de indivíduo que não corresponde às demandas afetivas dos meninos.

Para DaMatta (1997), o pênis costuma ser constantemente testado, experimentado e consumido enquanto ator social, órgão central e explícito da masculinidade e da condição de " ser homem". Daí que, em nossa cultura ocidental, a masculinidade seja representada pelo falo, sendo esperado e constantemente cobrado que aqueles que o possuam, devam se comportar com hombridade, como que na

obrigatoriedade de “honrar” tal órgão. Ou seja, não basta, portanto, possuir um corpo de homem, um pênis, mas deve-se mostrar ser masculino o tempo todo, incorrendo em uma eterna vigilância das emoções, gestos e do próprio corpo.

Discorrendo sobre o tema, Goldenberg (2006) identifica o mesmo tipo de preocupação em relação à compleição do ideal de corpo masculino, que exige aos homens serem fortes, potentes e viris, características representadas em sua pesquisa pela altura, força física, tamanho do tórax e do pênis, em contraposição ao corpo feminino que exigiria das mulheres serem delicadas, submissas, o que pode representar a ideia subjacente de atividade e passividade nas relações entre homens e mulheres, na sociedade. Em sua análise, a autora recorre à abordagem de Pierre Bourdieu[2], que demonstra o fato de tais performances, masculina e feminina, resultarem de pressões sociais e culturais que implicam, por vezes, a própria naturalização de tais características como representativas do ser homem e ser mulher, na maioria das sociedades.

5.2.3 Corpo adolescente, cuidados e saúde

Cuidado de si e o lugar da boa forma como indicador de saúde

Ao buscarmos desvelar como garotos adolescentes entendem o cuidado de si, para empregarmos a terminologia foucaultiana, (FOUCAULT, 1985) pudemos observar que a referência aos cuidados com a higiene corporal, relacionada à questão da aparência, encontra-se presente em alguns discursos, muito embora não reduzida à mesma, mas envolvendo a própria noção de saúde incorporada por eles. Tal noção, expressa na ampla concepção de “boa forma”, apresenta-se não apenas como valor estético, conforme observamos em item anterior, mas enquanto atividade física. Assim, as falas de Wagner, Agenor e Leandro apresentam a boa forma em seu duplo

2 A autora se refere à abordagem de Bourdieu constante na obra A Dominação Masculina, Rio de janeiro, Bertrand Brasil, 1999.

significado, ou seja, expressando quer o cuidado com a aparência quer o cuidado com a saúde:

> *- Que cuidados você acha que são importantes de ter com o corpo?*
> *- Ah, tomar banho, saúde, né, cuidados médicos, pra ver se não tem doenças, ah, se cuidar, assim, fazer uma atividade física, é sempre bom. E ter o corpo sadio, cuidado.*
> *- E você tem esses cuidados? Você considera que tem?*
> *- Então, eu gostaria de fazer academia, mas não dá tempo…*
> **(Wagner, 16 anos, aprendiz, 1º. EM, noturno)**
>
> *- É, a parte de saúde… é, manter sempre a boa forma né […]*
> *- E o que é preciso fazer pra manter a boa forma, que você acha?*
> *- Ah, sempre praticar algum esporte né, também, e… também não ficar muito parado, né.*
> **(Agenor, 16 anos, autônomo, 1º. EM, matutino)**
>
> *- Ah, ultimamente assim, tá sempre procurando um médico, pra saber… E se cuidar, mais, assim, sabe. Praticar esporte… que nem, hoje em dia, a faixa de obesidade tá bem alta. Mais é isso assim, pra homens, na minha idade, tá sempre praticando esporte, porque engorda muito fácil [...] porque eu, assim, com 15, com 16 anos eu tava fazendo academia… aí eu sentia que minha massa tava aumentando, mas, tipo eu ia no médico, o médico falava que era massa muscular. Realmente eu tava assim, mais forte…*
> **(Leandro, 18 anos, estagiário, EM completo)**

Os discursos de Wagner, Agenor e Leandro apontam para a relação entre o corpo "saudável" e corpo dotado de boa forma, discutida por Goldenberg e Ramos (2002), que atentam para o fato de que o corpo musculoso é comumente chamado "sarado", termo esse que, em associação a uma ideia de doença, é utilizado para aquele que está curado de seus males. Os autores buscam problematizar o que consideram um verdadeiro "horror" atual à gordura corporal, que pode ser relacionado, segundo Rodrigues (1979) ao temor à própria doença, enquanto uma categoria intermediária entre a condição de vida e a condição de morte. Desse modo, para os (as) adeptos (as) do culto a beleza e à boa forma, a busca pelo corpo sarado funcionaria como uma luta contra a morte simbólica imposta àqueles que não se disciplinam para enquadrar seus corpos aos padrões exigidos. Tal concepção de corpo vai ao encontro da definição proposta por Birman (1991), que além de ser determinado pelo universalismo das coordenadas biológicas, o corpo é, antes, uma realidade simbólica.

Cuidado de si e a ideia de prevenção em saúde

Embora nos discursos acima relatados possa se considerar implícita a ideia de prevenção em termos de uma ampla concepção de boa forma, como expressão de um corpo saudável, a noção de prevenção, propriamente dita, encontra-se mais evidente em algumas outras falas, como de Agenor, Marcelo e Lucas, descritos abaixo:

> *- Que cuidados você acha que os jovens deveriam ter com o corpo?*
> *- ...Ah, manter a boa forma né.... Ah, pra mim é, porque, minha mãe tem diabete, então em casa, não tem muita carne, porque, no supermercado a gente compra mais é, legumes, essas coisas, sabe? A gente tem uma boa alimentação, até...*
> *- E você tem preocupação com isso, com essa história de diabetes?*
> *- Eu tenho, porque é tendência né [...]*
> *- Você tem uma preocupação maior com isso... procura se cuidar?*
> *- É... não é me cuidar, sabe, é, tipo prevenir, algumas coisas... Só que eu como bastante doce, às vezes, assim, é porque eu gosto.*
> **(Agenor, 16 anos, autônomo, 1º. EM, matutino)**
>
> *- E em relação à saúde?*
> *- E em relação à saúde, eu acho lavar sempre todas as parte do corpo, assim, ó. Sem esquecer nenhuma... É! Porque quando você não lava... bactéria pode acumular, né, essa coisas, se você não escovar dente... De usar camisinha... que eu posso falar mais? Acho que é isso.*
> *- ...E, você considera que você tem esses cuidados?*
> *- Tenho! Todos.*
> **(Marcelo, 19 anos, 2º. EM, supletivo à distância)**
> *- Ah, higiene, né, tipo... sei lá... Ah, tem muita coisa, deixa eu ver, tomar banho, escovar os dentes, direito... ah, não ser relaxado, sabe... ah, e falar de cuidado com o corpo pode ser de usar a camisinha também, né, que é um cuidado com o corpo, também, pra não pegar doença. Então é esses cuidados.*
> **(Lucas, 17 anos, 2º. EM, Integral)**

A ideia de cuidado de si em referência a problemas de saúde surge em alguns discursos, quer em relação à prevenção da obesidade, conforme a fala de Leandro apresentada anteriormente, quer a prevenção a determinados tipos de enfermidades, como o caso do *Diabetes Mellitus*, para Agenor, relacionada à importância da prevenção a uma enfermidade, por ser hereditária. Também presente, a título de menção, a importância do uso da camisinha para a prevenção das DST/Aids, que surge nos discursos de Marcelo e Lucas, descortinando uma ideia de prevenção presente nos discursos dos jovens conforme poderemos observar no item 5.4.3, em que a questão será abordada de maneira específica.

Cuidado de si e o uso de substâncias psicoativas no universo adolescente

Ao indagarmos sobre a questão dos cuidados com o corpo, alguns garotos entrevistados enfatizam a questão do uso de substâncias psicoativas como sendo aspecto importante e estreitamente relacionado à questão do corpo e à saúde.

Enquanto, em alguns relatos, os garotos referem o uso de álcool e outras drogas como uma das práticas que consideram preocupante no universo adolescente, Alexandre, Pedro Paulo e Gabriel não apenas mencionam a questão como importante em relação ao corpo, mas revelam igualmente seu uso. Dentre as substâncias utilizadas são mencionadas o álcool, o fumo (tabaco) bem como a maconha e a cocaína, como podemos observar nos relatos abaixo:

> *- Ah, muitos né? [cuidado importantes com o corpo] Sei lá, tomar banho todo dia. É, mano! Mas… drogas, álcool também é droga, né. Tudo faz mal pro corpo.*
> *- Sei. Mas que cuidados em relação a isso?*
> *- Ah, não fazer, né, essas coisas.*
> *- […] E, desses que você citou, você acha que você tem esses cuidados?*
> *- Alguns não… Ah, eu fumo um beck [maconha], bebo, fumo cigarro. Eu já não tô tomando os cuidados necessários, né… É foda […] Ás vezes, me preocupo… Começo já a tossir, já, puta, meu, será que eu já tô com tuberculose? Mas nem fumei tanto assim! É, mano… é sério, ô!*
> *- […] Mas, é só nessas horas que você se preocupa, então?*
> *- É, só. Quando tá tudo bem, nem…*
> **(Alexandre, 18 anos, autônomo, EM incompleto)**

No discurso de Alexandre é relatado o uso de algumas substâncias já mencionadas, referindo, no entanto, que estas não somente fazem mal para o corpo, mas igualmente para a saúde, preocupação esta manifesta notadamente, em relação ao receio pela tuberculose.

Embora em seu discurso Pedro Paulo, 19 anos, refira sua preocupação em relação ao uso de drogas, por jovens adolescentes e crianças, como prática recorrente, ao referir-se ao seu próprio caso revela se encontrar inscrito no mesmo processo:

> *- Ó… aqui os moleque gosta muito desses negócio de ficar correndo atrás de droga […] Fuma, fuma um… Eu já me cuido, já, eu faço exercício, ergo uns peso de vez em quando, tô tranquilo. Não tô*

> *fumando. […] Cigarro de maconha, eu tô tentando manerar um pouco... (risos) Tô meio devagar, mas, graças a Deus o cigarro eu tô parando mesmo. Parando não, parei, né, que faz dias que eu não fumo.*
> *– […] Você fuma desde quando?*
> *- Desde os 14. Mas, assim, não sô viciado. Compro uma carteira, fumo, aí quando acaba eu não compro, fico tranquilo. É de vez em quando.*
> *- E você acha que é um cuidado, uma preocupação com teu corpo?*
> *- Não, aí não é preocupação… não. Tô fumando… ah sei lá, mano. Às vezes eu penso, cara, que que eu tô fazendo, não era pra mim fazer, aí eu vou e faço. Aí eu penso, né... Depois a gente se arrepende… (risos)*
> **(Pedro Paulo, 19 anos, autônomo, EF incompleto)**

Pedro Paulo relata fumar cigarro e maconha desde os 14 anos, sendo que em relação ao primeiro manifesta, no momento da entrevista, a intenção de parar, embora não relacione tal intenção a algum cuidado específico com o corpo ou a saúde, a despeito da seguinte afirmação "não era pra mim fazer, aí eu vou e faço. Aí eu penso, né... Depois a gente se arrepende".

No relato de Gabriel, com seus 15 anos, podemos observar que o uso de substâncias psicoativas pode ter seu início na infância, fazendo com que adolescentes, ainda em tenra idade, já possuam uma ampla experiência no uso delas. Em seu discurso, nosso jovem entrevistado apresenta sua preocupação com a questão do uso excessivo de tais substâncias, relacionada ao fato de emagrecer:

> *- eu era gordo, emagreci pra caraio. Ó aqui ó! Ó jeito que tá que tá… [mostra a bermuda, muito larga]... isso aqui ficava mó apertado pra mim, ô! […] Eu emagreci, entendeu… não porque eu quis, pelo que eu fiz. Aí eu emagreci muito rápido, só que agora, se Deus quiser, até o mês que vem eu tô bom […]*
> *- Mas por que você acha que emagreceu?*
> *- Ah… tem umas coisa que você faz pra você emagrecer. Não é? …aí comecei a cheirar muito. Aí… me estraguei, né, fiquei muito magro, aí eu parei. Tô fumando só maconha agora.*
> **(Gabriel, 15 anos, 1º. EM, Manhã)**

Embora em seu relato Gabriel atribua o referido emagrecimento ao uso excessivo de cocaína, substância que menciona ter deixado o uso, o que buscou fazer, conforme ilustra seu relato abaixo, foi uma redução na frequência do uso da cocaína, ao passo que manteve a utilização da maconha:

> *-mas aí, de cheirar você parou de vez?*
> *- Parei. Não, de vez em quando, assim… parar, parar, não consegui parar, não. Mas, final de semana… igual hoje, hoje me ofereceram, eu*

> *falei que não. Tô bem, entendeu? Eu sei me controlar, tem dia que dá uma vontade, eu vou lá, pego um pino e só.*
> **(Gabriel, 15 anos, 1º. EM, Manhã)**

Nesse sentido, podemos notar que o comportamento de Gabriel vai ao encontro da ideia presente na Política de Redução de Danos (RD) do Ministério da Saúde. Segundo Queiroz (2001, p.15) "as ações de redução de danos constituem um conjunto de medidas de saúde pública voltadas a minimizar as consequências adversas do uso de drogas. O princípio fundamental que as orienta é o respeito à liberdade de escolha, à medida que os estudos e a experiência dos serviços demonstram que muitos usuários, por vezes, não conseguem ou não querem deixar de usar drogas e, mesmo assim, precisam ter os riscos decorrentes do seu uso minimizados". Na sequência do relato de Gabriel, podemos observar como a questão do acesso a substâncias psicoativas pode se dar em tenra idade:

> *- E desde quando você começou?*
> *- 10 anos. Comecei trabalhar, comecei ganhar dinheiro, conhecer o mundo… quando eu era pequenininho eu fumava só cigarro, dos 07 até os 10 […] Minha mãe descobriu e tudo. Mas agora ela aceita. Eu falei pra ela, melhor eu tá fumando maconha que tá cherando, usando pedra aí, ó… num tô usando na frente dos meus irmãos, tô dando dinheiro dentro de casa, é pouco, mas aí o que eu consigo eu dou pra ela […] Eu cresci do lado o meu tio que cheirava pra caralho! Quantas vezes vi meu tio cheirando já… Meu tio sumia, catava o pagamento inteiro, gastava tudo, tuuudo[…]*
> *- E mesmo assim você entrou nessa?*
> *- Não mano, não é assim, eu comecei,… com maconha, pá… aí, um dia, deu um negócio na minha cabeça, falei, não, acho que eu vou experimentar o pó hoje, pra ver qual que é a brisa [...] Aí sabe, foi uma brisa assim, diferente. Da hora [...] aí comecei a cherar o mês inteiro. Cherei todos os dias do mês. Fiquei virado, assim. Seco. O olho lá no fundo. Aí me olhei no espelho, falei, peraí velho, vamo pensar né, as consequências. Falei, não, vamo usar socialmente. Suave. Consegui me controlar […] Não é fácil parar, mas, se a pessoa quiser parar ela para. Quando ela quiser. É difícil, é, mas se a pessoa tiver força de vontade e garra, ela consegue… Tudo nessa vida é assim…*
> **(Gabriel, 15 anos, 1º. EM, Manhã)**

O emprego precoce das substâncias psicoativas, mencionadas por Gabriel revela e aponta para o fato de que o cigarro encontra espaço como prática de fácil acesso à infância, por este se constituir em uma substância amplamente aceita em nossa sociedade, sem restrições ao acesso. Tal fato abre possibilidades para a busca de experimentações outras, tão características da adolescência, como é o caso do uso

da maconha e da cocaína, mencionado não apenas por Gabriel, mas, igualmente por Pedro Paulo, conforme já observado.

No entanto, Marcelo apresenta, em sua fala, um contraponto quanto aos significados atribuídos ao uso de substâncias e à relação do usuário com estas:

> *- Eu tenho crise de pânico, sabe como é que é? Grave demais, eu começo a tremer, com falta de ar, achando que eu vou morrer, assim, todo dia eu tenho, quase. Então eu sou muito preocupado [com doenças]. Fui num psiquiatra. Sei lá… um fala que é muita maconha, o outro fala que… Aí você fala, ah, mano, mas eu quero fumar maconha, fumar maconha me faz bem! O cara, não, não. Beleza então, tchau, falou. Aí você tem que achar outro… Eles tentam, né, botar a culpa em você. Eu antes de fumar maconha eu já tinha essas coisas. Eu sempre fui desesperado com doença. Me cortava achava que ia pegar tétano. Então, com doença sexualmente transmissível, eu sou…*
> *- E faz quanto tempo que você fuma maconha?*
> *- 5 anos... Umas 5 vezes por dia. Todo dia […] eu sou viciado que eu nunca vi igual!*
> **(Marcelo, 19 anos, 2º. EM, supletivo à distância)**

Enquanto nas narrativas apresentadas anteriormente, os rapazes expressam o reconhecimento de substâncias psicoativas como um malefício para o corpo e a saúde, bem como a busca por um uso controlado ou a abstinência, Marcelo apresenta em seu discurso o uso da maconha reconhecido como algo que lhe faz bem, uso ao qual não manifesta desejo de deixar.

Em relação à abordagem do corpo e do cuidado de si, podemos observar o quanto a questão das substâncias psicoativas se apresenta no discurso dos jovens como algo que, embora prazeroso, requer o cuidado de si, como algo priorizado não somente pelo usuários mas problematizado por alguns dos não usuários, ou que não manifestaram esse tipo de uso, fato que aponta para a questão desse tipo de atitude se caracterizar, não somente entre adolescente, mas inclusive crianças, como um problema de saúde que deve ser contemplado pelas políticas de saúde pública.

5.3 A SEXUALIDADE NOS DISCURSOS ADOLESCENTES

Seus olhos e seus olhares, milhares de tentações
Meninas são tão mulheres, seus truques e confusões
Se espalham pelos pêlos, boca e cabelo
Peitos e poses e apelos
Me agarram pelas pernas, certas mulheres
Como você, me levam sempre onde querem
Garotos não resistem aos seus mistérios
Garotos nunca dizem não
Garotos como eu, sempre tão espertos
Perto de uma mulher
São só garotos
(Leoni - Garotos II - O Outro Lado, compositor: Leoni)

De acordo com Pais (2012), os jovens de hoje vivem num época em que a sexualidade se libertou de entraves existentes há algumas décadas atrás. Segundo o autor, quase tudo que permeia o sexo atualmente é abordado ou mostrado quase que explicitamente, inclusive por intermédio mediático, porém, as mensagens veiculadas nem sempre correspondem às necessidades informativas e formativas dos jovens e adolescentes. Portanto, afirma o autor, o mundo dos afetos e das sexualidades dos jovens é mais complexo do que podemos supor.

5.3.1 Sexo ou sexualidade?

Nos relatos dos garotos, a respeito das diferenças percebidas por eles pelos mesmos acerca das palavras sexo e sexualidade, observa-se, de modo geral, que os adolescentes abordam a questão do sexo mais especificamente relacionada ao ato sexual, como podem ilustrar as falas de Marcelo, Jorge e Lucas:

> *- Se eu disser as palavras sexo e sexualidade, que diferença você vê?*
> *- Sexo e sexualidade? Ah, sexo dá mais… SEXO né! Sexualidade é outra coisa, parece, né, pra mim. Sexo é sexo, né, é penetrar. Sei lá, sexualidade não tem isso pra mim, sexualidade, se você é homem ou mulher, alguma coisa assim, sei lá*
> **(Marcelo, 19 anos, 2º. EM, supletivo à distância)**

> *- Ah, sexo, eu acho que é o ato, sexualidade é… ai acho que tem alguma diferença, sim.*
> *- Você consegue explicar o que é?*
> *- Não. [….] sexualidade, não sei, prevenção, essas coisa…*
> *(Jorge, 17 anos, estagiário, 3º. EM, noturno)*

> *- Ah, sexualidade, não seria… escolha, não, né… tipo, ah, o que seria sexualidade? Não tô, agora… também agora fugiu da mente o que é sexualidade. Ah, sexo é, praticar, entendeu, sexo é sexo. Sexualidade, nossa, não sei falar o que que é sexualidade.*
> *- Mas você acha que são coisas diferentes…?*
> *- São.*
> **(Lucas, 17 anos, 2º. EM, Integral)**

Nos discursos de Marcelo, Jorge e Lucas é possível observar a concepção de sexo circunscrita ao ato em si, à penetração, enquanto a sexualidade é referida como algo inespecífico, embora apresentem alguma ideia de que ambas representem coisas distintas. Pode-se observar nos discursos de Marcelo e Lucas alguma referência à ideia de escolha ou identidade de gênero ao buscarem explicar a sexualidade.

Tal relação da concepção de sexualidade a uma ideia de opção sexual ou subjetividade de gênero também pode ser observada, de forma mais explícita, na fala de Pedro Paulo:

> *Sexo e sexualidade… Não, porque sexo é, tipo sexualidade, ah, não sei, tipo assim… que pra uma pessoa ter um sexo, ele vai e… (risos) ele vai querer fazer sexo também, ele tem a opção dele. Não é? […] Tipo uma pessoa, é, tipo… a pessoa quer ser, ah, viado, sei lá, homossexual. A opção dele é o que, é fazer sexo. Também, não é?*
> **(Pedro Paulo, 19 anos, autônomo, EF incompleto)**

É possível observar que, em seus discursos, Pedro Paulo, Marcelo e Lucas demonstram compreender sexo e sexualidade de forma distinta, por um lado, concebendo igualmente sexo enquanto prática, por outro lado, apresentam uma concepção de sexualidade que remete à ideia de escolha, ou, opção sexual.

A ideia de sexo enquanto ato, ou prática sexual persiste nas falas de Wagner e Agenor, enquanto sexualidade parece ser entendida por elas de forma mais ampla que nos discursos dos garotos apresentados anteriormente:

> *Sexo é o ato. Sexualidade é um estudo disso tudo aí.*
> **(Wagner, 16 anos, aprendiz, 1º. EM, noturno)**

> *Ah, sexo é… ixi, é o momento né, que você tá lá, sexualidade é tudo o que você tá falando, sobre aquilo…*
> **(Agenor, 16 anos, autônomo, 1º. EM, matutino)**

Apesar da aparente dificuldade em expressar de forma clara e objetiva suas concepções sobre sexualidade, Wagner e Agenor manifestam em seus discursos, uma

percepção mais ampla do termo, circunscrita ao universo da entrevista e relacionada às questões anteriores acerca de relacionamentos e práticas sexuais.

Já Gabriel e Leandro, por sua vez, além de identificarem diferenças entre sexo e sexualidade, apresentam uma concepção de sexo para além da prática, do ato sexual, como podemos observar nos excertos abaixo:

> *- Ah, acho que cada uma tem um significado diferente, né. Sexualidade é a… a opinião sexual da pessoa, né. Sexo é outra coisa, sei lá. Tem o fator sexo sem o amor, tem o fator sexo, né, que tem com amor, e tal. Não chama nem sexo né, só amor. Vou fazer um amor!*
> *- […] Faz-se amor com quem então?*
> *- Ah, com a pessoa que você ama… Que você namora […] sempre tem uma menina que você fica, entendeu, que, sei lá, você pega tipo, uma certa simpatia por ela, e tal, você passa a aprender a respeitar e gostar dela. Aí, sempre tem aquele clima, entendeu. É mais dahora.*
> **(Gabriel, 15 anos, 1º. EM, Manhã)**
>
> *Tem diferença, mas eu não sei explicar… sexo, no caso, seria tipo o amor, sabe, o encontro de duas pessoas, corpo a corpo. Sexualidade, eu não saberia te explicar. […] mas eu sei que tem uma diferença…*
> **(Leandro, 18 anos, estagiário, EM completo)**

Gabriel, assim como os garotos Lucas, Marcelo e Pedro Paulo, cujas falas foram apresentadas anteriormente, relaciona sexualidade a uma ideia de opção sexual. Porém, ao manifestar sua concepção acerca da palavra sexo, o discurso de Gabriel remete a duas formas de compreender o conceito, quais sejam: o sexo como ato, semelhante ao mencionado pelos entrevistados cujas falas foram apresentadas até então, ou seja, o sexo enquanto busca de prazer libidinal dado no individuo e em seu próprio corpo e a ideia de sexo como sinônimo de amor, sugerindo envolvimento afetivo entre os parceiros, e que pode ser representado pela expressão popular “fazer amor”.

No discurso de Leandro, embora ele não consiga expressar sua compreensão sobre sexualidade, apresenta uma concepção de sexo, como sinônimo de amor, semelhante à segunda definição apresentada por Gabriel. É possível, portanto, depreender de seus discursos que ambos remetem sexo à busca do prazer não apenas localizado no corpo do indivíduo, como prazer libidinal, mas sim ao prazer que se obtém na relação com a parceira, um prazer que se dá na troca, no encontro de duas pessoas, tendo por base o respeito e afetividade, o que se aproxima de uma definição de sexo mais tradicionalmente associada à concepção feminina. Nesse contexto,

podemos observar que os discursos desses garotos diferem dos tradicionais discursos masculinos, por se aproximarem de uma concepção mais romântica acerca das relações afetivo-sexuais, no caso, entre garotos e garotas. De acordo com Leal e Knauth (2006), os discursos femininos costumam se centrar na contextualização afetivo-romântica das suas relações, enquanto os masculinos enfocam a capacidade técnica-corporal para o desempenho do ato sexual, aparecendo despidos de expectativas românticas e pertencentes ao domínio da corporalidade.

5.3.2 Acerca das relações afetivas

O ficar, o namorar, entre outros

Concernente às relações afetivas, é possível identificar nos discursos dos garotos a expressão de formas diferenciadas de relacionamento entre os jovens que apresentam diversas nuances de comprometimento com as parceiras. Isto se dá à medida que existe maior ou menor envolvimento afetivo com elas, não implicando o que se entende como relacionamento afetivo somente ao que se refere à ideia do "namoro", uma relação mais estável, mas também ao "ficar", um relacionamento mais fluido, sem compromisso, também observado em diversos estudos, como o de Santos (2002).

A partir das narrativas de Jorge e Gabriel, acerca do tema, podemos observar a referência a tais tipos de experiências, usuais entre os jovens:

> *- Ah, eu não tenho muita experiência, [com garotas] entendeu […] Já tive namorada, já… Já namorei, já fiquei…*
> *- Que que é ficar?*
> *- Ficar é você dar uns beijos, só. Se rolar, rolou, se não rolar não rolou. E já era. Parte pra outra... Sem compromisso.*
> **(Gabriel, 15 anos, 1º. EM, Manhã)**
> *- Quando eu não tinha namorada, se pegasse menina pra mim era um privilégio, quanto mais melhor, né. […] agora eu namoro, então é tranquilo, nóis dois se dá super bem, conversa um com o outro. Nóis conversa de tudo.*
> *- […] Antes dela, então, você já teve outras namoradas?*
> *- Já, já tive, mais… umas três […]*
> *- E fora essas namoradas, teve outras meninas…?*

> *- Tive, eu saía, eu pegava […] Ah, pegar é, nóis saía e tal, tipo, só beijava as mina às vezes, assim, na balada, e tal, nos lugar que nóis ia… Beijava e pronto, saía fora.*
> **(Jorge, 17 anos, estagiário, 3º. EM, noturno)**

Em seus discursos, Jorge e Gabriel descrevem experiências conhecidas popularmente entre os jovens como "ficar" ou "pegar", a partir de uma ideia de relacionamento instantâneo, fortuito, efêmero e legitimado no ato de beijar. Em tal prática, aparentemente, não há uma intenção de compromisso ou de construção de um relacionamento íntimo e estável, assim como não necessariamente estaria envolvido o intercurso sexual. A partir do discurso de Jorge é possível depreender, ainda, a importância atribuída à quantidade de garotas com as quais se estabelece essa relação instantânea, em um dado período, conforme expresso pelo mesmo em sua afirmação "quanto mais, melhor".

Nesse sentido, as falas de Lucas e Agenor podem ser bastante representativas, reforçando a valoração atribuída à quantidade de tais experiências:

> *Ah, a menina olhava pra trás, assim, nóis [ele e os amigos] falava, gostou, vamo embora… aí nóis ia atrás das menina e ficava… Já cheguei a ficar com 16 meninas numa noite…*
> **(Lucas, 17 anos, 2º. EM, Integral)**

> *- antes [da namorada] era só casinho, só […] É, ficando, sabe? Mas não tem nada assim, de sexo, nada.[…] Três meses, no máximo […] Eu não fiz nada, mas ela quis terminar. Eu gostei dela pra caramba… foi diferente.*
> *- E antes desse casinho aí, teve mais alguma menina, ou não?*
> *- Ah teve (risos)… mas era só ficante só, mas não é nada, coisa de um dia só […] É que eu não andava com gente da minha idade, andava mais com meus tios […] aí a gente apostava, quem conseguia ficar com mais… [ficou com] Foi sete, na mesma festa [seu maior número].*
> **(Agenor, 16 anos, autônomo, 1º. EM, matutino)**

A quantidade das experiências do "pegar" ou "ficar", ocorridos numa mesma ocasião, quer seja uma noite, quer em eventos tradicionalmente conhecidos entre os jovens como festas ou "baladas", ganha valor num horizonte de sociabilidade, conforme pode ser observado nos discursos de Lucas e Agenor, acima apresentados, a partir de uma ideia de competitividade, inerente a tais práticas, no que se refere à maior quantidade de garotas que se consegue "pegar" ou "ficar". Daí que a quantidade de parceiras conseguidas em dado período pode representar superioridade para aquele garoto que, dentro de seu grupo de pares, tenha alcançado o maior

número, a exemplo do que ocorre quando são feitas apostas nesse sentido, como referido por Agenor.

Assim como outros tipos de brincadeiras e disputas que permeiam o universo masculino, enquanto "rituais" que colocam à prova a masculinidade e a heterossexualidade, conforme cita DaMatta (1997), as experiências do "pegar" e "ficar" podem propiciar, ainda, aos rapazes que conseguem se destacar e adquirir o *status* de superioridade nesse feito, um reconhecimento de sua masculinidade pelo grupo de pares, num horizonte de busca por um ideal de masculinidade hegemônica, sendo tal reconhecimento, segundo o autor, concretizado em referência às mulheres.

Todavia, pode-se observar, também no discurso de Agenor, a menção a outro tipo de experiência próxima à ideia do "ficar", porém apresentando um maior nível de envolvimento, nomeada por ele como "casinho". É possível depreender, neste caso, que o "ficar" pode ganhar contornos de uma experimentação que ocorre num contexto de busca por uma relação que se entende por afetiva, podendo evoluir para alguma espécie de compromisso, como no caso do namoro.

Nesse sentido, as falas de Wagner e Leandro são exemplares, ao demonstrarem uma ideia implícita de que o ficar pode envolver alguns critérios, algumas aproximações e estabelecimento de contatos prévios, como podemos observar nos fragmentos a seguir:

> *- Ah, eu era muito jovem antes dela, [da namorada] né, daí, aqueles namorinho né, teve um namorinho lá, de um mês... Mas eu era muito jovem, aí eu não considero, não.*
> *- […] E como é que era pra você esse ficar?*
> *- Ah tipo, não pegava qualquer uma, também, conhecia primeiro, tal, via se era legal, saía, às vezes… aí, se acabava rolando, eu ficava com ela… Ficava uma semana, duas semanas… Mas nada sério.*
> **(Wagner, 16 anos, aprendiz, 1º. EM, noturno)**

> *quando eu saio com bastante amigos, aí de vez em quando vem um grupo de garotas, aí a gente fica de vez em quando […] eu procuro conhecer mais, porque, eu não sei assim, como ela é, e eu procuro, sempre,um relacionamento sério, eu não gosto só de ficar só ficando […] aí eu procuro, tipo, conhecer… um mês, basicamente, as meninas que eu namorei, eu conheci bastante antes de ficar com elas. Eu procuro primeiro ser amigo, sabe... não gosto, tipo, de ver uma menina ali e ô! quer ficar comigo? Não. Eu prefiro conhecer primeiro, virar amigo… aí se der certo, legal, se não der, eu já sou amigo dela.*
> **(Leandro, 18 anos, estagiário, EM completo)**

Wagner e Leandro expressam em seus discursos, a preferência por buscar conhecer a garota antes do ato de "ficar", propriamente dito. Como Leandro manifesta preferir buscar um relacionamento estável, valoriza ainda o estabelecimento de uma amizade, antes mesmo de acontecer o momento de ficar. Assim, podemos observar que o "ficar" ou "pegar" pode ser dotado de dois tipos de significados, quer seja envolvendo uma importância mais quantitativa, num âmbito de competitividade e de prova à masculinidade, quer seja no universo das experimentações que podem levar a um relacionamento mais afetivo, possibilitando uma manutenção do "ficar", com a mesma parceira, por algum período que se estenda no tempo, podendo até mesmo evoluir para um relacionamento mais característico em termos de envolvimento de afetividade e compromisso, como é o caso do namoro.

Acerca desse tipo de envolvimento mais afetivo, as falas de Alexandre e Gabriel podem ser bastante ilustrativas:

> *Já, tive namorada […] Dois anos [ficaram juntos]… aconteceu muita coisa, a mina tava do meu lado! Dahora. Mina firmeza… Só que aí depois nunca mais cosegui arrumar uma mulher igual a ela, entendeu? Tem mina que você namora, que, não vira. Larguei duma mina esses dia aí, porque, sei lá, a mentalidade dela é muito de criança. Gosto de mina mais velha […] não é uma mina que você vai ter que ficar rezando o be-a-bá. Uma mina assim, que, você tá curtindo o momento junto com ela, e ela já sabe se envolver com você […] até as conversa muda, entendeu. […] Você tem como, um dia, que você tiver bravo, alguma coisa que aconteceu, você chegar e conversar. Você tem uma pessoa ali perto… também pra te ouvir, te aconselhar numa coisa boa.*
> **(Gabriel, 15 anos, 1º. EM, Manhã)**

> *Ah, eu tive duas namoradas […] A que fiquei um ano foi a primeira, nossa, até chorei por ela quando nóis terminou, foi mó fita [situação constrangedora]…. Eu tinha 16 […] Já tinha beijado, né, as meninas, mas, nunca tive uma relação. Com ela foi a primeira vez. E ela também era virgem, já era, gamei! […] foi outra coisa, né… primeira namorada! Até hoje eu passo na rua, vejo ela, fico… putz! [indignação]*
> **(Alexandre, 18 anos, autônomo, EM incompleto)**

Nos discursos de Gabriel e Alexandre é possível identificar, na construção de um namoro, que se configura num relacionamento mais estável, duradouro e com envolvimento de afeto, a importância que se confere ao diálogo, no sentido de proporcionar a oportunidade de troca de experiências não apenas com rapazes, entre o grupo de pares, mas com as garotas com quem possuam um envolvimento afetivo.

A valorização de tal diálogo se configura, também, na possibilidade de conversar acerca de qualquer tipo de assunto de modo livre de julgamentos, pressões ou cobranças, que poderiam ser exercidas por outros interlocutores, e ainda, encontrar compreensão como pode ser observado na expressão de Gabriel, "você tem uma pessoa ali perto, também pra te ouvir, pra te aconselhar numa coisa boa".

Alexandre expressa, ainda, uma importância que atribui ao fato de que sua primeira experiência sexual tenha sido com a namorada, igualmente virgem. Tal fato pode apontar para um possível (re)significado que pode ganhar a primeira experiência sexual, a "primeira vez", não apenas para garotas, como é tradicionalmente compreendido, mas também, para meninos que em outras épocas buscavam, ou eram levados, à mulheres mais experientes, ou prostitutas, para terem suas primeiras experiências sexuais, como será discutido em item posterior (5.3.3).

Porém, para o estabelecimento do namoro, enquanto relacionamento mais estável e duradouro há que se fazer algumas renúncias, tal como ilustra a fala de Lucas, descrita abaixo:

> *Eu era muito assim, antes, eu ficava por ficar... mas, se eu gosto da menina, eu agora eu to procurando ficar com a menina, entendeu […] as meninas que eu fico, tipo, eu fico mais tempo com elas, sabe, aí começo a ficar mais sério […] é difícil achar uma certa, sabe. Tipo, você acha muita mina que dá certo com você e que vocês são legal junto, rola química, mas é uma mina que você, pra namorar, tem que ter muita confiança. E aí você tem que gostar de verdade, porque você vai tá trocando todas por ela, entendeu… Porque aí não compensa, entrar numa relação, pra você trair a menina depois. Então, tem que te satisfazer do jeito que você gosta…*
> **(Lucas, 17 anos, 2º. EM, Integral)**

Em seu discurso, Lucas remete a uma questão importante quando se trata de estabelecimento de laços afetivos e de compromisso, qual seja, a fidelidade, que se constitui na renúncia da pluralidade de experiências tal como elucida sua fala: "porque você vai tá trocando todas por ela". Pode-se identificar, também, na sequencia de sua fala, outra forma de renúncia, conforme descrição abaixo:

> *Acho que quando eu era menor, era até mais fácil, eu era mais descolado do que eu sou agora… eu era mais popularzinho […] quando eu perdi o BV [virgindade de boca], eu já ficava com bastante menina. […] mas aí, depois disso, peguei até fama de galinha… no começo era bom, mas depois de um tempo, as meninas que eram legais, que eu não consigo sair com essas menininhas assim… eu gosto de*

> *mina quieta, tal, aí, as meninas que eram assim, elas não ficavam comigo, por causa que eu tinha fama. Aí eu parei, até ser esquecido pela humanidade que eu era bem conhecido, vô ficar mais de boa agora* **(Lucas, 17 anos, 2º. EM, Integral)**

É possível inferir, a partir de seu discurso, que Lucas aparenta renunciar também ao *status* de superioridade quanto à afirmação de um ideal de masculinidade e heterossexualidade, adquirido através da máxima experimentação no que se refere à conquista de parceiras. Em detrimento de tal *status,* Lucas manifesta uma mudança de comportamento, visando o estabelecimento de relacionamentos mais sérios e duradouros, a partir de um envolvimento afetivo.

De acordo com Carlos et. al. (2010), o conceito de amor líquido, de Bauman, pode propiciar um entendimento das modalidades de relacionamento do ficar e do pegar, inseridas na "instabilidade da pós-modernidade" (p.3), pela efemeridade e a característica de descartável. Segundo as autoras, a argumentação do amor líquido como consumo, em que a experiência amorosa passa ser vista como mercadoria, pode ser utilizada para explicar as experiências amorosas dos jovens na contemporaneidade, assim como as relatadas pelos garotos entrevistados, que expressam a ideia do "quanto mais, melhor".

Contudo, o namoro, segundo Carlos et. al. (2010), pode ser analisado sob a perspectiva do amor confluente, proposta por Guiddens, que se baseia na "abertura de um em relação ao outro, tendo respaldo, sobretudo, na intimidade" (p. 5), configurando uma busca, não pela pessoa ideal, mas pelo relacionamento ideal. Tal concepção do amor, segundo os autores, está fundamentada numa maior igualdade entre os sexos, tal como pudemos observar nas falas de alguns dos garotos entrevistados, quando do relato de suas experiências de namoro.

Sobre o beijar

A fala de Lucas, apresentada anteriormente, faz menção à expressão "BV", comum entre os jovens de hoje em dia, significando a "boca virgem", ou seja, aquela pessoa que ainda não teve a experiência do primeiro beijo. Como foi possível identificar em algumas falas apresentadas até então, o beijo parece adquirir

importância no universo das relações afetivas entre os jovens, como podemos observar ainda na narrativa de Lucas:

> *Foi estranho [o primeiro beijo], não, foi bom, mas, se a menina não tivesse me beijado, eu não tinha beijado ela… O primeiro beijo foi muito mais tenso que a primeira vez, sei lá, eu tinha muito medo […] Eu perdi [a virgindade do beijo] até bem tarde, eu perdi com uns 13, 14 anos, eu acho. Se alguém fala que foi tarde, eu falo que eu aproveitei a minha infância, não sou que nem essas crianças de hoje […] ah, e depois sua cabeça muda, depois que você perde o BV, sua personalidade muda também…*
> **(Lucas, 17 anos, 2º. EM, Integral)**

O discurso de Lucas sugere a existência de uma expectativa em relação à experiência do primeiro beijo, o que nos possibilita depreender a importância atribuída a tal experiência enquanto significativa da própria transição característica da fase chamada adolescência. Para esse garoto, a experiência do primeiro beijo parece assemelhar-se à experiência da primeira relação sexual, implicando o lugar de importância que tais momentos vêm assumindo no discurso dos garotos, o que costumava ocorrer de modo mais significativo entre as meninas.

Porém, se para alguns garotos tais momentos se fazem importantes, para outros, como é possível perceber a partir das narrativas de Pedro Paulo e Gabriel, esses momentos não adquirem igual relevância:

> *- ah, a primeira [namorada], não lembro, nem sei quem foi a primeira, (risos) não lembro… Faz tempo! Ah, falar pra você, com 12, 13, eu já…*
> *- Mas, era só namorinho, ou já tava…?*
> *- Ah… (risos) já tava transando.*
> **(Pedro Paulo, 19 anos, autônomo, EF incompleto)**

> *- Primeira vez, [que beijou] nossa! Acho que eu tinha uns 11 anos… A mina já tinha uns 15 já […] Comecei cedo… Fora as amiga da minha irmã que ia lá, ainda.*
> *- e o que rolava com as amiga da sua irmã?*
> *- Ah, passada de mão, só… uns beijo, pouca coisa, nem sabia beija direito […] é que você começa novo. Molecadinha, na rua, se você fica o dia inteiro na rua você aprende muita coisa, ouve muita coisa.*
> **(Gabriel, 15 anos, 1º. EM, Manhã)**

As experiências descritas no discurso de Pedro Paulo têm um caráter inespecífico, sendo que ele refere não se lembrar do primeiro beijo, e, tampouco, da primeira relação sexual, o que possibilita uma compreensão de que há experiências e aprendizados que tanto antecedem, como se mesclam a esses momentos

determinados, o que se aproxima das experiências descritas no discurso de Gabriel ao referir-se às amigas da irmã. Este último, portanto, traz à tona experiências costumeiras entre alguns meninos no que se refere ao aprendizado da sexualidade, como espécies de brincadeiras de conotação sexual, que podem envolver beijos, abraços e carícias, trocadas geralmente com meninas que frequentem os mesmos ambientes, seja a escola ou a própria casa do garoto, tal como as amigas da irmã, supracitadas. Tal interpretação vai ao encontro do discutido por Olavarría (1999), quando afirma que esse tipo de jogo, que envolve o aprendizado da sexualidade na adolescência pode ser dar, não somente com namoradas, mas pessoas próximas, como amigas ou mesmo vizinhas.

Assim, podemos observar que, num contexto de transição, de busca por experiências significativas de passagem a uma etapa posterior, algumas dessas experiências podem ocorrer de forma lúdica, em que jogos típicos de uma fase de experimentação do próprio corpo, e da relação com o outro, são comuns, propiciando um rito de passagem, sem valor específico nele mesmo, ou seja, uma iniciação não tão demarcada ao mundo dos relacionamentos afetivo-sexuais.

5.3.3 Acerca das relações sexuais

A primeira experiência sexual se configura, tradicionalmente, como um momento importante dessa etapa de vida dos garotos, sendo possível observar sua relevância em seus discursos. Nesse sentido, a fala de Lucas é elucidativa:

> *- Você perde a inocência [depois da primeira vez], o mundo se abre, sabe… você não vê tanta possibilidade de fazer algumas coisas antes, depois você vê mais as indireta… Todo mundo sabe que você não é mais virgem… menina, isso é verdade, tenho certeza. Existe uma mina antes, uma menina quando ela é virgem e outra menina quando ela não é mais virgem. Ela muda o jeito dela […] O menino eu não acho tanto, já quer pagar de experiente, antes de ser […] as mina, não é que elas mudam, ficam diferente no jeito delas, são as mesmas meninas, mas, o jeito de conversar é diferente, o jeito que elas pensam são diferente […] A mudança não é tanta, assim, que os pais percebam, mas os amigos que conversam, mesmo, com a pessoa, sabe o íntimo, assim, percebe.*
> **(Lucas, 17 anos, 2º. EM, Integral)**

Em seu discurso, Lucas refere uma percepção sobre as mudanças ocorridas em garotos e garotas após a vivência da primeira relação sexual, que podem proporcionar aos jovens transformações em seus comportamentos impulsionadas pela chamada "perda da inocência". Para Lucas, tais transformações podem ser mais facilmente observadas em garotas que em garotos, visto que para elas, a experiência lhes confere certa maturidade, alterando, inclusive seus comportamentos, enquanto que para os garotos, o evento representa o começo de um novo ciclo, de forma que os mesmos tendem a afirmar aos outros que já possuem experiências, muito embora não as tenham vivido.

Tal observação vai ao encontro do que discutem Leal e Knauth (2006) quando afirmam que a primeira relação sexual masculina é pensada pelos rapazes como um "momento de aquisição de conhecimento, domínio de uma técnica corporal, passagem à vida adulta e um momento crucial de instauração do ser homem" (p. 1382). Segundo as autoras, não se trata, portanto, de um evento isolado, mas constitui parte de um processo através do qual, fundamentalmente, o jovem ingressa na fase adulta da vida.

Tal fato pode estar relacionado às expectativas colocadas, ainda, aos garotos, em nossa sociedade, no sentido de afirmação de masculinidade a partir de uma iniciação sexual precoce, o que pode configurar um conflito, como ilustram as falas de Leandro e Agenor, descritas abaixo:

> *Conforme a mudança de idade, […] conforme você vai crescendo, você vai tendo outras ideias, ainda mais, quando, hoje em dia, que, todo mundo quer perder a virgindade logo. Que nem, meu irmão tem 15 anos, direto ele fica me perguntando, como que é, como vai ser, que que ele deve fazer… eu falo, calma mano, deixa rolar lá (risos) […] eu aconselharia, assim, todo mundo a arrumar a namorada, sabe, esperar um tempo, não ir muito assim direto como diz meu pai, com muita sede ao pote… sei lá, conversar bastante, pra ter certeza do que tá fazendo. Eu acho que seria melhor se todo mundo fizesse isso, sabe […] porque é uma coisa assim, que você, tipo, vai perder uma vez só. Então, tem que ser direito…*
> **(Leandro, 18 anos, estagiário, EM completo)**
>
> *- É que eu… não andava com gente da minha idade, andava mais com meus tios […] mas, aí, quando eles, saía pra pegar as mulher, sabe, pegar e fazer sexo, assim, eu… não ia não, porque eu tinha meio medo.*
> *- […] Mas eles sabiam, seus tios sabiam que você não tinham feito?*
> *- É, eles zuavam. Eles ficavam tirando sarro […] eu não queria. Queria uma coisa mais, tipo, é uma coisa que eu queria, mas, só que minha*

> *mãe falava pra mim [...] que o dia que eu fosse perder, sabe, a virgindade, pra perder com uma pessoa que eu lembrasse.*
> **(Agenor, 16 anos, autônomo, 1º. EM, matutino)**

Em seus discursos, Leandro e Agenor referem, de modo geral, alguma ansiedade que envolve a expectativa da primeira relação sexual, bem como a existência de alguma pressão exercida pelo grupo de pares no sentido de uma cobrança para seu início precoce. Leandro menciona a busca de seu irmão, enquanto Agenor relata a atitude dos tios que, a partir de brincadeiras e piadas, cobram-lhe sua iniciação sexual, inscrevendo a emergência da experiência, enquanto afirmação da masculinidade, num horizonte das tradições herdadas do patriarcado.

Porém, também é possível observar, em seus discursos, que os próprios adolescentes parecem identificar a precocidade com que ocorrem algumas dessas experiências, o que aponta para uma atitude de resistência a tais pressões sociais. Para os rapazes, a primeira experiência pode ganhar um significado especial no sentido da necessidade, que expressam, de adiar a experiência de modo que seja possível ponderar a partir de alguns critérios que possibilitem o delineamento de uma primeira experiência mais prazerosa e agradável. O que, novamente, nos leva a observar que as ressignificações das experiências vividas pelos jovens rapazes, hoje em dia, os aproxima em termos de gênero, de valores mais alinhados aos valores mais tradicionalmente atribuídos à esfera feminina.

Nesse sentido, vale ressaltar a importância que parece adquirir o papel dos mais velhos, enquanto mais experientes, como é o caso de Leandro, com 18 anos, enquanto referência de experiência para seu irmão de 15 anos e de Agenor que, a despeito da cobrança exercida pelos tios, tem por referência a mãe, que o orienta em relação em busca de uma experiência mais significativa e menos mecânica, aproximando-se a uma ideia de consciência e respeito para com o próprio corpo, com a própria saúde e também para com a parceira.

Sobre a iniciação sexual

A respeito das primeiras experiências sexuais dos entrevistados, podemos notar que podem ocorrer em contextos diversos, bem como com parceiras com as

quais se se estabelece diferentes níveis de envolvimento. Acerca da iniciação sexual num contexto de relacionamento afetivo já estabelecido como o namoro, as falas de Leandro, Alexandre e Agenor são exemplares:

> *- Eu perdi minha virgindade o ano passado, com minha namorada. […] Foi num motel, meu pai emprestou o carro pra mim, mesmo sendo de menor… aí chegou lá, a gente foi deixando rolar, não foi assim, sabe, tipo, cai na cama e já era… foi indo…*
> *- então, você já tinha meio que planejado, então…?*
> *- É. Já… a gente foi conversando. Eu e ela conversamos bastante, aí a gente marcou, tipo, vamos tentar, né. Ela também era virgem […] Aí chegou lá… Aconteceu naturalmente. [estavam juntos há] Cinco meses.*
> **(Leandro, 18 anos, estagiário, EM completo)**
>
> *[a primeira vez] Foi bom, hein! Nossa! Meu Deus, não tem coisa melhor! Sério! Eu pensei que ia ser muito rápido, mas, demorou um pouco, deu pra curti muito! Até no outro dia, ficava parando o momento, ficava relembrando […] Eu tinha 16… foi com o tempo, né… Cansamos de só ficar se beijando, um tocando o outro […]hoje ela tem 18… Ela ficava pesando na minha [enchendo o saco] perguntando se eu era virgem mesmo, e se eu não fosse virgem ela não ia perder a virgindade dela comigo. Daí, na hora, eu falei assim pra ela, não, você vai ver que eu sou virgem, eu não sei fazê o baguio [bagulho] direito… Você também vai tê que fazê, mano. É!*
> **(Alexandre, 18 anos, autônomo, EM incompleto)**
>
> *- [a primeira vez] Ah! Foi bom! (risos)… foi o ano passado, com minha namorada […] eu não esperava né, porque a gente foi com um mês […] a gente nem tinha conversado nada. Ela também era virgem.*
> *- Mas você sabia que ela era virgem?*
> *- Eu nunca tinha perguntado.*
> *- E como você descobriu?*
> *- No papel higiênico, né. Tava vermelho […] Aí depois gente conversou, ela falou que era, no outro dia. A gente começou a conversar né, que e era uma coisa nova pra nóis…*
> **(Agenor, 16 anos, autônomo, 1º. EM, matutino)**

Podemos observar, nos discursos acima apresentados, que a iniciação sexual ou primeira vez embora seja esperada quando num contexto de namoro, nem sempre ocorre de forma planejada. Assim, enquanto no discurso de Leandro há uma manifestação de uma preocupação especial com a primeira vez, sua e da companheira, o discurso de Alexandre refere certa progressão em termos de tempo de relacionamento e experiências vividas, a partir de beijos e toques, que levam naturalmente para a ocasião da primeira vez. Já o discurso de Agenor remete a um contexto de casualidade, embora previsível, sendo que ambos nem mesmo haviam conversado sobre o tema, até porque o relacionamento era recente.

Vale ressaltar o fato de que esses rapazes tiveram suas primeiras experiências com parceiras igualmente virgens, o que parece adquirir um significado para eles, juntamente com a importância atribuída ao diálogo e confidências íntimas que alicerçam a relação e o significado da primeira vez. Alexandre, em seu discurso, menciona ainda a postura da namorada em cobrar-lhe a virgindade, uma atitude mais tradicionalmente usual entre os homens, enquanto exercício de controle sobre a sexualidade da mulher.

Outros rapazes, como Wagner, Lucas e Jorge apresentam relatos de primeiras experiências sexuais com companheiras com quem possuíam algum nível de envolvimento, mas que não configurava uma situação de namoro, conforme podemos observar nos trechos a seguir:

> *- Você pode me contar um pouco como foi sua primeira relação sexual?*
> *- Foi num banheiro. (risos) nojento, né... mas tava limpo, pelo menos. Era escuro, [banheiro] da casa da prima dela [...] Foi com uma amiga. [...] Eu tinha 14... ela, 14.*
> *- Também. Foi a primeira dela?*
> *- Não, que ela tinha namorado. (risos)*
> **(Wagner, 16 anos, aprendiz, 1º. EM, noturno)**

> *- Ah, nossa... eu tive duas primeiras vez... (risos) Não, é que, tipo, teve a primeira, que eu não considerei tanto que eu perdi a virgindade, entendeu, que eu não cheguei a acabar a relação, tipo...*
> *- Não foi até o fim?*
> *- Isso aí. Ela, minha amiga, né (risos). [...] a gente chegou a começar, mas... e ela não era mais [virgem] também, então, foi mais de boa, se ela fosse virgem ia ser mais tenso... Meu pai ia chegar lá, aí a gente não chegou a terminar. Depois de um tempo eu comecei a ficar com outra menina, que eu considerei que foi a segunda vez que eu perdi a virgindade, que ela eu cheguei a terminar, cheguei a fazer de novo.*
> **(Lucas, 17 anos, 2º. EM, Integral)**

> *Eu tinha 14 [...] Ah, ela já não era [virgem], acho que tinha 15. Ah, mas sabia, era bem rodadinha! Fazer o que, eu não podia ir com alguém que nem eu, eu não ia saber muita coisa, nem por onde começar, né.*
> **(Jorge, 17 anos, estagiário, 3º. EM, noturno)**

Podemos observar, nos discursos de Wagner e de Lucas, surgimento da figura da amiga, não apenas como parceira sexual, mas como a pessoa mais experiente, – embora não mais velha em idade – que propicia ao garoto a iniciação no mundo das experiências sexuais. Tal observação vai ao encontro do que discutem Santos et. al. (2002), de que a iniciação sexual masculina costuma ocorrer com uma mulher mais

velha, porém, ganha relevância não a idade em si, mas a experiência sexual prévia que pode proporcionar ao jovem a aquisição das habilidades sexuais e o aprendizado do sexo.

Em todos os discursos acima apresentados, podemos observar a referência ao espaço da casa como um local bastante comum para a ocorrência das experiências sexuais entre os jovens, bem como a informalidade das situações em que acontecem tais experiências, o que pode ilustrar a iniciação sexual ocorrendo mais pela oportunidade, do que por um planejamento.

E ainda, há a narrativa de Gabriel, que ilustra uma prática tradicional de iniciação sexual para os garotos, ainda vigente em nossa sociedade:

> *- Ah, perdi [a virgindade] na zona [cita o nome do lugar]. Tinha… eu ia fazer 13 anos, no dia do meu aniversário.*
> *- Foi presente de aniversário?*
> *- Foi. Os moleque juntou um dinheiro. Aí, nóis foi de fuscão. Só de menor dentro do fusca! Ninguém tinha carta! Fuscão caindo aos pedaço, mas foi. [...] Nóis tinha entrado dentro duma goma [casa], e pegamo muito ouro de dentro da goma [referência à prática de furto]. Várias correntinha. Nóis vendeu tudo e nóis foi pra zona. Gastamo tudinho lá [...] Ah, foi dahora. Sensação estranha. Primeira vez é estranho pra caraio, você nem curte. Ainda mais menina de zona. Fui uma vez só e me arrependo… não queria ir não. Nada como você catá uma menina, assim, que você tá namorando, você dá uns beijo, você sentir prazer junto com ela, e não a menina que você tá pagando pra você ter prazer. Não vira.*
> **(Gabriel, 15 anos, 1º. EM, Manhã)**

Gabriel relata uma primeira experiência sexual com uma profissional do sexo, porém, em seu discurso refere não considerar como positiva tal experiência, expressando arrependimento e mencionando a preferência por experiências com envolvimento de afeto, semelhantes às descritas anteriormente por Alexandre, Agenor e Leandro.

Portanto, a partir do discurso de Gabriel podemos observar que experiências de iniciação sexual com profissionais, como práticas tradicionais no mundo da masculinidade ainda ocorrem, notadamente no Brasil, assim como apresentado por Leal e Knauth (2006). Porém, este padrão de relacionamento entre homens e mulheres, embasado num modelo de masculinidade hegemônica, vem perdendo espaço entre os jovens, especialmente em função de uma valorização de experiências vivenciadas com companheiras de idades mais próximas, mesmo que mais

experientes, parecendo haver uma busca, por parte dos garotos para experiências sexuais mais dotadas de significado e de envolvimento afetivo, como parece ser o caso de Gabriel.

Sobre as vivências

A respeito das vivências posteriores à primeira relação sexual, podemos observar que para alguns garotos, como Wagner e Lucas, houve a recorrência da mesma parceira, apesar de não haver um relacionamento estabelecido:

> *- E depois dela [a garota da primeira vez], Tiveram outras?*
> *- Tiveram outras, também. Daí, teve uma vez, que ela [mesma garota], recentemente, que ela tá grávida agora, 16 anos, mas é do namorado dela! Não tive culpa! (risos) Mesmo dois meses grávida, aconteceu…*
> **(Wagner, 16 anos, aprendiz, 1º. EM, noturno)**

> *- Ah, depois das duas [garotas com quem teve a primeira vez], deixa eu ver, ah, depende do que é sexo, entendeu, tipo, tem coisa que é chamada de sexo, mas não é como sexo, tipo, sei lá, oral por exemplo, é considerado sexo?*
> *- Que que você acha?*
> *- Ah, tipo, é considerado sexo, mas, eu não falaria que, a mina fez isso comigo, eu não falaria, tipo, nossa, fiz sexo com ela, entendeu… Porque se for, assim, acho que eu já fiz com umas sete. Mas, normal mesmo, Foram quatro, três… eu tenho que pensar se é sexo mesmo, entendeu. Nem tudo o que começa, é.*
> **(Lucas, 17 anos, 2º. EM, Integral**

Em seus discursos, Wagner e Lucas referem a continuidade das experiências sexuais com as mesmas parceiras com quem vivenciaram a chamada primeira vez. Porém, não há o estabelecimento de um relacionamento e tampouco de fidelidade, visto que ambos referem outras experiências. Lucas demonstra dúvida ao tentar afirmar o número de parceiras com quem experimentou o sexo devido à dificuldade em definir o próprio conceito de sexo, o que descortina uma variedade de práticas possíveis nesse âmbito, nem sempre reconhecidas como tal.

Outros entrevistados como Marcelo, Pedro Paulo e Wagner, trazem à tona em suas narrativas, circunstâncias em que a prática sexual ocorre de modo mais casual:

> *- Então, hoje eu tô casado… quase. Mas antes, né, ah, eu gostava de sair, assim, uma noite, né. Gostava de fazer sexo casual assim, sem sentimento nenhum. Já namorei bastante. Mas [...] uma vez que eu*

> *namorei eu fui traído, não funcionou, então não quis mais namorar, só saía com as meninas, só por sair, só. Sem compromisso. Sexo casual.*
> **(Marcelo, 19 anos, 2º. EM, supletivo à distância)**

> *- Nossa! [antes de casar] Eu era perdido… vou falar pra você (risos) […] eu saía na sexta, voltava no domingo. Ia pra festa, ia curtir, mano, ia pra chácara, ficava dois dia na chácara, curtindo lá, churrasco […] Minha mãe ficava doida (risos). Três dias na rua! Agora não, tô tranquilo, trabalho, suave, agora não faço mais isso não […]*
> *- Mas, namoradas, mesmo, de ficar mais de tempo, você teve mais?*
> *- Não essa foi a única, só […] Ah, [as outras], era meninas aí, sabe, que você sai, assim, fica e depois já era. Era isso só, eu não era de namorar, não, só ficava, no rolê, só.*
> *- E aí, se rolava de transar, rolava...?*
> *- Ah, sempre! Sempre rolava […] Nossa, eu vou falar a verdade, quando eu saia, era muita bagunça! É, putaria… esses negócio aí, tudo.*
> *- […] Tipo o que, você chama de putaria, o que que rolava?*
> *- Nossa… Ah, tudo! Tudo, mina sem ropa, é… teve uma chácara que teve que as menina ficou nadando tudo pelada, lá…*
> **(Pedro Paulo, 19 anos, autônomo, EF incompleto)**

> *- uma vez a gente foi pra uma festa numa chácara… muitos não levam, [camisinha] né, daí agente acabou pegando bastante, deixou lá: ó, se precisar, tem!*
> *- [...] e essa festa em chácara, como é que acontece, o que que rola?*
> *- Ah, normalmente bebida. Sempre tem algum amigo que usa droga, é inevitável, tipo, acho a pessoa legal, mas o cara tá no mundo da droga. Maconha, cocaína, lança perfume, essas daí [mais comuns] […] Tipo, as vezes é aniversário dum cara, ah, vamo fazê na chácara. Às vezes alguém tem, às vezes aluga. Daí, a gente reúne todo mundo, junta dinheiro, compra, às vezes cada um leva. Fala assim, leva carne e bebida. Ninguém come! Não vô levar carne, véio! Daí vai tudo pra bebida. Às vezes conhece pessoas lá, fica conversando, acaba rolando.*
> **(Wagner, 16 anos, aprendiz, 1º. EM, noturno)**

Marcelo refere, em seu discurso, a prática de sexo casual e esporádico, enquanto Pedro Paulo traça um cenário de um ambiente em que é facilitada a prática do sexo casual livre e espontaneamente, complementado pelo discurso de Wagner que também refere tais elementos. Em seus discursos, podemos observar que a chácara figura como espaço em que ocorrem festas, em que é possível conhecer pessoas para um eventual intercurso sexual. Wagner relata o uso de bebida alcoólica e drogas, ilustrando a fala anterior de Pedro Paulo, acerca de “muita bagunça”

.

5.4 O LUGAR DA SAÚDE SEXUAL E DA SAÚDE REPRODUTIVA NO UNIVERSO ADOLESCENTE

Já sei namorar
Já sei beijar de língua
Agora só me resta sonhar
Já sei aonde ir
Já sei onde ficar
Agora só me falta sair
(Tribalistas - Já sei namorar, compositores: M. Monte, C. Brown, A. Antunes)

5.4.1 Sobre gravidez na adolescência e seus significados

Para buscar compreender a gravidez na adolescência e suas implicações se faz necessário reconhecer a complexidade do fenômeno e seu caráter multideterminado que envolve aspectos psicológicos, sociais e históricos, como referem Dias e Teixeira (2010). Há que ser questionado qual é o lugar do adolescente na sociedade contemporânea e de que modo essa sociedade permite compreender sua sexualidade e suas necessidades no campo da saúde e também, de que modo viabiliza espaços de discussões acerca de seus direitos sexuais e reprodutivos.

Ao abordamos a questão da gravidez na adolescência com os garotos entrevistados, o amplo significado que tal questão apresenta para a vida de jovens, garotos e garotas, no mundo contemporâneo pode ser observada, a exemplo das narrativas de Leandro, Wagner e Alexandre, abaixo apresentadas:

> *- ...uma gravidez nessa fase da vida, como é que você vê isso?*
> *- Ah, eu acho que foi, tipo, uma vida toda, não vou dizer, assim, jogada fora, mas tipo, como a criança precisa de cuidados, precisa de atenção e você vai parar de estudar, porque vai ter que cuidar daquela criança, você não vai mais poder mais sair, digamos que você não vai poder mais curtir a vida, porque se for uma pessoa responsável, você não vai deixar o filho com sua mãe, pra poder sair. Então, assim, você perdeu toda sua juventude, por um escorregão, que você podia ter prevenido.*
> **(Leandro, 18 anos, estagiário, EM completo)**

> *Ah, minha mãe teve filho cedo... ficou com 16 grávida, 17 eu nasci e eu acho que ela se privou de muitas coisas que ela podia ter feito. Não é uma idade boa pra você ter um filho. Então, se cuidar é sempre bom.*
> **(Wagner, 16 anos, aprendiz, 1º. EM, noturno)**

> *Ah, tem que carregar mó B.O. [referência a Boletim de Ocorrência, utilizado na gíria como significando problema] nas costa, nossa! Tem*

> *que mudar tudo, atrasa até o lado do estudo. Vixi, é foda! Igual, meu irmão engravidou a mulher dele, ele tava com 19... Ele falou pra mim [...] menos de 4 meses tem que alugar uma casa. Foi foda, hein! [...] muda tudo os ritmo. Até o jeito de pensar, já tem que pensar nele, na mulher e mais um, né, a família inteira. É, mano, não é fácil não!*
> **(Alexandre, 18 anos, autônomo, EM incompleto)**

Em seus discursos, Leandro, Wagner e Alexandre apresentam uma concepção de que a gravidez nessa fase da vida pode representar interrupção ou adiamento de um projeto de vida, identificada por eles especialmente em relação à interrupção dos estudos ou dificuldade de sua conclusão. A necessidade de assumir uma responsabilidade não é esperada nesse período emerge diante da percepção acerca das grandes mudanças que podem ocorrer no próprio modo de vida, tendo o jovem que assumir a paternidade e os cuidados com uma criança, bem como com uma família que passa a ser constituída. Wagner e Alexandre, sobretudo, baseiam seus discursos em experiências vividas por familiares: a mãe e o irmão respectivamente.

Diante do contexto de interrupção de projetos de vida e assunção de responsabilidade, Leandro e Wagner fazem referência, mesmo que implicitamente, a interrupção e perda da própria juventude, enquanto uma fase da de experimentação, aprendizado e curtição, de modo que seus discursos apontam para uma ideia de contracepção. Podemos observar, portanto, que a gravidez na adolescência, além de se configurar como questão para a saúde pública, também se constitui como tal no campo social e individual de jovens garotos e garotas, dadas a implicações para os próprios projetos de vida dos adolescentes.

Se, por um lado, as narrativas apresentadas se referem às perdas e interrupções que implicam a gravidez na adolescência e apontam para uma ideia de contracepção. Por outro lado, as falas de Lucas, Gabriel e Jorge revelam um olhar que relativiza a contracepção, como pode ser observado nos excertos a seguir:

> *- O que você acha de gravidez nessa fase da vida?*
> *- Ah, é uma coisa... que, tipo, é evitável. Mas, tipo, ah, até é compreensível às vezes, entendeu.*
> *- Compreensível?*
> *- Pode ser. Ah, tipo, por eu já ter passado por uma dessa [a camisinha estourar], eu penso que nem sempre é por irresponsabilidade, entendeu, e eu por ter pensado nisso, eu sei que... é uma coisa que se acontecer tem que acontecer, não tem o que mudar depois. Tem que enfrentar, sei lá.*
> **(Lucas, 17 anos, 2º. EM, Integral)**

> *Gravidez, ah, depende da situação, né… que nem, se eu quiser ter um filho eu quero ter quando eu já tiver bem… ter um lugar pra mim ficar, ter um dinheiro pra mim poder sustentar o filho, porque eu não quero ter um filho, também, que cresce naquela dificuldade, eu quero dá todo o lazer que eu tive também. Sei lá, se não tiver nada é bem complicado.*
> **(Jorge, 17 anos, estagiário, 3º. EM, noturno)**

> *Se uma menina falar assim, eu tô grávida de você e tal, eu falava assim, tudo bem, então... ia dar todo meu apoio, tudo o que meu pai não me deu e tudo que meu pai não fez pra mim eu vou fazer pro meu filho ou pra minha filha, o que vir, tá bom. Vindo com saúde… nossa! Já tá bom. [...] Mas, dependendo da mina também, né, se for uma mina da hora até que dá pra você compreender mais. Qualquer coisa dá pra você voltar com a mina, sei lá, se tiver namorando, tentar ficar junto e tal, criar junto, porque não vira você criar a criança sozinho. Ninguém é de ferro não, ninguém é robô pra trabalhar o dia inteiro, não.*
> **(Gabriel, 15 anos, 1º. EM, Manhã)**

As possibilidades a probabilidades de ocorrência da gravidez na vida do adolescente emergem dos discursos de Lucas, Jorge e Gabriel em função da percepção que eles apresentam sobre o fenômeno como envolvendo certa fatalidade, ou mesmo, condicionalidades. Nesse sentido, Lucas faz menção à probabilidade de ocorrer alguma eventual falha diante da adoção de algum método contraceptivo, como é o caso do uso da camisinha, que pode rasgar ou estourar, configurando assim uma fatalidade e não uma irresponsabilidade para os jovens. Diante disso, Lucas identifica como única alternativa assumir e enfrentar a situação. Jorge, por sua vez, racionaliza a questão, parecendo refletir sobre o tema a partir de condicionalidades que coloca, de forma que a gravidez na adolescência, de acordo com seu discurso, poderia ser mais bem recebida mediante melhores condições sociais e estabilidade financeira.

Já o discurso de Gabriel apresenta a gravidez como possibilidade, que pode passar pela dimensão desejo e do imaginário de jovens que podem ver na criança gerada a oportunidade de realização de seus próprios “sonhos” e projetos de vida interrompidos, antes mesmos da ocorrência da gravidez. A paternidade e a maternidade podem ganhar significados positivos, notadamente entre adolescentes de camadas populares, pois além da reafirmação da masculinidade e da virilidade, no caso de garotos, também representa uma mudança de *status* ao consolidar a entrada do jovem no mundo adulto à medida que assume não apenas a paternidade, mas igualmente, o papel de provedor, conforme discutido por Almeida (2002). Vale

ressaltar, ainda, que Gabriel em seu discurso relaciona a maior compreensão e tranquilidade diante da situação de gravidez ao "tipo" de garota com quem se pode assumir e dividir a responsabilidade, em clara referência aos dois tipos de mulheres já identificados e discutidos em item anterior, ou seja, as mulheres santas e as mulheres putas, as mulheres para casar e para transar.

Diante do exposto, podemos atentar ao fato de que a ideia de medidas contraceptivas e de prevenção perpassa pela questão das condições de vida – estilos de vida e hábitos de classe, que compõem a visão de mundo do sujeito.

Desta forma, a gravidez na adolescência pode ser considerada parte do universo de relações, notadamente das camadas populares, de modo que o discurso e a produção de sentido dos adolescentes acerca do fenômeno parte das experiências várias deste universo de relações e assim, ao serem indagados sobre conhecerem jovens que tenha passado pela experiência, as falas da maioria dos entrevistados apontam para a presença frequente da gravidez entre adolescentes, especialmente no ambiente escolar, conforme ilustram as falas de Lucas e Agenor:

> *Tem uma amiga minha, ela ficou grávida com 15 anos. Aí, nossa, nóis era muito amigo. Ela ficou meio desesperada no começo, mas depois ela ficou de boa, tem um filho dahora, tem uns três anos ele já… Ah, sei lá, ela aceitou de boa, eu acho que ficou até meio feliz. Não feliz, mas tipo, ah, ela não ia tirar, então ela teve que aceitar… ela não ficou com o cara. Ela até gostava dele, ele gostava dela, eles iam continuar juntos, mas é que ele era meio desandado e aí ela não quis pra ela e pro filho dela, entendeu, ficar com ele […] Ele usava drogas, chegou a usar drogas, mas depois quando tava com ela ele não usava… ah, mas ele paga pensão, os pais dele paga pensão. Aí ela casou agora com outro cara. O cara é gente fina, cria o filho dela também.*
> **(Lucas, 17 anos, 2º. EM, Integral)**
>
> *- Ah vixi… tem bastante na escola […] eles falam que… fez a maior cagada da vida! … se arrepende bastante.*
> *- E as meninas, você conhece meninas que são mães com essa idade?*
> *- Conheço algumas, na escola mesmo… É mil maravilha.*
> *- Maravilha? Por quê?*
> *- …Sei lá, acho que… a última, ela tem um, eu visitei no facebook dela, tinha lá, um sorriso "desse tamanho" assim…*
> **(Agenor, 16 anos, autônomo, 1º. EM, matutino)**

A ocorrência da gravidez na adolescência se apresenta como fenômeno comum notadamente entre classes populares e médias, a exemplo do que revelam as falas de Lucas e Agenor. Este último relata o ambiente escolar como espaço em que

tem contato com garotas que engravidaram, enquanto Lucas menciona um caso de uma amiga, cuja convivência e possibilidade de observação do fenômeno se fez mais próxima. O apoio e suporte familiar, mesmo que apenas através de uma ajuda financeira, pode ser identificado na fala de Lucas, indicando uma aceitação da família tanto da garota, como do garoto. Dessa forma, pode haver maior segurança e tranquilidade na assunção da maternidade nesta fase da vida, mesmo sem a assunção da paternidade, como parece ser a maioria dos casos de acordo com os discursos dos garotos, sendo que, em alguns casos, a paternidade pode ser assumida por outro companheiro.

Nesse sentido, a fala de Agenor se faz significativa por mencionar a reação de rapazes que engravidaram suas parceiras como arrependimento e de reconhecimento de um erro, ou descuido. À medida que ele refere identificar entre meninas certa satisfação quando da descoberta da gravidez, assim como pode ser observado no discurso de Lucas, que relata tranquilidade e mesmo certa felicidade da amiga ao assumir a maternidade.

Acerca das implicações da gravidez para a vida de meninas e meninos, podemos destacar as falas de Lucas, Pedro Paulo e Leandro a partir de suas observações e experiências:

> *- O que que você acha que muda na vida da pessoa, que tem filho, assim, nessa idade?*
> *- Ah, acho que tem que crescer, entendeu. Se bem que ela [a amiga que engravidou] não cresceu tanto, tipo, com 16, responsável ela é, mas, tem coisa que ela faz, tipo, muito tensa, que parece que ela não cresceu mentalmente…. É que, esses tempos, tipo, ela tinha separado do marido dela. E foi com ela uma das vezes [que ele fez sexo]. E ela já tinha tido filho […] E nisso eu já fiquei sabendo que ela já foi com outro amigo meu, entendeu… Então, acho que ela é meio irresponsável. Ah, ela tem um filho, deixa o filho em casa pra ir pra casa dos outro moleque…*
> **(Lucas, 17 anos, 2º. EM, Integral)**

> *- Ah, sei lá… Ah, acho que vai ficar mais madura, mas não fica. […] Não muda nada!*
> *- […] e que idade tinha sua esposa [quando engravidou]?*
> *- Ela era novinha, tinha 16, 17 anos […] Ah não, ixi! É… prejuízo. Por que, essas menina nova não tem cabeça, mano. Tem que ser uma mulher mais velha, uma menina mais velha. Eu falo assim, 20, 25, uns 23, 24 por aí. Aí sim, tem mais cabeça. Menina nova não tem, mano…*
> *- E a sua esposa não tinha cabeça?*
> *- Não! (risos) Era meio doida.*
> **(Pedro Paulo, 19 anos, autônomo, EF incompleto)**

> *Hoje em dia, esses garotos que viram pais cedo, eles não ligam muito, sabe, muitos até nem assumem. Nem colocam o nome no certificado da criança lá. […] deve ter garoto de 18 anos com três filhos nas costas já. Então, alguns nem sabem que é pai, mas já é. Se você for conversar com esses garotos que moram aqui pra baixo, por exemplo… você vai ver, alguns, tem 18 anos e já tem dois filho, e nem é com a mesma mãe. Então, sabe, bem… zuado [confuso] hoje em dia.*
> **(Leandro, 18 anos, estagiário, EM completo)**

Dentre as implicações da gravidez na adolescência há a possibilidade e a probabilidade de amadurecimento dos jovens, rapazes e garotas, que passam pela experiência. Porém, os garotos como Lucas e Pedro Paulo expressam em seus discursos uma percepção de que a expectativa de amadurecimento por parte das garotas nem sempre se torna realidade após a assunção da maternidade. Mas, vale ressaltar que tal expectativa não é muito clara em relação a que tipos de comportamentos, por parte das garotas, seriam considerados como sinônimos de maior responsabilidade e maturidade. Entretanto, Leandro, em seu discurso expressa sua percepção de que os rapazes não costumam assumir responsabilidade em relação aos filhos ou nem sequer a paternidade, também contrariando as expectativas de amadurecimento após a experiência.

No entanto, os relatos das experiências de paternidade vividas por Marcelo e Pedro Paulo, apresentadas abaixo, podem ilustrar os significados que a paternidade assume para jovens garotos que vivem essa experiência:

> *- O que que mudou pra você [o nascimento da filha]?*
> *- Ah então, to mais responsável né, agora tenho hora pra voltar. Não saio mais, tanto […] é tudo, você tem que dar explicação… isso é chato, mas tirando, o resto é legal, cuidar dela é legal, eu gosto, é fofo, né. Uma coisinha muito fofa que saiu de mim, né […] Acho dahora, acho importante ser pai assim, tem que ir cedo, porque se é muito velho, você já não sabe mais muita coisa. Tipo, não é que você não sabe, parece que você sabe, ah, sou experiente e tudo, mas, quando você é moleque você ainda tem muita visão do que vai acontecer, sei lá. Acho muito legal, acho a idade certa pra ter filho agora […]*
> *- Antes de ser pai você já achava isso, ou mudou alguma coisa?*
> *- Não, mudou, né, eu achava que era ruim. Agora eu tô de boa, to adorando. É legal.*
> **(Marcelo, 19 anos, 2º. EM, supletivo à distância)**

> *- Eu gostei, mano. Nossa! Fiquei mó feliz. Primeiro dia que eu fui lá ver, o ultrassom, até caiu lágrima quando eu ouvi o coraçãozinho… Vixi eu era um pai coruja, mano. […] Foi agora, eu tinha 18 […] a minha filha nasceu com um probleminha, ela não conseguia respirar*

> *sozinha […] aí ela ficou internada uns mês lá, aí depois, o médico ligou pra nóis falando que ela tinha falecido. Ah, fiquei chateado, né, mas depois eu fui mais me conformando […].*
> *- E pra você foi uma experiência boa, assim, foi legal?*
> *- Ah foi, né… vai vim outros ainda [...]*
> *- E mudou alguma coisa na sua vida, você acha que mudou?*
> *- Ah, acho que sim, acho que eu fiquei mais maduro, sei lá…*
> **(Pedro Paulo, 19 anos, autônomo, EF incompleto)**

Os discursos de Marcelo e Pedro Paulo apresentam suas experiências de uma forma muito positiva, desvelando uma valorização da paternidade adolescente presente tanto no imaginário de garotos, quanto na vivência dos que passam pela experiência, que permite a aquisição de maturidade e responsabilidade, consolidando tanto a identidade masculina como a entrada no mundo adulto. Para Marcelo, há ainda uma valorização da paternidade na juventude devido a uma visão de mundo e de futuro que o jovem possui, em oposição a uma visão de mundo na maturidade, possivelmente entendido por ele como mais conservador e equivocado.

Tais discursos vão ao encontro do apresentado por Cabral (2002), em seu estudo sobre a paternidade na juventude. A autora refere que para os jovens, a paternidade significa amadurecimento e responsabilidade, bem como um dos fatores que consolidam a entrada no mundo adulto, ao lado da autonomia residencial/ conjugal e a autonomia profissional/financeira. A assunção da paternidade, portanto, segundo a autora, ganha significado, para o jovem, "na medida em que torna pública sua potência e virilidade" (p. 193).

Neste contexto, as falas de Gabriel e Wagner adquirem significado ao expressarem, diante uma possível gravidez, a ideia de assumir a paternidade e o papel de provedor de um modo tranquilo esboçando até mesmo certa satisfação e reação de alegria, a despeito das perdas:

> *- E pro rapaz que se torna pai nessa idade, também, você acha que muda alguma coisa?*
> *- Ah, eu ficaria… eu não ia gostar né, mano, mas na hora que você vê a criança, assim, eu ia ficar feliz, mano, ia cuidar dela, eu não fugiria, não. Ia ter responsabilidade.*
> **(Wagner, 16 anos, aprendiz, 1º. EM, noturno)**

> *Ah, a pessoa aprende a ter mais responsabilidade, entendeu […] a partir do momento que você tem um filho você cresce, entendeu, você evolui. Passa prum outro nível. Se você vai ter que ter, também, a mentalidade forte, entendeu, porque você vai ser um espelho pra aquela*

> *criança, você vai ter que mostrar as coisas boa pra ela, tal, você vai ter que criar ela, já era, educar…*
> **(Gabriel, 15 anos, 1º. EM, Manhã)**

Dias e Teixeira (2010) problematizam que a gravidez na adolescência costuma ser vista como um desvio no trajeto dos adolescentes e considerada uma experiência precoce, não desejada e com consequências negativas. Todavia, adolescência e gravidez nem sempre são experiências que conflitam entre si, conforme questionamento colocado pelos autores, sendo que os significados atribuídos ao fenômeno dependem de como se entende a própria adolescência, seja em termos teóricos, seja quanto ao que se espera socialmente de um adolescente.

Nesse sentido, Almeida (2002) discute a relação da gravidez na adolescência com um projeto de vida, no sentido de que a ausência de um projeto levaria à gravidez, ou que a gravidez nesta fase atrapalharia tal projeto, de modo que a experiência fosse encarada como um problema. De acordo com a autora, tal interpretação pode ser baseada em concepções que fazem sentido aos estudiosos da gravidez na adolescência, mas não leva em conta práticas distintas, que podem conferir à maternidade, à paternidade e à adolescência significados sociais diversos.

Assim é que se colocam as falas apresentadas, pois, de acordo com as visões de mundo e as condições de vida do jovem a paternidade assume ou pode assumir contornos positivos por possibilitar experiências gratificantes ao jovem. Não apenas por consolidar sua autonomia e sua maturidade, mas também, por proporcionar, oportunidade de educar uma criança e transmitir a ela sua visão de mundo, oferecendo-lhe algo que não se teve em sua própria infância, ou mesmo, reproduzindo experiências significativas pelas quais vivenciou nesta fase.

Quando indagados acerca da melhor forma de evitar a gravidez a grande maioria dos garotos se referiu apenas ao preservativo masculino, enquanto poucos mencionaram outros métodos além deste, a exemplo da fala de Alexandre, a seguir:

> *- Qual que é a melhor forma de evitar a gravidez? O que você acha?*
> *- Ah, usar o preservativo, né. Mas mesmo usando o preservativo, às vezes engravida. Tá furada, estoura e você nem sente.*
> *- Você acha que acontece isso mesmo?*
> *- Não sei, deve acontecer isso aí… Passa na televisão, na internet, que camisinha não é 100% seguro, também.*
> *- Então qual que é a melhor forma?*
> *- Sei lá. Vai arriscando! (risos)*

> *- Você conhece outro método [para evitar a gravidez]?*
> *- Ah tem a… pílula, injeção… só esses, sei lá.*
> **(Alexandre, 18 anos, autônomo, EM incompleto)**

O discurso de Alexandre aponta para uma percepção das possibilidades de falha da camisinha como método contraceptivo e, assim, da existência de risco apesar de seu uso. Indica, ainda, em seu discurso métodos complementares à contracepção como o contraceptivo oral ou injetável. Outros garotos, além de mencionarem o preservativo, apresentam diferentes ideias acerca de práticas contraceptivas, a exemplo das narrativas de Leandro e Jorge, apresentadas abaixo:

> *Se tiver conversa entre os dois, eles vão procurar se prevenir na hora. Ah, sei lá… a conversa é a base de tudo, né... você pode evitar brigas, gravidez, pode evitar tudo com uma boa conversa, então acho que, assim, a base é conversar, ter diálogo.*
> **(Leandro, 18 anos, estagiário, EM completo)**

> *Ah, usar camisinha, remédio, tudo… eu to usando tudo (risos) […] a pílula ajudou, também. Se não fosse a pílula, acho que ela tava grávida, acho que já tinha um filho… É que foi feio, mesmo, acho que foi duas vez. Aí no outro dia, eu [falei] nossa! Toma a pílula [do dia seguinte]! Aí ela foi, tomou a pílula e ficamo esperando. Aí, depois de um tempo desceu pra ela. De boa. (risos).*
> **(Jorge, 17 anos, estagiário, 3º. EM, noturno)**

Jorge, a despeito da referência à camisinha e à pílula como métodos para evitar a gravidez indesejada, expressa práticas com sua parceira que indicam o uso descontínuo do preservativo, à medida que lançam mão do uso de outro método, no caso, o Anticoncepcional de Emergência (AE). Leandro, por sua vez, faz referência ao planejamento da contracepção e à negociação do método com a parceira, ressaltando a importância da conversa e do diálogo.

Podemos observar, ainda, a fala de Gabriel, que aponta para aspectos outros, a serem levados em consideração na abordagem da questão da contracepção com adolescentes:

> *- Ah… não tem essa de prevenir gravidez… Entendeu, vem das duas partes, se os dois quer ter um filho, já era, vai lá e faz…*
> *- Mas se os dois não querem?*
> *- Não é prevenir gravidez, é assim… é mais se a pessoa, não tem confiança, muito, pensa que… sei lá, tem alguma doença e tal, coisa assim… não é prevenir gravidez.*
> *- Mas, então, e se você não quiser, por exemplo?*
> *- É… também. Tem remédio né… Sei lá.*

> *- Mas, você se preocupa com isso?*
> *- Se preocupo lógico, entendeu, porque o que eu ganho, pra mim gastar comigo, tá bom, mas sustentar uma mulher um filho, é foda…*
> **(Gabriel, 15 anos, 1º. EM, Manhã)**

O caso de Gabriel é exemplo de que a gravidez, enquanto preocupação entre garotos passa por questões tais como: a confiança entre os parceiros, a negociação entre os mesmos para uso de métodos contraceptivos ou preventivos e o desejo da gravidez. Gabriel faz menção, ainda, ao uso de contraceptivo oral como alternativa ou complemento à camisinha e também refere preocupação com DST/Aids.

Vale destacar, ainda, que nenhum dos garotos mencionou, em momento nenhum da entrevista, a possibilidade de um aborto como opção frente a uma gravidez indesejada.

5.4.2 O Lugar das DST/Aids no pensamento adolescente

Sobre HIV/Aids

Acerca do nível de conhecimento sobre o HIV/Aids podemos observar que, entre os garotos entrevistados, há desde os que apresentam pouco ou nenhum conhecimento sobre o assunto, até alguns mais informados. Nesse sentido, apresentamos inicialmente as falas de Marcelo e Lucas abaixo:

> *- O que que você sabe sobre a Aids, o que você conhece dessa doença?*
> *- Que o negócio lá é feio, né, tipo, acho que a imunidade baixa, você pega qualquer doença que puder vim, assim, até uma gripe pode te matar, direto. Você morre de outras doenças, você não morre de Aids.*
> **(Marcelo, 19 anos, 2º. EM, supletivo à distância)**

> *Ah, dá pra ser prevenida também. Eu sei que não tem cura, que, quando você tá com ela, mesmo tomando remédio, você fica imune a muitas doenças, que ela baixa a resistência… Sei que a perspectiva de vida diminui bastante. Eu sei que é ruim, tem que tomar muito remédio […] não vai ter pessoa que vai querer fazer sexo com ela, entendeu, ela não vai ficar falando que não tem, mentindo pras pessoas.*
> **(Lucas, 17 anos, 2º. EM, Integral)**

Marcelo e Lucas, em seus discursos, apresentam conhecimento a respeito da imunodeficiência que caracteriza a doença, sendo que Marcelo enfatiza sua letalidade

a partir da contaminação de outras doenças, chamadas oportunistas. O discurso de Lucas aponta para dois tipos de implicação da doença para o indivíduo, sendo uma no âmbito da própria doença e seus sintomas, características e consequências ressaltando a diminuição da perspectiva de vida e o fato de ser incurável, porém prevenível. Sendo a outra implicação, percebida por ele, no âmbito social, interferindo na vida afetivo-sexual do indivíduo. Nesse sentido, parece haver em seu discurso uma concepção de certa obrigação moral em informar o parceiro quando houver a infecção pelo HIV.

No entanto, a maioria dos rapazes apresentaram falas que revelam desconhecimento sobre a doença, como exemplificam as narrativas de Gabriel, Jorge e Alexandre, a seguir:

> *A Aids, é uma doença... sexualmente transmissível […]não sei, eu nunca fiquei com uma mina [garota], assim, pensando que ela tinha Aids, nada, então, nunca liguei pra essa parte. Já teve palestra, já, alguma coisa assim, mas nunca, prestei atenção, não.*
> **(Gabriel, 15 anos, 1º. EM, Manhã)**
>
> *- A Aids, eu sei que é uma doença sexualmente transmissível e que faz mal pra… não sei, é uma coisa chata. Usar a camisinha você evita os dois, né [refere-se a gravidez também]… Mas tem outros meios que você pode passar, né?*
> *- Que outros meios pode passar, você sabe?*
> *- Ah, acho que falaram pra mim, tipo, é, escova de dente, essas coisas assim, toalha, se a pessoa usa, passa e a pessoa vai lá e usa, acho que isso transmite, também, sabonete, essas coisas, né…*
> **(Jorge, 17 anos, estagiário, 3º. EM, noturno)**
>
> *- E o que você sabe sobre Aids? O que você conhece?*
> *- Nada.*
> *- Nada? Nunca ouviu falar?*
> *- Já!*
> *- Que que você já ouviu falar?*
> *- A Aids, é… pega fazendo sexo, né. Só isso.*
> **(Alexandre, 18 anos, autônomo, EM incompleto)**

O desconhecimento e desinformação acerca da Aids estão expressos nos discursos de Gabriel, Jorge e Alexandre que apenas identificam o caráter sexualmente transmissível do HIV/Aids. Vale destacar que Alexandre apresenta total desconhecimento sobre o tema, a despeito de seus 18 anos, enquanto Jorge menciona conhecimentos típicos do senso comum a respeito de outras formas de transmissão, apesar de ressaltar a camisinha como forma prevenção.

No discurso de Gabriel, podemos observar menção ao seu desinteresse mediante a oportunidade de aprendizado e aquisição de informação através de uma palestra, bem como certa confiança depositada nas parceiras sexuais, referindo nunca ter considerado a possibilidade de que a garota pudesse estar infectada com o HIV, o que reforça a ideia de uma obrigação moral em informar o parceiro quando houver a infecção pelo HIV, como apresentado no discurso de Lucas.

Entretanto, nenhum dos garotos referiu conhecer alguma pessoa que conviva com o HIV ou com a Aids, porém, alguns reconhecem a possibilidade de conhecerem a pessoa mas desconhecerem seu diagnóstico, a exemplo das falas de Wagner e Lucas, abaixo:

> *- Você já conheceu alguém que tinha a doença?*
> *- Não que eu saiba. (risos), mas, se conhecesse, normal, sem preconceito. Mente aberta*
> **(Wagner, 16 anos, aprendiz, 1º. EM, noturno)**

> *Não, não conheço ninguém com a doença […] ninguém chega falando também, né: Ah, eu tenho Aids… Pode ser que eu tenha conhecido, mas, que eu saiba ainda não.*
> **(Lucas, 17 anos, 2º. EM, Integral)**

Os discursos de Wagner e Lucas expressam o desconhecimento de pessoas que tenham sido contaminadas pelo HIV, ressaltando a impossibilidade de se reconhecer o indivíduo HIV positivo sem que haja alguma menção ao fato. Assim, identificam, em seus discursos, que em termos das relações sociais a questão do HIV permanece restrita ao nível do individual e privado. No entanto, as falas de Pedro Paulo Gabriel apontam para experiências e observações distintas, sugerindo a possibilidade de reconhecimento do diagnóstico a partir da aparência:

> *- E o que que acontece na vida da pessoa que tem essa doença?*
> *- Ah, acaba. Você vê… o moço que morava ali… o cara era forte, era bem forte, acordava todo dia cedo […] Ele fortão mesmo, saradão de força, aí de alguns dias que eu vi o cara… seco, magro, acabado, não conseguia nem andá sozinho. A Aids fez isso com ele.*
> **(Pedro Paulo, 19 anos, autônomo, EF incompleto)**

> *- Você já conheceu alguém que tenha Aids?*
> *- Já! Um colega meu. Ele luta até hoje contra o câncer. Câncer, Aids, ele tinha… Ah, não sei! Sei que é um troço lá que ele tem… E ele não pode tomar friagem, ele sempre tá ali de boné, ou de touca, cabelinho*

> *caiu tudo, esses dia. Nossa… Só que tá voltando a crescer… Ele luta contra o câncer com maconha.*
> **(Gabriel, 15 anos, 1º. EM, Manhã)**

Pedro Paulo e Gabriel apresentam em seus discursos uma concepção confusa acerca da Aids e seus sintomas, ao que parece, a partir da observação de pessoas supostamente contaminadas e o estado de saúde destas, o que aponta para uma ideia da possibilidade de reconhecimento da doença através da aparência física. Vale notar que Gabriel parece nem mesmo diferenciar a Aids do câncer, entendendo as duas enfermidades como semelhantes, a despeito das grandes diferenças que guardam, especialmente em relação ao modo (ou não) de contágio, evolução e história natural.

Contudo, os garotos entrevistados, em sua maioria, identificam implicações na vida da pessoa que contrai o HIV ou desenvolve a Aids, conforme podem ilustrar as falas de Lucas e Leandro, descritas abaixo:

> *- O que que muda na vida da pessoa que tem Aids? Que você acha?*
> *- Ah, tem que mudar toda a rotina dela, né, que, sempre tomar os remédios, não é tudo que pode fazer depois porque fica fraco, e tal. Ah a pessoa muda, que ela fica doente, tem que mudar totalmente os hábitos da pessoa, né. Pra se adequar melhor a doença.*
> **(Lucas, 17 anos, 2º. EM, Integral)**

> *você vai perder sua vida toda né, porque vai ter que começar a tomar aquele monte de remédio, não vai poder mais sair, se você for uma pessoa assim, cabeça, né. Se bem que quem já pegou Aids não tem muita cabeça pra pensar nessas coisas… Mas, você tipo, perdeu sua vida toda. Tecnicamente vai morrer antes dos 30, se não se cuidar. Então, entendeu, é tolice não se cuidar, pegar uma doença dessas.*
> **(Leandro, 18 anos, estagiário, EM completo)**

Em seu discurso, Lucas identifica implicações na vida da pessoa que se convive com HIV/Aids em relação a mudanças em sua rotina, especialmente à necessidade de medicamentos e a seu aspecto físico, fazendo referência a uma suposta magreza e fraqueza que supostamente acompanham a contaminação pela doença. A menção à exclusão social, pelo estigma e preconceito pode ser observada no discurso de Leandro, assim como implicações da Aids para um projeto de vida, acarretando em uma interrupção do mesmo e consequente perda do sentido da vida. Vale ressaltar, ainda, que Leandro já faz referência a uma ideia de prevenção.

Nesse sentido as falas de Marcelo e Jorge, a seguir, expressam situações que podem ser comuns entre os rapazes, e que revelam as vulnerabilidades a que estão

expostos, em relação à possibilidade de contaminação pelo vírus HIV e por outras doenças sexualmente transmissíveis:

> *- Eu tenho um medo do caramba, se eu fizer sexo com uma mulher sem camisinha, eu fico achando que eu posso ter pegado Aids.*
> *- Você já pensou isso…?*
> *- Eu já, eu já pensei, por isso eu sempre uso camisinha.*
> *- Isso foi uma preocupação pra você?*
> *- Hãhã. Sim. Ah! É gostoso com camisinha, também, mas é melhor sem, né… (risos)*
> **(Marcelo, 19 anos, 2º. EM, supletivo à distância)**
>
> *- Eu me preocupo, seu eu pegar [Aids] um dia vai ser mó chato. Ainda bem que só tem ela [a namorada] por enquanto, né. Eu ela tamo tranquilo. Agora, se caso, uma pessoa que eu for, tiver e eu não saber, sei lá, é chato.*
> *- Mas, com relação as meninas que você já transou [sem camisinha], você se preocupou com isso alguma vez?*
> *- [pausa longa] Acho que não. É… eu queria aproveitar [pausa]. Tipo, se você tem Aids, mais pra frente ele vai apresentando ferida, essas coisas, né?*
> *- Nem sempre…!*
> *- Não? [pausa] AH! …o sangue! Quando faz exame de sangue. Eu já fiz exame de sangue, pra entra no [local onde trabalha] eu fiz vários exames, e tal. Acho que devo ter feito alguma coisa [referência ao exame para identificar HIV positivo]!*
> *- […] Então, hoje em dia você tá tranquilo…?*
> *- Hoje eu tô, e ela também não tem porque ela era virgem.*
> **(Jorge, 17 anos, estagiário, 3º. EM, noturno)**

Marcelo apresenta em seu discurso um reconhecimento acerca da condição vulnerabilidade nas relações sexuais desprotegidas, reforçando sua prática de prevenção constante, muito embora enfatize a interferência que o preservativo representa, na sua percepção, para o prazer, como será discutido no item 5.4.3.

Enquanto o discurso de Jorge descortina o desconhecimento de alguns garotos acerca da própria vulnerabilidade a que estão expostos, sendo que, no decorrer da entrevista, à medida que foi sendo indagado acerca de suas práticas, o mesmo pôde refletir e identificar algumas experiências de risco por terem ocorrido relações de modo desprotegido. Tal reflexão lhe proporcionou um momento de dúvida acerca da própria condição de saúde, aliviada perante a lembrança da realização do exame de sangue. Podemos notar, ainda, em seu discurso a confiança depositada na atual parceira, ou seja, sua namorada, especialmente devido à virgindade desta no início do namoro, o que parece indicar a não adoção de métodos

preventivos nas relações sexuais com esta garota. Assim como identificado em estudos como o de Pirotta (2002), que a indicam que, à medida que o relacionamento se estreita, as prática preventivas vão sendo deixadas de lado inclusive como uma possível reafirmação de confiança no parceiro no que se refere à fidelidade.

Ainda em relação à vulnerabilidade e a percepção desta pelos jovens, alguns entrevistados apresentaram uma ideia de cadeia epidemiológica, a exemplo das narrativas de Pedro e Leandro, descritas abaixo:

> *- E o que que você sabe sobre a Aids, o que você pensa da Aids?*
> *- Aids, pra você pegar ela é rapidinho. É lógico. Ah depende, né, vai saber… você tá com a pessoa ali, você não sabe… Não dá pra saber, tipo assim…Você tem que se prevenir, mano, vai sair pegando qualquer uma menina aí, é… o rapaz também, né… porque tipo assim, essas menina aí, ele vai, pegando uma, vai comendo uma e vai comendo as outras, assim… aí vai passando, vai passando. Certeza… (risos) onde passa um, passa um monte. Alguma coisa tem ali no meio.*
> **(Pedro Paulo, 19 anos, autônomo, EF incompleto)**
>
> *- Assim, nunca conheci… não conheço ninguém que tem, ou que teve Aids… Mas eu acho assim, que, sei lá, deve ser bem comum hoje em dia, porque… todo mundo fica com todo mundo… Eu conheço pessoas assim, que já, cinco amigos já ficaram com a mesma garota… então, sei lá, se um daqueles cinco amigos tinha Aids, os outro quatro pegaram também…*
> *- E a garota...?*
> *- É, e a garota… É… e com quem mais ela dormiu, né.*
> **(Leandro, 18 anos, estagiário, EM completo)**

Os discursos de Pedro Paulo e Leandro apresentam uma compreensão acerca da estrutura de cadeia epidemiológica de transmissão do HIV/Aids e demais Doenças Sexualmente Transmissíveis a medida que identificam a alta rotatividade de parceiros presente nas práticas sexuais, entre jovens de seus convívios. Vale ressaltar que tal compreensão pode ser fundamental para a adoção de métodos preventivos, pelo reconhecimento da condição de vulnerabilidade que a prática de sexo desprotegido proporciona.

Sobre outras doenças sexualmente transmissíveis (DST)

Quando indagados sobre outras Doenças Sexualmente Transmissíveis, os garotos, em sua maioria, apresentaram discursos que apontam desconhecimento, ou

apenas um conhecimento relativo, como podem ilustrar as falas de Alexandre, Lucas, Agenor e Wagner, abaixo:

> *- Você conhece outras doenças que também pega pelo sexo, assim?*
> *- Não.*
> *- Você sabe se existe?*
> *- Não sei.*
> *- Nuca ouviu falar?*
> *- Não. Existe?*
> **(Alexandre, 18 anos, autônomo, EM incompleto)**
>
> *- você conhece outras doenças sexualmente transmissíveis?*
> *- Bom, não sei por nome, tipo, várias, ah, já ouvi falar bastante, mas, tipo, que eu recorde assim, agora, não.*
> **(Lucas, 17 anos, 2º. EM, Integral)**
>
> *- não tem bem só a Aids né, tem bastante doenças.*
> *- É mesmo. E você conhece alguma outra doença que é sexualmente transmissível, além da Aids?*
> *- Vixi! Eu sabia, mas eu esqueci o nome…*
> *- Não lembra de nenhuma assim…?*
> *- Não lembro… é que a Aids é que você tá sempre ouvindo falar, né.*
> **(Agenor, 16 anos, autônomo, 1º. EM, matutino)**

Alexandre em seu discurso apresenta total desconhecimento sobre qualquer outra DST, além do HIV/Aids, a despeito de seus 18 anos. Enquanto Agenor refere ter conhecimento da existência de outras doenças, não sendo capaz, entretanto, de nomeá-las à medida que reconhece haver maior exposição de conteúdo informativo acerca do HIV/Aids em seu cotidiano. Lucas apresenta um conhecimento relativo acerca das DST, expressando informação apenas acerca da existência de tais doenças, mas sem ser capaz de nomeá-las.

Dados semelhantes podem ser encontrados em estudos de diversos autores (SANTOS et. al., 2002), que revelam o amplo desconhecimento e falta de informação que permeia a questão, no universo dos jovens. Pesquisa recente aponta, igualmente, o grande desconhecimento acerca das DST inclusive entre jovens universitários.[3]

---

[3] Trata-se de uma pesquisa realizada na Unicamp, com alunos de graduação da Unicamp, de 16 a 29 anos, de ambos sexos, matriculados em 2011 e 2012 nos diversos cursos da Universidade, de acordo com matéria de Edimilson Montalti, publicada em 30/04/2013 no site da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, disponível em <http://www.fcm.unicamp.br/fcm/fcm-hoje/noticias/2013/pesquisa-aponta-desconhecimento-dos-alunos-da-unicamp-sobre-dst>

Marcelo e Pedro Paulo, no entanto, apresentam experiências contrastantes entre si em relação ao conhecimento acerca de outras DST, além da HIV/Aids, como pode ser observado nos excertos abaixo:

> *- Sei! Eu já peguei uma vez, mas eu já curei já, era… sífilis. Já ouviu falar da sífilis? […] Nossa, foi ruim! O médico falou, porque eu peguei, acho que foi isso daí, uma vez de eu não usar a camisinha, eu acho que é isso, que dá isso também, ele falou se não se prevenir […] aí eu fui, cuidei, tomei tantas injeções […] Aí depois disso nunca mais […]*
> *- E outras doenças, você conhece outras, além dessa que você pegou?*
> *- Outras não. Não conheço mais não.*
> *- E você sabe as consequências dessa doença que você pegou?*
> *- Nossa, eu não vi não. Mas minha irmã viu lá, falou que tem muitas consequências, ela não falou, mas falou que tem bastante se não cuidar… ela tinha falado lá, que acho que fica cego, você, pega negócio, é… machucado no pênis, esse negócio aí que ela falou…*
> **(Pedro Paulo, 19 anos, autônomo, EF incompleto)**
>
> *- Sífilis, gonorreia, ah, tem uma pancada de doença, aí, né… herpes.*
> *- Você se preocupa com essas doenças também?*
> *- Eu me preocupo (risos). Sempre olho, é, pra vê se tem alguma coisa ali. […] Eu sempre uso camisinha. Hoje em dia não faço mais, assim, sexo com outras pessoas, mas quando fazia eu usava camisinha, nunca fui de transar sem camisinha. Ah, eu sou muito preocupado, sabia que você tá falando com uma pessoa hipocondríaca, né.*
> **(Marcelo, 19 anos, 2º. EM, supletivo à distância)**

Pedro Paulo, embora tenha se contaminado com sífilis, apresenta em seu discurso um desconhecimento acerca da própria doença, seu modo de contaminação, história natural e implicações. Marcelo, por sua vez, apresenta algum conhecimento a respeito de outras DST, além do HIV/Aids, não apenas em nomeá-las, mas também quanto à prevenção e a prática de um autoexame, para um possível diagnóstico precoce. Tais conhecimentos e informações foram adquiridos, ao que parece, a partir de seu próprio interesse em pesquisar o tema, dada sua grande e constante preocupação com seu estado de saúde, conforme reafirmou em outros momentos da entrevista. Desse modo é possível depreender dos discursos de Pedro Paulo e Marcelo que a aquisição de conhecimento e informação nem sempre se dá em decorrência de uma experiência, como é o caso de Pedro Paulo, mas, pode ocorrer em função de um interesse pessoal, como no caso de Marcelo.

Dentre a maioria dos garotos entrevistados, embora o conhecimento apresentado sobre as DST seja praticamente inexistente, e, sobre HIV/Aids seja

relativo, quando indagados sobre a melhor forma de prevenir as DST/Aids foi possível observar um reconhecimento geral da camisinha como método mais eficaz de prevenção, conforme podem ilustrar as falas de Lucas e Leandro a seguir:

> *- Eu não vou, tipo, pegar uma doença agora, jogar minha vida toda pro alto, assim, por causa de uma noite, por exemplo. Então é sempre bom tá prevenido né, se prevenir…*
> *- Qual a melhor forma de prevenir?*
> *- Camisinha. Tá sempre procurando ir no médico, conversando com os pais… é a base de tudo.*
> **(Leandro, 18 anos, estagiário, EM completo)**
>
> *- Qual a melhor forma de prevenir a Aids e outras doenças?*
> *- Ah, preservativo né… acho que é a melhor maneira. Ou não fazendo sexo… (risos) vira freira. Ou padre, aí você não tem Aids, de jeito nenhum. […] Ou uma troca de sangue, sei lá.*
> **(Lucas, 17 anos, 2º. EM, Integral)**

Como podemos obervar, os garotos em seus discursos, identificam uso o preservativo como método fundamental e seguro para a prevenção das DST/Aids, a despeito da falta e informação sobre DST/Aids que permeia suas falas, tal como pode ser encontrado em diferentes estudos acerca do tema, segundo, Santos et. al., 2002).

Vale ressaltar que Lucas identifica ainda o possível contágio por vias não sexuais, enquanto Leandro, em seu discurso, reforça o uso da razão que envolve a prática da prevenção, colocada por ele como uma opção enquanto projeto de vida, frente a uma única experiência fugaz de prazer. Pode-se observar, ainda em seu discurso, nova referência ao diálogo, dessa vez com os pais, bem como a procura de profissionais como médicos, o que aponta para a possibilidade de que as experiências afetivo-sexuais dos jovens em geral, apesar de fortuitas, podem não ser tão pautadas pela impulsividade, havendo possibilidade para o planejamento, e para a prevenção, portanto.

5.4.3 Sobre contracepção e prevenção das DST/Aids: práticas, riscos e desafios

Prevenção e contracepção na primeira vez

À exceção de Jorge, cuja fala encontra-se abaixo, todos os entrevistados que relataram suas primeiras experiências referiram ter feito uso do preservativo na ocasião, a exemplo da fala de Agenor, descrita a seguir:

> *- e você tinha camisinha com você?*
> *- Tinha. Tava na carteira... não é eu que colocava, era minha mãe, né. Ela sempre colocou pra mim. Porque, se não fosse isso, nóis já tinha que ter filho, já... (risos)*
> *- Mas quem foi que tomou a atitude de usar a camisinha na hora?*
> *- Na verdade a gente ia sem, né. Que na hora assim, sei lá, não tinha pensado nada... Mas aí, ela falou assim... perguntou pra mim se eu tinha. Ela não sabia se eu tinha colocado ou não... Ela tava meio assim de ir, assim, mas não tinha ainda, sabe, é... penetrado. Aí ela perguntou se eu tinha e aí fui ver na bolsa, abri a carteira, tinha. Mas, se não tivesse acho que ela não ia não, ela tem uma cabeça boa.*
> **(Agenor, 16 anos, autônomo, 1º. EM, matutino)**

> *- Na primeira vez, com a menina da primeira vez, vocês se preveniram?*
> *- Não, não.*
> *- Usaram alguma coisa? Nada?*
> *- Não, não foi... é tipo, nem foi... eu não sabia que nóis ia, né, é então... ah, nem lembrei!*
> *- Não lembrou?*
> *- Não, nem "tchum".*
> *- Nem pensou nisso? E ela também não?*
> *- Ela também não falou nada...*
> *- E depois, você pensou... você se preocupou com isso?*
> *- Não, não, acho que não. Acho que foi normal, nem...*
> **(Jorge, 17 anos, estagiário, 3º. EM, noturno)**

No discurso de Jorge podemos observar que em sua primeira experiência sexual não houve adoção de nenhum tipo de método contraceptivo ou preventivo para DST, nem mesmo qualquer preocupação posterior com as implicações de uma relação sexual desprotegida. O garoto também refere que por parte da eventual parceira, na ocasião, não houve qualquer menção ou sugestão ao uso do preservativo.

Em termos de opção e iniciativa para o uso da camisinha, a despeito de ser a primeira experiência, os discursos dos garotos que utilizaram preservativo na

primeira vez indicam tanto uma iniciativa masculina, como a participação feminina, a exemplo do discurso de Agenor. Vale ressaltar que este, além de referir iniciativa da parceira quanto ao uso do preservativo, menciona o estímulo ao uso da camisinha por parte de sua mãe, assim como foi observado na fala de outros garotos.

Além do preservativo, as únicas menções ao uso de contraceptivo na ocasião da primeira experiência sexual foram as de Leandro e Wagner:

> *- E aí nessa primeira vez, que foi toda combinada, foi especial, vocês se preveniram de alguma forma, pensaram nisso?*
> *- Hãhã… ela [a namorada] já tomava anticoncepcional. Ela falava, é, segundo ela era por causa de cólica. E eu usei camisinha, normal, assim. E ela conversou com a mãe dela, ela foi num ginecologista, acho que é esse o nome (risos) […] a mãe dela tava ciente do que tava acontecendo […].*
> *- Vocês conversaram, então, com antecedência, sobre usar camisinha… o anticoncepcional e tudo…?*
> *- Hãhã, mesmo porque eu fazia CRAS [participava de atividades educativas no Centro de Referência da Assistência Social] também, né, tava sempre todo mundo falando.*
> **(Leandro, 18 anos, estagiário, EM completo)**
>
> *- …e dessa primeira vez, vocês usaram algum método de prevenção?*
> *- Usamos camisinha. Mas ela usava pílula.*
> *- Ah é? Você perguntou pra ela isso?*
> *- Não, eu já era amigo dela fazia tempo… Fiquei com ela assim, beijá, assim, ficava olhando pra ela, daí ela… é, eu já sabia que ela usava.*
> **(Wagner, 16 anos, aprendiz, 1º. EM, noturno)**

O discurso de Leandro aponta para a existência de uma importante rede de atores que podem contribuir com orientações e informações para a saúde sexual e reprodutiva dos jovens e adolescentes, sendo mencionados em seu caso, a família (seu pai e a mãe da namorada), profissionais de saúde e assistência social (médico ginecologista e Centro de Referência da Assistência Social – CRAS. Portanto, o que os discursos anteriormente discutidos podem desvelar e que o discurso de Leandro vem a reforçar é que a iniciação sexual do adolescente nem sempre se dá de forma imediatista ou impulsiva, podendo haver espaço para a racionalidade e o planejamento especialmente quando mediante informação e possibilidade de abertura para o diálogo, ou mesmo, simples oferta e estímulo ao uso do preservativo.

Leandro e Wagner apontam, ainda, para uma identificação da importância da dupla proteção representada em seus discursos pelo uso do preservativo concomitante ao da pílula anticoncepcional. Vale mencionar que, segundo o relato

dos garotos, suas parceiras já faziam o uso de pílula anticoncepcional previamente à primeira experiência sexual sendo uma delas "justificada" em termos de uma prevenção de cólicas menstruais, discurso esse também presente entre as garotas entrevistadas, como veremos no capítulo 6.2.

Prevenção e contracepção nas outras experiências

No contexto do namoro a questão da prevenção e da contracepção pode assumir diversos contornos, conforme podemos identificar nas falas de Leandro, Jorge e Alexandre, abaixo apresentadas:

> *- E vocês continuaram se prevenindo, usando a camisinha?*
> *- Ah, depois da… 7ª vez… Não!*
> *- E como é que foi essa decisão, como é que vocês decidiram não usar?*
> *- Sei lá, né… Fazia, mas com… um certo medo, né… de engravidar a menina, né? Aí ia foder! Ah, 16 anos, com filho? Vai! Trabaiá desgraçado!*
> *- E porque vocês decidiram, então, não usar a camisinha?*
> *- Sei lá, mais gostoso! […] Era outra coisa.*
> *- […] E aí, vocês não usaram mais nada pra prevenir?*
> *- Não […] Mas fazia no medo, né […] Ah, ela também falava, que sentia mais prazer, sei lá…*
> *(Alexandre, 18 anos, autônomo, EM incompleto)*
> *- A primeira namorada que eu fui ela já, não, só se for com camisinha… essa daqui também, igual, ela tem medo, mas agora ela toma remédio [pílula] e tal […]*
> *- Aí vocês não usam mais a camisinha, então?*
> *- Não, usar usa, né. Que ela tem medo, aconteceu um negócio e tal… a menstruação dela atrasou… nossa, ela falou, to grávida. Minha mãe ficou sabendo, a mãe dela não podia saber, né. Minha mãe foi lá com ela e fez exame [teste de gravidez], ainda bem que deu negativo.*
> **(Jorge, 17 anos, estagiário, 3º. EM, noturno)**
>
> *- a gente conversava bastante, sabe. Não era assim, aquele tipo de relacionamento, chega, beija, e fica só beijando. […] porque naquela época eu não trabalhava, então eu ficava pensando, eu não posso ter um filho agora… Mesmo porque meu pai ia me mandar embora de casa se eu fizesse isso. Então a gente tava sempre usando camisinha.*
> *- […] E ela continuou usando a pílula?*
> *- Ela usa por causa da dor, da cólica… então ela sempre tomava, ela começou a tomar com 15 anos a pílula.*
> *- E mesmo ela tomando a pílula vocês nunca pensaram em não usar camisinha?*
> *- Não. Porque mesmo ela usando a pílula, tem doença, né, então, a gente sempre usava.*
> **(Leandro, 18 anos, estagiário, EM completo)**

O que se apresenta como mais frequente na prática das relações afetivo-sexuais entre adolescentes quando numa relação de namoro, segundo diversos estudos (SOUZAS e ALVARENGA, 2001; MONTEIRO, 2002; PIROTTA, 2002; GRAVAD, 2008), pode ser observado no discurso de Alexandre que revela o consenso entre o casal em abandonar o uso do preservativo à medida que o relacionamento se estreita. Tal abandono pode se dar em busca de uma sensação de prazer mais intenso, indicando que a questão da confiança pode abrir perspectivas para a possibilidade de experienciar tal prazer, a despeito do medo, do receio, presentes em função da probabilidade da gravidez. Como alternativa a esse medo, é possível inferir a partir do discurso de Alexandre, que a prática do coito interrompido parece ser comum, porém, sem que os jovens reconheçam sua eficácia relativa quanto à gravidez e total ineficácia quanto à DST/Aids.

No entanto os discursos de Jorge e Leandro apontam para uma preocupação compartilhada, em que tanto o garoto, como a garota buscam responsabilizar-se pela contracepção, mesmo que no caso de Jorge tal responsabilização se dê em decorrência de uma preocupação frente a um risco já experienciado. Vale considerar que Leandro, a despeito de sua condição de namoro, apresenta em seu discurso uma preocupação com uma dupla proteção entendendo que mesmo frente ao uso da pílula anticoncepcional pela namorada, o uso da camisinha cumpria seu importante papel na prevenção às DST.

Concernente às experiências sexuais para além do namoro, as falas de Gabriel e Jorge apresentam-se como expressivas em relação às possíveis representações que garotos podem fazer de suas vivências sexuais em geral:

> *- Todas. Nenhuma sem camisinha... Nunca fiz sem camisinha. É que é assim, né, você colocar um filho no mundo, ou você tem que estar estabilizado, ou é mulher que você ama. Um dos dois.*
> *- E mesmo com essa namorada que você ficou mais tempo, você sempre usou camisinha?*
> *- Sempre usei. A gente conversava, discutia, né... falava assim ó... se você quiser a gente pode fazer [sem preservativo] entendeu, mas e aí, se você ficar grávida? Daí, se vim, lógico que vai ser bem recebido, mas, mesmo assim... olha sua idade, olha a minha [...] eu não vou ter condições de bancar, você também não, entendeu... não é o momento. Vamos fazer com camisinha. Você também não toma remédio. Aí, ela aceitou numa boa, eu também, e já era.*
> **(Gabriel, 15 anos, 1º. EM, Manhã)**

Por um lado podemos observar no discurso de Gabriel uma reflexão mais ampla acerca da preocupação com o uso da camisinha como prevenção ao risco da gravidez, que se expressa em sua prática pelo relato do uso frequente do preservativo mesmo quando numa situação de namoro, assim, o que podemos ressaltar é que Gabriel já apresenta uma maturidade em termos de responsabilidade acerca de seu próprio projeto de vida e revelando a dupla decisão, quer dele, quer da garota, em relação ao uso da camisinha de forma mais racional e dialógica. Por outro lado, há o discurso de Jorge, o em relação à opção pelo uso, ou não uso, da camisinha:

> *- Com outras [garotas, antes da namorada], por exemplo, você não tinha essa preocupação?*
> *- Não… não porque, eu nem sei porque… ah, tipo, com ela [namorada], assim, se tiver, se acontecer alguma coisa, quem vai se responsabilizar vai ser eu e tal, as outras… Ah, sei lá, elas acho que se viravam…*
> *- Você nem parou pra pensar?*
> *- Não, nunca pensei, é a primeira vez que eu to pensando nisso… Ainda bem que não deu nada… (risos) […] ah, as outras como era, as menina, assim, meio deselegante, tava meio que assim…*
> *- Que que é deselegante? Que que você quer dizer com isso?*
> *- Ah, tipo, as menina é… já era bem zuadinha assim, sabe? Tinha umas pelo menos, que não ficava com muitos meninos, mas tinha umas que ficava com muitos, entendeu. Aí nessas, eu falei, não, para, você tem que usar né.*
> *- Então, com aquelas meninas que você já sabia que estavam mais "rodadas", vamos dizer assim…?*
> *- É, rodada. Então no caso, pegar uma doença e tal, aí é complicado. Agora, aquelas mais assim… ah, naquele fogo lá, você esquece, né…*
> **(Jorge, 17 anos, estagiário, 3º. EM, noturno)**

No discurso de Jorge, o que se pode observar é a existência de uma discriminação de gênero em relação às mulheres, sendo que em seu imaginário estão presentes dois tipos de mulheres, as chamadas por ele de "zuadinhas", as quais, por manterem relações sexuais com vários garotos, apresentariam maior risco às DST. Daí a opção dele por usar camisinha, com tais garotas, para a prevenção de doenças e não para a gravidez. Dessa forma podemos observar que há no discurso de Jorge uma relativização quanto ao uso da camisinha em função do tipo de garota com quem se relaciona, visto que, com outras garotas, que não as "zuadinhas", ele tenha se preocupado menos com o uso do preservativo.

Vale destacar que, diferente de Alexandre cujo discurso foi apresentado anteriormente, Jorge refere maior preocupação com o uso do preservativo em

relações com a namorada, que com as garotas com quem teve suas primeiras experiências esporádicas. Isto, segundo seu discurso, devido a sua percepção de que, no caso da namorada, ao ocorrer uma possível gravidez ele teria que assumir a paternidade, enquanto as outras garotas, dada a natureza das relações esporádicas e a rotatividade de parceiros, em ocorrência de uma gravidez haveria maior dificuldade em se comprovar a paternidade, de modo que, de acordo com sua fala, tais garotas poderiam "se virar". Tal concepção vai ao encontro do que discute Menezes (2002), de que as famílias, muitas vezes colocam em dúvida a paternidade, ao passo que da maternidade não se pode desconfiar. Assim, mediante a desconfiança quanto ao autor da gravidez é que os rapazes acabam sendo excluídos da responsabilidade. Portanto, que se pode observar pelo discurso de Jorge, é que, mesmo em face das tecnologias atuais para detecção da paternidade a partir do DNA, o desconhecimento da paternidade ainda é fato constante entre as camadas populares, que aparentemente não possuem acesso a tais recursos.

Experiências sem camisinha nos discursos dos garotos: o prazer para além do risco

A ideia da experiência sem preservativo como bastante usual nas práticas sexuais entre os adolescentes se faz presente nas falas da grande maioria dos garotos, a exemplo de Marcelo, Pedro Paulo e Wagner cujas falas são descritas abaixo:

> *- E com alguma menina, você chegou a fazer sem camisinha?*
> *- Dessa vez, com ela [a amiga], que ela tava grávida... já tava grávida, não é meu (risos)!*
> *- [...] Como é que foi, assim, a decisão de fazer sem?*
> *- Ah. A gente, eu tava sem, tipo, é, foi na casa da prima dela também... foi eu e o meu amigo, namorado da prima dela, daí, nenhum dos dois levou, porque nóis ia lá só conversar... não tinha ninguém lá, e gente acabou entrando, daí que aconteceu, e foi sem... Ah, então, eu não queria, certo, medo de doenças... mas, a gente acabou fazendo...*
> **(Wagner, 16 anos, aprendiz, 1º. EM, noturno)**

> *- Já tinha experimentado, [sem preservativo] mas eu fiquei meio apreensivo, tá entendendo? Será que... vai que ela tem doença, né... É, não foi muito... Aí, a primeira vez que eu fui sem usar, de verdade, que eu gostei, que eu falei ah, de boa, foi com ela [a esposa]...*
> *- E como é que foi a decisão de fazer sem camisinha?*

> *- Ah sei lá. Não tinha camisinha, na noite, falei, ah, vai sem camisinha mesmo. Aí depois com a... [esposa] a gente tava namorando, já. Na primeira vez que a gente transou, ela quis sem camisinha... ainda eu falei, pô, não. Fiquei meio assim, fiquei com medo né... Aí não fiz. Aí a gente foi fazer depois de um mês namorando, sem camisinha [...] a gente conversou, ah, vamos fazer sem, tá na hora, aquele negócio todo.*
> *- E aí, com a outra... que você transou sem camisinha? [...]*
> *- Foi só a menina ainda que quis, pegou botou, e eu... assim, fui nessa.*
> **(Marcelo, 19 anos, 2º. EM, supletivo à distância)**

> *- Ah, normal, sempre tinha que ter [preservativo]. Se não tivesse eu não ia não [...] Só uma vez, que eu fui sem, mas é a única vez, só.*
> *- Como é que foi essa vez, me conta?*
> *- Ah?. Fui dar uma... (risos) é... A camisinha incomoda [...] É. Mais gostoso. (risos) Sem fica mais gostoso. [...] Eu falei, vou tirar, tirei, e já era. É, do nada [...] [depois] Fiquei pensando, né! A cabeça, nossa, que que eu fiz...?*
> *- Você conversou com ela? Não era namorada?*
> *- Não, era uma menina da rua, aí. Eu conversei, eu comprei o negócio lá, o remédio pra ela. Aquela pílula, lá. .Ela tomou, já era.*
> **(Pedro Paulo, 19 anos, autônomo, EF incompleto)**

A despeito do medo e do receio em relação ao risco de uma possível gravidez indesejada como menciona Pedro Paulo, e pelo risco de doenças no caso de Marcelo, podemos observar, pelos discursos dos garotos, que eles os mesmos não fazem uso da camisinha em algumas de suas relações. A prática do sexo desprotegido pode se dar tanto pela simples conjunção da oportunidade e da falta do preservativo no momento, conforme mencionam Wagner e Marcelo, como pelo desejo de experimentar uma possibilidade de maior prazer, como referem Marcelo e Pedro Paulo.

O uso do Anticoncepcional de Emergência (AE), referido por Pedro Paulo, em detrimento do uso do preservativo, apenas no que se refere à preocupação com a contracepção parece ser comum entre os jovens, conforme será discutido em item posterior. A narrativa de Lucas e a sequencia da fala de Marcelo, apresentadas a seguir, fazem menção a práticas aparentemente comuns aos jovens, frente à oportunidade do sexo desprotegido:

> *- Ah, se você não gostar de usar [preservativo], você goza fora, né...*
> *- Você acha que funciona?*
> *- Acho que funciona. É o que eu to fazendo, espero que funcione. (risos) [...] porque ela até toma injeção, né... Mas mesmo assim, gozar dentro, né, quando ela tiver tomando a pílula, pode, é 90 e poucos por cento de chance, não é 100%, tá entendendo, então, é melhor fazer fora mesmo.*
> **(Marcelo, 19 anos, 2º. EM, supletivo à distância)**

> *- Ah, eu tive de, tipo […] a gente tá sem, entendeu, aí, chegar, sabe, a começar, mas, aí falei não, não quero engravidar você, eu vou embora.*
> *- Sei. Aí parou?*
> *- É. Parou, parou… vamo parar por aqui. Ou vamo pega camisinha em algum lugar… (risos) Mas não chegou, tipo, eu cheguei a começar, entendeu, mas não cheguei a ter uma relação, sabe…*
> **(Lucas, 17 anos, 2º. EM, Integral)**

O que os discursos de Lucas e Marcelo podem revelar é a prática do coito interrompido que ganha relevância diante da busca por maior prazer sem o uso do preservativo e pela aparente segurança em relação que a oferece frente a uma gravidez indesejada. Tal observação pode desvelar uma maior preocupação dos rapazes em relação à gravidez indesejada do que com as DST.

Acerca da ocorrência da gravidez e estratégias empregadas

A menção à gravidez e a experiência de paternidade dentre os entrevistados é mencionado por Pedro Paulo e Marcelo, que a vivenciaram dentro de relações já estabelecidas de namoro e/ou casamento, conforme podemos observar em suas narrativas:

> *- Minha esposa, ela engravidou, aí minha filha faleceu… depois disso, não foi mais… Aí depois, foi sempre com camisinha.*
> *- […] Mas você estavam pensando em ter filho? Ou não?*
> *- Não, foi… uma vez, foi, é, dessa vez aí foi que… (risos) foi minha culpa […] É que eu coisei lá dentro, né, aí ela ficou brava (risos), aí eu falei, ah, agora já era…*
> *- Então vocês estavam fazendo sem camisinha, e parando antes, é isso?*
> *- É.*
> *- Mas vocês tinham combinado isso? Como é que é?*
> *- Não precisa combinar!(risos) ...é tudo lá na hora, acontece na hora.*
> *- Sei. E ela não tomava pílula?*
> *- Tomava... Tomava sim... mesmo assim…. acho que foi de um dia que ela deixou de tomar.*
> **(Pedro Paulo, 19 anos, autônomo, EF incompleto)**
>
> *- Mas vocês estavam planejando [a gravidez]?*
> *- Não […] Foi um choque né… de um dia pro outro, ela falou, ah, estou grávida! Ela fez um teste, tava grávida, aí a gente veio beber cerveja… aí ficamo nessa, né. Foi meio que um choque. Mas foi de boa, eu gostei.*
> *- Mas, vocês já não estavam usando a camisinha?*
> *- Não.*
> *- E vocês não usavam algum outro método pra evitar a gravidez?*
> *- Tava, a pílula. Só que ela ficou três dias sem tomar, e… ficou grávida.*

> *- Você sabia disso, que ela tava três dias sem tomar?*
> *- Eu não sabia. Na verdade, tinha molhado as pílulas, a gente tava na barraca… aí daí ficou três dias, eu nem sabia, aí já era. Foi na praia, só chuva, também. Aí já era. Foi isso.*
> **(Marcelo, 19 anos, 2º. EM, supletivo à distância)**

Nos discursos de Marcelo e Pedro Paulo, embora haja a menção à pílula, podemos observar que por motivos diferentes houve uma descontinuidade em seu uso, conforme relatam, de modo que a gravidez se deu de maneira aparentemente não planejada, revelando no caso de Pedro Paulo um discurso vago acerca do esquecimento, assim como no caso de Marcelo que as pílulas molharam em um acampamento. Tais discursos apontam para uma percepção de que em relação à gravidez o controle da sexualidade e do corpo é da mulher, cabendo ao homem simplesmente confiar.

Se os casos anteriormente apresentados resultaram na gravidez e na assunção da paternidade e maternidade, em outros casos como de Agenor e Jorge muito embora se tratem de relações de namoro, foi o empregado o uso do Anticoncepcional de Emergência (AE) para evitar as possibilidades do risco da gravidez, indesejada neste momento da vida, diante da falha ou do não uso da camisinha como podemos observar em suas falas, abaixo apresentadas:

> *- eu já fiz com a minha namorada...(risos) aí estourou, né, o preservativo. Aí, ela teve que tomar, nossa, é… pílula.*
> *- Do dia seguinte?*
> *- Isso. Aí… sei lá acho que atrasou nos primeiros dias, ela até falou pra minha mãe. Aí ela já ficou até com dor de cabeça. (risos) [...] ela ficou lá assistindo televisão, eu fui lá, comprei. Ela não pediu, não. Eu comprei… aí eu dei o comprimido, marquei no celular dela [lembrete para tomar o próximo]… aí depois ela tomou outro [...] Que se nascesse filho ia ser difícil… largar de ser besta…!*
> **(Agenor, 16 anos, autônomo, 1º. EM, matutino)**

> *- Pílula do dia seguinte, ela [namorada] já tomou umas quatro vezes já.*
> *- Sério? Mas porque?*
> *- Não... nóis fez sem, aí, sei lá… Vazou e, eu fiquei com medo.*
> **(Jorge, 17 anos, estagiário, 3º. EM, noturno)**

O que podemos destacar no discurso de Jorge é a presença de uma ambiguidade frente a uma situação de tensão que a não prevenção provoca nos relacionamentos afetivo-sexuais entre garotos e garotas, tendo em vista notadamente o temor pela gravidez assim como ressaltado Agenor. No caso deste, ainda, há a

menção à falha do preservativo como algo frequente na atividade sexual dos jovens, igualmente mencionado por Lucas em sua fala apresentada a seguir, abrindo espaço para a importância do uso do AE nas práticas sexuais dos adolescentes. Jorge, porém, em seu discurso faz menção a um uso possivelmente excessivo do AE frente à descontinuidade no uso da camisinha e à prática do coito interrompido, apontando para um amplo uso do AE entre os jovens quando se percebem em situações de risco para uma possível gravidez.

Em referência às relações ocasionais, a estratégia do uso da AE se encontra igualmente presente, como nas falas de Lucas e Pedro Paulo, descritas abaixo:

> *- É. Mais gostoso. (risos) Sem [camisinha] fica mais gostoso.*
> *- E porque que essa vez foi sem? O que que aconteceu…?*
> *- Ah, sei lá […] Eu falei, vou tirar, tirei, e já era. É, do nada.*
> *- E depois disso?*
> *- …Fiquei pensando, né! A cabeça, nossa, que que eu fiz…?*
> *- Você conversou com ela, quem que era, não era sua namorada?*
> *- Não, era uma menina da rua, aí. Eu conversei, eu comprei o negócio lá, o remédio pra ela. Ela tomou, já era... Aquela pílula, lá...*
> *- …pra não engravidar?*
> *- É.*
> **(Pedro Paulo, 19 anos, autônomo, EF incompleto)**
>
> *- ...Chegou a estourar a camisinha. Tive que comprar pílula do dia seguinte… correndo, tipo, tremendo, (risos). fiquei muito tenso. Aí comprei, tal, ela tomou na minha frente… aí… ela também ficou meio assim.*
> *- Sim. Vocês conversaram sobre isso?*
> *- É, depois ela viu, depois que estourou, eu fiquei mó assim, ela ficou preocupada comigo, que eu fiquei muito suando, entendeu...*
> **(Lucas, 17 anos, 2º. EM, Integral)**

Vale ressaltar que o discurso de Lucas, bem como o de Agenor acima apresentado, revela uma busca de certo controle que os homens procuram exercer sobre a fertilidade da mulher, sendo que Agenor menciona a compra do comprimido e o lembrete para que a companheira tome a segunda dose, enquanto Lucas refere ter esperado para que a garota tomasse o comprimido na sua frente, de modo a buscar ao que parece uma garantia para evitar o risco de gravidez.

No caso de Pedro Paulo, o que podemos identificar é um discurso típico, característico da ocorrência do não uso da camisinha e do temor pela ocorrência da gravidez, mas não só. O que se observa é a preocupação em comprar e fazer uso do

medicamento por se tratar do que denomina uma menina “da rua”, revelando com isso uma discriminação de gênero.

Vale considerar que embora o uso da AE não se constituísse em umas das questões previstas pelo roteiro temático ela acabou por emergir dos discursos que relatavam ocorrência de falha ou não utilização de camisinha, revelando a preocupação tão somente com a gravidez, não havendo em tais discursos nenhuma menção à questão da preocupação com as DST/Aids.

Participação masculina na contracepção e prevenção das DST/Aids

As falas dos garotos acerca da participação e responsabilidade masculina na contracepção apontam para importantes questões como relações de gênero e o uso da racionalidade e conforme podemos observar nas narrativas de Leandro, Alexandre e Lucas:

> *Ah, tá sempre prevenido né, camisinha na carteira, todo mundo, o pai já, os pais já dizem pra você, né, anda com uma camisinha na carteira! […] Basicamente é isso, se você tiver uma camisinha na carteira, você não pode falar, ah ela ficou grávida, mas não é culpa minha…*
> **(Leandro, 18 anos, estagiário, EM completo)**

> *Ah, tem que ter responsabilidade, né mano. Você, tá aqui, com o preservativo na mão, você já pensa, nossa, melhor eu me prevenir. Ou não, vai, sem camisinha mesmo, vai ser mais gostoso. Você já pensa, nossa, mas e se engravidar? Vai mudar toda a vida né, mano, e tá aqui, o preservativo na mão. É bem mais fácil usar o preservativo.*
> **(Alexandre, 18 anos, autônomo, EM incompleto)**

> *Nenhum [garoto] quer responsabilidade [diante de uma gravidez], mas acho que todos gostariam de ir sem [preservativo] […] Que nem eu, quando estourou, agora eu coloco devagarzinho, tem que colocar direito e tal, pra não entrar ar, né [no preservativo]… Agora eu to mais me cobrando.*
> **(Lucas, 17 anos, 2º. EM, Integral)**

Os discursos de Leandro, Alexandre e Lucas apontam para uma responsabilização masculina e quanto ao uso e ao fato carregar a camisinha consigo, bem como para a racionalidade necessária frente à possibilidade de maior prazer experimentado no sexo desprotegido a partir da reflexão acerca das implicações da gravidez para a vida de jovens. Vale ressaltar que Leandro menciona a importância

da orientação familiar quanto à orientação e incentivo para que os rapazes tenham sempre a camisinha. Lucas, ainda, identifica a importância do uso correto do preservativo, visando minimizar as probabilidades de falha.

Outros garotos entrevistados apresentaram, em suas narrativas, a percepção de que, muitas vezes, as garotas não se preocupem com a contracepção, reforçando a responsabilização masculina, como exemplificam as falas de Wagner, Jorge e Pedro Paulo:

> *Ah, o cara tem que ter consciência também, né, muitas meninas querem engravidar, sair de casa, casar logo. Sair de casa…*
> **(Wagner, 16 anos, aprendiz, 1º. EM, noturno)**

> *- Ah, aí vai da mulher né, se a mulher for safada, aí ela…*
> *- Safada? Como assim, em que sentido?*
> *- Ah, safada é… assim, é falar ah, não precisa não, vamo sem, mesmo […] Aí já é um motivo, ela fala, vai sem… o cara vai ir sem mesmo…*
> *- E você acha que tem muitas mulheres, meninas, que fazem isso?*
> *- Tem. Lógico que tem! (risos) […] Às vezes elas queria ir sem, eu não ia, não […] tem menina aqui também que, tipo assim, nóis, os moleque fala, vai fechar com elas, é ficar com elas, fazer sexo […]algumas não é preocupada com essa ideia de camisinha, não.*
> **(Pedro Paulo, 19 anos, autônomo, EF incompleto)**

> *Ah eu acho que ele sempre tem que tá bem a frente, né. Tipo… É. Ele que tem que saber… se a menina quer sem [camisinha], ela já fala, não, vamos sem, eu tomo remédio […].Rremédio, eu levo pra ela [a namorada] todo dia de manhã pra ela tomar, vai se ela esquece. É, levo pra ela, todo dia, o certo é tomar o remédio direito.*
> **(Jorge, 17 anos, estagiário, 3º. EM, noturno)**

Wagner aponta, em seu discurso, para o desejo de engravidar que pode existir entre algumas garotas, de modo que caberia ao homem ter consciência para não correr riscos, o que desvela as relações de gênero que permeiam a questão da contracepção. Do mesmo modo que o discurso de Pedro Paulo revela ser comum não querer feminino, sendo que cabe ao homem não apenas negociar o uso do preservativo, mas também estar consciente e fazer uso da razão frente à possibilidade e abertura feminina para uma experiência sexual mais prazerosa, porém desprotegida. As garotas que apresentariam este comportamento seriam, portanto, caracterizadas por ele como “safadas”, segundo uma visão dualista do ser mulher, discutido em item anterior.

O discurso de Jorge aponta para uma responsabilização masculina destacando a importância do controle sobre o corpo feminino, de modo que em sua prática, refere monitorar o uso da pílula pela namorada, apontando para o uso constante da camisinha como única segurança que o homem pode ter em termos de contracepção, já que todos os outros métodos se dão no corpo feminino.

Acerca da participação e responsabilidade masculina na prevenção das DST/Aids, nas falas dos garotos entrevistados, indicam uma concepção de cadeia epidemiológica e apontam igualmente para a importância que as relações de gênero ganham neste contexto, conforme revelam as falas de Gabriel, Wagner, Jorge e Marcelo, a seguir:

> *Ah, como tem o homem, tem a mulher, eu acho que tem ambos, sempre tem um que faz mais [sexo], que tem mais relação, entendeu. Então aí vem mais um ponto pra você se preocupar, porque se mais relação, mais exposição. Se alguma mulher tiver, assim, você não vai perguntar pra mulher, ô você tem Aids? Não. Bota camisinha, entendeu. Também a pessoa tem doença e não sabe, pra descobrir demora muito, até lá ela contaminou muita gente.*
> **(Gabriel, 15 anos, 1º. EM, Manhã)**
>
> *Tem que pensar nele e nos outros, também, né. Principalmente, você vai pegar, você pegou, daí, você ter outras… vai que a outra pegue, você tem que ficar nessa… esse cuidado também, não pode sair por aí… eu acho, vamo dá doença pra todo mundo. (risos) Tem que ter consciência.*
> **(Wagner, 16 anos, aprendiz, 1º. EM, noturno)**
>
> *Ah, eu acho que ele tem que ser mais… tem que saber das coisa, também, não é com qualquer uma que ele vai chegar e fazer as coisas… Ah acho que a pessoa tem que saber, né. Conhecer. Só isso, só. Saber com quem você tá se lidando, conversar com as pessoas...*
> **(Jorge, 17 anos, estagiário, 3º. EM, noturno)**

Assim como observado nas falas anteriores acerca do controle masculino sobre o corpo e a fertilidade da mulher, o discurso de Gabriel aponta para a impossibilidade do controle masculino sobre o corpo feminino também no que se refere às questões das DST/Aids, sendo que cabe ao homem apenas o uso da camisinha, como garantia de sua saúde sexual. Nesta mesma direção é que se coloca o discurso de Wagner, ressaltando ainda a importância do conhecimento da cadeia epidemiológica para transmissão de DST/Aids, mas também referindo-se a uma

suposta conscientização por parte das pessoas que possuam algum tipo de DST em evitar sua transmissão, conforme já discutido em item anterior.

A ideia da confiança na parceira, adquirida ao longo de relacionamentos mais duradouros e estáveis como o namoro se faz presente no discurso de Jorge, que revela maior importância em conhecer a parceira, em "não fazer com qualquer uma" segundo suas palavras, que em utilizar o preservativo para a prevenção das DST/Aids. No entanto, Pedro Paulo ao relatar ter contraído sífilis revela a possibilidade de ocorrência de falhas na prevenção, mesmo havendo conscientização:

> *Agora se preocupo muito, até demais! Ô! Lógico! Antes também, o lance aí foi um descuido meu. Descuido mesmo. Às vezes você fala assim, não, só essa vez, não vai acontecer nada... E já, você vai ficar tranquilo. Foi isso aí mano... Você ir muito na cabeça, não, vou fazer isso, aí você vai e faz... Agora, antes de eu fazer eu penso bem, pra depois, ver as consequências. [...] Antes eu prevenia, mano. Tudo que era pra fazer, pra não dá nada errado, eu fazia. [...] Não era pra ter escapado.*
> **(Pedro Paulo, 19 anos, autônomo, EF incompleto)**

Pedro Paulo, em seu discurso, reconhece a existência constante do risco para contaminação por DST/Aids admitindo que sua experiência anterior, em que contraiu a sífilis, foi decorrente de um deslize seu, algo que não deveria ter ocorrido. Tal discurso revela a crença infundada, presente no imaginário dos jovens, de que "não vai acontecer comigo", e de que "só dessa vez não tem problema", identificada também em vários estudos, conforme aponta Cano et. al. (2000), como característica de uma onipotência presente em adolescentes que os coloca em situação de vulnerabilidade no que se refere ao HIV/Aids e outras DST.

Relação entre contracepção e prevenção das DST/Aids: a dupla proteção

A despeito do desconhecimento revelado em relação às doenças sexualmente transmissíveis, como observado no item 5.4.2, todos os entrevistados apresentaram um reconhecimento da dupla proteção oferecida pelo preservativo, como tendo grande valor. Também apontando para o fato de que a camisinha, em alguns discursos, concita os homens à questão da responsabilidade e consciência, assumidas à medida que seu uso representa uma responsabilização para consigo e com o outro.

Nesse sentido, podemos observar as falas dos garotos Gabriel, Alexandre, Lucas e Marcelo, que podem exemplificar tais percepções:

> *- Que relação existe entre evitar a gravidez, quando você não quer engravidar e evitar se contaminar com a Aids e outras doenças?*
> *- Ah, os dois, entendeu, os dois tem o fator prevenir… Então os dois se previne com camisinha. E o nenê se previne com remédio também, entendeu. É isso. Eu acho isso…*
> **(Gabriel, 15 anos, 1º. EM, Manhã)**
>
> *Ah, preservativo, né, pílula... ah, mas tipo, mesmo com pílula às vezes é bom usar também o preservativo e tal, por causa de doença também*
> **(Lucas, 17 anos, 2º. EM, Integral)**
>
> *- Qual a melhor forma de prevenção?*
> *- Ah, fazendo certo, né mano.*
> *- O que é o certo? O que é fazer o certo?*
> *- (risos) sei lá, se prevenir, usar a camisinha, pra não acontecer nem de pegar Aids, ou de passar Aids, ou engravidar.*
> *(Alexandre, 18 anos, autônomo, EM incompleto)*
>
> *Ah, porque se você usar uma camisinha, você vai prevenir os dois, mas no papel da garota tem muitos meios, tem anticoncepcional, DIU, na escola que eu trabalho, se você entrar na sala de enfermagem tem uma tabela. Então tem DIU, camisinha, camisinha feminina […] Tem bastante forma, todo mundo tem acesso. Eu não sei assim, o preço do restante das coisas, eu sei que camisinha feminina é cara, agora, DIU, essas coisas eu não sei o preço… mas camisinha dá no posto […] ninguém pode falar que é inacessível. […] Então dá pra evitar. Só não evita quem não quer evitar.*
> **(Leandro, 18 anos, estagiário, EM completo)**

Gabriel, Lucas e Alexandre fazem menção direta, em seus discursos, ao preservativo em sua dupla função, e Gabriel ainda identifica a pílula não como alternativa, mas como um reforço. A referência a diversos métodos contraceptivos e preventivos para DST/Aids surge no discurso de Leandro, sinalizando não apenas a participação tanto masculina quanto feminina na dupla proteção, mas também a acessibilidade de tal proteção, apontando para a importância dessa acessibilidade para as práticas preventivas entre os jovens.

Acerca da responsabilidade pelo uso do preservativo

A maior responsabilização pelo uso do preservativo atribuída ao homem surgiu em algumas falas dos garotos, quando questionados de quem seria a

responsabilidade por tal uso, à medida que emergem alguns aspectos que referem à questão da igualdade de gênero como poderemos observar no conjunto de falas dos rapazes, a exemplo de Pedro Paulo, Marcelo e Leandro, abaixo:

> *Do homem, né. Ah, porque é o homem que vai, sei lá, é o homem que vai dar a iniciativa pra fazer sexo com a mulher…*
> **(Alexandre, 18 anos, autônomo, EM incompleto)**

> *Do homem. Lógico que é o homem. A mulher não tem obrigação de ficar falando. É o cara, e, o cara se for, ele já tem que ir, já, com [camisinha]… Eu mesmo, se é eu, eu já nem deixo a menina, já nem fala, eu já vou, já levo, já […] se ela fala assim, você vai usar camisinha, eu falo, lógico, né. […] mas, tipo assim, o homem, é ele que tem que levar, não a mulher. Ele que tem que ter a preocupação, a mulher, ela só quer fazer o amor dela, lá e ficar suave.*
> **(Pedro Paulo, 19 anos, autônomo, EF incompleto)**

> *Do homem. É, por que… tipo uma camisinha não é cara. Ele podia ter uma na carteira. E é sempre bom conversar com a garota… com sua namorada, sei lá. Então, assim, o homem que pega a Aids, ou vira pai cedo na minha opinião é muito irresponsável […] Mesmo porque, tipo, garota anda com a bolsa, mas ela não vai ficar andando com uma camisinha, porque, tipo, conheço muito garoto que acha vulgar, que uma garota tenha camisinha na bolsa […] Tem amigo meu que acha que garota que tem camisinha na bolsa e não tem namorado é vulgar, porque… então, ela tá preparada pra qualquer hora…*
> **(Leandro, 18 anos, estagiário, EM completo)**

Pedro Paulo em seu discurso reconhece uma responsabilidade maior do homem no uso da camisinha, muito embora reconheça o desejo feminino e mencione a participação feminina na negociação pelo uso do preservativo. Nesse mesmo sentido podemos observar o discurso de Leandro, que, apesar de mencionar o homem como maior responsável pelo uso do preservativo como dupla proteção, faz referência à responsabilidade compartilhada e negociação por meio do diálogo com a parceira. Relata, ainda, sua observação de que há garotos que fazem julgamentos morais a respeito de garotas que trazem consigo o preservativo, sob uma visão polarizada da mulher, como já discutido anteriormente.

Portanto, o que o discurso de Leandro descortina é a existência de uma possível ideia de igualdade para além da visão tradicional de gênero, decorrente do patriarcado, a exemplo de sua própria narrativa. Esta visão tradicional pode ser encontrada também no discurso de Alexandre, que atribui ao homem a

responsabilidade pelo uso do preservativo, dada a naturalização do papel do homem na iniciativa para o ato sexual, não reconhecendo a participação e o desejo feminino.

Ao ser indagado sobre a responsabilidade pelo uso da camisinha, Jorge inicialmente atribui a responsabilidade ao homem, porém, após refletir momentaneamente sobre a questão, apresenta uma alteração em seu discurso atribuindo maior responsabilidade à mulher, como podemos observar em sua fala abaixo:

> *- Do homem. Ele tem, ele… não! A mulher! É, eu acho que é a mulher, por que, se a mulher… quem se fode mais é sempre a mulher. Quem sofre mais é a mulher, o homem só dá o apoio né, a mulher que sustenta lá o filho nove meses lá, é difícil.*
> *- De que forma ela tem essa responsabilidade?*
> *- Ah, ela tem que tomar cuidado com as pessoas, sabe […]. Ah ela tem que falar com o parceiro e tal, como vai ser, que tem que se prevenir…*
> **(Jorge, 17 anos, estagiário, 3º. EM, noturno)**

A alteração ocorrida no discurso de Jorge, que inicialmente atribui a responsabilidade ao homem, mas depois se refere à mulher, decorre, aparentemente, a partir de sua concepção acerca de maiores implicações para as mulheres no caso de uma prática sexual desprotegida, cabendo ao homem uma posição secundária, de apoio. Outros garotos entrevistados identificaram a responsabilidade compartilhada pelo uso do preservativo, a exemplo das narrativas de Wagner, Lucas e Gabriel, apresentadas abaixo:

> *Ah, eu falaria do homem, mas, a mina também. Ah, acho que a mulher, por causa que, como eles pode agir mais pelo instinto, assim, sabe, a mulher que tem dar assim, uma freada, entendeu. Ah, não sei o que falar, de qual, 50, 50 [%] entendeu. Não tem uma responsabilidade [única], os dois tá praticando o ato, os dois tá fazendo. Mesma coisa, se ela ficar grávida, aí não é só dela e não é só dele, a responsabilidade é dos dois. Por mais que, tipo, se ela fala que ele tava fazendo sem camisinha, por isso que engravidou, ela deixou, entendeu…*
> **(Lucas, 17 anos, 2º. EM, Integral)**

> *Os dois né, os dois tem que… pensar, ah não quero isso pra mim. Não quero… os dois tem que se cuidar. É igual, eu não quero pegar, então, eu vou me cuidar… Se você não quiser, eu não faço com você…*
> **(Wagner, 16 anos, aprendiz, 1º. EM, noturno)**

> *Ah do homem, lógico, né. Também tem camisinha pra mulher. Mas é do homem, oxe! Sei lá. Ah, dos dois né. Se os dois quer, os dois previne. Não adianta nada, às vezes você quer usar camisinha e tem uma mina que não quer […] Aí já entra o fator conversa… Teve uma menina que*

> *falou assim, não, é desconfortável. Eu falei, é, desconfortável. Melhor ser desconfortável agora do que mais ainda… depois, entendeu.*
> **(Gabriel, 15 anos, 1º. EM, Manhã)**

Tal como na fala de Alexandre, apresentada acima, Lucas expressa em seu discurso uma visão naturalizada do ser homem, sendo sua sexualidade instintiva e dessa forma, pouco controlável. Assim, porém, é que reconhece a participação feminina em sua fala, dividindo a responsabilidade pelo uso do preservativo através do controle da sexualidade masculina.

A questão da responsabilidade compartilhada, dentro de uma ideia de igualdade de gênero emerge do discurso de Wagner, que identifica a responsabilidade como atribuída tanto ao garoto, como à garota, em contexto de prática consensual apresentando um discurso bastante convicto quanto a essa posição. Gabriel, por sua vez, apresenta um discurso em que, apesar de reconhecer inicialmente o homem como responsável pelo uso do preservativo, identifica grande participação feminina através do diálogo e da negociação entre os parceiros e também apresenta sua experiência diante do não querer feminino, que aponta para novos comportamentos femininos nas relações afetivo-sexuais, como mencionado anteriormente.

5.4.4 O Não lugar dos serviços de saúde na saúde sexual e reprodutiva de adolescentes

De acordo com Andrade (2008), as políticas públicas direcionadas à adolescência e à juventude no campo da Saúde Pública são em geral, embasadas no modelo biomédico, que reforça a compreensão a partir do conceito de adolescência e juventude como fenômenos atemporais e universais, além da ênfase na ideia dos instintos e hormônios, gerando serviços para controlar estes aspectos. É nessa perspectiva que a adolescência e juventude têm sido tradicionalmente encaradas como um problema. A autora discute, a partir de Valadão (2003), que o discurso vigente no campo da saúde, em geral, normatiza a vida do jovem e sugere que este não possua competência para se responsabilizar pela sua saúde, vida afetiva, sexual e social, entendendo os riscos à saúde como consequência de seus modos de vida.

Para Andrade (2008) muitas propostas de trabalho, nomeadas políticas públicas para a juventude, foram concebidas pela gestão pública já contaminada por preocupações com a prevenção de possíveis problemas entendidos como "inerentes" a essa faixa etária. A autora discute diferentes estudos, avaliações e dados estatísticos que indicam que tais estratégias de trabalho em geral não alcançam seus objetivos, visto que os jovens seguem desassistidos em diversos campos. Tendo em vista esse contexto, podemos observar a partir das narrativas dos jovens entrevistados, alguns indicadores dessa falta de assistência, que contribui para colocá-los em condição de vulnerabilidade.

Sanchez e Bertolozzi (2007) buscam em seu trabalho discutir a importância da concepção de vulnerabilidade, introduzida e ampliada, segundo esses mesmos autores, por Ayres et al (1999), destacando os três planos de compreensão e determinação de vulnerabilidade, mencionados por este autor: o comportamento pessoal ou a vulnerabilidade individual; o contexto social ou vulnerabilidade social; e os programas de combate às doenças (como a Aids) ou vulnerabilidade programática.

Especificam Sanchez e Bertolozzi (2007) que a dimensão da vulnerabilidade individual se refere "ao grau e à qualidade da informação que os indivíduos dispõem, sobre os problemas de saúde, sua elaboração e aplicação na prática" (p.321). Quanto à vulnerabilidade social, os autores identificam como referente à "obtenção das informações, o acesso aos meios de comunicação, a disponibilidade de recursos cognitivos e materiais e o poder de participar de decisões políticas em instituições" (*idem*). A vulnerabilidade social se encontra, portanto, estreitamente relacionada aos processos de exclusão, discriminação ou enfraquecimento dos grupos sociais e suas capacidades de reação.

Nesse sentido é que podemos identificar, nos jovens entrevistados, suas condições de vulnerabilidade, seja no âmbito individual, seja no âmbito social no que se refere ao nível de informações que possuem e ao acesso a tais informações, bem como ao acesso aos serviços de saúde, dadas as suas características individuais e condições sociais de pertencimento a camadas médias e baixas.

A respeito do uso da camisinha distribuída gratuitamente em serviços de saúde ou campanhas, a maioria dos garotos revelou não fazer uso, a exemplo do que podemos observar nas narrativas de Marcelo, Wagner e Agenor, abaixo:

- Você já pegou camisinha em posto de saúde?
- Já, já […] Só que ela rasga mais fácil, né…
- Você percebeu isso?
- Percebi. Ela rasga muito mais fácil.
(Marcelo, 19 anos, 2º. EM, supletivo à distância)

- você usaria a [camisinha] do posto?
- Se não tivesse outra, eu usaria
- Você prefere usar a outra do que a do posto?
- Prefiro. Me dá mais segurança. Pode ser que seja um preconceito, meu, sei lá, é "grátis"…
(Wagner, 16 anos, aprendiz, 1º. EM, noturno)

- É que a [namorada] tem problemas contra camisinha de hospital. Tem medo, sabe, que falam assim que é fraca.
- […] Você, pensa isso também?
- Ah, eu não confio muito, eu fico meio com pé pa trás, sabe.
- Você acha que é diferente daquela que você compra?
- Acho que é, acho que a cor é diferente também, porque tem umas que é colorida […] com sabor.
- vocês, preferem essas diferentes, assim, coloridas?
- É.
(Agenor, 16 anos, autônomo, 1º. EM, matutino)

O que podemos observar nos discursos de Marcelo, Wagner e Agenor é um descrédito acerca da eficácia e capacidade de proteção do preservativo distribuído gratuitamente, tal como encontrado em estudo de Santos et. al., (2002) com jovens rapazes de Recife, o que indica uma desconfiança generalizada sobre a qualidade do preservativo distribuído pelo sistema nacional de saúde. Podemos notar, nos discursos acima apresentados, que tal concepção nem sempre é fundamentada a partir de alguma experiência própria, ou alguma fonte segura. Há, ainda, o discurso de Agenor que aponta para uma melhor qualificação do preservativo comprado, pois, além da confiabilidade, apresenta características outras, como coloração, sabor, textura, que são aspectos atrativos para o público jovem.

Vale considerar novamente, portanto, que o mundo contemporâneo se caracteriza como o mundo do consumo, sendo o jovem um personagem representativo desse mercado consumidor. As falas de Leandro e Gabriel revelam tais aspectos:

- Você já pegou camisinha no posto alguma vez?
- Não, eu tenho vergonha. (risos) eu prefiro ir na farmácia. […] Mas, eu usaria… pra mim é a mesma coisa da comprada, não tem diferença. Que, a diferença da camisinha do posto e da farmácia é nome, que tipo,

> *você vai tá indo lá comprar uma marca, você tá pagando 5 reais porque tem a marca lá. […]*
> **(Leandro, 18 anos, estagiário, EM completo)**

> *- E você não vê nenhum problema em usar camisinha do posto?*
> *- Tsc tsc, tem nada, não. Continua sendo camisinha… Só que não tem marca. Só isso.*
> **(Gabriel, 15 anos, 1º. EM, Manhã)**

Leandro e Gabriel, em seus discursos, parecem identificar que o diferencial entre o preservativo gratuito e o comprado é apenas o nome, a marca. Desse modo, tal diferencial pode ser importante para alguns rapazes, por viverem num mundo em que as marcas, a moda, o consumo são sinais de *status* e de grande relevância no que se refere notadamente aos jogos de conquista.

Quanto à relação que os jovens estabelecem com os equipamentos de saúde, as falas apresentam um distanciamento e, por vezes, até mesmo certa aversão, como podem ilustrar as falas de Alexandre, Jorge e Gabriel, apresentadas a seguir:

> *- Você costuma ir no médico, posto de saúde?*
> *- Não. Já fui, mas, faz tempo, viu… Nuca mais eu caí, nunca mais quebrei nada […] eu to bem, não to me sentindo mal…*
> **(Alexandre, 18 anos, autônomo, EM incompleto)**

> *- Você acha que os jovens procuram médico ou serviço de saúde, posto de saúde, pra se informar dessas coisas?*
> *- Ah, acho que o homem não. A mulher acho que vai, acho que procura […] Eu nunca fui, acho estranho o homem chegar lá, e fazer isso […] se eu tiver alguma dúvida, eu peço para ela [namorada] ir e ela pergunta […] parece que mulher tem mais, facilidade.*
> **(Jorge, 17 anos, estagiário, 3º. EM, noturno)**

> *- É raro. Eu não gosto… é porque, assim, eu nunca me imagino doente numa cama. Sempre tá ali, animado e tal, então…*
> *- Então o ambiente do posto, você não gosta?*
> *- Não gosto, tem sei lá, um clima pesado, assim… É entrar da porta pra drento é começar a ficar mal… Eu começo a, vish, fico inquieto. […]*
> *- e, informações sobre esse tipo de assunto, de sexo e outras coisas, se você tivesse alguma dúvida, você procuraria um posto de saúde ou um médico pra conversar?*
> *- Não… Tsc tsc. Falar pra você, isso daí, entendeu, minha mãe nunca conversou comigo, meu pai nunca conversou comigo. Meu pai só falava pra mim assim, você tem que catá e comê todas as muié mesmo! Que não sei o que lá… Tem que ser homem, né.*
> **(Gabriel, 15 anos, 1º. EM, Manhã)**

Podemos observar nos discursos de Alexandre, Jorge e Gabriel que frequentar um serviço de saúde parece uma realidade muito distante para os jovens rapazes, seja

por ser algo que se relaciona a aspectos da infância, fase com que não se identificam mais, como refere Alexandre, seja por identificarem como prática mais relacionada ao feminino, conforme revela a fala de Jorge. Ou, ainda, como podemos observar no discurso de Gabriel, seja pelo fato de que o serviço de saúde, em seus imaginários, remete a um cenário de doença, de condições ruins de saúde, algo com que não se identificam, não desejam para si.

Vale destacar na fala de Gabriel, não somente a menção a dificuldade de diálogo com seus pais, mas, igualmente, o quanto o discurso materno é ausente na formação de garotos e o discurso paterno pode apresentar-se como reprodutor de uma visão tradicional de gênero, fundada na concepção de uma masculinidade hegemônica de apropriação da mulher e de seu corpo como simples objeto de prazer e afirmação masculina, postura essa muitas vezes negada nos discursos de jovens adolescentes, a exemplo de Gabriel. Tal fato nos leva a indagar sobre que espaços se abrem aos adolescentes e jovens como opções no sentido de obter informações e tirar dúvidas a respeito de questões de saúde, especialmente no que se refere à saúde sexual e reprodutiva, e ainda, o porquê de os serviços de saúde serem representados, em nível do discurso adolescente, como um não lugar para adolescentes e jovens em relação a tais questões. Os relatos de Lucas, Pedro Paulo e Alexandre são exemplares em relação a essas indagações:

> *Posso falar uma coisa engraçada (risos) Eu já tinha perdido a virgindade e tudo, aí, eu tava com quase 16 anos, aí meu pai veio conversar sobre sexo comigo. Eu ri tanto da cara dele. Não! Ele falou assim, então, você vai chegar a fazer sexo, aí eu olhei pra cara dele assim. Não, ele perguntou, assim, você é virgem, ele pegou falou… você já? E… eu não vou te responder isso (risos). […] É que eu ri bastante, tipo, eu já sabia, acho que já sabia mais do que ele, já. Ele queria conversar sobre isso comigo, chegou tarde…*
> **(Lucas, 17 anos, 2º. EM, Integral)**
>
> *- E conversa, assim, com quem… os rapazes, em geral, pra falar sobre essas coisas, falar sobre sexo?*
> *- Com ninguém, é entre nóis mesmo, entendeu, é nóis mesmo.*
> **(Pedro Paulo, 19 anos, autônomo, EF incompleto)**
>
> *- Ah! Aprendi muita coisa, com os amigo na escola, eles falando, ou na prática mesmo, foi assim né […] Na sala de aula, aquela roda de muleque… Tudo falando de muié, até parece que você não vai aprender alguma coisa (risos) […] na rua…*
> *- E, assim, com pai, mãe, família?*

> *- Não. Ah, tem, alguns que deve ser né… Filhão, senta aqui do lado do pai! […] Deve rolar né. (risos).*
> *- Você acha que tem alguns meninos que procurariam, por exemplo, posto de saúde, pra tirar dúvida, pra conversar sobre essas coisas?*
> *- Ah, deve ter uns franguinho, né… nesse mundo, que procura (risos)*
> *- O que que é franguinho?*
> *- Ah, é os moleque… sei lá, mano, os moleque bobão…*
> **(Alexandre, 18 anos, autônomo, EM incompleto)**

Podemos identificar, a partir da fala de Lucas, a falta de sincronia entre pais e filhos, ou mesmo diacronia e defasagem pelo retardo nesse tipo e busca de interlocução, que apontam para ideias e tempos diferenciados entre o mundo adulto e o mundo adolescente, que se descortina cada vez mais intenso e precoce, no mundo contemporâneo, a exemplo do discurso de Lucas, assim como do relato de Alexandre, que ilustra tal distância entre mundos e linguagens, querendo significar, ao que parece, a ideia de que a adolescência se apresenta de maneira autônoma, em relação à família como espaço de socialização, para esse momento da vida.

Nesse contexto, as narrativas de Lucas, Pedro Paulo e Alexandre ilustram, no seu conjunto, os modos pelos quais os adolescentes e jovens buscam podem obter informações que permitam a eles uma vivência saudável de suas relações afetivo-sexuais, ou de risco, dada a ênfase que os discursos dos mesmos colocam na prática como construção não somente da experiência em si, mas de um saber sobre, que passa a ser objeto de trocas entre os pares. Nesse sentido, a questão da maior vulnerabilidade não somente às DST/Aids, mas igualmente à contracepção se apresenta como altamente provável.

Ao lado do aprendizado junto aos pares, outra forma de acesso à informação que permeia o universo jovem, refere-se à internet, mencionada por vários entrevistados como uma fonte importante de acesso a tais conteúdos, como exemplificam as narrativas de Agenor, Leandro e Wagner, abaixo apresentadas:

> *Hoje em dia, assim, 99% dos jovens tem internet em casa, falar assim, ah, não sei nem o que que é Aids, merece tomar um tapa uma pessoa dessa, porque informação não falta hoje em dia… Tem como saber […] Então, a internet é o meio numero um de, saber das coisas. Sei lá, se a pessoa falar pra mim que ficou grávida porque não sabia o que tava fazendo, não tem como falar isso mais.*
> **(Leandro, 18 anos, estagiário, EM completo)**

> *Raramente é no médico. Normalmente, escola, professor normalmente ensina, os pais, e, se você tem alguma curiosidade, o famoso Google!*
> **(Wagner, 16 anos, aprendiz, 1º. EM, noturno)**

> *- Quando os rapazes tem alguma dúvida por exemplo, com quem que eles tiram, com quem que eles conversam?*
> *- Internet. […] É porque as pessoas tá substituindo, né, tipo, a mãe pelo computador… É, eu acho que sim. Que muitas pessoas, que a maioria acho que não conversa sobre isso com a mãe não, só eu, só, acho.*
> **(Agenor, 16 anos, autônomo, 1º. EM, matutino)**

Na fala de Leandro a internet ganha expressão como fonte não somente primordial, mas necessária para a informação ao jovem contemporâneo, na medida em que esta se apresenta, no seu relato, como fonte não somente para as necessidades de prevenção, assim como da contracepção. É igualmente ilustrativa a fala de Agenor que refere a própria internet caracterizada como "mãe virtual", em detrimento da mãe real em termos de fonte das referidas informações. Tal importância encontra-se igualmente no discurso de Wagner, referindo-se ao "famoso Google" como a fonte capaz de matar a curiosidade do jovem, quando existente.

Embora os garotos Leandro, Wagner e Agenor destaquem em seus discursos, essa relação bastante íntima do jovem com o universo virtual, podemos observar, no entanto, que caberia, em nível do "mundo real", importante papel aquelas instituições que se constituem em espaços próprios, espaços de vivência de adolescentes e jovens, como é o caso da Escola. Nesse sentido, a fala de Gabriel quanto ao alcance e eficácia de estratégias para a forma de transmissão da informação que contribuam para a adoção de comportamentos preventivos entre os jovens parece bastante ilustrativa:

> *A Aids, é uma doença... sexualmente transmissível […]não sei, eu nunca fiquei com uma mina, assim, pensando que ela tinha Aids, nada, então, nunca liguei pra essa parte. Já teve palestra, já, alguma coisa assim, mas nunca, prestei atenção, não.*
> **(Gabriel, 15 anos, 1º. EM, Manhã)**

> *- E na escola, tem informação sobre isso?*
> *- Tem, mas, entendeu, é uma informação, meio cru. Sabe, não é uma coisa assim que você pega todas as salas, senta lá na quadra, fala assim, ó, explicar, ter uma palestra, conversar, tirar as opinião, entendeu, da pessoa, tirar as dúvidas, as questões, vários negócio entendeu? Tivesse uma palestra, alguma coisa, bem feita, aí sim […] com bastante informação, entendeu, pra você… Na hora, não ficar com dúvida. Bem explicado, com pessoas que fale bem.*
> **(Gabriel, 15 anos, 1º. EM, Manhã)**

Retomando a fala anterior de Gabriel, apresentada no item 5.4.2, na qual revela desconhecimento acerca de DST, apesar de referir ter assistido a palestras, porém, não ter prestado atenção, podemos discutir que o desinteresse mencionado aponta para a questão de que a forma de apresentação se sobrepõe ao tema e conteúdo veiculado. Isso porque pela fala de Gabriel, aqui apresentada, as questões relativas à sexualidade e contracepção não somente povoam a mente e o imaginário dos adolescentes, mas demandam respostas em termos de políticas públicas em ações de saúde, portanto, políticas públicas presentes em ato. Tratam-se de várias ordens de questões, dúvidas, que somente a oportunidade de se contar com espaços de reflexão – como a Escola – onde tais dúvidas sejam dirimidas em termos formativos e os conteúdos sejam apresentados e explorados para além da mera ou simples informação. Portanto, somente diante de tais condições é que poderemos falar na existência de uma política de saúde pública voltada a esse grupo. Com isso queremos apontar para o fato de que falar em ações de saúde pública para adolescentes e jovens é pensar em tais ações dentro de uma visão interinstitucional, ou seja, para além das fronteiras institucionais dos serviços de saúde. A ideia presente é de que se os jovens não chegam aos serviços de saúde, que tais serviços caminhem ao encontro dos jovens em seus espaços de convivência e, de sociabilidade, dentre outros.

Nesse sentido, não somente a Escola, mas outros espaços de sociabilidade se descortinam para tais ações que são caracterizadas a partir da fala de Pedro Paulo como espaços de "comunicação".

> *- Que falta, então, pro jovem ter essa consciência de se prevenir. Que que você acha que tá faltando?*
> *- Que eu acho? Ah, falta de comunicação, eu acho.*
> *- Comunicação em que sentido de quem pra quem, assim?*
> *- Ah, sei lá, mano, do, dos agente [de saúde], tipo assim, não sei se eles tem obrigação, ah, eu acho que tem, não sei… ah, dos agente, chegar, sei lá, dar uma palestra, tipo aqui, assim, ó.*
> *- Aqui [na praça]?*
> *- É! (Risos) Falar... Não sei […]*
> *- Você acha que é função de quem, fazer isso? Dar essa informação?*
> *- Ah, do governo.*
> **(Pedro Paulo, 19 anos, autônomo, EF incompleto)**

Pedro Paulo apresenta, em seu discurso, não somente uma percepção da ausência de comunicação que caberia aos próprios Agentes de Saúde, comunicação

essa que contribuiria para reflexões apropriadas que propiciassem a conscientização dos jovens para a importância da prevenção como estilo de vida. Em seu discurso, reconhece o poder público como responsável por tais ações.

Esse tipo de discussão vai ao encontro de alguns estudos, conforme demonstrado por Paiva et. al. (2006, p. 109, 113), quando discute a questão do direito à prevenção e desafios para redução da vulnerabilidade de jovens no Brasil, a partir de um conjunto de "pesquisas nacionais, documentos e informações do Programa nacional de DST/Aids e dos planos de ações e metas estaduais". Nesse sentido, os autores referem que, em termos proporcionais, o grupo etário de 15 a 24 anos é o que menos identifica as formas de transmissão de maneira correta, fato que aponta para a alta vulnerabilidade desse grupo constitutivo de adolescentes e jovens. Em relação aos desafios que se colocam às ações de saúde, em relação a esse tipo de prevenção, o trabalho de Antunes et. al. (2002, p. 88, 94), que analisa homens e mulheres jovens de escolas publicas, de 18 a 24 anos, identifica limites no uso do preservativo e diferenças de gênero nesse tipo de prevenção, destacando a importância de "programas comunitários específicos de longa duração", portanto, ações para além das tradicionais campanhas. Apontam para a importância das oficinas como espaço de reflexão sobre essa temática, concluindo que os programas deveriam ir além das simples informações epidemiológicas, considerando aspectos inerentes ao gênero que permeiam os relacionamentos, notadamente afetivo-sexuais, resultando em práticas sexuais que ampliam vulnerabilidades.

Gabriel, cujo discurso é caracteristicamente politizado a despeito de seus 15 anos, aponta, assim como Pedro Paulo, para uma percepção de que a omissão do Estado, em teremos de políticas públicas em relação aos jovens inicia-se já em relação à infância, contribuindo para reforçar e perpetuar as condições de vulnerabilidades a que os jovens estão expostos:

> *- Ah, jovem que eu vejo de hoje, não vai chegar nem a uns 30 […] Que a molecada de hoje, só quer usar droga só, mano […] Tem muita exposição, entendeu. Que nem isso aqui ó, [o parque] muita exposição a droga. Ao menos se o governo fosse esperto, porque é mais criança no crime, mais roubo, mais assalto, mais morte, mais prejuízo pra eles.*
> *- O que que o governo deveria fazer, na sua opinião, pra mudar isso?*
> *- Não praça, entendeu. Já tem de monte. É muita praça pra nego ficar usando droga. Ô, sei lá, criançada gosta de brincar, faz um fim de*

semana legal, algum lugar fechado assim, uma quadra. Solta um monte de brinquedo legal, bicicleta, que tem muita criança aí, ó, que não tem uma bicicleta […] Sei lá, o governo podia investir mais. Muita molecada aí que tem talento, [mas] tá perdida. Moleque aí, ó, desenhista. Estragado! Moleque sabe muita manobra no skate, dá pra fazer uma competição, ganhar muito dinheiro, honrar a cidade, mas, estragado.
- E o que que falta pra…?
- Oportunidade! Oportunidade… Governo pensa, assim, faz uma praça aqui, constrói uma creche ali tá bom. Mas não é assim, não. Se eles desse mais atenção tava bom. Quer roubar, rouba mano, to ligado que os cara que não vai, nunca, vai parar de roubar, mas ô, faz pelo menos alguma coisa pra nóis, lembra de nóis aí, ô! Qualquer coisa! Essa praça tá bem feita porque foi a [nome da empresa] que patrocinou isso aqui, ó, senão taria uma bosta isso aqui […] Ah, é porque assim, se você quer correr atrás de um sonho seu… sei lá, uma certa burocracia aqui, ó. Vários muleque sabe jogar bola, mesmo […] Eles podiam abrir uma coisa do governo aí, um time de futebol, chamar várias mulecadinha, pagar bem pra eles. Nem que for 10 real, a mulecadinha já ia tá, tá incentivando a mulecada a ganha mais, entendeu?
- Mas já não tem esse tipo de coisa?
- Tem, mas é bem difícil você conseguir, entendeu. O [cita nome do jogador de futebol da cidade, de renome internacional], que porra que ele faz aqui? Os cara fala, ai, tem o instituto do [nome do jogador], mas aí, pro cara jogar no time dele, o cara tem que tá ó, patrocinando ele também, tem que tá dando dinheiro lá pra drento, entendeu, não é pros pobre não […] Passar vergonha na porta giratória de banco, sabe, por que você… Muita humilhação, ô, falar o que? Pobre sempre tem que tá com o sorriso no rosto, de bem ca vida… pfff! […] Tem vários Rap aí ó, que conta a realidade. […] "A vida é desafio", do Racionais [Racionais MC's, grupo de Rap]. Começo dessa música é muito dahora [cantando]:"É necessário sempre acreditar que um sonho é possível / o céu é o limite e você, 'truta', é imbatível / o tempo ruim vai passar é só uma fase / o céu limita, mas é só coragem / que sua família, seu filho, precisa de você / lado a lado pra te apoiar"…e tal, é mais ou menos isso…
(Gabriel, 15 anos, 1º. EM, Manhã)

Ao apresentarmos o discurso de Gabriel para ilustrar o distanciamento em que as políticas públicas voltadas à adolescência e à juventude se encontram, podemos observar que dar voz aos próprios adolescentes como sujeitos de direito representa um importante caminho para a busca de aproximação almejada.

Nesse sentido, o que o referido discurso revela é o quanto um jovem, aos 15 anos de idade, longe de se mostrar alienado das condições de vulnerabilidade em que vive, identifica igualmente nos seus pares, agora em termos daqueles que partilham ou partilharam das mesmas condições de vida, aqueles capazes de traduzir, de fato, a

realidade e os desafios que deveriam ser levados em conta pelo Estado em relação não somente aos jovens, mas igualmente à infância: os *Rappers*.

Assim, o que se desvela do amplo discurso de Gabriel, são diretrizes de alguém que entende que pensar em políticas públicas para esses grupos populacionais não desvincula condições individuais de vida, das condições sociais, assim como dos equipamentos sociais disponíveis para os mesmos. Gabriel fala, assim, da necessidade de que as políticas públicas sejam não somente pensadas, mas, igualmente implantadas e implementadas dentro de uma perspectiva de desenvolvimento social e de direitos do cidadão, em todos os seus níveis, para que "muita molecada aí que tem talento", não seja "estragada", "perdida" como uma geração futura pelo nosso País, tal como seu apresentado em seu discurso.

6 SOBRE OS DISCURSOS DAS GAROTAS

6.1 SER MULHER, SER HOMEM, SER ADOLESCENTE

Ela foi educada pra cuidar e servir
De costume esquecia-se dela
Sempre a última a sair...
Disfarça e segue em frente
Todo dia até cansar
E eis que de repente ela resolve então mudar
Vira a mesa. Assume o jogo
Faz questão de se cuidar
Nem serva, nem objeto
Já não quer ser o outro
Hoje ela é um também
(Pitty - Desconstruindo Amélia, compositores: Pitty e Martin)

Franchetto (1981), ao discutir a obra clássica "O segundo sexo", de Simone de Beauvoir, refere que a autora considera que a singularidade da condição da mulher, em toda a história, se dá pelo fato de sua condição se caracterizar pela opressão. Assim, a partir de Beauvoir pôde-se compreender a ideia de construção social que envolve o ser mulher, que passa a delinear as reflexões de gênero. E, nessa perspectiva que, tanto para Franchetto (1981), como para outras autoras como Rohden (2001) e Badinter (1985), passa-se a questionar e relativizar o caráter aparentemente absoluto de tal opressão dada a crença de uma identidade comum a todas as mulheres, baseada na fisiologia que subjugava e reduzia a mulher à sua função reprodutora e a predestinava à maternidade.

Sobre a concepção de ser mulher

Ao indagarmos às garotas entrevistadas sobre a concepção acerca do que é, na atualidade, ser mulher, algumas adolescentes, como Priscilla, estabelecem relações com a assunção de responsabilidades, conforme é possível observar em sua fala abaixo descrita:

- o que que você acha que é ser mulher no mundo de hoje?
- ...aí complica! Ai... não vou saber te responder isso.
- Não? Nem ideia?

> *- Não. Dexa eu pensar… (silêncio) Ó eu vou falar pra você, que a única coisa que assim, me ensinaram relacionado a essa parte foi, só assumir a responsabilidade, fora isso… É… É, só isso mesmo.*
> **(Priscilla, atendente, 18 anos, 3º. EM, noturno)**

Priscilla, além de expressar uma perplexidade diante da indagação realizada, apresenta, em seu discurso, uma concepção de ser mulher a partir do que entende como responsabilidades assumidas pela mesma, em nossa sociedade, concepção essa não fruto de sua própria observação, a despeito de seus 18 anos, mas como resultado de uma transmissão cultural, ao que parece, familiar.

Acerca da percepção de tais responsabilidades que envolvem a concepção do ser mulher, a narrativa de Ana Carolina pode ser ilustrativa, como podemos observar a seguir:

> *- Pra você, o que que é ser mulher nos dias de hoje?*
> *- Ah, mulher, é aquela que trabalha, cuida da casa… criança, essas coisas tudo aí.*
> **(Ana Carolina, 16 anos, estagiária, 3º. EM, noturno)**

Em sua narrativa, Ana Carolina expressa uma concepção de ser mulher cujos resquícios de uma noção de mulher característica do patriarcado podem ser observados, conforme amplamente discutido por autoras como Franchetto (1981), Badinter (1985), Meyer (1996), entre outras. Isto, ao expressar sua compreensão do ser mulher a partir de papéis clássicos a serem desempenhados como a maternidade, cuidados domésticos e com os filhos como inerentes à mesma, ou seja, como constituintes de sua identidade.

Embora estabeleça, igualmente, uma relação entre ser mulher e responsabilidade, a garota Marisa apresenta uma concepção de tal responsabilidade para além dos discursos de Priscilla e Ana Carolina, a despeito de seus 14 anos, como ilustra sua fala a seguir:

> *O que que é ser mulher, ah, é ter muita responsabilidade, porque eu vejo o exemplo da minha mãe, por ela ser mulher, ela cuida de mim, das filhas, assim, ela é mãe e pai ao mesmo tempo, sabe. E como ela não cursou todos os estudos dela, demorou muito pra ela conseguir um trabalho bom em empresa. Então, eu já penso assim, eu tenho que estudar pra mim conseguir fazer alguma coisa pra poder compensar tudo o que minha mãe faz por mim [...] porque, caramba, minha mãe, é mulher, mas assim, ela, ela faz um monte de coisa, sabe, ela cuida das*

> *filhas, ela trabalha, ela age como mãe e pai, ela… tem que arranjar um tempo pra se divertir com todo mundo. Eu acho que é ser responsável.*
> **(Marisa, 14 anos, 1º. EM, matutino)**

Em seu discurso, Marisa utiliza como exemplo a sua própria mãe ao definir o que é ser mulher, mencionando-a enquanto chefe de família, manifestando um sentimento de gratidão e reconhecimento pelo esforço da mesma em assumir as tarefas domésticas, os papéis de mãe, trabalhadora e ainda de provedora da família.

Desse modo, o que se descortina do discurso de Marisa é a questão do trabalho, entendido como atividade profissional da mulher e relacionado às oportunidades de estudo que se encontra, em sua narrativa, como um horizonte pertinente a uma ampliação das atividades femininas não somente inerentes ao espaço privado da casa, mas igualmente ao espaço público pelas atividades profissionais que exerce. Seu discurso revela, portanto, uma percepção das mudanças ocorridas na sociedade a partir das lutas e conquistas femininas, que, segundo Rohden (2001) se deram notadamente em relação às mudanças no que se refere à concepção da tradicional divisão sexual do trabalho, que permitiram às mulheres a apropriação do espaço público e inserção no mercado de trabalho. Embora, vale destacar, que tal inserção ainda não ocorra de forma totalmente igualitária no que se refere aos salários recebidos e aos cargos ocupados, conforme discutem autores e autoras como Kergoat (1996), entre outros.

Em suma, o que o relato de Marisa permite revelar como fruto de sua própria observação e vivência, diferentemente de Priscilla, é o que se considera constituir-se a tríplice carga de trabalho que caracteriza o papel de muitas mulheres das camadas populares em nossa sociedade, quais sejam, exercer atividades de trabalho remunerado, além das tarefas domésticas e o cuidado dos filhos.

Entretanto, Cássia, em sua narrativa, aponta para uma visão dicotômica o que é sobre ser mulher, concepção que passa pela ideia de uma dada "moral feminina", ao lado de uma busca de afirmação de direitos da mulher, como podemos observar nos fragmentos abaixo apresentados:

> - *Ixi, nossa… você me pegou viu! Essa pergunta… Mulher, pra mim, tem que lutar pelos seus direitos, mulher tem que ser feminina, tem que mostrar que não é só homem que pode, ela pode, e pode muito mais… tem que mostrar respeito, maturidade … não importa o quanto você*

> *viveu, importa o quanto que você aprendeu, cada dia é uma lição. Então, mulher, independente da idade, tem que ser madura […] tem que ser sábia. Homem precisa disso, né… porque a maioria dos homens não tem a mesma sabedoria que a mulher tem. […] mas sempre, ela se colocar no lugar dela, dá respeito, porque hoje em dia, as mulheres não tão desse jeito… as mulheres de hoje em dia, e de sempre tem que ser assim, não é, mudou a época, muda a mulher, ou muda o homem. Não é assim, mudou a época, não o ser humano. […] não é assim, porque hoje em dia a mulher tão pior… que os homens, só fazendo coisas que homens abomina, não é pra mulher, ah, não sei se você vai entender…*
> *- Você acha? Que tipo de coisa, por exemplo?*
> *- Assim, eu acho que... Em termos mais de relacionamento. Mulher não tá se dando valor […] Eu percebo, começando de agora, já, as novas tão fazendo isso, as mais experientes também estão fazendo isso… estão se vulgarizando…*
> **(Cássia, 16 anos, atendente, 2º. EM, noturno)**

Cássia apresenta em seu discurso, por um lado, a expressão de uma concepção de ser mulher a partir do reconhecimento das lutas e conquistas históricas das mulheres e também do empoderamento feminino, e, por outro lado, revela uma concepção do ser mulher a partir do que entende como de um ideal de mulher, sob um olhar moralizante. Dessa forma, contrapõe a mulher que se "coloca no lugar dela", que mostra respeito, se "dá valor" e apresenta maturidade independentemente da idade, àquela que se vulgariza, que não se dá, portanto, valor, tornando-se pior que os homens. Seu discurso remete, assim, a um ideal de "moral feminina", aproximando-se da concepção apresentada por alguns garotos que polarizam as mulheres entre "safadas" e "santas", conforme já discutido em item anterior (5.1), quando da análise dos discursos dos garotos.

Todavia, é possível observar que garotas como Bethânia e Rita apresentam, em seus depoimentos, uma concepção de igualdade de gênero, como bem ilustram os seguintes trechos de suas falas:

> *Ah tá bem difícil, complicado, eu percebi, assim, principalmente nas redes sociais, e várias pessoas que eu conheci, é, vários movimentos feministas, assim... Mas, eu andei pensando em tudo isso, e eu vejo que o feminismo na verdade, também não é ser mulher, porque o feminismo é só um produto do machismo, é só um subproduto da exaltação dos sexos, assim. Então, acho que ser mulher tá além do gênero, né. Ser mulher, pra mim, hoje em dia tá difícil, mas pra mim ainda é algo divino, né algo que traz a luz ao mundo e tal, traz vida ao mundo. E, ser mulher é tão importante quanto ser homem, acho que não tem nenhuma diferença entre os gêneros, nada que classifique um superior ao outro.*
> **(Bethânia, 18 anos, EM completo)**

> *Mulher? Olha, até que é complicado (risos), vamos lá. Ser mulher, nossa, me pegou agora… é uma coisa que […] é que é estranho, tipo, falar assim, o que é ser mulher, o que é ser homem… É estranho, porque, pra mim, pô, o que é ser homem, na sociedade, o que é ser mulher… que se impõem papéis diferentes, mas eu acho que não, não existe isso. A mulher tem que fazer o que ela tem vontade, o homem tem, o que ele tem vontade, somos seres humanos, pessoas qualquer, sei lá…*
> **(Rita, 17 anos, 3º. EM, integral)**

Embora o discurso de Bethânia encerre certa ambiguidade, a menção que faz às redes sociais, enquanto o espaço do "virtual vivido", aponta para o fato de o quanto essa forma de sociabilidade possibilita a ampliação das reflexões das garotas acerca da condição das mulheres no mundo contemporâneo. Daí podemos observar em seu discurso que, embora divinize a mulher pela sua condição de reprodutora, Bethânia procura igualmente destacar a questão da equidade de gênero amplamente defendida na literatura especializada, a exemplo de autoras como Louro (2010) e Meyer (1996).

No discurso de Rita, embora observemos igualmente a menção à complexidade do tema, a exemplo de Bethânia, a mesma a remete à questão da discussão da imposição de papéis sociais diferenciados para homens e mulheres, manifestando um pensamento crítico acerca do tema, assim como um posicionamento favorável à igualdade de gênero e da superação de tais papéis como inerentes a uma identidade feminina e também masculina.

Sobre a concepção de ser homem

Acerca da indagação sobre o que é ser homem, a fala abaixo apresentada, de Ana Carolina, ilustra uma concepção tradicional de gênero, ainda fundamentada no que se entende por uma cultura do patriarcado, presente em nossa sociedade nos dias atuais:

> *- E o que é ser homem nos dias de hoje?*
> *- Acho que é sustentar a família, né. Trabalhar todo dia, todo dia e sustentar a família [...] Ele é o chefão sempre.*
> **(Ana Carolina, 16 anos, estagiária, 3º. EM, noturno)**

Podemos observar, em tal discurso, a menção que Ana Carolina faz à vigência de uma concepção ainda tradicional de divisão do trabalho, em que o

homem é visto apenas como o provedor, sem participação nas tarefas domésticas e atividades inerentes ao espaço da casa. Com uma postura que parece apresentar-se crítica em relação a tal concepção, Ana Carolina parece imprimir uma previsão fatalista frente às dificuldades de mudança nas tradicionais relações de gênero, que tal visão representa.

Uma concepção de ser homem, que remete à conquista e a sensualidade pode ser encontrada no depoimento de Cássia, ao mesmo tempo em que critica atitudes consideradas por ela como grosseiras e machistas.

> *- Vixi…! Uau! Você quer me matar, né com essa pergunta! (risos) olha viu, vou te dizer assim, homem, pra mim, nos dias de hoje… Putz… ah eu acho que […], homem machista é a pior coisa que tem…*
> *- E você acha que ainda tem?*
> *- Tem, bastante... Ah, sei lá, eu acho que homem também tem que se dar o valor. A mulher, e os homens também, porque tem muitos homens também que não tão se dando [valor] […] tá faltando muito respeito da parte dos homens… seriedade, em relação a muitas coisas. Ah, eu acho que, homem tem que ser masculino, tem que ser aquele homem ousado… charmoso, não tem que ser aquele… eu tenho que ser bombado, eu tenho que ser isso aqui pra agradar a mulher, não… do jeito que eu sou, eu posso ser gordo, posso ser magro, eu tenho que ser charmoso do meu jeito… botar minha criatividade pra seduzir uma mulher, ou qualquer outras coisas da vida, entendeu. Eu acho que também tem essa, da parte do homem e da parte da mulher, quer muito agradar o outro, quer ser o que não é. […] E não é assim, acho que cada um devia ser do jeito que é e mostrar o seu lado bom. […] Ai, homem é muito grosso hoje em dia […] (risos), ogro. Tá faltando acho que um pouco eles ver que a mulher tá evoluindo, eles quer passar por cima, pelo que eu vejo. É a minha convivência, tô falando de trabalho, escola, até os meus patrão as vezes, e eles são homens com experiência… porque eu fico no meio de homem, só eu trabalhando, então, eu fico observando. Ou quando eu conheço um rapaz,mais velho.*
> **(Cássia, 16 anos, atendente, 2º. EM, noturno)**

A exemplo do discurso moral em relação à mulher, anteriormente apresentado, Cássia novamente reitera a mesma concepção acerca do homem ao mencionar que o mesmo deve valorizar-se, no sentido do respeito e seriedade em relação a vários aspectos, apontando, com isso, o que podemos considerar uma ideia de moral igualitária de gênero, muito embora – vale a pena lembrar – nessa perspectiva moral, sua visão dualiza homens e mulheres em dois tipos polares. No caso dos homens trata-se, em termos gerais, de homens responsáveis e não responsáveis. Nessa perspectiva dualista, seu discurso se contrapõe ao que considera,

ao lado de alguns garotos entrevistados, a moda da valorização exclusiva de um culto ao corpo como estratégia de conquista, que descaracterizaria a própria identidade como homem, ou seja, seu "modo ser".

Cássia identifica, igualmente, uma diacronia de gênero em relação ao avanço que as mulheres apresentam no mundo contemporâneo, sugerindo maior maturidade e implicando muitas vezes o que podemos considerar como conflito nas relações de gênero relacionados, ao que parece no seu caso, à esfera do trabalho, ambiente em que esta, em seus 16 anos, refere extrair as suas percepções. Vale considerar que tais percepções revelam sua própria trajetória de vida, que lhe propicia níveis diferenciados de experiência aos quais, a despeito de sua pouca idade, parece aproveitar a partir de um olhar atento e reflexivo à suas vivências.

Já na fala da garota Marisa, sua concepção do que é ser homem parece relacionar-se estreitamente com seu discurso acerca do que entende como a condição da mulher, notadamente a mulher proveniente de camadas populares, representadas pela figura de sua mãe.

> *Ah, eu já acho que pra homem, tudo é muito mais fácil […] por causa, que, sei lá, meu pai, ele só trabalhava, chegava em casa, tinha comida pronta, essas coisas. É só trabalhar e depois não tem que fazer mais nada, tipo… muito homem não assume a responsabilidade que a gente tinha que ter, e depois não reconhece, sabe? Ah, eu acho que tudo pra homem é mais fácil.*
> **(Marisa, 14 anos, 1º. EM, matutino)**

Enquanto podemos observar que a atribuição da figura de provedor apresenta grande expressão no discurso de garotos e garotas, vale ressaltar a forma como Marisa, em sua fala, relaciona o ser homem aos papéis de gênero que eles ainda desempenham em nossa sociedade com implicações notadamente para a mulher das camadas populares, em função de uma concepção de divisão sexual do trabalho, baseada em resquícios ainda vigentes da cultura do patriarcado, como já discutido anteriormente.

Conforme observamos, a partir de sua experiência familiar e uma explicitada admiração pela própria figura da mãe, Marisa percebe a condição do ser mulher estreitamente relacionado à tripla carga de trabalho que identifica na sua própria vivência contrapondo a isso, portanto, o papel do homem que entende, em termos

valorativos, reduzido à "simples" função de provedor, fato que aponta para as questões de desigualdade de gênero amplamente discutidas na literatura e já tão presentes na percepção dessa garota, a despeito de seus 14 anos fato que, reiteramos, parece revelar a presença de uma reflexão arguta acerca de sua própria vivência.

Assim, a questão dos papéis e atribuições presentes nas relações de gênero encontra-se igualmente nos discursos de Rita e Bethânia, à medida que ambas refletem acerca dos significados do ser homem, conforme podemos observar abaixo.

> *- É, hoje… é difícil, porque tá muito misturado os papéis [...] e também, não tem essa... hã, é homem, tem que fazer isso, é mulher tem que... pra mim não existe isso, sabe. Cada um tem que fazer o que tem vontade.*
> *- [...] E você acha que é uma coisa boa?*
> *- Eu acho. Acho que cada um é livre, entendeu? Cada um tem a sua escolha, e é isso... porque, você vê que as pessoas estão felizes fazendo o que elas querem, entendeu? Eu acho isso interessante.*
> **(Rita, 17 anos, 3º. EM, integral)**

> *[ser homem] é… ao contrário de ser mulher, né, pelo gênero, mas também, nada tão difícil quanto ser mulher… porque na verdade, os dois gêneros tem as suas dificuldades, tem as suas características boas, as suas características ruins, mas, nunca um melhor que outro, sabe os dois se completam, então acho que não é nada tão diferente um do outro. Embora sejam tão diferentes.*
> **(Bethânia, 18 anos, EM completo)**

Podemos observar que o discurso de Rita aponta para a dificuldade de se identificar, notadamente em nossa sociedade, a atribuição de papéis rígidos ou definidos para o ser homem e ser mulher. Ela preconiza, portanto, um ideal de liberdade para homens e mulheres no sentido de identidades de gênero mais fluidas e flexíveis, a exemplo do que podemos encontrar nos movimentos que buscam ampliar a visão fixa e dicotômica de papéis sociais de gênero, para além da concepção centrada nas figuras de homens e mulheres.

Também podemos, nesse sentido, compreender o discurso de Bethânia, acima apresentado, que aponta para desafios colocados a homens e mulheres no mundo contemporâneo, assim como o fato de a discussão política e igualmente feminista e acadêmica caminharem na perspectiva de uma busca de flexibilização das relações e identidades de gênero, a partir de uma visão pós-estruturalista representada por Michel Foucault e Jacques Derrida, conforme discorrem autores e autoras como Scott (1995), Meyer (1996), entre outros.

Sobre a concepção de ser jovem, de ser adolescente

Acerca da concepção de ser jovem e/ou adolescente Rita aponta, em sua narrativa, para uma das relevantes características da adolescência que se relaciona à concepção de juventude como categoria histórica, e notadamente política.

> *- Para você, o que é ser uma adolescente no mundo de hoje*
> *- Eu acho, que é fazer a diferença. É. Sei lá, essa época é aquela que você quer mudar o mundo, né, não sei, pelo menos eu, sou meio que assim (risos) [...] Eu acho que fazer a diferença. Se destacar, que é o momento. É isso. Acho que fala tudo.*
> **(Rita, 17 anos, 3º. EM, integral)**

Ao referir-se à adolescência como uma época em que se deseja mudar o mundo, Rita não só aponta para uma das características que desafiam estudiosos pela singularidade de que se reveste o próprio corpo em seu processo de maturação nesse período, mas aponta, igualmente, para a importante dimensão político-social desse momento de vida. Isto porque, em seu relato, permite-nos identificar a relação bastante estreita que a literatura especializada estabelece com o reconhecido protagonismo que a juventude, como categoria histórica, representa no mundo atual.

Assim, para Adorno et. al. (2005), o conceito de juventude do ponto de vista da sociologia, não se caracteriza apenas como uma fase de transição, mas "como um campo de inovação, de geração de novas identidades, de discussão de papéis e de questionamento do caráter conservador das instituições, dos valores e das normas sociais" (p. 18). Daí apresentar-se como significativa a expressão de Rita, de que ser adolescente, no mundo atual, "é fazer a diferença".

A ideia de que ser adolescente é uma experiência tão rica e tão complexa que chega a causar perplexidade para o próprio adolescente ao refletir sobre sua própria vida, encontra-se de maneira exemplar no discurso de Bethânia, destacando-se sua expressão "é algo muito doido", como podemos observar a seguir:

> *Ah, é algo muito doido! (risos) Querendo ou não, é a fase que você mais vai se expressar, suas coisas, mais vai se achar incompreendido, mais vai achar que pode mudar o mundo, e, eu converso com minha mãe e já falei isso, são os anos que você vai mais poder aproveitar, porque depois vem as responsabilidades, de… sei lá, faculdade,*

> *trabalho, família e tudo o mais… Então, são os anos mais livres, assim, que você já tem alguma consciência… às vezes a gente acha que sabe tudo, né. Você não é mais criança, você já sabe algumas coisas, não tem mais aquela inocência de criança, mas você ainda não sabe, é, muito a ponto de ter que… ter responsabilidades com essas coisas que você sabe, então é uma época muito livre, assim, tranquilo, que você faz várias burradas, também vive coisas muito boas, é isso. É, é a época que você tem pra errar, né, é uma época de aprendizado muito grande assim, também, pra pessoas que procuram aprender, senão, tem outras que, erram… continuam errando, só vão aprender depois de muito velhos. Mas é uma fase experimental… experimentação, de tudo, do que você acha interessante, ou não.*
> **(Bethânia, 18 anos, EM completo)**

A ideia primeira de que ser adolescente caracteriza a idade da liberdade, na qual o jovem passa a se expressar de maneira mais intensa, rompendo tradições, vai ao encontro do ideário de adolescentes, a exemplo do que acima expressou Rita e é reiterado por Bethânia, de que ser jovem "é mudar o mundo".

A mesma concepção de adolescência como fase de experimentação encontra-se presente no discurso de Cássia, que aponta para o quanto o mundo moderno acelerou tal processo, fazendo do jovem um expressivo protagonista.

> *- Ai meu Deus, como assim?...(risos) você me mata! O que é ser uma jovem hoje em dia… Ah eu acho que assim, tá muito avançado, viu. Demais… as jovens hoje em dia estão indo pra balada, já estão bebendo, é, bebida muito cedo… estão transando cedo, tendo relação muito cedo. Tipo eu sou uma delas, pra falar, né, porque acho que foi muito cedo, 14 anos… Eu acho que os jovens hoje em dia, homem ou mulher, estão muito ousados em tudo que faz, tão fazendo muito sem saber, tão fazendo por fazer mesmo, né […] não tão vivendo muito, mas tão aprendendo, já cedo já aprendendo bastante coisa. Você pega um jovem, você vê que, pô, já fiz isso, já usei aquilo... Experiência, mas eles mesmo procura. Acho que curiosidade, porque o mundo de hoje mudou muito, você vê menina de 11 anos grávida, de menino de 11 […] tá mudando, então, não sei o que que é, se é tecnologia, se é o século, sei lá, eu sei que tudo tá mudando […] o planeta todo tá mudando, as pessoas estão mudando no mesmo ritmo… aí, isso às vezes é meio ruim, meio bom... tem um meio termo nessa mudança.*
> *- O que que é o ruim e o bom nesse caso?*
> *- Ah, o bom é que assim, né… vai aprender bastante coisa… mas o ruim é que, assim, às vezes são coisas que a gente não precisava aprender […] porque não é tudo que você precisa saber, você não precisa saber como é ser viciado numa droga, numa bebida, você não precisa disso…*
> *- Não precisa ter essa experiência...?*
> *- É, não precisa… Você não precisa ter relação tão cedo, que seu dia ainda vai chegar, então… 16, 14 anos, é muito nova ainda. Mas às vezes isso é bom, ter experiência cedo, pra no futuro ser mais madura […] pra ver como que é o mundo, realmente, como que as pessoas são… escolher as pessoas certas pra ter relação […] mas, o jovem de*

> *hoje em dia, estão nas experiências totais, generalizando bebida, álcool são os piores […]Porque tipo, tô nessa faixa, então eu vejo muito isso. Droga, álcool, sexo… muita balada […] Ah, sei lá, menina de 16 anos querendo se comportar como uma mulher de 20, mas, você pode até se comportar, até se mostrar... uma mulher mais ousada no seu modo de comportamento, no seu modo de falar é, no seu pensamento… nas suas atitudes, mas não significa sua roupa, a sua ousadia, o que você tá tendo na sua mão, o cigarro, se é uma bebida.*
> **(Cássia, 16 anos, atendente, 2º. EM, noturno)**

O discurso de Cássia, com seus 16 anos, apresenta uma percepção atenta acerca do contexto histórico no qual se inscreve hoje a adolescência e juventude, dadas as amplas transformações histórico-sociais a partir da segunda metade do século XX, no qual a própria juventude teve papel de relevância.

Nesse sentido é que podemos entender seu discurso acerca da precocidade em termos de experiências de garotas no campo da sexualidade, decorrente da aceleração do conhecimento e facilidade de acesso a informações, em detrimento da própria vivência de uma fase infanto-juvenil em que experiências positivas e negativas podem ser vivenciadas com grande intensidade e marcas futuras, por se entender que se tratam de experiências "fora do tempo". Nessa linha de reflexão, Cássia se refere aos comportamentos de pré-adolescentes que buscam experiências em relação ao uso de psicoativos, nas tradicionais "baladas", e de garotas que buscam adotar como modelo o comportamento de jovens mulheres que, na sua percepção, possuem um modo de ser mais "ousado".

Já no discurso de Ana Carolina a questão da responsabilidade na adolescência caracteriza o eixo de sua reflexão, conforme podemos observar em sua narrativa abaixo:

> *- Ah, é mais, ter um pouco de responsabilidade, né… um pouco não, bastante, né, porque adolescência é assim… é uma das da idade assim, que causa mais gravidez, assim, essas coisas. Ter responsabilidade, estudar, pensar bastante em estudar, porque se fizer um filho não tem nem como estudar… acho que é isso, se preocupar mais com a carreira.*
> *- […]Você tem vontade de estudar? O que você tá pensando em fazer agora, quando você terminar o colegial?*
> *- Tenho sim, eu tenho vontade de fazer medicina veterinária, só que o valor tá bem alto, e… eu acho melhor eu mudar, assim, depois quando eu tiver um dinheiro eu até tento fazer essa que eu quero mesmo…*
> **(Ana Carolina, 16 anos, estagiária, 3º. EM, noturno)**

A aceleração do mundo moderno em termos de transformação dos costumes e modos de vida notadamente para os jovens, anteriormente mencionado no discurso de Cássia, permite ser apresentada como o contexto no qual a fala de Ana Carolina adquire significado. Seu discurso aponta para a maior vulnerabilidade à gravidez a que estão submetidas garotas adolescentes desde a tenra idade, notadamente quando inscritas nas camadas populares, o que representaria implicações para projetos de vida futuros, que Ana Carolina destaca como sendo a carreira profissional. Daí sua narrativa enfatizar o que considera uma ampla gama de responsabilidades para as adolescentes no mundo atual, que vai desde a preocupação com a carreira profissional futura até a preocupação com a questão da prevenção da gravidez.

As preocupações apontadas por Ana Carolina, em seu discurso, encontram-se igualmente na fala de Marisa, de maneira aprofundada.

> *Ah, eu acho que eu tenho que aproveitar bastante minha vida, porque, se eu acabar com minha vida muito cedo, eu vou perder muito rápido… minha mãe fala direto isso direto pra mim, você tem que curtir bastante sua vida, por causa que, ela teve filho muito cedo, então ela virou mãe muito cedo, virou adulta muito cedo... não, mas desde pequena ela foi adulta, porque ela é que cuidava da casa dela, assim. Fazia tudo […] lá na casa dela os irmãos dela até hoje chamam ela de mãe […] Até hoje, se eles briga com a mãe deles, eles fala, mas você não é minha mãe, porque quem me criou não foi você. Aqui não, eu cuido das minhas irmãs, assim, durante a semana, mas quem é mãe, mesmo, é minha mãe, eu só cuido assim, umas 5 horas por dia, o resto, é tudo a minha mãe […] daí minha mãe, ela… tava com medo até de separar do meu pai… por causa que a mãe dela não cuidou dela, aí, ela falou, mas você vai ficar cuidando da suas irmãs? Aí, eu falei, nada a ver, eu cuido, normal… Mas ela cuida, assim, da gente, nossa! É uma mãe nota mil, eu amo minha mãe! Sério! Meu pai até me chamou pra morar com ele. Eu não vou de jeito nenhum. Meu pai é muito duro, é daqueles assim, mulher só cozinha, lava e passa, e pronto, só faz as coisas pro marido. Eu não. Minha mãe já não, ela é muito legal.*
> **(Marisa, 14 anos, 1º. EM, matutino)**

A assunção da responsabilidade que Ana Carolina preconiza como necessária ao adolescente de hoje, notadamente às garotas, encontra-se presente de maneira peculiar na fala de Marisa. Mais uma vez, em seu discurso, a exemplo de outros seus relatos já apresentados, podemos observar a reflexão acerca da condição da mulher em relação às questões de gênero, no que se refere à importância de se prevenir frente ao risco de uma gravidez indesejada, nesse momento da vida. Tal fato implicaria em destituí-la das possibilidades de viver essa fase de sua vida dentro das

amplas possibilidades de experiência que ela oferece. Daí apresentar-se como bastante significativa a sua expressão: “Ah, eu acho que eu tenho que aproveitar bastante minha vida porque, se eu acabar com minha vida muito cedo, eu vou perder muito rápido”.

Pela narrativa de Marisa, é possível observar uma concepção de adolescência que se refere a aproveitar a vida, construída a partir da experiência de sua própria mãe, cuja maternidade foi em tenra adolescência. Vale ressaltar que, em seu discurso, Marisa refere que a mãe se tornou adulta muito cedo, pois tinha os deveres de cuidar da casa e dos irmãos, do mesmo modo que ela própria vem assumindo tais responsabilidades em sua casa.

Assim como no discurso dos garotos, as narrativas das garotas, sujeitos de nossa pesquisa, apontam para a riqueza de darmos voz às mesmas na busca de melhor descortinarmos o que representa, em termos de produção de conhecimento pela academia, a riqueza desse momento de vida no qual a ideia de transição não deve ser entendida como mera passagem de fases, de acordo com uma visão meramente etapista e linear, mas, sim, de um dado momento de vida, de rica construção de identidades plurais e de descobertas do mundo, alçando voos em direção à sua complexidade.

6.2 O CORPO ADOLESCENTE: USOS E SIGNIFICADOS

Quem sabe eu ainda sou uma garotinha
Esperando o ônibus da escola sozinha
Cansada com minhas meias três-quartos
Rezando baixo pelos cantos
Por ser uma menina má
Quem sabe o príncipe virou um chato
Que vive dando no meu saco
Quem sabe a vida é não sonhar
(Cássia Eller - Malandragem, comp. Cazuza / Frejat)

A questão da aparência envolve modos de vestir, posturas, adornos, e se relaciona cada vez mais às formas corporais segundo Castro (2007), de maneira que dieta e atividades físicas regulares são consideradas recursos importantes a serem adotados pelos indivíduos, para tornar ou manter seus corpos adequados a um padrão tido como ideal. Para a autora, o corpo "configura-se, cada vez mais, como território de construção de identidade" (p.139), de modo que a preocupação com o mesmo e sua apresentação vem assumindo centralidade na vida cotidiana dos indivíduos na contemporaneidade.

6.2.1 Imagem, estética e culto ao corpo

As questões da imagem, estética e do culto ao corpo, em nossa sociedade, abrem possibilidades para que intervenções nos corpos se tornem cada vez mais comuns e habituais. Tais intervenções podem ser observadas nas tão frequentes cirurgias plásticas, seja de ordem reparadora, ou meramente estética, bem como em outros tipos de intervenções, encontrados notadamente entre os jovens, configurando formas diferenciadas de se expressar através do corpo e de se colocar no mundo, tais como o uso de *piercings* e tatuagens.

De acordo com Osório (2006), a tatuagem pode expressar uma busca ou exercício de autonomia pessoal sendo que o corpo se configura como um espaço tanto para a experimentação, quanto para a marca dessa autonomia. Acerca desse universo, a fala de Priscilla, 18 anos, é bastante ilustrativa:

> *- O que você acha que mais preocupa as garotas hoje em dia, em relação ao corpo?*
> *- Nossa…! (risos) Que mais? Hoje em dia, tudo vai no negócio de engordar De ter relação, engravidar. Mas as coisas, vaidade… ficar se maquiando, fazendo tatuagem, colocando piercing, essas coisas...*
> *- E pra você, como é que é?*
> *- Nossa… aí lascou [complicou]! Ah sei lá, eu sou muito afastada dessas coisas... tenho uma amiga minha que fica com frescura de ir fazer isso, fazer aquilo, tipo, colocar piercing não sei na onde, ficar se maquiando, saindo com roupa curta* pra ir pra não sei na onde, atrás de homem. Só que aí, eu já vejo diferente […]*
> *- Sei. Mas eu tô vendo que você tem um piercing…?*
> *- É. Tenho um piercing... Já tive muitos piercing, mas eu tirava […] coisa de dois meses, nunca passava disso. Agora da boca já tem uns três anos. Eu coloquei, foi na rebeldia mesmo, porque, na hora da raiva, eu faço…*
> *- Raiva do que?*
> *- Ai… igual, assim, igual meu ex namorado odiava que eu colocava piercing, então aí ele foi colocou um piercing e eu não queria que ele colocasse. Aí pra provocar eu coloquei também. Aí eu deixei e não tirei.*
> *- [...] e você não tem tatuagem?*
> *- Eu não, ainda não. Eu quero fazer, mas tem hora que eu fico pensando, porque minha mãe, ela é evangélica, daí tipo, ela fala que se eu aparecer com tatuagem em casa, ela vai arrancar na faca…*
> **(Priscilla, atendente, 18 anos, 3º. EM, noturno)**
> [*obs. Priscilla usava uma minissaia no momento da entrevista]

É possível observar, no discurso de Priscilla, uma representação do uso de *piercings* e de tatuagens, como uma forma de manifestação da moda e de vaidade. Tais manifestações podem ser interpretadas, não apenas como um modo de expressar agressividade, descontentamento e rebeldia a partir do corpo, mas também, significar uma estratégia de sedução e conquista, como forma de chamar a atenção com o corpo, ou para algumas de suas partes.

As marcas impressas no corpo através das tatuagens e dos *piercings*, segundo Osório (2006), em geral se apresentam para os adolescentes como significando um conflito a respeito do poder modificar o próprio corpo, envolvendo uma mudança de *status* e um uso político do corpo, que possibilitam a identificação de relações de poder existentes no cotidiano de cada indivíduo. Para a autora é possível notar a existência de diversos usos possíveis para as tatuagens e *piercings*, incluindo aqueles circunscritos apenas ao embelezamento e sedução. A autonomia sobre o corpo é uma autonomia sobre o indivíduo, de forma que tais marcas corporais, mais que um adorno, envolvem uma reflexão sobre liberdade, controle e resistência.

A adequação a padrões estéticos estabelecidos em nossa sociedade surge enquanto preocupação com o corpo, de modo geral, relacionado a aspectos referentes à vaidade e imagem, como podem ilustrar as percepções de Ana Carolina e Marisa expressas através de suas narrativas, descritas abaixo:

> *- Ficar bonita, sempre, se cuidar.*
> *- Tem que estar bonita, essa é a preocupação?*
> *- É! (risos)*
> *- E pra você, você... essa preocupação é a mesma?*
> *- Ah, de vez em quando eu tenho, mas às vezes eu sou bem relaxada assim, não me cuido muito.*
> **(Ana Carolina, 16 anos, estagiária, 3º. EM, noturno)**

> *- Ser bonita. Se achar... ter cabelo liso, você ter isso e aquilo outro, maquiagem, essas coisas. É a preocupação com o que os outros vão achar, não com elas. Assim, geralmente, não se preocupa, assim, ah, eu tô me sentindo bem. Não. Eu tenho que fazer isso e aquilo outro, porque os outros não vão gostar.*
> *- É pros outros então...?*
> *- Hãhã. Não é pra elas próprias.*
> **(Marisa, 14 anos, 1º. EM, matutino)**

Em seu discurso, Ana Carolina expressa sua observação atenta acerca da preocupação das garotas com a própria aparência, que se resume no se cuidar e ficar ou se manter bonita, preocupação essa que parece não preocupar Ana Carolina, quando se contrapõem ao que considera um padrão vigente de comportamento das garotas despido, para ela, de valor. Nesse sentido, Penna (1989) propõe uma reflexão acerca do *status* e a segurança da mulher que parece em muitos casos, estreitamente relacionado ao poder de conquista exercido pelas mesmas, ou seja, ao grau de atração que exercem, ou podem exercer, sobre os homens, independentemente de suas habilidades ou outros valores pessoais. Para tais mulheres, segundo a autora, não estar bonita pode significar um grande fracasso, levando à insegurança ou a perda da autoestima.

Nessa mesma linha, Marisa identifica, entre as garotas de modo geral, a preocupação com a aparência e a imagem, preocupação essa que, em sua leitura, refere-se notadamente ao temor ao julgamento dos outros, configurando no imaginário das jovens um "outro" onipresente e opressor, que parece observar, comparar e avaliar o enquadramento dos corpos aos padrões estabelecidos, a exemplo da questão relativa ao cabelo liso, mencionado pela mesma. Tal observação

vai também ao encontro da observação de Penna (1989) em seu trabalho, para quem "a questão de adaptar-se ao padrão ideal do corpo feminino é, frequentemente, um caso em que a mulher trai a si própria para submeter-se ao *outro*, sendo, este, um *outro* abstrato, coletivo e socialmente imposto" (p. 36).

Ao identificarem a imposição de padrões estéticos e a busca por tal adequação, algumas garotas, como Rita e Bethânia, apontam para a existência de um conflito frequente entre as jovens, como podemos observar em suas narrativas, descritas nos segmentos abaixo:

> *- O que mais preocupa as garotas hoje em dia, em relação ao corpo?*
> *- Eu sou a pessoa ideal pra responder isso… (risos) Eu acho que tudo!*
> *- Tudo? Como assim?*
> *- Eu acho que a mídia hoje tá muito, focando no corpo da mulher… eu fui reparar, lógico, desde pequenininha você vê programa de televisão, só tem mulher. É você passar o canal, é mulher de peito pra fora, só com um biquininho, tipo, é um programa ou, só tá ali mostrando as mulheres? Todos os programas tem mulheres, atrás, peladas praticamente. Aí você para e pensa, tipo, tão botando um padrão ali, você tem que ser assim e tal, e, querendo ou não, a gente capta aquilo e fica neurótica, porque eu sou neurótica comigo… é! (risos) NEURÓTICA! Demais! É…*
> *- E você acha que as meninas, em geral, também são assim?*
> *- A maioria, assim, as que falam que não, uma hora ou outra, sempre vai ter […] uma hora ou outra, você fala, ah, eu queria mudar isso.*
> **(Rita, 17 anos, 3º. EM, integral)**

> *- Ah, eu percebo muita insegurança, em relação ao peso. E… eu acho que o principal problema ainda é esse, assim. E também, por essa ditadura da magreza e tudo o mais, e, de corpos muito bonitos e sem manchas, sempre muito bronzeados, muito bonitos, assim. Eu acho que elas não se sentem muito confortáveis. Eu não tenho muito problema com isso. […] Ah, pra mim, é uma coisa muito simples, né, tipo, corpo é uma coisa maravilhosa, que o ser humano não pode construir, e que cada um deve aceitar… o seu estereótipo, seu biótipo, acho que não tem que ter preocupação e relação a isso.*
> **(Bethânia, 18 anos, EM completo)**

Apesar de demonstrar um senso crítico sobre a influência da mídia na imposição de padrões estéticos e de beleza praticamente inalcançáveis, Rita evidencia, em seu discurso, vivenciar um conflito ao perceber-se influenciada por tais padrões, a ponto de reconhecer como um problema para si, chegando a considerar-se neurótica a respeito de tais questões. De acordo com Andrade e Bosi (2003), o ideal do corpo perfeito constantemente veiculado pela mídia, em nossa sociedade, contribui para uma insatisfação crônica das mulheres com seus corpos,

sobretudo as adolescentes, numa equação que associa promessa de felicidade à beleza, resultando em maior consumo.

A existência de um padrão de imagem e de beleza, que imprime um dado comportamento dominante entre as garotas, é reconhecido também no relato de Bethânia, cuja visão crítica ao mesmo não somente permite-nos observar uma concepção mais holística sobre o corpo, mas, em função desta, as possibilidades de seu não aprisionamento a formas e à imposição de tais padrões estéticos referidos. Nesse sentido vale mencionar fala de Marisa, apresentada acima, que em seus 14 anos, apresenta igual negação a esse tipo de padrão que aprisiona a própria existência das garotas à aprovação do outro, que as descaracterizam, como individualidades.

Quanto à ideia de identificação de um corpo social cujos usos e significados se dão nas relações interpessoais, apresenta-se, em alguns discursos, especialmente relacionados a uma estratégia de conquista, para atrair a atenção do sexo oposto, visão essa que pode ser observada, por exemplo, na fala de Cássia, apresentada a seguir:

> *- Qual a preocupação que as garotas têm, hoje em dia, com o corpo?*
> *Pra chamar a atenção de homem… (risos) pra chamar a atenção! [...] Ou, às vezes, assim, vou até ser bem ousada aqui, naquele momento do sexo, também… mais pra chamar a atenção pro homem. Que às vezes nem é tanto, ou também pode ser por vaidade própria…*
> *- De que forma é esse chamar a atenção, como é que é isso?*
> *- […] Ah! Às vezes… em alguns lugares, tipo baladas, lugares que tão uma galera, as vezes quer chamar a atenção, então quer mostrar o corpo, principalmente meninas novas. As mais mulheres, assim, são mais experientes, não é tanto, já passou por essa fase. Mas as mais novas, elas estão vindo com tudo, também, porque a época tá mudando, então... eu fico impressionada, que assim, eu sô nova, tenho 16, mas vejo a maioria de 14, fico, gente! 14 anos eu brincava de boneca. Vejo meninas de 14 anos indo pra balada já, de vestido curto, corpão…*
> **(Cássia, 16 anos, atendente, 2º. EM, noturno)**

Além de trazer a representação do uso do corpo feminino, como estratégia de conquista do sexo oposto, reforçando a preocupação com padrões de estética e com a imagem, merece destaque, no discurso de Cássia o fato de fazer referência ao fato de tal comportamento atingir cada vez mais garotas, na mais tenra idade, descaracterizando padrões anteriores que marcavam, de maneira explícita, as fronteiras entre a infância e a adolescência.

Em seu discurso, Cássia revela um olhar de perplexidade, diante do que considera novos tempos e a acelerada aproximação do comportamento infantil ao da juventude, que se aventura – esta última – em novas experiências que a aproxima, por sua vez, do mundo adulto. Daí, seu discurso, além da menção sobre o uso do corpo e da imagem corporal, referir-se, também, à forma de apresentação do corpo, pelas garotas, a partir do modo de se vestir, escondendo ou mostrando-o de acordo com as reações que se deseja causar nas pessoas, em diferentes ambientes.

6.2.2 Percepção do corpo adolescente e questão da autoestima

Imagem corporal pode ser compreendida como a representação que um indivíduo faz de seu corpo, em sua mente, ou seja, trata-se de uma representação psicológica acerca da percepção que um indivíduo tenha de sua corporalidade (PENNA, 1989), e, sobre a relação que ele mantém com os outros (FROIS et. al., 2011). É notória a preocupação do jovem com a aparência física, especialmente devido ao conflito entre uma imagem corporal idealizada, e uma real que apresenta um corpo em transformação (OSÓRIO, 1989).

A exploração da imagem feminina no mundo contemporâneo, dada a partir de ideais de beleza e perfeição inatingíveis, sobretudo, pela mídia e pela publicidade vem desencadeando, em mulheres, o desenvolvimento de quadros cada vez mais preocupantes de insatisfação generalizada com o próprio corpo, ou com a própria imagem corporal. Tal influência apresenta efeito nocivo notadamente entre mulheres jovens, cuja imagem corporal já se encontra em conflito, dadas as transformações pelas quais o corpo adolescente passa nesta fase da vida.

A questão da autoestima permeia este universo adolescente, sendo que a insatisfação das garotas diante dos padrões de beleza inalcançáveis contribui para o estabelecimento de uma baixa autoestima, fator que pode implicar desenvolvimento de problemas de natureza psicológica, a exemplo de algumas patologias como a depressão e transtornos alimentares, como a anorexia e bulimia. Assim, como referem Andrade e Bosi (2003) e Frois (2011), a insatisfação crônica com a imagem corporal tende a colocar a mulher em uma busca contínua pela beleza, chegando a

nutrir ódio por si mesma devido a alguns quilos a mais, adotar rigorosas dietas e exercícios físicos, na busca de compensar possíveis calorias ingeridas a mais.

Nas falas das garotas entrevistadas foi possível observar, de modo geral, a referência a algum tipo de insatisfação com o corpo. No entanto algumas narrativas se revelam bastantes significativas no sentido de ilustrar aspectos referentes à autoestima das garotas, como parece ser os casos de Rita, Ana Carolina, descritas abaixo:

> *- O que que você mais gosta no seu corpo?*
> *- [silencio] então… né… (risos) nada…!*
> *- Nada? O que você não gosta, então?*
> *- O que não gosto? Tudo…! (risos) É, então, né, é meio complicado…*
> *- Nada que você goste?*
> *- Não… É muito psicológico, mesmo.*
> *- É? E se você pudesse mudar alguma coisa, o que que você mudaria?*
> *- Ah, meu corpo.*
> *- O corpo todo?*
> *- Hãhã, dava uma enxugada assim, geral…*
> **(Rita, 17 anos, 3º. EM, integral)**
>
> *- No meu corpo? Ah, eu não gosto da minha pele... acho que é mais é as espinhas assim, da adolescência, que incomoda bastante, fica aquelas marcas chata… Acho que é isso.*
> *- E o que que você gosta?*
> *- Acho que nada. (risos)*
> *- Nada?! Não tem nada no seu corpo que você gosta?*
> *- Não, assim… Não.*
> **(Ana Carolina, 16 anos, estagiária, 3º. EM, noturno)**

Podemos observar nos discurso de Rita e Ana Carolina não a expressão de insatisfação com algumas partes do corpo, mas a insatisfação com todo o corpo, de modo a não identificarem em seus discursos algo de que gostassem em seus corpos e manifestassem o desejo, se possível, de uma mudança radical. Tal fato se relaciona não somente ao que poderíamos considerar a grande valorização dos padrões estéticos de beleza atualmente vigentes, mas igualmente, à própria tirania que os mesmos podem exercer sobre as mentes de algumas garotas. Esse tipo de influência faz desta questão algo relevante em termos daquilo que poderíamos designar como sofrimento psíquico e sofrimento social que atinge muitas mulheres, com especial relevância na adolescência, pelas suas características. Assim, os discursos de Rita e Ana Carolina não devem ser tomados como desvinculados de valores partilhados em nosso meio e presente no imaginário de vários seguimentos da sociedade.

Diante do exposto, a questão relevante que nos convida à reflexão refere-se ao que pode ser considerado o surgimento de um paradoxo, de acordo com Andrade (2003), pois, à medida que a mulher foi conquistando seu espaço e sua emancipação, passou a "enclausurar-se no próprio corpo sob a égide do mito da beleza" (p.121).

6.2.3 Corpo adolescente, cuidados e saúde

Cuidado de si e o lugar da boa forma como indicador de saúde

A respeito dos cuidados considerados importantes de se ter com o corpo, surgem entre as narrativas das garotas questões referentes à manutenção da boa forma através da prática de atividades físicas e de controle da alimentação, como exemplificam as falas de Rita Bethânia e Cássia:

> *- E que cuidados você acha importante ter com o corpo?*
> *- Ah, exercícios físicos e alimentação, acho fundamental. Não adianta só reclamar e não fazer nada.*
> *- E você tem esses cuidados?*
> *- Eu tenho! (risos)[olha para o sorvete em suas mãos] Não, então... eu fiquei sem comer a tarde, pra tomar esse sorvete*... mas eu tenho. Com alimentação e quando dava, agora é difícil, eu fazia atividade, fazia Muai-Thai e musculação.*
> *- [...] E que cuidados em relação à saúde você acha importante ter?*
> *- A saúde? Ah, de novo ligado com a saúde, a atividade física... e alimentação de novo... é, primeiramente pra saúde.*
> **(Rita, 17 anos, 3º. EM, integral)**
> [*obs: tomava um sorvete durante a entrevista]
>
> *- Ah... acho que o principal [cuidado] deles é higiene, né., o básico, na verdade. Mas, é bom se cuidar e gostar da saúde do seu corpo e tudo mais, porque... ele é único, né, é o único que você vai ter nessa vida.*
> *- E, que cuidados você tem com seu corpo?*
> *- Ah, eu tenho esses cuidados básicos de higiene, e também, com alimentação, assim, eu sou vegetariana já faz um tempo e tal. Então eu acho que esses são os principais cuidados... a higiene e alimentação. E... e pratico yoga às vezes, algum exercício físico é bom também, pra manter um corpo... em dia, digamos assim. Eu não gosto de me sentir, assim, muito ociosa, por ter muito tempo livre, eu não gosto de me sentir muito parada... essas são as minhas preocupações.*
> **(Bethânia, 18 anos, EM completo)**

Os discursos de Rita e Bethânia apontam para uma concepção de cuidado com o corpo relacionado à higiene e a manutenção da boa forma, através de

alimentação equilibrada e exercícios físicos, concepção essa ampliada no relato de Bethania ao referir-se à prática da Yoga, na busca do que se pode considerar como bem estar corporal. Tal fato possibilita exemplificar a preocupação por um tipo de cuidado com o corpo que não se restringe apenas às questões da imagem corporal e da estética propriamente dita, mas amplia-se para a ideia de uma tradicional concepção de saúde, como bem estar físico e mental, que se alinha à definição da OMS, que ainda faz referência ao social (SEGRE & FERRAZ, 1997).

A ideia de que para garotas o cuidado do corpo implica considerar a própria imagem do mesmo e o uso que ele revela encontram-se presentes na fala de Cássia, abaixo apresentada.

> *- Você identifica que você cuida do seu corpo?*
> *- Ah, tipo… meu Deus… cuidar em que sentido?*
> *- Qualquer um… qualquer sentido que você…*
> *- Ai, eu sim, porque... vamos mais pra parte saudável, depois a gente vai pra outra parte. A saudável, cuida, porque sempre to me alimentando bem, faço exercício, essas coisas todas. A outra também, eu sei qual o momento certo pra vestir uma roupa que vai mostrar mais ele, uma coisa mais ousada, o momento certo de esconder mais. Que às vezes nem é questão de só o calor… às vezes você quer mostrar, pode tá frio, mas você quer colocar um short pra sair, então às vezes não é o correto, às vezes você põe uma roupa muito curta, e aí chama muito a atenção na rua… Acho que é isso... Acho que é um tipo de cuidado.*
> **(Cássia, 16 anos, atendente, 2º. EM, noturno)**

Como podemos observar, para Cássia o cuidado com o corpo envolve necessariamente considerar o cuidado corporal e a estética, mas vai além, uma vez que a imagem corporal não se desvincula do cuidado com o modo de se vestir, de acordo com cada ocasião, dada a intencionalidade que tais cuidados imprimem a um corpo que fala, numa expressão maior, de desejos e intenções.

Embora no discurso de Priscilla possamos observar sua preocupação com o cuidado com o corpo, relacionado à boa forma física e ao controle da alimentação, o que sua fala permite identificar é a questão dos transtornos alimentares que parece vivenciar, conforme trecho de sua narrativa, descrito a seguir:

> *- …olha, eu sou muito daquela de ficar emagrecendo e engordando… agora, minha alimentação é horrível, horrível… Porque eu não como, porque eu tenho problema no estômago, aí… dependendo do que eu como, de mistura, assim, com a comida, eu passo mal, então, volta tudo. Faz uns dois anos que eu to desse jeito, aí tem vez que eu como só*

> *besteira, igual, eu tava comendo agora*, eu to sem comer desde antes de ontem, comida… Aí fico comendo besteira o dia inteiro, se deixar.*
> *- […] então, você acha, pelo que você tá dizendo, que você não tem muito cuidado com seu corpo?*
> *- Não.*
> **(Priscilla, atendente, 18 anos, 3º. EM, noturno)**
> [*obs.: comia um pacote de salgadinho e um de amendoim no início e ao longo da entrevista]

O discurso de Priscilla desvela uma questão importante entre as adolescentes e de grande relevância notadamente para o campo da Saúde Pública, no que se refere a pensar estratégias de prevenção aos transtornos alimentares tão presentes no contexto das jovens hoje em dia, que vão além das reconhecidas bulimia e anorexia.

Podemos observar a prática considerada comum entre as garotas, exemplificada na narrativa de Priscilla, assim como na de Rita, antes apresentada, de suprimir refeições, ou manter-se por longos períodos sem se alimentar, como forma de compensar um episódio de compulsão, ou mesmo o desejo de ingestão de alimentos mais calóricos. O que se destaca, na fala de Priscilla, é a menção a episódios de vômitos recorrentes, implícitos em sua expressão "eu passo mal, então, volta tudo", o que pode ser indicativo do transtorno alimentar conhecido por bulimia, que vem atingindo cada vez mais as jovens em nossa sociedade atual.

Os transtornos alimentares, na atualidade, segundo Andrade e Bosi (2003), podem ser considerados uma "epidemia silenciosa" (p. 123), intimamente relacionada a uma preocupação excessiva com o peso e a forma corporal. A baixa autoestima e insatisfação com a imagem corporal, segundo os autores, são fatores que predispõem o indivíduo ao desenvolvimento de tais transtornos.

Cuidado de si e a ideia de prevenção em saúde

Concernente à saúde, as falas das garotas são bastante ilustrativas em relação aos diversos cuidados que estas identificam como necessários com o próprio corpo, como podemos observar nos relatos de Priscilla e Marisa:

> *- E que cuidados em relação à saúde, você acha que são importantes pra se ter, com o corpo?*
> *- A saúde? Ah moça, eu vou falar pra você, eu deveria tomar todo cuidado do mundo comigo, só que… nossa eu to com a imunidade muito*

> *baixa… eu tenho asma, eu tenho bronquite, eu tenho rinite, tenho tudo do ite… assim, se eu ficar no sol, eu fico doente, se eu ficar no sereno eu fico doente... tempo atrás eu fiz cirurgia, tive que tirar as amídalas. Carne esponjosa e desvio, eu fiz 3 cirurgias em uma só […] porque... eu respiro pela boca. Então, como eu fico muito fácil doente, aí a garganta ia fechando, eu ia chegar ao ponto que ela ia fechar e eu não ia respirar mais, aí ia ter que tirar…*
> *- Então são muitos cuidados que tem que ter?*
> *- É. Tem que ter.*
> *- Mas você tem?*
> *- Sim, tenho. Que nem, eu tava no sol, tive que sentar na sombra já. Eu evito muita coisa… chuva, sereno, sol, não posso pegar peso… ataca minha asma. Remédio eu não posso tomar que muitos deles me dá alergia.*
> **(Priscilla, atendente, 18 anos, 3º. EM, noturno)**
>
> *- ...e você considera que você cuida do seu corpo?*
> *- Ah, acho que sim. Geralmente eu to marcando consulta no médico. […] mas, eu acho que eu cuido do meu corpo, assim…*
> *- Que cuidados você tem, além de ir no médico?*
> *- Principalmente ir no médico, né, porque é ele que sabe se tá doente… Tipo, se limpar direito… se for fazer alguma coisa, tomar cuidado pra não pegar doença [...] Tem muita amiga minha que eu falo o que que você acha que tem que fazer pra cuidar do seu corpo, pra ela já é maquiagem, cabelo, roupa… eu não, eu acho que, também, sei lá, cuidar da saúde, não conquistar uma diabete, essas coisas. Morro de medo de ficar diabética, eu odeio agulha!*
> *- Você conhece alguém diabético?*
> *- Ah, não, mas quando eu vou no hospital, assim, pra fazer consulta, que eu vejo aquelas mulher indo pra UTI, lá, com diabetes… Eu já fico querendo passar mal, por causa disso. Nossa, dá uma agonia!*
> **(Marisa, 14 anos, 1º. EM, matutino)**

Em seus discursos, Priscilla e Marisa apresentam seus temores em relação à própria saúde, manifestados a partir da referência a alguns problemas de saúde. No caso de Priscilla, a referência parece mais concreta por mencionar problemas vivenciados por ela e relacionados à sua menção à baixa imunidade, problema esse que pode estar relacionado ao seu estilo de alimentação antes apresentado.

No caso de Marisa, a necessidade de cuidado de si se coloca, ao que parece, como um ideal de prevenção a doenças, a exemplo do *diabetes mellitus*, que enfatiza de maneira temerosa. Marisa e Priscilla revelam, ainda, em seus discursos, suas trajetórias e vivências entre os mais diversos equipamentos de saúde. Assim, o que podemos observar é o fato de a relação corpo e saúde não representar, em termos gerais, lugar de destaque nos discursos das garotas, em termos da visão tradicional de saúde que enfatiza a doença, ao invés da prevenção.

A relevância que a contracepção e a prevenção das DST/Aids ganham enquanto cuidado com o corpo e com a saúde se descortina nos relatos de Marisa e Ana Carolina, apresentados a seguir:

> *- ...que cuidados você acha importante ter com o corpo?*
> *- Ah, principalmente é com relação a doença, sexualmente transmissível, porque tem muitas colega minha que sai fazendo besteira por aí, depois fica, ai eu acho que tô grávida, acho que eu tô com isso, eu comecei passar mal, ai, que não sei o que […] muita gente, dentro da escola principalmente… aí primeiro faz as coisa, depois fica aí…*
> **(Marisa, 14 anos, 1º. EM, matutino)**

> *- Ah, em relação à sexualidade mesmo, né... como se prevenir, pra não ter filho cedo, essas coisas assim.*
> *- Você pensa nisso, você tem esse tipo de preocupação?*
> *- Tenho, bastante (risos).*
> *- E em relação a [cuidados com a] saúde?*
> *- É, também, tem a saúde […] Também, frequentar um médico assim, né… Aquelas consultas de rotina mesmo.*
> *- Você costuma fazer?*
> *- Não.*
> **(Ana Carolina, 16 anos, estagiária, 3º. EM, noturno)**

Os discursos de Marisa e Ana Carolina remetem a concepção de cuidados com o corpo ao universo de cuidados com a saúde, mais especificamente às questões que permeiam os âmbitos da saúde sexual e da saúde reprodutiva, apontando para uma ideia de prevenção concebida como o cuidado de si, conforme poderemos observar mais especificamente no item 6.4.3, adiante.

Transformações do corpo feminino: a primeira menstruação

A primeira menstruação, ou menarca, ganha significado ao representar um marco na vida da garota adolescente, um rito de passagem da infância para a adolescência ou juventude. As narrativas das garotas entrevistadas possibilitam a observação de aspectos relevantes acerca do fenômeno que são apresentadas de forma exemplar, nas falas das garotas entrevistadas, como de Cássia, em que podemos destacar a expressão do evento como significativo rito de passagem:

> *-… Ah, eu sei que eu tava na escola, senti muita cólica, aí cheguei em casa... eu não sinto cólica mais, só que da primeira vez foi uma cólica muito forte, e eu não sabia informar pra minha mãe o que que era, ela achou que era uma dor de estômago... aí quando eu fui no banheiro eu*

> *vi… Eu era muito criança, era muito bobinha, então eu não sabia [...] aí ela [mãe] falou assim, não, menstruação e não sei o que e tal… eu fiquei sem entender, fiquei toda feliz, né, pensei nossa, agora eu não sou mais criança! […] Aí, depois, veio um dia só pra mim, aí depois demorou um mês. Aí foi vindo, aí, eu fui tendo mais uma ideia, minha mãe me falando, minhas tias, aí foi esclarecendo [...] conversei com minha irmã também...*
> *- E antes desse dia, você já tinha informação sobre isso?*
> *- Ah, eu já tive, né, tanto que… eu fiquei meio surpresa quando eu vi, mas eu fiquei feliz porque eu sabia que era uma coisa que… pra mim, na minha mente, naquele momento é ah, eu não sou mais criança, agora eu to meio adulta…*
> **(Cássia, 16 anos, atendente, 2º. EM, noturno)**

Embora a menarca, como marco na vida da adolescente, represente uma grande expectativa, um acontecimento significativo cercado de alegrias e partilhado com familiares mulheres – como mãe e tias – além de amigas, a ideia do ciclo menstrual, a partir de então, revela preocupação notadamente quando acompanhado, para muitas garotas e mulheres, de sintomas como a cólica menstrual, como podemos observar na fala de Marisa, abaixo.

> *- Nossa, eu fiquei feliz! Porque, quando eu tava na 6ª série… todas as minhas colegas já tinha, eu ficava com raiva, porque elas ficavam: eu tô com cólica. Eu queria saber como é que era […] aí no dia que eu fiz isso, eu falei pra minha mãe, e fui pra escola tão feliz, que eu cheguei lá. Gente! Nossa, eu falei pra minhas colegas... Hoje, por mim, eu não taria com isso, eu me arrependo bastante de ter ficado feliz naquela época, porque eu não gosto... Ah, me dá cólica. Aí eu não posso fazer nada, tipo, se põe short, tem que se preocupar, se vai acontecer alguma coisa… sei lá, eu acho normal, mas ao mesmo tempo eu não gosto.*
> *- […] E como é que, como é que você tinha informação sobre isso?*
> *- Minha mãe, ela é aquela que se você tiver qualquer dúvida, você pode chegar nela e perguntar que ela explica. É daquelas assim, que não tem vergonha de, se você chegar, mãe o que que é isso, minha mãe vai lá, senta, e explica, bem calma, de um modo que você possa entender.*
> **(Marisa, 14 anos, 1º. EM, matutino)**

Ao lado da menção às cólicas, a questão do cuidado higiênico especial que o ciclo menstrual mensal envolve passa a representar uma ressignificação da menstruação, para além da menarca, representada como um marco, um grande acontecimento.

> *Ah, eu lembro que… foi engraçado, até… eu contei pra minha mãe e ela ficou muito feliz, mas eu não achava muito legal esse fato de ter que me cuidar todo mês, e sair sangue de mim todo mês, ai que coisa chata! E, tipo as coisas que eu tinha ouvido falar, assim, não eram muito boas, porque normalmente eu ouvia as meninas reclamando… TPM, cólica, e*

> *usar absorvente, e tal. Então, eu fiquei meio preocupada, daí conforme o tempo, foi se tornando algo muito normal […] é, minha mãe já tinha falado, [sobre ao assunto] e as amigas mais velhas, mas não muito positivas as informações que eu tinha delas, sempre reclamações…*
> **(Bethânia, 18 anos, EM completo)**

As falas de Rita e Priscilla apontam outros aspectos significativos que a primeira menstruação pode adquirir na vida da adolescente, conforme podemos observar:

> *- Olha, eu comecei a chorar, que nem uma idiota, não sei por que… você vê aquilo e fica meia sem noção, mas depois, normal.[…] Eu tava em casa, aí do nada, começou a descer, eu senti um negócio estranho, fui no banheiro […]*
> *- E você falou com alguém?*
> *- Com a minha mãe, ela veio, conversou comigo, se precisar de alguma coisa... deu remédio […] Então, agora eu tomo anticoncepcional que é adesivo, pra minha menstruação regular… Porque era desregulada. Fiquei uns quatro meses, sem vim [...]*
> *- ...E você já tinha informação quando aconteceu?*
> *- Bastante. Até por isso que eu não achei tanto traumático, porque eu já sabia…*
> *- De onde você tinha essa informação?*
> *- Minha mãe, e amigas que antes de mim já tinham menstruado.*
> **(Rita, 17 anos, 3º. EM, integral)**
>
> *- ... Ah foi normal, só que pra mim é muito desregulado. Tipo vem um mês, fica três quatro, cinco, já ficô até seis meses sem descer… A última vez que veio pra mim foi o que, abril? Até hoje...*
> *- E você já passou num médico pra ver isso?*
> *- Já… é porque, assim, uma parte do meu ovário, ele é virado, então eu tenho que fazer tratamento pra engravidar, pra poder regular,caso contrário…*
> *- E a primeira menstruação quando veio, você já tinha informações?*
> *- Já, porque na escola, os professores fica falando disso… ai, é uma vergonha. É, eu já sabia, assim… Só [através do] o professor mesmo […] Tava em casa, tava dormindo, foi dormindo, ainda, eu acordei, já tava. Aí peguei, fui lavar o lençol, tomei banho […] Escondi, o máximo que eu podia da minha mãe. Ela descobriu, uns três mês depois...*
> *- […] Porque que você não falou pra tua mãe?*
> *- Ah, não! Eu tenho vergonha… aí nem falei.*
> *- E quando ela descobriu, que ela falou?*
> *- Não, ela só falou que quando eu precisasse dos modess, que era pra falar pra ela, que ela comprava. Só isso.*
> **(Priscilla, atendente, 18 anos, 3º. EM, noturno)**

Ao lado da questão das cólicas menstruais e a TPM, mencionadas em relatos anteriores de Marisa e Bethania, a ausência de um ciclo menstrual regular apresenta-se como outro aspecto que lhes causam preocupação acerca do evento, conforme relatos de Rita e Priscilla, com implicações para a Saúde Sexual e mesmo Saúde

Reprodutiva, requerendo, por vezes, recurso a medicamentos. No conjunto das falas, o que podemos observar é o fato de que embora a menarca e o ciclo menstrual sejam significativos para a maioria das adolescentes, este último pode representar, como expressa Priscilla, algo que leva à necessidade de decoro relacionado, ao que parece, à questão da ideia dos tabus ou interdição da sexualidade que a mesma encerra.

Leal (2001), ao buscar compreender, em seu estudo, o entendimento que mulheres de camadas populares tinham do período fértil, identificou a concepção deste como relativo ao período menstrual. Assim, segundo a autora, o período menstrual era entendido pelas mulheres a quem entrevistou, como o período de maior fertilidade e assim ganhando relevância no que se refere à constituição de uma identidade feminina.

6.3 A SEXUALIDADE NOS DISCURSOS ADOLESCENTES

Garotos gostam de iludir
Sorriso, planos, promessas demais
Eles escondem o que mais querem
Que eu seja outra entre outras iguais
São sempre os mesmos sonhos
De quantidade e tamanho
Garotos fazem tudo igual
E quase nunca chegam ao fim
Talvez você seja melhor que os outros
Talvez, quem sabe, goste de mim
(Kid Abelha – Garotos, compositores: Leoni/Paula Toller)

6.3.1 Sexo ou sexualidade?

Acerca da indagação sobre as diferenças percebidas entre sexo e sexualidade, as narrativas das garotas foram diversificadas havendo desde as que apresentam uma concepção ampla de sexualidade até as que, a exemplo de Ana Carolina, referem não identificar diferença entre os conceitos, como pode ser observado no trecho a seguir:

> *- Que diferença você vê entre as palavras sexo e sexualidade?*
> *- Ah, eu não vejo diferença…*
> *- Mas, é a mesma coisa?*
> *- É… Pra mim, é a mesma coisa.*
> **(Ana Carolina, 16 anos, estagiária, 3º. EM, noturno)**

Enquanto, em seu discurso, Ana Carolina, manifesta não perceber diferença entre sexo e sexualidade outras garotas como Rita e Priscilla identificam alguma diferença, como podemos observar em suas falas reproduzidas abaixo:

> *- Acho que sexo vai mais pro ato, não sei. Sexualidade seria, aquilo que você gosta, não sei, sua opção sexual, seria isso...*
> **(Rita, 17 anos, 3º. EM, integral)**

> *- Nossa! Meu Deus, e agora? Que que eu vou responder? (silencio)*
> *- Você acha que é a mesma coisa?*
> *- Não, não acho. Tipo, sexo tem, tipo, uma relação com a pessoa, sexualidade… nossa, quase a mesma coisa, dexa eu ver um jeito de explicar? Ó Meu Deus! Eu não to achando a palavra, vamos dizer, ó, igual, eu não sei se é ou não é, tipo assim, tem duas pessoas que, são do sexo ao contrário, tipo homem que gosta de homem, isso é uma escolha sexual deles.*
> **(Priscilla, atendente, 18 anos, 3º. EM, noturno)**

Rita e Priscilla apresentam uma concepção de que sexo difere de sexualidade, muito embora não apresentem clareza em suas explicações. Em seus discursos, essas jovens se referem ao sexo enquanto ato sexual, ou ato mecânico ocorrido mediante a presença e em relação a um parceiro, enquanto que suas concepções de sexualidade se referem à questão da escolha, ou opção sexual, a exemplo da homossexualidade. Todavia, nas falas de Cássia e Bethânia, a concepção de sexualidade ganha contornos mais amplos, a despeito de sua indefinição, conforme podemos observar nos fragmentos abaixo:

> *- Diferença, eu acho que deve ter, mas eu nunca parei pra analisar, agora você me pegou. Sexo é uma coisa... sexualidade eu acho que... sexo é o sexo, sexualidade são, acho que envolve tudo... Acho que envolve assim, questão de prevenir, de doenças... ai, eu não vou saber te explicar, porque são duas coisas meio parecidas, sexo e sexualidade, mas a sexualidade é... ai eu não vou saber te explicar, mas é mais isso...*
> *- Mas você percebe que são diferentes?*
> *- São. São diferentes.*
> **(Cássia, 16 anos, atendente, 2º. EM, noturno)**

> *Acho, é..., sexo, na verdade, é o momento né, que você tá ali. E a sexualidade é tudo o que acontece antes e depois dessa relação sexual que você tem com alguém. Então é os cuidados que você toma, o jeito que você trata a sua sexualidade também vai de acordo com sua personalidade, com seu meio, sei lá, sua relação com sua família, ou quem te orienta, a partir disso, e também é o conjunto de orientações que você recebe sobre o sexo. É isso.*
> **(Bethânia, 18 anos, EM completo)**

Cássia e Bethânia apresentam discursos cuja concepção de sexualidade possui características mais amplas, embora não definíveis, contendo a ideia de sexo, mas indo além, englobando inclusive, a questão da prevenção das doenças, os cuidados e as orientações recebidas acerca do tema, aspectos que apontam para a ideia da saúde sexual, que emerge nas políticas públicas como um direito conquistado a partir do movimento feminista e das resoluções da Conferência de Cairo (PLATAFORMA DE CAIRO, 1994). Ainda no que se refere ao tema da sexualidade, a fala de algumas garotas como Bethânia e Rita apontam para questões relevantes acerca das relações corpo, sexo e sexualidade:

> *- E como você considera a melhor forma para curtir a sexualidade, pras garotas, hoje em dia?*
> *- Ah, eu acho que elas precisam se aceitar... Porque eu percebo assim, que tem muita tensão, assim, do tipo, ah, eu não sou bonita, meu corpo*

> *não é bonito e tudo mais. Porque... eu percebo que rola sempre a comparação, sabe, de… ah, mas o corpo daquela moça da revista, ah, o corpo de tal menina, tal. Não. Eu acho que as pessoas tem que se aceitar um pouco mais e se dar um pouquinho mais de liberdade, sabe. Não só pra… usar, sei lá, um shorts curto, mas pra ousar um pouco mais, mesmo na sexualidade.*
> **(Bethânia, 18 anos, EM completo)**

> *Olha, a minha opinião, né… É, que nem se diz lá na marcha das vadias, que, não é que eu tô de shortinho curto ou sainha curta que eu tô me oferecendo, pra você fazer alguma coisa comigo. Então, do mesmo modo, os homens ficam sem camisa e tal, todo mundo acha normal, porque uma mulher de sainha curta, sei lá, shortinho, ela tá ali querendo algo com seu corpo, ou, querendo que alguém pense isso? Então, eu acho que essa questão é complicada hoje em dia, porque as mulheres estão fazendo mais o que elas querem, só que os homens se aproveitam disso, que acham que elas tão querendo outra coisa…*
> **(Rita, 17 anos, 3º. EM, integral)**

Os discursos de Bethânia e Rita revelam uma dada percepção que as garotas têm acerca das mudanças no comportamento feminino em relação à sexualidade, ao próprio corpo. Rita faz menção à marcha das vadias, uma manifestação mundial que vem ocorrendo desde 2011 como protesto aos ideais machistas e atitudes preconceituosas contra a mulher, frutos do pensamento das sociedades patriarcais ainda presentes em nossa vida cotidiana (RASSI, 2012), a despeito das várias conquistas decorrentes do movimento feminista amplamente disseminado na literatura especializada e presente nas práticas políticas. Tal protesto tem por objetivo, ainda, contribuir para com o empoderamento das mulheres, explicitado, inclusive através do próprio nome da manifestação, que o corpo e a sexualidade da mulher pertencem somente a ela e não devem ser submetidos ao controle de nenhuma outra pessoa ou instituição. Assim, consolidando uma luta histórica feminina pela liberdade sexual, pela apropriação de seus corpos e direitos sobre os mesmos, portanto, seja no sentido de usarem a vestimenta que desejem sem serem tachadas de prostitutas ou mesmo levarem a culpa por estupros sofridos, seja em relação a outras questões polêmicas como a prática do aborto, entre tantas outras.

Podemos observar que, na percepção de Rita, há o reconhecimento de que as mulheres estão conquistando mais espaços e liberdades, porém, esta conquista nem sempre é aceita, compreendida ou respeitada pelos homens, o que aponta para as

tradicionais questões de gênero presentes nas relações humanas, notadamente entre homens e mulheres.

6.3.2 Acerca das relações afetivas

O ficar, o pegar, entre outros

Nas narrativas das garotas acerca das relações afetivas surgem as concepções de ficar ou pegar, assim como observado entre os meninos, conforme ilustram as falas de Priscilla, Rita e Marisa, abaixo:

> *- Para você, qual a melhor forma curtir a sexualidade nos dias de hoje para as garotas, em geral?*
> *- Nossa. (silencio) vamos ver… nossa, aí lascou. Mas acho, assim, tipo minhas amizade, é tudo de sair, pra ir em casa, conhece já, some, então... pra elas [amigas], é assim, pra se divertir, pra… pra dizer que pegou, eu não sei, aí já não sei mesmo.*
> *- […] E o que é pegar? Que significa?*
> *- Além de beijar, fazer outras coisas. (risos) Uma relação a mais*
> *- […] E quando é só beijo, como é que fala?*
> *- Então, é que com minhas colega nunca aconteceu isso [só beijar]. Eu tive que parar de andar com elas, porque nossa, é horrível...*
> **(Priscilla, atendente, 18 anos, 3º. EM, noturno)**
>
> *- Antes dele [o rapaz com quem teve a primeira vez]... você teve outros namorados, outros relacionamentos?*
> *- Tive. Ah, tipo, nem tive tantos assim, só foi alguns, (risos) mas, sei lá, só saía e tal, lógico, ficava, mas não passava disso.*
> *- Mas, como é que era pra você? Você curtia?*
> *- Legal, curtia. Mas eu não sou de levar a sério, sabe, sei lá… Eu curto, e tal, beleza. […] [duravam] No máximo três meses…*
> *- […] E como é que vocês meninas classificam essas coisas?*
> *- Ai... pra mim acho que não tem o que classificar. Ah, sei lá, é alguém que eu saía, só isso. Que eu conhecia, eu saía. Eu estava conhecendo…*
> **(Rita, 17 anos, 3º. EM, integral)**
>
> *- e você ficou com outros meninos depois desse seu namorado?*
> *- Sim eu fiquei, mas… Ah, é ficar, tipo, no máximo uma semana. Aí depois não fica mais. Mas, assim, muitos moleques pediu pra namorar comigo, eu fiquei e depois pediu pra namorar comigo, eu falava não.*
> *- Você não quis?*
> *- [sinaliza que não] Assim, se for pra mim namorar eu tenho que gostar da pessoa mesmo. Então nem presta eu não gostar e namorar. Tem menina que namora só porque as outras acham o moleque bonito. Mas eu não sou assim, não sou de namorar com a pessoa que eu não gosto.*
> **(Marisa, 14 anos, 1º. EM, matutino)**

Nos discursos de Priscilla e Rita, podemos observar os significados de “sair”, “ficar” e “pegar”, que surgem como característicos de uma prática usual entre as jovens, enquanto forma de experimentação e curtição, sem envolvimento afetivo, assim como sem interesse em possível prosseguimento para um relacionamento mais estável e de maior comprometimento, como se configura o caso do namorar. É possível depreender que tais práticas, na visão das entrevistadas, podem se estender por um período e não se restringem à experiência do beijar, podendo abranger, também, experiências sexuais.

No discurso de Marisa podemos observar a diferenciação característica que os adolescentes fazem entre “ficar” e “namorar”, conforme descrito na literatura especializada, como em Carlos (2010), já apresentada quando da discussão dos discursos dos garotos sobre o tema. Assim, enquanto “ficar” não implica compromisso ou mesmo afeto, o namoro é definido por essas características norteando as práticas sexuais ou afetivo-sexuais das garotas e garotos.

Tal diferenciação e prática aponta para a incorporação, pelas garotas, da ideia de não compromisso, existente em nossa sociedade, em algumas de suas relações, comportamento esse bem próximo do que se observa e se concebia, em termos tradicionais, como somente permitido, aprovado e até mesmo incentivado como desejável e necessário, aos garotos, no sentido de afirmação de suas masculinidades.

O namoro

A respeito do namoro, podemos observar as falas de algumas garotas, que vivenciaram ou estavam vivenciando essa experiência, como Ana Carolina, Marisa e Priscilla:

> *- Um ano e um mês [que está namorando]... E antes dele, você teve outros namorados?*
> *- Tive... Foi, ai, foi um namoro de seis meses, assim, daí não deu certo, porque a pessoa era muito ignorante... Não entendia muito, aí a gente terminou.*
> **(Ana Carolina, 16 anos, estagiária, 3º. EM, noturno)**

> *- Eu também não tive muita experiência, assim, porque, vamos dizer, eu namorei cinco anos, desde os meus 12 eu namorava... a gente terminou*

> *faz pouco tempo, a gente sai, assim tudo, mas eu não fiquei com ninguém ainda. Fora o ex-namorado, não.*
> *- Ele foi o seu primeiro namorado?*
> *- Primeiro namorado, primeiro em tudo [primeira transa]*
> *- […] E depois dele, mais ninguém por enquanto?*
> *- Não, por enquanto, não.*
> *- Então, você já teve uma experiência diferente das suas amigas que você tava me contando?*
> *- É, exato... elas já são bem saideras… eu não, muito raro eu sair.*
> **(Priscilla, atendente, 18 anos, 3º. EM, noturno)**
>
> *- Mas e aí, você já ficou com os meninos? Como é que é essa parte?*
> *- Já! Já fiquei, já […] Só que da primeira vez que eu namorei, minha mãe não sabia. Eu tinha medo dela saber. Eu tinha 12 anos [...]eu só namorei uma vez na minha vida, e… até agora eu não quero namorar não. Fiquei quase um ano [namorando]*
> *- E sua mãe nem sabia?*
> *- Não. Quando ela descobriu eu terminei, também… Porque, meio que minha mãe descobriu, sabe, aí ela falou assim, se tava namorando escondido é porque tinha alguma coisa de errado. Aí eu terminei, aí depois a gente virou amigo. Também, eu me arrependo de ter feito isso, de ter namorado sem minha mãe saber. Foi a pior coisa que eu já fiz.*
> **(Marisa, 14 anos, 1º. EM, matutino)**

Podemos observar de maneira reiterada nos discursos de Ana Carolina, Priscilla e Marisa que o namoro consiste num relacionamento mais sério, com envolvimento afetivo e um compromisso de fidelidade assumido pelos parceiros, que pode ser iniciado muito cedo e ter uma duração estendida de forma que garotas como Priscilla, em seus 18 anos, assim como Marisa, com 14 anos, revelem ter apenas uma experiência nesse sentido, sendo a de Priscilla, de longa duração. Porém, há outros tipos de namoros de duração mais curta, como é o caso de Ana Carolina, de modo que nem mesmo chegam a ocorrer experiências sexuais dentro desse relacionamento.

Vale observar que a questão do namoro ou compromisso afetivo pode encontrar, no mundo adolescente, novas formas de relações, conforme podemos observar na fala de Priscilla, em relação ao projeto de vida conjunto, existente entre ela e seu ex-namorado.

> *- …ontem, eu e meu ex-namorado tava conversando porque a gente vai voltar e a gente vai comprar uma casa [...] aí ele falou que a partir do momento que a gente terminar de comprar a casa, a gente vai casar…*
> *- Ué, como assim, mas é ex-namorado, ou…?*
> *- Ex. A gente vai fazer tudo desse jeito, separado. Aí a gente evita ficar junto agora, pra ninguém ficar falando nada. A gente vai já conversando as coisas mais pra frente […] Ah, e a gente planeja...*
> *- E você espera ainda voltar com ele e constituir família?*

> *- Sim, por isso que eu nem faço mais nada fora. Fico na minha.*
> **(Priscilla, atendente, 18 anos, 3º. EM, noturno)**

A exemplo do que ocorre no mundo adulto, Priscilla e seu ex-namorado firmam um compromisso afetivo de um projeto de vida que os une em uma relação futura – o casamento, reinventando uma nova forma de expressão do que poderíamos considerar como namoro, dado o compromisso de fidelidade que sua fala revela.

Já o discurso de Cássia apresenta sua intenção e consequente dificuldade em conseguir estabelecer um namoro, enquanto relacionamento afetivo estável e duradouro, restando-lhe as experiências casuais, passageiras e descomprometidas, conforme podemos observar no excerto abaixo:

> *- Como é seu relacionamento afetivo com os meninos hoje em dia.?*
> *- Eu me dou muito mal. (risos) Porque assim, eu curto homens mais velhos… e eles não acreditam que uma menina de 16 anos possa ter maturidade, porque… hoje em dia que tem menina de 16 que, tipo, evoluiu, mas às vezes evoluiu outras coisas e não evoluiu a mente, então […]as vezes, você vê uma menina de 16 anos, parece uma mulher, mas as vezes a maturidade é zero. Então eles não dão muito valor, e, como eu curto homens mais velhos, eles não vê isso, ou às vezes, eu acabo me interessando por pessoas erradas, ou, não tenho aquela relação muito positiva, com homem… por isso até que eu não tô namorando.*
> *- Mas, você já namorou?*
> *- Não […]. De ter uma relação [relacionamento], não. Mas acho que de ter uma relação assim, com um homem… essa relação em geral não é muito boa, não é muito boa, mas, tudo bem [tom melancólico]…*
> **(Cássia, 16 anos, atendente, 2º. EM, noturno)**

Em seu discurso, Cássia revela certa angústia e também conformismo, por desejar um relacionamento com compromisso, um namoro, e não conseguir. Nesse sentido, manifesta indignação pelo fato de não ser levada a sério por homens mais velhos, que, em sua concepção, não valorizam as garotas mais novas não acreditando que as mesmas possam ter maturidade para um relacionamento mais estável. Daí avaliar suas experiências com os homens, em seus 16 anos, como não positivas e permitir apontar a questão de como a questão da maturidade na adolescência pode ser relativizada sustentando a ideia de que ser adolescente não implica necessariamente ter a idade na faixa de 14 a 19 anos.

6.3.3 Acerca das relações sexuais

As relações sexuais tradicionalmente representam momentos significativos para a vida de garotas jovens, especialmente pela expectativa de uma experiência não apenas física, mas afetiva, e pela busca de um parceiro idealizado. Nesse sentido, a fala de Cássia é exemplar, em relação à sexualidade feminina de um modo geral:

> *- Como você acha que é a melhor forma de curtir a sexualidade?*
> *- Curtir, ai eu acho assim que… não ir com muitos, né, não tem relação com muitos, porque… não é bacana, eu acho que as meninas de hoje, tem que se preservar e claro, ter relação, é gostoso, é bom, mas, com a pessoa certa, não é com todos. Porque vão vim vários, vão surgir muitos e muitos e muitos… É fato. Toda mulher é assim. Então, ela tem que saber qual a pessoa, não a pessoa certa, a pessoa boa… pra você se abrir, porque querendo ou não você vai se entregar, vai mostra sua sensualidade, você vai mostrar seu corpo, então, tem que ser uma pessoa exata, mesma que seja uma noite […] Porque curtir a gente curte […] de qualquer maneira… se você escolher um cara bruto, você vai ter um trauma após, ou se você acabar escolhendo ficar com uma pessoa, muito que te iluda, que fala coisas, você vai acabar se apaixonando e vai ser uma coisa chata…*
> **(Cássia, 16 anos, atendente, 2º. EM, noturno)**

Em seu discurso Cássia reflete acerca da vivência da sexualidade feminina a partir de escolhas em função de um parceiro que a respeite, independentemente do nível de comprometimento para com esse parceiro. Seu discurso aponta, ainda, para a compreensão de que a mulher também pode curtir, ou seja, sentir e manifestar prazer na relação sexual.

Esse tipo de discurso de Cássia, com seus 16 anos, ganha expressão por ir ao encontro das históricas lutas femininas e suas conquistas em busca da igualdade de gênero, que envolve, como questão central, a questão do reconhecimento da sexualidade feminina e do direito à sua manifestação, castrada e ocultada pela cultura patriarcal. Nessa busca, o ideário feminista foi o de rompimento com a tradicional prática social de interdição da sexualidade feminina, presente nas culturas, em relação às mulheres em geral, movimento esse que foi identificado como a grande revolução sexual do século XX responsável pela progressiva emancipação feminina, em muitas sociedades, independente da idade e da condição social (BARBIERI, 1991, SCOTT, 1995, MEYER, 1996)

Sobre a iniciação sexual

Dentre as experiências relatadas pelas garotas entrevistadas acerca da iniciação sexual, podemos observar a menção a vivências consideradas significativas, positivas, pelas garotas, tal como ilustram as falas de Ana Carolina e Priscilla, apresentadas a seguir:

> *- E vocês já tiveram relações sexuais, como é que é?*
> *- Eu e esse namorado, sim, ele foi meu primeiro... E eu também fui a primeira dele. [...] Ai, pra mim foi bem diferente, porque, não sei, eu não imaginava como iria ser, assim, eu nunca parei... nunca fiz fantasias assim... Foi, cheguei, e já... foi bem tranquilo... foi com 15.*
> *- E vocês conversaram sobre isso, como é que rolou, assim, vocês combinaram?*
> *- Não (risos)... não foi combinado...*
> **(Ana Carolina, 16 anos, estagiária, 3º. EM, noturno)**

> *- Nossa... vou falar pra você que teve uma festa, na casa da minha amiga [...]Aí, acho que eu bebi demais, (risos) eu bebi muito. Aí ele [namorado] tava bravo comigo, que eu tava bebendo. Aí colocou eu pra dormir, aí, tipo assim, quando você bebe, você fica com maior fogo, (risos) aí, acabou que eu, assim, comecei a brincar com ele, acabou que rolou ainda, no quarto da menina. [...] Eu tinha 14.*
> *- ...E como é que foi pra você? Você curtiu...?*
> *- Sim. Curti. Curti muito!*
> *- Vocês já namoravam há algum tempo?*
> *- Já. Uns dois anos [...] ele é dois anos mais velho que eu. Tinha 16*
> *- E ele já tinha tido experiência antes?*
> *- Não. Foi a primeira vez dele também.*
> *- E vocês já tavam planejando?*
> *- Não. Não. É, tipo assim, nóis era muito... a gente já brincava, assim...*
> **(Priscilla, atendente, 18 anos, 3º. EM, noturno)**

Os discursos de Ana Carolina e Priscilla apontam para o significado positivo da primeira experiência sexual em suas vidas, referindo, ambas, a ocorrência desta em um ambiente tranquilo e livre de pressões. Também é possível observar a menção à casualidade de tal experiência, não havendo referência a nenhuma forma de planejamento, muito embora a vivência tenha ocorrido com um parceiro com quem haviam estabelecido um relacionamento íntimo e estável, como o namoro, o que possibilitaria a previsão da ocorrência iminente de tal experiência, a qualquer momento. Nesse processo, a expressão de Priscilla “a gente brincava” se relaciona

com o que na literatura se entende como jogos ou práticas que envolvem as várias modalidades das relações afetivo-sexuais, assim como descreve Olavarría, (1999).

Vale observar que Ana Carolina e Priscilla também mencionam a virgindade de seus companheiros, o que pode sinalizar uma valorização da virgindade dos parceiros pelas garotas, indo, essa valorização, ao encontro das narrativas dos próprios garotos, conforme apresentadas anteriormente.

Pode-se observar, no entanto, que, para as garotas entrevistadas, as experiências de iniciação sexual consideradas positivas não se circunscrevem apenas às situações namoros, mas também a partir de relacionamentos de caráter eventual, conforme ilustram as falas de Bethânia e Cássia, abaixo descritas:

> *- Ah, a primeira experiência foi muito engraçada, verdade![...] era de manhã, e tava tocando [cita nome de uma cantora]. Foi muito legal! E... era com um cara assim, que a gente não tava namorando, nada... E, foi muito bom, assim, foi bem tranquilo, tava um sol muito bonito, tava um dia muito bonito e também eu já tava me sentindo na hora, então, não foi nenhum trauma, nem nada, pelo contrário, foi muito bom.*
> *- [...] E que idade você tinha?*
> *- 17 [...] ele, acho que 22 [...] não era um namoro, assim, nada, a gente já se conhecia há um bom tempo e tava se relacionando faz pouco tempo, mas, depois não virou um namoro, nem nada do tipo.*
> **(Bethânia, 18 anos, EM completo)**

> *foi com uma pessoa bacana, tipo, eu era muito nova, mas eu já tinha uma visão... Eu tinha 14 anos e ele tinha 22. [...] Eu sempre fui assim, mais cabeça em relação a homem, mas por isso, eu acho, que eu não namorei até hoje. Já a virgindade, eu acho que foi uma coisa que eu escolhi, mesmo, eu acho que... devia ter esperado mais, mas eu vi que ele era a pessoa ideal, até hoje eu não me arrependo e sei que eu não vou me arrepender. [...] Foi uma coisa boa, a gente tinha ficado acho que uns cinco ou seis meses, ele não queria nada muito sério porque ele já tinha terminado um relacionamento... então a gente ia ficando, eu ia aprendendo com ele e ele ia aprendendo comigo [...] mesmo sendo nova, eu ainda tinha umas ideias mais além. Então foi ótimo. Só que depois, aí até teve um período ruim pra mim, porque eu acabei gostando dele, aí eu entrei em depressão...*
> **(Cássia, 16 anos, atendente, 2º. EM, noturno)**

Bethânia e Cássia revelam em seus discursos a valorização de todo o processo de vivência que as levou a uma primeira vez representada como evento positivo, mesmo ocorrida com um parceiro numa relação considerada de não namoro. Vale considerar que embora os relacionamentos com seus parceiros se referissem a um relacionamento do tipo “ficar”, tratam-se de experiências nas quais as próprias

garotas escolheram seus próprios parceiros para suas iniciações sexuais, mantendo a aura de romantismo presente no imaginário feminino. Daí a menção de ambas à identificação de um momento ideal para as experiências, como a referência, por um lado, de Bethânia do sentir-se "na hora", ou, preparada, além do cenário favorável propiciado pela natureza iluminada pela bela luz solar, e, por outro, o discurso de Cássia, que faz referência à sua escolha mediante o encontro de um parceiro considerado por ela como ideal, o que pode significar, além da aura de romantismo, o seu envolvimento afetivo com o rapaz.

Dando sequência ao discurso anterior de Cássia podemos observar, a seguir, como em sua fala se revela a presença de um processo de construção da relação da jovem garota buscando, de maneira refletida, a despeito de sua pouca idade, ser preparada e se preparar para sua primeira experiência sexual:

> *- Foi uma coisa, assim, que foi acontecendo, assim, a gente foi ficando e eu fui cada vez mostrando mais que era ele que eu queria e ele foi vendo que eu… ele tava me preparando e eu tava também me preparando, então foi uma coisa assim, dos dois… Era um destino digamos, pra mim acho que foi destino.*
> *- Não foi uma coisa, assim, duma hora pra outra, então?*
> *- Isso. E no dia, mesmo, eu falei estou preparada. Ele falou você tem certeza, eu tenho, então ele mesmo já foi falando pra mim as coisas, e também já foi tirando a minhas dúvidas… e aí a gente foi…*
> *- E foi legal, assim, pra você?*
> *- Foi! Acho que primeira vez, eu acho que é uma coisa assim, muito, né, "primeira vez" e tal! Primeira vez que eu tava fazendo aquilo, primeira vez que um homem tava vendo o meu corpo, então, era uma coisa meio assustador pra mim. Assustador, mas de um lado positivo…*
> **(Cássia, 16 anos, atendente, 2º. EM, noturno)**

Podemos observar em seu discurso como Cássia, a despeito da pouca idade que possuía em sua primeira experiência sexual, buscou, diferentemente de outras entrevistadas, conduzir-se mediante um olhar renovador, pautado pelo que podemos considerar a busca de uma igualdade de gênero, ou seja, identificar um parceiro que considerou ideal para essa experiência, entendida por ela como significativa. Daí procurar preparar-se, para o desejado momento, não somente estabelecendo diálogo com seu parceiro, informando-se a respeito, manifestando seu desejo, mas decidindo ela própria quando tal experiência deveria ocorrer de modo que a mesma pudesse adquirir um caráter mais natural, tranquilo e prazeroso, apesar de mencionar seu receio, em função do inusitado momento. A partir de tal descrição podemos entender

como a primeira relação sexual de Cássia é referida por ela como um acontecimento significativo e positivo, porque pautado por uma relação igualitária de gênero que se manifesta presente entre adolescentes apontando para a própria responsabilização que a vivência da sexualidade se reveste e como a questão da negociação com o parceiro sexual é uma prática passível de existir nesse momento da vida.

Tais considerações acerca da experiência narrada por Cássia permitem um contraponto aos relatos de Rita e Marisa acerca de suas primeiras experiências sexuais, por se apresentarem em outra direção conforme podemos observar nas descrições abaixo:

> *- eu acho que é legal falar [sobre sua experiência da primeira vez] porque é uma coisa que acho aconteceu com a maioria das meninas. Uma coisa que você não queria, e aconteceu. Foi isso. Basicamente… Meio que… momento, aí você falar que não quer e a pessoa querer…*
> *- Insistindo um pouco?*
> *- É. Aí você acaba indo, mas não porque você quer, entendeu…*
> *- Então, não foi uma experiência boa?*
> *- Não. E acho que meio que tá, que fica na minha cabeça. Só foi uma vez… E fica na minha cabeça […] Eu saía… fazia uns três meses que eu tava saindo com ele, ele não mora aqui. Aí ele vinha pra cá e tal, e aí aconteceu […] É, e aí, tá.*
> *- Acabou? […]*
> *- Hãhã. Horrível! E pior que acontece com a maioria das meninas…*
> *- […] Porque será, porque você acha?*
> *- Porque acho que o homem, quer mais isso que a mulher, entendeu, e a mulher tem que tá segura, ela tem que se sentir segura. E a maioria não se sente. E acontece isso […] É meio que, sei lá, momento… pressão, não sei… Eu acho que eu não me senti segura. Se eu tivesse me sentido segura, eu acho que teria sido de uma outra forma.*
> *- E você não curtiu, então, não foi nem bom pra você?*
> *- Não, não. Nem um pouquinho*
> **(Rita, 17 anos, 3º. EM, integral)**

> *- E aí, e com seu namorado, você já chegou a fazer alguma coisa?*
> *- Com meu namorado, já… Ah, foi meio que estranho, sabe? Foi diferente, assim era uma coisa que eu nem sabia o que que era. Assim, eu sabia, assim, só de minha mãe falar, mas […] [tinha] 12 anos… assim… depois eu achei estranho, sabe, porque foi uma coisa nova, que eu nunca tinha feito… pra mim, hoje é normal, assim, depois que eu fiz… mas, eu saí achando muito estranho o que eu tinha feito. Nossa, foi muito estranho! … Não me senti bem, assim. Não foi assim, que nem as outras, ai, é bom, é isso e aquilo outro, assim, só falam, mas, na hora, foi muito estranho, sabe… saí de lá com arrependimento […] Foi na casa dele, nóis tava, tipo, assistindo filme… A mãe dele tinha saído…*
> *- Foi meio sem querer, então, vocês não tinham pensado nisso?*
> *- Não.*
> *- Você não tava esperando?*

> *- Não, não tava mesmo! Foi meio sem querer. Depois eu achei estranho, aí... fiquei com vergonha! Aí depois também, muito, acho que eu terminei foi por causa disso, sabe, eu achei estranho, daí eu fiquei com vergonha, daí eu falei, ah, eu não quero mais isso, não! Daí eu parei de namorar.*
> **(Marisa, 14 anos, 1º. EM, matutino)**

Os discursos de Rita e Marisa se assemelham na explicitação de uma experiência sexual não prazerosa, na primeira vez, apesar da diferença de idade de cada uma à época em que se deu tal vivência, considerada por ambas como casual. O que parece ganhar expressão nos relatos de ambas é o fato de não se sentirem preparadas, não terem expectativas sobre as possibilidades desse evento – diferentemente dos relatos anteriores de Bethânia e Cássia – passando a representar uma imposição ou pressão dos parceiros para uma relação que se daria, portanto, contra as suas vontades, contra seus desejos.

A interpretação desse tipo de sentimento partilhado por ambas nos permite inscrever esse tipo de experiência vivida, e considerada por Rita e Marisa, como negativas, ao modo tradicional de comportamento masculino nas relações de gênero que submete o corpo feminino ao seu desejo, considerado de maneira naturalizado e próprio da condição masculina, notadamente nas sociedades onde os resquícios da cultura patriarcal persistem, revelando a iniquidade de gênero e desafios enfrentados pelas mulheres, independentemente de sua faixa etária, para a negociação nas relações, de qualquer ordem ou natureza.

Ainda a respeito do sentimento de desprazer relatado por Rita e Marisa, acerca de tal experiência negativa vivida por elas, as falas abaixo apresentadas parecem significativas:

> *- E você conversou sobre isso com alguém?*
> *- Só contei, mas tipo... Nem pra amiga, foi pra minha prima que eu contei, assim, mas... aí, só. Que eu queria falar pra minha mãe, mas, sei lá. Não rola [...] Do jeito que aconteceu, não rola... Acho que se fosse de outra maneira, eu contaria.*
> *- Por que você acha isso?*
> *- Porque eu acho que não foi uma coisa legal, sabe, pra mim contar pra ela. Não foi. E se uma próxima vez, que vai acontecer, (risos), eu conto, normal. Mas essa, não. Nem no sonho... Já pensei, falei não, desisti. Não dá, ela vai ficar horrorizada...*
> **(Rita, 17 anos, 3º. EM, integral)**

> *- Sua mãe sabe da sua experiência, lá da sua primeira vez?*
> *- Não, ainda não falei, né... eu tenho medo de falar, sabe. Porque foi muito nova, sabe, então eu tenho medo da reação dela. Porque se eu chegar nela e falar, ah mãe, fiz isso com 12 anos... nossa! Minha mãe vai entrar em choque! (risos) Nossa! [...] assim, eu vou esperar mais um pouco, até... quando a separação do meu pai acalmar... Porque, minha mãe é legal, é uma pessoa assim, que ela entende, sabe [...] mas nesse momento nem dá certo, porque ela tá muito estressada [...] eu não contei na hora, por causa do meu pai... se ele soubesse, eu já tava fora de casa faz tempo! Meu pai é daqueles assim, muito ignorante, sabe. Tudo dele é batendo, é pondo pra fora de casa.*
> **(Marisa, 14 anos, 1º. EM, matutino)**

Podemos observar, pelos relatos de Rita e Marisa, a manifestação do desejo e, ao mesmo tempo receio, em compartilhar suas experiências com as respectivas mães, apontando para o fato de as mesmas representarem, para muitas garotas, referências importantes para confidências, ao lado de amigas. No entanto, frente ao próprio julgamento de terem agido de maneira errônea relutam, vivenciando sofrimento psíquico pela ausência de interlocutores com os quais pudessem refletir sobre o sentimento vivido que teima em persistir de forma ressentida e acusatória. Tal fato chama a atenção, assim, para o silêncio, solidão e medo de reprovação que acompanham as experiências negativas no campo sexual, sobretudo entre jovens garotas, o que permite alertar, inclusive, para a maior vulnerabilidade a que podem estar sujeitas as mesmas, seja em termos de prevenção a doenças e contracepção, seja quanto à violência sexual e de gênero.

Sobre as vivências

Após relatarem suas experiências na iniciação sexual, as garotas foram indagadas quanto a outras vivências que pudessem ter no campo sexual. Como podemos observar, entre as maioria das entrevistadas não há o que narrar de vivências, nesse sentido, a exemplo das falas de Marisa, Rita, Priscilla e Bethânia, apresentadas a seguir:

> *- E aí, depois disso, depois dessa vez, dessa primeira que a gente tá falando. Teve outras?*
> *- Não. Nenhuma.*
> *- Nem com ele nem com mais ninguém?*

> *- Nem com mais ninguém. Eu não quis mais, eu não quis mais… Por causa disso. É porque… sei lá, eu me arrependi de ter feito isso muito cedo, sabe… Daí eu não quis mais… Não fiz mesmo! De jeito nenhum.*
> **(Marisa, 14 anos, 1º. EM, matutino)**

> *- É foi [só a primeira vez]. Traumatizante. Já traumatizou já… (risos)*
> *- É… que idade você tinha? Quando foi?*
> *- Esse ano. Foi, faz quatro ou cinco [meses], por aí.*
> *- Tá se recuperando ainda, do trauma, então?*
> *- É, tô. Tá aqui ainda! Tá aqui comigo ainda, sabe, to levando ele…*
> **(Rita, 17 anos, 3º. EM, integral)**

> *- Fora o ex-namorado, não.*
> *- […] E depois dele, mais ninguém por enquanto?*
> *- Não, por enquanto, não.*
> **(Priscilla, atendente, 18 anos, 3º. EM, noturno)**

> *- Então, né, não foram muitos mais, assim, porque depois [da preimeira vez] eu comecei a namorar, então todas as outras relações foram com esse namorado… E, depois que acabou, não faz muito tempo assim, até então eu não me relacionei com mais ninguém.*
> *- Quanto tempo você ficou com esse namorado?*
> *- Acho que quatro ou cinco meses, por aí.*
> **(Bethânia, 18 anos, EM completo)**

Nos discursos de Rita e Marisa podemos observar a ausência da busca de novas vivências desde a primeira experiência sexual, o que é atribuído por elas ao fato de terem sido, tais experiências, negativas, gerando sentimentos de arrependimento e trauma. Para outras garotas, a exemplo dos discursos de Priscilla e Bethânia, outras experiências ocorreram com um mesmo parceiro, numa situação de relacionamento estável e de compromisso, como o namoro.

Diferente narrativa é a de Cássia, cujo relato aponta para a diversidade de experiências que teve, após sua iniciação sexual, a despeito de seus 16 anos:

> *- minha segunda relação, [foi] com outro rapaz, bem mais velho do que eu, tem trinta anos, então… eu acho assim, foi uma escolha minha, foi uma coisa boa, eu gostei, ele gostou, aí a gente ia saindo sempre, aí… bom, vou falar de todas minhas relações, aí depois eu tive mais três relações, com mais três homens diferentes, então acho que eu tive cinco diferentes, cinco homens… Aí, o último foi há dois meses, então, tipo, não to ficando com mais ninguém… foi um rapaz que eu sai, curti bastante, até gosto dele, mas não deu muito certo a gente […] eu também não to ficando com ninguém, não to tendo mais relação…*
> *- Os outros [rapazes] que você ficou, sempre acabou tendo relação?*
> *- É, sempre tive relação, porque foi uma coisa assim, ficar, e ir ficando, entendeu, ir ficando…*
> *- Você ficava um período com eles, não foi uma vez só?*

> *- Isso. Tipo, o de 30 anos que foi o meu segundo não tinha como ter nenhum relacionamento com ele, porque uma menina de 16 anos com um homem de 30? Não dá. Mas, eu escolhi ter, pra mim aprender com ele, não só a questão da relação sexual, mas questão da vida, porque um homem experiente, tanto que quando a gente saia, a gente ia se curtindo, a gente saiu bastante. Depois desse, aí um foi, assim, por um momento meu, que eu não tava muito bem, e acabei tendo relação com ele, os outros dois, foi assim que a gente ia saindo aí que a gente acabou tendo relação.*
> **(Cássia, 16 anos, atendente, 2º. EM, noturno)**

Cássia revela, em seu discurso uma variedade de parceiros, que atribui a uma decisão e escolha sua, referindo uma busca por aprendizado, especialmente ao procurar se relacionar com homens mais velhos. Aponta, em seu relato o que parece se constituir em uma das formas características de relacionamento adotada pelos adolescentes, garotas e garotas, na busca de expressão e vivência de sua sexualidade, forma essa passível de ser identificável pela expressão "foi uma coisa assim, ficar, e ir ficando, entendeu, ir ficando". Ao lado dessa forma de relacionamento, observamos igualmente a ocorrência de relações eventuais ou ocasionais, por diferentes razões, em seu caso, com referência ao não se sentir "muito bem", o que pode ser inferido como um momento de solidão e/ou de carência afetiva. Tal interpretação pode ser sustentada a partir da sequência de sua fala, a seguir:

> *- […] E como é que você define esse tipo de relacionamento?*
> *- Ficante. Ficantes, é… aprendizado. (risos) Falar mais bonito, né, aprendizado. Porque assim, eu queria muito mais namorar. Mas, tá difícil encontrar… eu gosto de cara mais velho, mas, tem que ter aquela química, tem que bater, tem que rolar dos dois lados, não é só um lado […] Então, por isso que eu tento não me envolver muito… acabo me envolvendo às vezes nem é muito por sentimento, é mais relação, por eu já também ter sofrido, muito cedo, então às vezes é mais por relação, e não é muito tempo mesmo…*
> **(Cássia, 16 anos, atendente, 2º. EM, noturno)**

Nessa passagem de seu discurso, Cássia expressa claramente o desejo de se relacionar mais afetivamente, num contexto de maior compromisso, como o namoro, porém, encontrando dificuldades que atribui à sua preferência por homens mais velhos, conforme observado em item anterior (6.3.2). Daí justificar o seu não desejo de envolvimento afetivo, buscando relacionamentos esporádicos envolvendo novas experiências sexuais, o que parece ser representado por ela como uma forma de aprendizado.

Assim, o que podemos observar como tônica, no conjunto dos discursos apresentados pelas garotas, no presente capítulo, independentemente da precocidade na iniciação sexual ou da menção a experiências positivas ou não, é o fato de nos vários relatos podermos identificar a existência de uma nova postura dessas adolescentes frente às relações de gênero. Essa nova postura parece marcada pela busca de equidade nas relações com os garotos, ou mesmo homens adultos, busca essa decorrente das conquistas das mulheres resultante do amplo movimento feminista que ampliou a esfera de seus direitos.

A exemplificação de nova postura pode ser evidenciada pela maior abertura social para a expressão e reconhecimento, pelas garotas, de seus desejos, de suas opções, sua busca de autonomia e pensamento crítico, em algumas das falas, notadamente frente aos valores tradicionais que persistem em nosso meio e colocam mulheres num papel de subalternidade frente aos homens, especialmente na esfera dos direitos às manifestações e vivências da sexualidade feminina.

6.4 O LUGAR DA SAÚDE SEXUAL E DA SAÚDE REPRODUTIVA NO UNIVERSO ADOLESCENTE

Já sei namorar
Já sei chutar a bola
Agora só me falta ganhar
Não tem um juiz
Se você quer a vida em jogo
Eu quero é ser feliz
Não tenho paciência pra televisão
Eu não sou audiência para solidão
Eu sou de ninguém, e
Eu sou de todo mundo e
Todo mundo me quer bem
Eu sou de ninguém
Eu sou de todo mundo e
Todo mundo é meu também
(Tribalistas - Já sei namorar, comp.: M. Monte, C. Brown, A. Antunes)

6.4.1 Sobre gravidez na adolescência e seus significados

A questão da gravidez na adolescência ganha expressão, de modo geral, nos discursos das garotas entrevistadas, como podemos observar nas falas de Bethânia, abaixo apresentadas:

> *- O que você acha da gravidez em meninas?*
> *- Em geral? Consequência, né, de um erro! Um erro por não ter usado o preservativo. Agora, se ela queria, aí vai de cada um, né.*
> *- Sei. Você acha que tem meninas que querem?*
> *- Querem, pra prender o namorado. Existe ainda isso… (risos) Já ouvi histórias, tal, é… meio estranho, né.*
> **(Rita, 17 anos, 3º. EM, integral)**

> *Ah, eu acho que a pessoa fica bem apavorada, né, porque, tão jovem assim, ter um filho, mas tem que aceitar, né…*
> **(Ana Carolina, 16 anos, estagiária, 3º. EM, noturno)**

> *Nossa, é algo muito complicado, porque é como se fosse uma dádiva, que você recebe num tempo que tá tudo complicado na sua vida, porque adolescência é quando você não tem… nenhuma segurança financeira e nem emocional… mental pra ter um filho, porque é algo muito grandioso. Então eu acho que… é uma coisa muito bonita, mas se acontecer muito cedo pode atrapalhar muito a vida e também, em questões sociais, socioeconômicas porque é difícil pra uma mãe… tem que largar os estudos, já vi muito acontecer…*
> **(Bethânia, 18 anos, EM completo)**

O fenômeno da gravidez na adolescência é compreendido como não sendo próprio dessa fase da vida, pelas entrevistadas, conforme expressam seus discursos. Entretanto Bethânia compreende o caráter de dádiva que a maternidade representa a partir de uma visão essencialista do ser mulher, como já discutida em item anterior, ao passo que Rita aponta em seu discurso uma possibilidade de que garotas desejem a gravidez em determinadas circunstâncias.

Por conseguinte, Ana Carolina expressa uma ideia de resignação diante da fatalidade do evento, de modo que a interrupção da gravidez não é mencionada como possibilidade por essa garota e nem pelas outras entrevistadas. Porém, vale destacar que Rita apresenta uma ideia de contracepção através do uso da camisinha, reconhecendo a gravidez como resultado de um ato inconsequente.

São identificadas por Bethânia algumas dificuldades que envolvem a ocorrência da gravidez na adolescência, quer seja pela ausência de condições financeiras, emocional ou mental, quer seja em relação à interrupção ou postergação de projetos de vida, representada em seu discurso pela ideia de "largar os estudos".

Em outras falas, como a de Cássia e Marisa podemos observar, de maneira mais explícita, percepções acerca do que garotas consideram de implicações negativas acerca da gravidez, nessa etapa da vida, conforme excertos abaixo:

> *- Eu acho horrível, ridículo, a pior coisa, porque é assim... eu não me considero mais uma adolescente, sou uma jovem, não sou ADULTA... eu já tenho responsabilidade, já trabalho, já faço coisas que um adolescente não devia fazer, só que mesmo assim falta muito ainda pra eu cuidar de uma outra vida com as minhas mãos. Então, acho que uma gravidez na adolescência é uma coisa... que você pode evitar, que tem métodos pra você evitar e você, por teimosia não evita... e acaba sendo uma coisa constrangida, porque a menina de 16 anos com filho, não tem cabimento, é uma coisa assim que acaba tendo depressão, acaba trazendo maus pra criança, pra família [...]*
> *- Você se preocupa com isso, com essa prevenção?*
> *- Eu preocupo, porque assim, sou nova, né, tenho muito que viver ainda, então imagina eu grávida, vou ter que parar os cursos... eu penso assim se eu tivesse um filho ia acabar a minha vida, por que às vezes, nem é a questão só do estudo, é a questão que as vezes você quer ter algo, um relacionamento com alguém... qual homem que vai querer assumir um filho de uma menina de 16?*
> **(Cássia, 16 anos, atendente, 2º. EM, noturno)**

> *Ah, eu acho falta de responsabilidade... porque, se vai fazer alguma coisa, pelo menos faça com responsabilidade, porque, pelo menos, não vai ficar grávida e depois se arrepender, né. E também, dependendo, a*

> *maioria das filhas que engravida, vai lá e dá o bebê pra mãe cuidar, que não tem nada a ver com isso. Minha tia mesmo, seis filho e deu três pra vó, pra mãe dela cuidar […] então eu, eu tenho medo de ficar grávida […] porque você vai ficar, caraca! pô, perdi minha vida, né… Toda vez que você olha pra aquele filho você vai ter desgosto, sabe? Minha mãe falou que quando ela me teve… ela engravidou de mim com 14, me teve com 15, e a mãe dela não sabia e tal, aí começou a jogar na cara dela, que ela fez isso e aquilo, mas tipo… minha mãe, quando ela era pequena, a mãe dela batia nela, sabe […] Aí, a única forma de minha mãe pegar e sair cedo de casa foi com meu pai… e aconteceu que eu to aqui, mas minha mãe falou que ela me ama, e tal… mas se voltasse no tempo, ela mudaria a vida dela, esperava mais um pouco, pra não ter tido filha jovem. Porque acabou com a vida dela, isso né… faz 15 anos que minha mãe tá com meu pai… Então, a vida dela praticamente acabou [convivendo] com meu pai. Aí, ele bebia muito…*
> **(Marisa, 14 anos, 1º. EM, matutino**

Nos discursos de Cássia e Marisa podemos observar uma identificação da responsabilidade envolvida na contracepção em termos de conhecimento e uso dos métodos anticoncepcionais. Tal como Bethânia, as garotas Cássia e Marisa reconhecem, igualmente, a interferência que a gravidez na adolescência pode representar em relação aos projetos de vida futura dos jovens, porém, de forma mais drástica, ao referirem a expressões como “acabar com a vida”.

Cássia parece relacionar, de maneira implícita, a gravidez na adolescência com a ideia de “mãe solteira”, de modo a acreditar ser impossível conseguir um parceiro estável, nessa condição. Nesse sentido, podemos observar que Cássia reconhece as implicações do fenômeno da gravidez nesta etapa da vida a partir de um olhar prospectivo ao imaginar-se na situação e projetar como seria seu futuro, nesse contexto, enquanto Marisa expressa um olhar retrospectivo, a partir da vivência da mãe e das implicações que a ocorrência da gravidez representou para sua vida.

À exceção de Cássia, todas as demais garotas, assim como Marisa, apresentam narrativas em que descrevem experiências de gravidez na adolescência entre familiares ou pessoas próximas, como exemplificado nas falas de Priscilla, Bethânia e Ana Carolina:

> *- Você conhece alguém que engravidou nessa idade, assim?*
> *- Sim, conheço. Ah, a pessoa teve que, tipo que, crescer, amadurecer de uma hora pra outra… acho que foi bem complicado […] era uma amiga, acho que foi, assim, complicado.*
> **(Ana Carolina, 16 anos, estagiária, 3º. EM, noturno)**

> *Olha, eu não tenho nada contra [a gravidez], só que, assim, minhas amizade inteira, todas as pessoas que eu conversava, andava, todas engravidaram… entre 14 até 16. Já tive, nossa… muitas pessoas conhecidas que engravidou… as única que não engravidou das pessoas que eu ando são duas… o resto, tudo com 14, 15, 16… assim, nada contra, a gente brinca, a gente sempre sai. [...] Igual, minha prima engravidou, ela nem sabia quem era o pai. [ela tinha] 16 anos… Vai fazer dois anos já. E nem sabe quem é o pai até hoje. É feio o negócio.*
> **(Priscilla, atendente, 18 anos, 3º. EM, noturno)**

> *Tive um caso na família, que minha prima engravidou com 18 anos, então, eu já tava muito alerta, só que, como eu acompanhei muito de perto, eu percebi que é algo que eu não quero pra mim… a minha família apoiou muito, ajudou, minha tia adora o fato de ser avó e tudo, mas na época eles ficaram meio chateados… não ficaram revoltados, eles ficaram chateados, porque, poxa, ela tinha ainda tantas coisas ainda pra aprender e estudar. Mas ela se mostrou bem capaz, ela voltou a estudar, trabalha, tá fazendo faculdade. Então ela não abandonou, como eu vejo muitas pessoas abandonando. Mas foi meio difícil, mas, passou né, fazem dois anos já e tá tudo tranquilo…*
> **(Bethânia, 18 anos, EM completo**

Assim como observado nos discursos dos garotos, é possível constatar que a gravidez na adolescência se faz presente no universo de relações dos jovens de camadas populares e médias. Nos discursos de Ana Carolina e Bethânia há referência à maturidade da adolescente como implicação para a vivência da gravidez, nesse período da vida. Concernente a tais implicações, podemos destacar ainda as falas de Ana Carolina, Priscila e Rita:

> *- e o que que implica na vida da pessoa que tem filho nessa idade?*
> *- a responsabilidade vai ter que aumentar, e apesar que, muitas delas não tem juízo… elas são daquele tipo que deixava o filho com mãe, pra sair pra balada, ficar com outras pessoas. Então a partir do momento que tem um filho, a responsabilidade tem que aumentar, a pessoa não tem responsabilidade nenhuma, porque não pensa, fica saindo com macho, sem saber onde tá os filhos, ou deixa com os pais, que não tem nada a ver com isso. Então, na hora que foi pra ter relações, não pensou nisso. É isso que eu acho.*
> **(Priscilla, atendente, 18 anos, 3º. EM, noturno)**

> *Ah, tem que virar, tipo, de adolescente ela tem que virar uma mulher… Cuidar de casa, fazer comida… Cuidar de criança.*
> **(Ana Carolina, 16 anos, estagiária, 3º. EM, noturno)**

> *- Olha, depende do caso de cada uma, né, tem algumas que ganham maturidade e tal, e outras, fica naquela, entendeu, tá na adolescência e fica… e vai crescendo, vai passando os anos, e ela vai ficando do mesmo jeito. A minha mãe é um exemplo disso.*
> *- Por quê?*

> *- ... não, porque ela engravidou com 15 pra 16 anos... mas minha mãe é uma filha... eu acho que sei lá, ela meio que amadureceu e ao mesmo tempo, um pouco não, sabe... (risos) Eu não sei se é porque ela é nova, eu não consigo, às vezes parar pra pensar e ver isso... às vezes eu acho que falta um pouco de maturidade. Não sei se eu sou muito, ah, eu levo tudo a sério. Mas isso, acho que isso foi bom pra vida dela. Eu acho.*
> **(Rita, 17 anos, 3º. EM, integral)**

Nos discursos de Rita, Priscilla e Ana Carolina é possível observar a ideia frequente em nossa sociedade de que deve haver um amadurecimento subsequente à experiência da gravidez em adolescentes, a partir das responsabilidades que se presume serem assumidas, especialmente em relação aos cuidados com a criança e à constituição de família, conforme explicita Ana Carolina em seu discurso. Porém, tal expectativa de amadurecimento e responsabilidade nem sempre parece ser concretizada, tal como revelam Priscilla e Rita em seus discursos, ao relatarem experiências de pessoas próximas. Esta última ainda identifica que, a despeito do não amadurecimento, a gravidez entre jovens adolescentes pode se tornar uma experiência positiva, como foi o caso de sua mãe.

Podemos depreender do conjunto dos discursos das garotas, sobre o tema, o entendimento unânime da gravidez na adolescência como algo que deve merecer atenção, ser prevenida, notadamente pelas implicações em seus projetos de vida futura, cabendo destaque ao estudar, profissionalizar-se, antes de ser mãe, de constituir uma família, o que implica maturidade e responsabilidade que a garota não dispõe nessa fase da vida. Em relação às percepções das garotas acerca das implicações da gravidez na adolescência para os rapazes que vivenciam essa experiência, são ilustrativas as falas de Cássia, Priscilla e Rita, abaixo apresentadas:

> *- E pro rapaz também, que se torna pai?*
> *- Ah... depende porque tem aqueles que se revolta [...] é que homem ou mulher, quando é questão de filho não tem essa divisão na minha opinião, é igual pros dois lados... ele precisa trabalhar, ela precisa, ele tem que parar de estudar, ela também precisa... pra poder cuidar e dar um canto pra criança, porque é diferente pra você, porque pra você tanto faz, agora uma criança novinha, qualquer coisa é tão complicado, que você tem que parar, deixar sua vida pra cuidar e quando alguém é... uma pessoa mais adulta, mais formada, mais experiente, é uma coisa boa, uma coisa positiva, é algo que vai ajudar, não vai atrapalhar em nada, mas uma pessoa que tá começando a vida agora, que tá tendo responsabilidade agora, é muito difícil.*
> **(Cássia, 16 anos, atendente, 2º. EM, noturno)**

> *- Não, não conheço não… agora, tenho uma amiga minha que ela tá com ele, que eles tem dois filhos agora, então ela foi a única, assim, que ele tava junto, porque o resto… sumiu.*
> *- […] O que muda na vida do menino que se torna pai nessa idade?*
> *- Bom, igual, que eu tava conversando com ele antes de ontem, ele falou que perde toda a liberdade… não pode fazer isso e aquilo… pra comprar alguma coisa, tem que pensar primeiro nos filhos… E tem que trabalhar, primeiro não precisava trabalhar tanto… porque era só pra ele, agora tem que trabalhar dobrado. É isso. Não sei...*
> **(Priscilla, atendente, 18 anos, 3º. EM, noturno)**

> *- Então, se tornam entre aspas, né, porque alguns só fazem e… fica nisso. Alguns assumem a responsabilidade de ser pai e tal. Veste a camisa e outros fingem que não aconteceu nada…*
> *- Você conhece meninos…?*
> *- Conhecer, não conheço, mas já ouvi casos… que sabe e tudo, e não tá nem aí… Tipo, não aconteceu nada… Já outros apoiam totalmente. E a maioria não ficam juntos. Não. (risos) Não ficam. Só foi o filho mesmo.*
> **(Rita, 17 anos, 3º. EM, integral)**

Em seu discurso, Cássia destaca o fato de que as implicações da gravidez são semelhantes para jovens garotos e garotas, mencionando novamente a interrupção do projeto de vida, no sentido de deixar os estudos e trabalhar para sustentar a criança, como um problema, imperativo esse, vale lembrar, presente notadamente para as camadas populares.

Priscilla e Rita identificam, em seus discursos, dois tipos de reação entre os rapazes que se deparam com a gravidez das parceiras, ou seja, os que assumem, e, o mais comum, os que não ignoram a paternidade. Vale igualmente destacar na fala de Priscilla a menção ao relato de um amigo que sinaliza, ao lado perda da liberdade, a questão da assunção do papel de provedor da família, além de outros aspectos.

Segundo Almeida (2002), dentre as representações femininas de paternidade, o modelo ideal é o do provedor, ou seja, aquele que não apenas assume a paternidade, mas, igualmente, ajuda nos cuidados e se compromete financeiramente. No entanto, há que considerar que a paternidade pode se apresentar em categorias muito mais amplas, podendo ser redefinidas de acordo com cada situação e contexto, abarcando desde ajuda somente financeira, até a visita aos filhos. De acordo com a autora, são frequentes entre as mulheres acusações de que os homens não cumprem o papel de pai, o que pode ser indicativo de que a paternidade não traria a mesma mudança de status observada na maternidade.

Rangel e Queiroz (2008), por sua vez, ao compararem as representações sociais de adolescentes de diferentes estratos econômicos sobre a gravidez nesse período da vida, identificaram entre meninas de um nível econômico menos favorecido que ter um filho representava uma bênção divina, algo "natural", próprio da identidade feminina, concepção essa interpretada nos estudos de gênero como uma visão naturalizada da condição feminina, conforme analisa Badinter (1985). As representações da maternidade para as meninas, como identificaram Rangel e Queiroz (2008), poderia estar vinculada ao "poder de ser mulher" e à construção da própria família. As autoras observaram também a relação com a necessidade de valorização e de um reconhecimento social, o que não ocorre com adolescentes dos estratos médios e mais favorecidos. Entre as jovens pesquisadas por Dias e Teixeira, (2010), pertencentes a esses estratos, a gestação nesse momento de vida representava, além de um comprometimento dos planos futuros, uma sobrecarga financeira e uma experiência não normativa no desenvolvimento humano. Ou seja, a ideia de que "não era a hora", também presente nos discursos das garotas por nós entrevistadas.

Almeida (2002), que em seu estudo pesquisou adolescentes de camadas populares, observou que a entrada "precoce" no mundo adulto parece oferecer mais vantagens a esse grupo, já que para essas garotas, a adolescência não se configura necessariamente como uma fase do ciclo vital que ofereça privilégios e vantagens, como ocorre em camadas médias. Nesses casos, pode haver uma representação positiva da maternidade nessa fase, não representando um problema, já que interromper uma fase que não é considerada muito importante, não apresenta muitas perdas. Tais concepções podem ser observadas nas falas de algumas garotas entrevistadas, especialmente quando se referem a familiares, como a própria mãe, que vivenciaram a gravidez nessa fase.

Assim, embora alguns aspectos dessa questão permeiem os discursos das adolescentes pesquisadas em nossa dissertação, o que podemos observar é uma visão diferenciada em relação à assunção da gravidez nesse período, a despeito das garotas e garotos pesquisados pertencerem às camadas populares

Diante da indagação acerca da melhor forma de evitar a gravidez, todas as garotas identificaram a camisinha como método eficaz, mas também foram

mencionados outros métodos, como podem exemplificar as falas de Ana Carolina, Bethânia e Rita, a seguir:

> *- E na sua opinião, qual a melhor forma de prevenir a gravidez, que você acha?*
> *- Ai, é pílula, camisinha, sempre né… É a melhor, mais usada.*
> **(Ana Carolina, 16 anos, estagiária, 3º. EM, noturno)**

> *- Ah, eu acho que é a consciência… porque na verdade é a parte teórica, a parte prática é a prevenção, mas se não tiver a parte teórica, provavelmente não vai ter a parte prática, então, eu percebo que várias dessas meninas [que engravidaram] não tinham relações muito boas com os pais, não falavam muito sobre isso em casa. Ou então os pais tratavam como uma questão meio absurda. [...]*
> *- Você acha que isso interfere, então, o diálogo com os pais…?*
> *- É, interfere, MUITO, o diálogo. Com os pais e também procurar saber, procurar se informar, porque a gente vive na época da internet e as informações chegam muito rápido… e prevenção já não é um assunto polêmico, não é nenhum tabu, sexualidade não é mais um problema hoje em dia […] Então eu acho que é falta de aviso, ou vergonha porque, o assunto sempre foi tratado como algo absurdo pelos pais, pela família… Então, as questões são basicamente essas, a falta de consciência, e falta de cuidado mesmo.*
> **(Bethânia, 18 anos, EM completo)**

> *- Camisinha. Acho que é a melhor. Porque essa coisa de a menina ficar tomando o tal do anticoncepcional… Eu acho… exagerado.*
> *- Mas, você usa?*
> *-Mas, no caso, não seria pra isso… isso que eu ia falar. Porque às vezes, eu conheço várias meninas que usam e faz mal, entendeu, pra elas, dá dor de cabeça, passam mal… Engordam… Tudo pra ele não usar camisinha? Entendeu. E ele?*
> **(Rita, 17 anos, 3º. EM, integral)**

Ana Carolina apresenta um discurso objetivo acerca da concepção da camisinha como o melhor método contraceptivo, mencionando também a possibilidade de uso da pílula. Já o discurso de Bethânia apresenta uma concepção mais ampla acerca da contracepção, para além do uso de algum método contraceptivo, sendo mencionadas por ela as questões da responsabilidade, consciência, informação e diálogo, notadamente com a família. Rita apresenta uma concepção do preservativo como método ideal para evitar a gravidez indesejada nessa etapa da vida, entendendo, inclusive, a pílula como um método alternativo que pode ser negociado entre os parceiros para que não seja feito o uso da camisinha, de modo a isentar o homem de se responsabilizar pela contracepção.

6.4.2 O lugar das DST/Aids no pensamento adolescente

Sobre HIV/Aids

Assim como o observado entre os garotos entrevistados, as garotas apresentam nível de conhecimento sobre DST e do HIV/Aids que varia do pouco a nenhum conhecimento, mesmo nos relatos das garotas passíveis de serem consideradas mais informadas, como podemos observar, a exemplo das falas de Ana Carolina, Priscilla e Rita:

> *Falar pra você que acho que a única coisa que eu conheço é que ela só é transmissível, pela parte que eu conheço, diz que é sexualmente, tipo, sair com uma pessoa que tem e não se prevenir, perigoso passar. A única coisa que eu sei é isso.*
> **(Priscilla, atendente, 18 anos, 3º. EM, noturno)**

> *Olha, o que eu conheço, assim, é o que eu vejo na escola, na televisão… é uma doença sexualmente transmissível e tal. Que não tem cura… acho que tavam até fazendo um remédio, sei lá se é no Brasil, na onde, pra tentar melhorar essa quantidade de pessoas com vírus. Eu acho isso, igual a gravidez, um erro.*
> **(Rita, 17 anos, 3º. EM, integra)l**

A partir dos discursos de Ana Carolina e Rita, podemos observar que as garotas, em relação aos garotos, parecem apresentar alguma ideia de prevenção, porém sem fazer referência a nenhum tipo de conhecimento mais aprofundado acerca do tema. Rita menciona, ainda, alguns meios pelos quais adquiriu informações, como escola e televisão apontando para a importância que os veículos de comunicação exercem notadamente sobre adolescentes e jovens.

No discurso de Cássia sobre o tema, assim como na sequência do relato de Rita antes apresentado, podemos observar que algumas garotas percebem aspecto importante, qual seja, o do reconhecimento de cadeia epidemiológica da doença, conforme excertos abaixo apresentados:

> *- Ah, eu sei pouco, né… é uma doença complicada…. não tem cura… ou tem cura? Tem cura agora? não sei, viu… (risos) Acho que não tem cura, né. Assim, eu não to por dentro, eu não sei muito sobre a doença. Ouço falar muito, muito de Aids, mas não sei muito…*
> *- Mas o que você pensa sobre ela, apesar de não saber muito…?*

- Olha, eu sei que é séria. Eu acho que a Aids é uma coisa que a gente acha que não pega, mas a gente pode pegar a qualquer momento, porque você não sabe com quem que o outro vai, você sabe quantos você tem, mas não sabe quantos que os outros tem, então é uma coisa meio complicada, acho que tem que prevenir... eu não sei direito como que é os sintomas da Aids... às vezes você tá assim, bem de saúde... e de repente complica sua saúde por um momento que foi bom pra você, foi prazeroso naquele momento, mas depois... não é só o fruto de uma criança nascer, mas tem a doença também, que isso é mancada, destrói um pouco a vida. Aids ainda, que é uma coisa sexual, é uma coisa assim, muito forte...
(Cássia, 16 anos, atendente, 2º. EM, noturno)

- E você se preocupa com essas questões [da Aids e outras DST]?
- Sim... penso nisso sim, até eu tava conversando... acho que a maioria dos lugares, meninos novinhos sabe, ficam indo nesses puteiros, aí e tal. Contraem doenças, porque, não sei se eu to mal informada, depende, ela demora bastante tempo pra se manifestar, até pra aparecer num exame de sangue e tudo né. Então, tipo, a menina... é nova, aí você imagina, quanto de menina não tem [doenças] e fazem isso [sexo desprotegido], entendeu? E esses meninos... ai, a menina é linda, né, bonita, gostosa... Então, eu tenho até medo, tipo, namorado, por mais que seja a pessoa mais maravilhosa do mundo, ele pode não saber que ele tem. E você pode ter. Então é complicado, hoje, eu acho que isso assim, tipo, tá alarmante.
- Você se preocupa, então?
- É. Aquele caso até de fazer o exame, pra ver se tem alguma coisa. É meio estranho.
- Você pensa em fazer um exame?
- Já pensei, (risos) porque, sei lá, tá meio assustador isso, sabe, sei lá.
(Rita, 17 anos, 3º. EM, integral)

Podemos observar que Rita expressa, em seu discurso, a ideia de cadeia epidemiológica, manifestando inclusive, a partir de tal compreensão. O receio acerca de sua própria condição de saúde, mesmo não tendo referido em nenhum outro momento da entrevista, ter passado por alguma experiência de risco. Seu receio parece ser reforçado devido à sua compreensão acerca da questão imunológica e a impossibilidade de se reconhecer indivíduos contaminados com o vírus HIV, sem um exame de sangue realizado adequadamente.

Por sua vez, Cássia apresenta em seu discurso algum tipo conhecimento sobre a forma de transmissão da HIV/Aids, pela via sexual, expressando, a exemplo de Rita, dado conhecimento acerca da cadeia epidemiológica, a partir da rotatividade de parceiros sexuais. Faz menção, ainda, à prevenção e às implicações da doença para a vida da pessoa que a contrai.

Na fala abaixo, de Priscilla, podemos observar a importância de que se reveste o conhecimento acerca dessa temática, tendo em vista as implicações do HIV/Aids não somente para a saúde sexual, mas, igualmente, para a saúde reprodutiva como podemos observar no trecho a seguir:

> *- Qual a importância de prevenir a Aids?*
> *- Nossa. Ai, não sei, moça!*
> *- É importante prevenir?*
> *- É! Muito importante! […] Igual, pelo fato, que se uma menina engravida, que tem [Aids], que ela pegou na relação, igual que eu tava estudando isso daí na escola, provavelmente essa criança vai nascer também, [com a doença] tipo pra você não se preocupa tanto, só com você, não prejudicar a você e nem ao próximo. Ah, é isso que eu acho.*
> ***(Priscilla, atendente, 18 anos, 3º. EM, noturno)***

Em seu discurso, Priscilla traz à tona a problemática da transmissão vertical do vírus, mencionando o tipo de cuidado com o outro, não apenas com o parceiro, mas com os futuros filhos. Assim como Rita, cuja fala foi apresentada anteriormente, Priscilla faz menção a escola como fonte de informação, reforçando o importante papel que essa instituição pode desempenhar para a consolidação de práticas preventivas relacionadas à saúde sexual e à saúde reprodutiva.

Nessa mesma direção, as garotas foram inquiridas a respeito do conhecimento de pessoas que conviviam com o vírus HIV e/ou a Aids, referindo, a maioria, desconhecimento sobre tais pessoas. Porém, garotas como Marisa e Rita apresentam falas com referência a alguns relatos, do tipo histórias contadas, que parecem permear o imaginário de jovens, conforme pode ser exemplificado pelas falas abaixo:

> *- eu já vi histórias de meninas que tem o vírus e transam com meninos sem camisinha, sem proteção, pra passar. […] era uma menina da minha sala, que eu acho que era ela… que ela falava umas coisas, o jeito que ela agia, sabe, parecia que ela tava falando dela e… ela só não falava o nome dela, né.*
> *- E porque que você acha que uma menina faria isso?*
> *- Acho que ódio. Ódio, por ela, a mãe dela, tinha […] a mãe dela tem oito, nove filhos, sei lá quantos filhos a mãe dela tem, nenhum mora com ela, foi todos doados, a mãe dela tinha e essa mulher tem o vírus… ela tem, acho que, é ódio e faz isso pra sentir que não é só eu que posso ter isso.*
> **(Rita, 17 anos, 3º. EM, integral)**
>
> *Graças a Deus, nunca tive colega meu que pegasse Aids… Mas, assim, eu morro de medo de um dia pegar isso. Porque acaba com a pessoa, né. Come ela aos poucos assim, até morrer… é difícil […] Já fiquei*

> *sabendo de caso que o cara ficava fazendo [sexo] com meninas diferentes e hoje tá doente. Pegou doença, sabe, tá com Aids, e tá… não vai mais pra escola, não faz mais nada, porque se for pra escola os outros zua dele [tira sarro, faz piada]… Não sai mais pra rua, fica só dentro da casa dele, tá doente, tá quase morrendo, se acabando… e a doença comendo ele aos poucos… E, tem gente que antigamente falava, nossa, amigão do peito. E hoje, ah, credo, que nojo!*
> **(Marisa, 14 anos, 1º. EM, matutino)**

As histórias a que Rita e Marisa se referem em seus discursos desvelam aspectos interessantes, inclusive do imaginário que permeia a concepção acerca da Aids, como enfermidade que marca a vida e a identidade das pessoas para sempre. Enquanto Rita expressa sua ideia de que pessoas soropositivas possam ter relações desprotegidas propositalmente, na intenção de propagar o vírus, como resposta ao sentimento de vitimização em que se coloca, Marisa aponta para seu temor a respeito da doença revelando em seu imaginário a condição de marginalidade em que pessoas são ou podem ser colocadas, sofrendo com o preconceito e isolamento social. Em sua fala identifica, portanto, implicações que a doença pode proporcionar não somente para o corpo das pessoas, mas para a vida daquelas que se contaminam com o HIV e contraem a doença.

Na mesma linha de percepção revelada pelos relatos de Rita e Marisa, colocam-se ainda outras falas de garotas como Ana Carolina, Rita e Bethânia, conforme podemos observar nas narrativas abaixo:

> *- Quais as consequências pra uma pessoa que pega Aids?*
> *- Ah, eu acho que muda bastante… né, porque as pessoas ficam meio com receio de chegar perto, ou de conversar. […] Porque muitos pensam assim, né, só de falar com a pessoa que tem Aids, você já pega.*
> *- E é assim?*
> *- Não. É porque tem bastante preconceito com isso, né.*
> *- […] Você acha que dá pra saber quando uma pessoa tem Aids?*
> *- Não. É mais a boca das pessoas, você convive com aquela pessoa, ah, aquela tem Aids, ah aquela pessoa lá tem Aids, não chega perto, acho que é mais assim… sempre uma fica sabendo e o resto também fica né.*
> **(Ana Carolina, 16 anos, estagiária, 3º. EM, noturno)**

> *- Ah eu acho que tudo a gente pode comprar, menos a saúde. Então, eu acho muito importante, até pra você poder se divertir, sexualmente falando, não é bom você ter uma doença, sei lá, você vai transar com alguém e tá doente, porque você acaba criando muito receio e acaba virando um tabu a sua sexualidade. Então, é importante você tá saudável, até pra você poder fazer uma coisa que você gosta. E poder aproveitar melhor, né.*
> **(Bethânia, 18 anos, EM completo)**

> *- Ah, eu acho que deve ser meio conturbada, deve sofrer bastante. […] Eu não conheço, entendeu, mas o que eu vejo, que falam, e tal, sofrem bastante. Alguns vivem normalmente, agora, eu não sei o interior, né, porque, você falar e tal é uma coisa, mas eu acho que no fundo, com certeza, eles devem sofrer.*
> **(Rita, 17 anos, 3º. EM, integral)**

Ana Carolina, em seu discurso, aponta para a existência um grande estigma que acompanha a pessoa contaminada pelo HIV, e a impossibilidade de manter sigilo a respeito de tal condição. Já Bethânia identifica, em seu discurso, implicações para a vida sexual do indivíduo contaminado pelo HIV, que coloca restrições dificultando a vivência plena da sexualidade, enquanto Rita aponta para uma compreensão de que o indivíduo contaminado possa levar uma vida "normal", sugerindo apenas a existência de um sofrimento emocional do indivíduo.

Sobre outras doenças sexualmente transmissíveis - DST

Concernente à informação e conhecimento sobre outras Doenças Sexualmente Transmissíveis, para além da Aids, as falas das garotas entrevistadas revelaram desconhecimento ou a simples menção a algum nome ou sintoma das DST, a exemplo do observado nos garotos, como ilustram as seguintes falas de Priscilla, Marisa e Rita:

> *- E, em relação a outras doenças, que podem ser transmitidas sexualmente, você conhece mais alguma?*
> *- Olha eu conheço um pouco da herpes, ai… acho que só. É só.*
> **(Priscilla, atendente, 18 anos, 3º. EM, noturno)**

> *Nossa, se eu te disser que eu conheço, mas não lembro o nome de nenhuma, assim, no momento… até, minha mãe conversa comigo e na escola já falaram, mas eu não lembro, no momento, o nome, assim, de doenças…*
> **(Marisa, 14 anos, 1º. EM, matutino)**

> *Olha, algumas irritações, que eu vejo falar, na mulher e tal, mais isso, né… mas outras, assim, que eu me lembre, acho que não.*
> **(Rita, 17 anos, 3º. EM, integral)**

Os discursos de Priscilla, Marisa e Rita apontam para um grande desconhecimento acerca de DST, além da Aids, sendo que Priscilla apresenta um

conhecimento relativo referente ao herpes, enquanto Rita se refere a irritações na mulher, possivelmente em menção a corrimentos e infecções vaginais. Marisa, apesar de não ser capaz de se lembrar de nenhuma informação acerca de tais doenças, refere contato com tais informações a partir da escola e de sua mãe, o que sugere que não basta que a informação seja dada aos jovens, independentemente por quais fontes, mas há que se despertar interesse para que os mesmos possam aplicar tais informações e conhecimentos em suas práticas.

No que se refere ao desconhecimento acerca das DST por parte de garotas adolescentes, resultados semelhantes foram encontrados por Romero et. al. (2007), que identificou que dentre as DST, a mais citada é a Aids, o que pode apontar para certa eficácia das campanhas de saúde apenas em relação à doença, mas não para DST, que ainda são pouco conhecidas por este grupo. Os autores discutem, ainda, que conhecer uma doença pode significar apenas "ter ouvido falar dela", e, muitas vezes, apenas vagamente, de modo que reforçam a importância do ensino continuado em relação à abordagem de práticas preventivas com adolescentes.

As falas das garotas acerca de suas percepções sobre a importância da prevenção de DST/Aids, indicando a camisinha como melhor método a ser adotado de modo geral, podem ser exemplificadas nas falas de Rita e Cássia:

> *- Qual a importância de prevenir essas doenças [sexualmente transmissíveis]?*
> *- Toda. Toda importância do mundo, eu acho. Tanto a mulher dar importância a isso, quanto ao homem, porque a gente não tem como saber se você tem, ou não tem, ou quem tem. Então acho que a pessoa tem que ter consciência. [...] as [doenças] que você já descobriu, acho que medicação é o único, e tratamento psicológico, com certeza, acho que é muito importante.*
> *- E uma pessoa que não tem, pra prevenir de contrair, qual que é a melhor forma?*
> *- camisinha. (risos) [...] e se informar, primeiramente, acho que hoje, tá na cara de todo mundo, né, as informações, eu vejo assim, e utilizar essas informações, colocar em ação.*
> *- Você acha que a informação não falta?*
> *- Não, não falta. Hoje acho que tem até demais, né tá sobrando.*
> **(Rita, 17 anos, 3º. EM, integral)**
>
> *- Ai, acho que usando camisinha, né.*
> *- É a melhor forma de prevenir pra você?*
> *- É, não tem outra, né. Tem também aquelas que tem como pegar Aids por... [pausa]*
> *- Transfusão de sangue?*

> *- Isso! Tem essa também, né, mas quando é assim complica… Mas acho que mais ou menos camisinha.*
> **(Cássia, 16 anos, atendente, 2º. EM, noturno)**

Como podemos observar, as garotas Rita, Ana Carolina, Cássia em seus discursos apresentam uma percepção acerca da camisinha como método ideal para prevenção de Aids e outras DST, sendo que seu uso passa pelas questões de conscientização, conforme aponta o discurso de Rita, que também refere a importância da informação, que, em sua percepção, é acessível a todos.

No entanto, em relação à tríade DST, HIV/Aids e Gravidez na adolescência, as falas de Cássia e Bethânia se fazem significativas por apresentarem concepções que podem ser recorrentes entre os jovens, em relação à minimização da preocupação acerca de cuidados e a prevenção das DST/Aids, como podemos observar nos trechos apresentados abaixo:

> *- O que você sabe sobre a doença [Aids]?*
> *- É, então, eu já tive várias aulas de educação sexual na escola, e, é uma doença sexualmente transmissível… e é uma doença grave, que ataca o sistema imunológico e é transmitida através de fluidos sexuais ou pelo sangue. Então, é… cuidado, mesmo que precisa tomar. As prevenções estão aí, né. Até porque ela não pode ser curada, mas inventaram um modo de prevenção e acho também muito importante frisar, pros adolescentes, porque… eu percebo que a maior preocupação é não engravidar. […] Ah, não, mas eu tomo anticoncepcional e tudo bem. Mas, as doenças sexualmente transmissíveis são um problema muito grave, assim. Não só a Aids, todas as outras.*
> *- Que outras doenças você conhece?*
> *- Ah, por nome, eu não lembro muitas, mas, eu já ouvi falar de várias, tipo, sei lá, gonorreia, herpes e outras que agora não me vem a cabeça.*
> **(Bethânia, 18 anos, EM completo)**

> *- E você se preocupa com isso, com a Aids, com a doença?*
> *- Não tanto, pra ser sincera, não tanto como a questão de gravidez. Sempre uso camisinha pela questão de gravidez, nem sempre penso na Aids, né, mas consequentemente, eu to evitando.*
> *- Por exemplo, nas vezes que você não usou camisinha, você não pensou?*
> *- É, não pensei. Foi mais pelo prazer, como eu já tinha te falado.*
> *- Vocês não chegaram a conversar sobre questão de doença, nada?*
> *- Com nenhum que eu já tive relação.*
> *- Não parou pra pensar que ele podia te passar uma doença assim*
> *- Não.*
> **(Cássia, 16 anos, atendente, 2º. EM, noturno)**

Bethânia em seu discurso apresenta uma percepção de que jovens e adolescentes, em suas práticas sexuais de modo geral, tendem a se preocuparem mais em evitar uma gravidez indesejada, que em se prevenirem contra DST e HIV/Aids. O discurso de Cássia reforça tal percepção, sendo que a própria garota identifica tal minimização da prevenção às doenças em suas práticas, colocando-se assim, em situações de vulnerabilidade.

Assim, o que tais discursos desvelam é a grande importância de se destacar, e reforçar a dupla proteção oferecida pelo preservativo em abordagens informativas e atividades de promoção à saúde com adolescentes e jovens, para que atitudes preventivas para DST sejam adotadas pelos mesmos, sendo conversadas e combinadas entre os parceiros sexuais, mesmo quando houver o uso de outros métodos contraceptivos.

6.4.3 Sobre Contracepção e Prevenção das DST/Aids: Suas Práticas, Riscos e Desafios.

Prevenção e contracepção na primeira vez

Assim como observado entre os garotos, que, em sua maioria relataram uso de preservativo na iniciação sexual, todas as garotas entrevistadas relataram o uso da camisinha em suas primeiras experiências, a exemplo das falas de Priscilla, Ana Carolina e Bethânia, apresentadas a seguir:

> *- E vocês se preveniram de alguma forma [na primeira vez]?*
> *- Sim, usamos camisinha… Sempre usou. Todas as vezes, todas…*
> *- E como é que foi, dessa primeira vez… quem que teve a iniciativa de usar a camisinha, de falar da camisinha?*
> *- Ele. […] Ele tinha [a camisinha] sempre andava, é coisa de moleque, sempre andar com a camisinha.*
> **(Priscilla, atendente, 18 anos, 3º. EM, noturno)**

> *-Sim. Camisinha.*
> *- Você já tinha informação de como usar? Como é que é?*
> *- Não. Eu nunca tive assim... Teve palestras assim, mas […] Porque na hora, assim, como o homem quando ele tem responsabilidade mesmo, ele sempre carrega, né… foi assim, ele tava já, então a gente resolveu.*
> **(Ana Carolina, 16 anos, estagiária, 3º. EM, noturno)**

> *- Sim, usou camisinha. […] Ah, foi tranquilo, tipo, algo natural que rolou, assim, quando a gente percebeu que ia acontecer, ele colocou a camisinha, e aconteceu naturalmente… Nenhum problema. […]*
> *- E ele consultou você sobre usar, vocês chegaram a falar sobre isso?*
> *- É, não… acho que não precisou, porque se não rolasse eu ia falar, viu, a gente precisa usar a camisinha, mas, não rolou assim, foi uma consciência dele, que eu achei muito boa, assim, sabe…*
> **(Bethânia, 18 anos, EM completo)**

Podemos observar que, além de utilizarem o preservativo na primeira relação sexual, Priscilla, Ana Carolina e Bethânia referem ter partido de seus companheiros a iniciativa pelo seu uso. Priscilla e Ana Carolina ressaltam ainda, em seus discursos, a ideia de que a atitude de carregar sempre o preservativo consigo é tradicional entre os rapazes. Tais discursos revelam, assim, uma concepção ainda vigente de que a prevenção deve se dar no controle sobre a sexualidade masculina, dada sua a natureza mais impulsiva, em contraposição à sexualidade feminina mais contida, de modo que o ato de uma garota carregar a camisinha consigo pode, ainda, não ser bem vista. Essa concepção foi também mencionada pelos garotos entrevistados, ao observarem certo preconceito em relação à sexualidade feminina, pelo fato de que alguns rapazes não reconheçam o desejo feminino e considerem vulgares as garotas que carreguem o preservativo, interpretando que desse modo, elas "estariam prontas para qualquer um".

Em contrapartida, Cássia e Marisa apresentam relatos que apontam para uma participação mais ativa das mesmas frente à decisão pelo uso do preservativo:

> *- E na primeira vez… vocês usaram algum método pra se prevenir, como é que foi?*
> *- Sim. Camisinha […]*
> *- Como é que foi, usar a camisinha, de quem partiu a iniciativa?*
> *- De mim… Mas ele também, ele iria colocar, assim…*
> *- Quem é que tinha?*
> *- Ele. É. Ele, eu que fiquei em cima, e ele, não, calma, vou colocar…*
> *- Vocês conversaram um pouquinho sobre isso?*
> *- Claro, conversou, sim, ele sabia que era minha primeira vez, e tudo, ele foi com calma. […] E o método mesmo foi a camisinha, porque, remédio eu não tomei.*
> **(Cássia, 16 anos, atendente, 2º. EM, noturno)**

> *- Foi preservativo. Ele comprou, ele tinha já… aí, porque na hora que eu fui fazer isso, eu falei não quero ficar grávida de jeito nenhum! Porque, se eu fosse… pra mim ficar grávida, nossa! Nunca! Eu chegar grávida aqui, minha mãe me mata!*

> *- Sei, então você tinha noção do que tava fazendo, você sabia…?*
> *- Sabia, porque minha mãe já tinha me orientado… mas, assim, eu não deixei nada acontecer, assim, de pegar doença, ficar grávida.*
> *- E você falou que não queria… Daí ele usou e tudo, não questionou?*
> *- De modo nenhum.*
> **(Marisa, 14 anos, 1º. EM, matutino)**

Os discursos de Cássia e Marisa revelam não apenas uma participação delas na escolha pelo uso do preservativo, mas uma iniciativa em solicitar ao parceiro que utilizasse o método, apontando para um empoderamento feminino, e uma atitude de emancipação e apropriação da sexualidade e do próprio corpo, a despeito da tenra idade em que ocorreram as experiências de ambas.

Vale ressaltar que Cássia já expressa aqui um conhecimento também acerca da pílula como método contraceptivo e que Marisa já aponta para a ideia da dupla proteção oferecida pela camisinha ao mencionar tanto a gravidez como as doenças, reconhecendo a importância de sua utilização para uma experiência sexual segura.

Prevenção e contracepção nas outras experiências

Se todas as garotas utilizaram o preservativo em suas primeiras experiências, apenas algumas que relataram experiências posteriores, referiram manter o uso do preservativo em tais experiências, de modo geral, a exemplo de Priscilla e Bethânia:

> *- E aí, depois disso [da primeira vez], então, vocês continuaram tendo relação, toda vez com camisinha, como você falou?*
> *- Sim. Toda vez… Assim, tinha dia que quando a gente comprava, a gente rachava, ficava um pouco na minha casa, um pouco na dele.*
> *- […] E vocês conversavam sobre usar camisinha…?*
> *- Não muito, assim, a gente falava muito brincando, mas, nunca sério… nossa, a gente é muito tímido! […]*
> *- Mas, nunca chegaram a cogitar de não usar a camisinha?*
> *- Não.*
> **(Priscilla, atendente, 18 anos, 3º. EM, noturno)**

> *Ah, todas foram com camisinha, e todas foram também muito tranquilas, dessa mesma forma, uma coisa natural… eu achei muito bom, porque eu percebo que isso não é mais um tabu, nem nada do tipo, eu também já tava tomando anticoncepcional… Então, eu já tinha ido ao ginecologista, depois da primeira vez […] mas eu acho sempre importante o uso da camisinha. Porque, por exemplo, o anticoncepcional não previne nenhuma doença transmissível sexualmente. Então, foi, assim, algo que faz parte mesmo, da transa, foi*

> *natural e não teve nenhum problema, de não ter na hora, ou da pessoa não querer usar.*
> **(Bethânia, 18 anos, EM completo)**

Priscilla, que refere experiência sexual apenas com um parceiro, seu namorado, expressa em seu discurso uma consciência acerca da importância do preservativo, relatando seu uso em todas as relações com o parceiro, e, a despeito da dificuldade no diálogo com o mesmo devido à timidez, aponta para uma participação igualitária na iniciativa pelo uso do preservativo ao procurar manter alguns preservativos em sua casa, indicando uma igualdade de gênero presente no relacionamento.

O uso do preservativo em todas as experiências posteriores à primeira vez é igualmente referido por Bethânia, sendo que tais experiências também ocorreram com um mesmo parceiro, numa situação de namoro. Seu discurso revela uma concepção de prevenção que deve ocorrer de forma natural, como algo incorporado e inerente à própria prática sexual, sendo mencionado, ainda nesse contexto, o caráter de dupla proteção da camisinha.

Todavia, as garotas Cássia e Ana Carolina revelam algumas experiências sexuais desprotegidas, tanto em situações de namoro, como em relacionamentos em que há menor compromisso com o parceiro, como podemos observar nas falas abaixo:

> *- Sim, a gente usa [preservativo], sim, a gente nunca deixou de usar, algumas vezes escapou, assim, mas…*
> *- Escapou, como assim? Como é isso…?*
> *- A gente não usou, mas assim, a gente só iniciou daí quando a gente viu que tava muito assim, exagerado, a gente pegou, ah, vamo parar né, porque depois tem as consequências.*
> *- Tá, então vocês não foram até o fim? É isso? Sem camisinha?*
> *- Não.*
> **(Ana Carolina, 16 anos, estagiária, 3º. EM, noturno)**

> *- é, o segundo que eu saí, que era mais velho, de 30 anos […] como a gente saía sempre, tinha umas que a gente não usava… mas isso era uma coisa que a gente escolhia, no momento (risos).*
> *- Mas, como é que foi essa escolha? Vocês conversavam?*
> *- Ah, era uma coisa, assim, ah, às vezes a gente achava melhor ir sem, então a gente falava ah, vamos sem e aí…*
> *- Porque essa escolha? Porque era melhor?*
> *- Mais por prazer […] dos dois (risos) […] aí ele comprava pra mim e eu tomava remédio. Pílula do dia seguinte. Porque sempre eu analisava se era no meu período fértil…*

> *- Sei. Você fazia tipo uma tabelinha?*
> *- Isso, tabelinha. Era desse jeito. Mas é meio atrasado... era pra ser todo dia 21, mas não é, todo dia... Mulher é complicado, viu.*
> **(Cássia, 16 anos, atendente, 2º. EM, noturno)**

Nos discursos de Cássia e Ana Carolina, podemos observar diferentes situações em que não ocorreu o uso do preservativo. No caso de Ana Carolina, apesar do pouco diálogo com o namorado, conforme menciona, expressa um consenso ao perceberem que deveriam interromper uma relação sexual que haviam iniciado sem a camisinha, indicando assim, a prática usual do coito interrompido, como já observado quando da análise dos discursos dos garotos.

No entanto, o que o discurso de Cássia revela é condição de vulnerabilidade em que se colocam adolescentes e jovens, a despeito da menção de certa negociação entre parceiros, que, em seu caso, apresenta-se em relação ao parceiro que se trata de um tipo de vulnerabilidade para além da própria adolescência e juventude, considerando que seu parceiro possuía 30 anos, à época da experiência relatada. A questão da vulnerabilidade se amplia quando consideramos que o entendimento da contracepção para se prevenir de uma possível gravidez, conforme discurso de Cássia, apresentar-se a partir de uma prática, ao que parece usual para a mesma, do recurso ao uso frequente da pílula do dia seguinte.

O emprego desse tipo de medicamento é igualmente mencionado relatado por Ana Carolina, conforme passagem abaixo:

> *- eu usei uma vez a pílula do dia seguinte, porque no caso a camisinha estourou, mas foi só uma vez... Ah, porque na hora percebe, né... Aí a gente já parou, já foi na farmácia na mesma hora... E já comprou.*
> *- [...] E que orientação você tinha pra tomar a pílula do dia seguinte, como é que foi?*
> *- Ai, a gente sempre... teve palestra assim, no CRAS [menção a atividades educativas no Centro de Referência da Assistência Social] tinha, né... na escola tem.*
> *- E a ideia foi de quem, foi sua ou foi dele?*
> *- Foi minha... Ai, na hora ele ficou bem desesperado, né... ai, que que eu faço, Meu Deus!*
> **(Ana Carolina, 16 anos, estagiária, 3º. EM, noturno)**

Embora Ana Carolina faça referência também ao emprego da pílula do dia seguinte, fato a considerar é que o tipo de emprego a que ela se refere não aponta para ao que parece, ser o uso frequente de Cássia. Segundo literatura especializada, a exemplo do trabalho de Amado e Leal (2001), o uso da pílula do dia seguinte,

embora não tenha efeitos colaterais, apresenta limites quanto à frequência anual do uso, restrita, segundo as autoras, a no máximo seis vezes ao ano.

Vale mencionar que a discussão acerca do uso da pílula do dia seguinte se trata de uma questão bastante controversa, como aponta a revisão crítica da literatura realizada por Paiva e Brandão (2012), por envolver quer aspectos ético-morais, além de aspectos específicos da própria saúde sexual e reprodutiva e que se coloca na ordem do dia em termos da relevância de se pensar, de fato, a implantação e implementação de políticas públicas com ações concretas que orientem adequadamente, notadamente adolescentes e jovens mulheres, para medidas contraceptivas eficazes e seguras para sua saúde em suas relações afetivo-sexuais.

Participação masculina na contracepção e prevenção das DST/Aids

Ainda em relação à contracepção, as falas que apresentam a ideia que as garotas têm acerca da participação masculina para pensar tal questão podem ser exemplificadas nas falas de Cássia, Marisa e Rita, abaixo:

> *- Qual é a participação do homem na hora de pensar a prevenção?*
> *- ...ah, eu acho que tem que partir dele primeiro, né... porque pro homem é mais fácil, né, pular e cair fora, é a mulher que vai segurar nove meses, que vai ter que cuidar... então acho que pra homem, eles que tem que se focar mais nisso, porque, pra eles são fácil. Bem fácil, pra nós é difícil (risos).*
> **(Cássia, 16 anos, atendente, 2º. EM, noturno)**

> *- Ah, eu acho, assim, horrível, aquelas pessoas que não ajudam sabe, porque na hora, a menina talvez fale que não quer, porque acha que vai engravidar e eles ainda querem forçar... querem fazer de qualquer jeito. Aí depois que nasce a filha, não quer se responsabilizar, sabe?*
> *- Você acha que isso acontece?*
> *- Eu acho! Eu acho, assim, que o meu medo mais é esse, por isso sabe, é a menina engravidar e depois ele não querer assumir...*
> **(Marisa, 14 anos, 1º. EM, matutino)**

> *- Ah, eu acho que precisa uma consciência muito grande também, do homem... porque, querendo ou não, eu ainda acho que a mulher tem um pouco mais de consciência. Porque acho que ninguém quer ser mãe solteira. Mas, precisa também da consciência do homem, porque a mulher não faz um filho sozinho [...] Então, eu percebo que os meninos falam de sexualidade muito cedo, mas eles ainda não tem maturidade suficiente pra isso. [...] É engraçado até, mas, se você vê, por exemplo, um garoto de 13 anos engravidando uma menina, não é engraçado, não*

> *é bom. Que futuro vai ter essa criança, e essas crianças cuidando de outra criança, né? Então, acho que é muito importante também conscientizar os garotos, os homens, é uma parte muito importante, porque um não faz sem o outro.*
> **(Bethânia, 18 anos, EM completo)**

> *[responsabilidade] do homem? Igual a da mulher. Os dois tem que se prevenir, do mesmo modo.*
> **(Rita, 17 anos, 3º. EM, integral)**

Cássia em seu discurso confere maior responsabilidade masculina para pensar a prevenção, a partir de uma conscientização necessária, dado que reconhece maiores implicações da gravidez para a mulher e a possibilidade de o homem se isentar da responsabilidade ao não assumir a paternidade. Da mesma forma, Marisa reconhece a mesma possibilidade, porém, atribuindo a responsabilidade a ambos os parceiros de forma compartilhada, sendo que a garota traz à tona, inclusive, certa imposição do homem ao não uso preservativo, ao que parece recorrente, pelos discursos das garotas, diferente do observado nas falas dos garotos. Já o discurso de Rita apresenta uma ideia de igualdade de gênero à medida que atribui uma responsabilidade compartilhada entre ambos, homem e mulher de modo igualitário.

Entretanto, o discurso de Bethânia aponta para uma ideia de maior irresponsabilidade e imaturidade masculina, sendo mencionada a sexualização precoce que não necessariamente acompanharia um amadurecimento, bem como o desejo por experiências sexuais desprotegidas entre os rapazes, em busca de experiências mais prazerosas, o que vai ao encontro dos discursos dos garotos, conforme já discutido em item anterior. Podemos observar, portanto, que Bethânia, assim como Rita, aponta para uma busca por uma igualdade de gênero numa responsabilização compartilhada pela contracepção a partir de uma maior conscientização dos garotos.

Por outro lado, a fala de Priscilla apresenta uma concepção diferente da responsabilização feminina na contracepção:

> *Tipo se ele tiver em mente, assim, que ele quer fazer alguma coisa a mais de dar uns beijo, já sair prevenido... Nem sempre é a mulher que tem que se preocupar com isso. Porque tem menina que é muito descabeçada, tipo, vê o lado dele, se eles quer ou se eles não quiser, tem que se prevenir. É isso que eu penso.*
> **(Priscilla, atendente, 18 anos, 3º. EM, noturno)**

No discurso de Priscilla podemos observar uma ideia de as mulheres tenderem a ser mais irresponsáveis para pensar a contracepção, cedendo ao desejo do homem se este não quiser fazer uso do preservativo, assim como observado nos discursos dos garotos, quando mencionam o não querer feminino em relação ao uso do preservativo. Desse modo, na concepção de Priscilla, o homem deveria sair sempre prevenido, ou seja, levar sempre o preservativo, caso quisesse ter experiências sexuais sem as implicações de uma gravidez não desejada.

A participação masculina se apresenta nas falas das garotas como importante para pensar a prevenção das DST/Aids, como podem ilustrar as falas de Marisa e Cássia:

> *- E qual que é a responsabilidade do homem, em prevenir essas doenças, a Aids e as outras todas?*
> *- Se tivesse alguma doença, pelo menos se prevenir, sabe, pra não passar… ou também, porque, homem hoje em dia é só fazer e sair contando pros outros, que fez isso, que tirou a virgindade dessa, daquela outra… E pra eles é uma grande vantagem [...] Aí, pra eles é só assim, tirou a virgindade… a menina fica mal falada e… pronto. E nada rola com eles e ela sempre sobra!*
> **(Marisa, 14 anos, 1º. EM, matutino)**
>
> *Não sei te dizer, viu… ah, eu acho que eles… tem que evitar também, né, tipo, dá o primeiro passo, porque muitas vezes os homens, eles não quer usar. […] então eu acho que eles tem que ta consciente disso, porque também, as vezes ele pode pegar, não é só a mulher que pega… Então ele tem que pensar nisso também… às vezes, ela passa pra ele, ou às vezes ele passa pra ela, mas tem, os dois lados, é ambos, né…*
> **(Cássia, 16 anos, atendente, 2º. EM, noturno)**
>
> *Ah, alguns nem pensa muito né, quer fazer tudo do jeito deles, e acaba pegando Aids, muitos deles né, tipo, balada, essas coisas, ele vai, conhece a menina, no mesmo dia já quer pegar as meninas, como eles falam... Acho que acontece bastante... Eu nunca vi, mas, assim, o que mostra na televisão, esses casos de estrupo, essa coisas…*
> **(Ana Carolina, 16 anos, estagiária, 3º. EM, noturno)**
>
> *É, então, como… o modo preventivo mais usado, mais conhecido, é a camisinha masculina, então, eu acho que essa é, tipo, o passo número um que ele tem que tomar, se ele gosta de transar, mesmo que não seja só coma namorada dele ou que seja com várias garotas… não interessa com quem e quantas vezes, mas é importante que ele sempre tenha consigo a camisinha… porque não afeta só a vida dele, é uma doença que… pode, sei lá, alcançar as pessoas que ele gosta, ou pessoas, mesmo desconhecidas, mas é… ruim, você passar algo que você tenha de ruim pras outras pessoas, e no caso, é algo muito ruim ter a Aids.*
> **(Bethânia, 18 anos, EM completo)**

Marisa, Cássia e Ana Carolina manifestam em seus discursos uma ideia de irresponsabilidade do homem nos relacionamentos afetivo-sexuais, de um modo geral, ao não se comprometerem com as parceiras ao não utilizarem o preservativo em suas relações sexuais, bem como por estar sempre em busca de prazer e de maior variabilidade de parceiras, segundo suas percepções. Assim, Marisa e Cássia indicam uma necessidade de maior conscientização e responsabilidade por parte dos homens para pensar a prevenção, ideia reforçada por Cássia ao mencionar que os mesmos devem se conscientizar que "não é só a mulher que pega", mas que a transmissão de DST/Aids é uma via de mão dupla, podendo ser transmitida tanto do homem para mulher, como da mulher para o homem.

Mas, o discurso de Bethânia indica uma concepção de prevenção para além da mera culpabilização do homem dentro de uma ideia de irresponsabilidade inerente ao comportamento afetivo-sexual masculino, apontando a necessidade de conscientização do homem em manter sempre consigo a camisinha e utilizá-la em todas as relações, não importando quantas e com que parceiras.

Relação entre contracepção e prevenção das DST/Aids: a dupla proteção

A função duplamente protetiva do preservativo foi reconhecida por todas as garotas, tanto entre as que namoram como entre as que não namoram, como Cássia e Rita, cujas falas são apresentadas as seguir:

> *- Que relação você percebe, entre a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis e… evitar a gravidez?*
> *- […] São evitadas do mesmo jeito, não é? (risos) Usando a camisinha! Porque assim, pra gravidez, tem a camisinha e o remédio, mas pra doenças, é a camisinha. E já com a camisinha você já evita de futuramente, né, ter um filho.*
> **(Cássia, 16 anos, atendente, 2º. EM, noturno)**

> *Ah, estão ligadas né, porque uma leva a outra, se você não se prevenir, você vai contrair uma doença e consequentemente, engravidar então, uma leva a outra… estão ligadíssimas!*
> **(Rita, 17 anos, 3º. EM, integral)**

Rita e Cássia identificam o caráter duplamente protetivo da camisinha, reconhecendo, em seus discursos, que a prática sexual desprotegida pode incorrer

tanto na contração de alguma doença sexualmente transmissível, como numa gravidez indesejada, sendo que essa última pode ser evitada também com uso de anticoncepcionais orais.

> *- Eu acho que... evitando a gravidez, você também evita a Aids, eu acho que é um conjunto, assim, que evitando um, evita o outro também.*
> *- De que forma?*
> *- Camisinha… (risos)*
> **(Ana Carolina, 16 anos, estagiária, 3º. EM, noturno)**

> *Vamos dizer que as que o que, se previne… Tanto de uma forma como com a outra… pra gravidez, você pode usar a camisinha, você pode prevenir com a pílula do dia seguinte… Pra pegar doença, só, é, prevenir, se protegendo, usando a camisinha, ou também informação né, se você tiver, falar, avisar […]. É. Só que eu saiba.*
> **(Priscilla, atendente, 18 anos, 3º. EM, noturno)**

> *Bom, é… acho que o que une as duas coisa é o uso da camisinha, né, que, previne as duas coisas de uma forma só, e, eu meio que percebo que… a gravidez, tipo, a prevenção das doenças é meio que por tabela, que o que as pessoas mais se preocupam mesmo é a gravidez, assim… Elas tomam como consequencia mais grave. Mas acho que, a relação entre as duas é o uso da camisinha.*
> **(Bethânia, 18 anos, EM completo)**

Bethânia, Ana Carolina e Rita indicam um reconhecimento do preservativo enquanto método de dupla proteção, seja para prevenção de DST/Aids, seja para evitar uma gravidez indesejada. Priscilla reconhece ainda a importância dos contraceptivos orais, no caso da gravidez, bem como o diálogo no caso de prevenção das DST. Enquanto Bethânia reforça sua ideia, já apresentada em item anterior, acerca preocupação maior envolvendo a contracepção do que a prevenção de doenças, entre os jovens.

Acerca da responsabilidade pelo uso do preservativo

Acerca da atribuição de maior responsabilidade pelo uso da camisinha ao homem ou a mulher, à exceção de Marisa, cuja fala se encontra abaixo, todas as garotas, reconhecem a responsabilidade compartilhada entre os parceiros, conforme as narrativas que seguem:

> *A responsabilidade maior de usar a camisinha, pra mim, tem que ser o homem que tem que usar, por causa que, é dele que se passa, que vem o*

> *sêmen pra nascer o filho ele que tem que… mas tem muito homem hoje que diz, ai, incomoda! E não quer usar de jeito nenhum. E a menina ainda vai fazer as coisas… depois ela fica doente, fica grávida, então, eu acho que a responsabilidade maior é dele, porque até pra mulher usar é muito mais difícil do que ele né…*
> **(Marisa, 14 anos, 1º. EM, matutino)**
>
> *Dos dois… Não tem essa, os dois estão fazendo. Não tem assim, é metade de um, metade do outro. A mulher tem que saber a responsabilidade dela, ela sabe que isso pode ser um fardo muito maior pra ela, e ele também tem que saber que também tem um fardo, que, ele tem que ser um homem, tem que ser responsável, então, nessa hora tem que surgir a responsabilidade dele, e a mentalidade da mulher… porque a mulher tem que ser sábia com essas coisas, que depois quem vai, vamos dizer, pagar mais o pato vai ser ela.*
> ***(*Cássia, 16 anos, atendente, 2º. EM, noturno)**
>
> *- Então, quem é que tem que ter a iniciativa de usar a camisinha, quem tem que ter a camisinha?*
> *- Eu acho que é os dois. Agora eu acho que se você falar assim, eu tenho que ter, é lógico, eu tenho que cuidar de mim, tal, mas, teria que partir dos dois.*
> *- Você tem, você anda com a camisinha?*
> *- Não, não ando… Tipo, é engraçado isso, né… mas, não ando…*
> ***(*Rita, 17 anos, 3º. EM, integral)**
>
> *Poxa! não sei mesmo. Talvez como é um modo de prevenção masculino, mas é válido pros dois, então, acho muito importante os dois se responsabilizarem por isso, assim, porque vai da consciência de cada um e da relação de cada um consigo mesmo. É… eu já vi cenas, casos, principalmente quando mais nova, no primeiro, segundo ano, das meninas falarem, ah, mas eu vou ficar carregando camisinha… é meio chato, né. Mas, pode acontecer alguma vez que você queira transar e seu parceiro não tenha camisinha, e aí vai ficar chato porque vocês não vão poder transar, ou, vocês vão transar sem camisinha, as consequências podem ser piores, então, acho que a responsabilidade é igual pros dois…*
> ***(*Bethânia, 18 anos, EM completo)**

A maior responsabilização do homem pelo uso do preservativo pode ser encontrada na fala de Marisa, que justifica sua ideia a partir da constatação de que é a partir do sêmen que ocorre a gravidez e também do fato de que existe entre os homens uma busca pelo maior prazer a ser experienciado na relação sexual desprotegida. Marisa identifica, ainda, ao lado de Cássia, maiores implicações para a mulher no caso de uma gravidez indesejada, sendo que Cássia, diferentemente de Marisa, atribui a responsabilidade a ambos os parceiros, reforçando a questão da responsabilidade do homem e da sabedoria da mulher.

Rita, por sua vez, também identifica uma responsabilidade compartilhada no uso do preservativo, aludindo a uma ideia de cuidado de si, como já discutida em item anterior. No entanto, apesar de reconhecer uma importância no ato de carregar consigo a camisinha, revela não exercer tal comportamento.

Bethânia vai além, ampliando seu discurso para as questões da conscientização e do cuidado de si. Também faz referência a importância de a mulher carregar consigo a camisinha, haja vista a expressão de seu desejo, sendo que manifesta sua percepção de que entre as garotas, de modo geral, há uma ideia negativa sobre o comportamento de manter uma camisinha consigo.

6.4.4 O não lugar dos serviços de saúde na saúde sexual e reprodutiva de adolescentes

De acordo com Paiva et. al. (2006) o direito à prevenção ao HIV/Aids envolve vários aspectos, tais como o acesso a insumos de prevenção e a informação, assim como à educação e/ou aconselhamento de qualidade. Porém, a autora problematiza o fato de tal direito ser pouco pautado nas agendas das políticas públicas, assim como o pouco ativismo pela sua garantia. Nessa perspectiva aponta como esse direito à prevenção pode ser ampliado para abranger questões que envolvam a saúde sexual e reprodutiva, como um todo.

Nesse sentido, podemos identificar vulnerabilidades entre as vivências dos sujeitos entrevistados, seja entre os garotos, conforme discutido em item anterior (5.4.4), seja entre as garotas entrevistadas. Tais vulnerabilidades que podem ser entendidas, conforme colocado por Sanchez e Bertolozzi (2007), como um conjunto de aspectos que vão além do individual, abrangendo aspectos coletivos e que podem levar à suscetibilidade a doenças ou agravos. Ao lado desses aspectos, colocam-se os que dizem respeito à disponibilidade ou à carência de recursos destinados à proteção das pessoas. Tais dimensões se encontram caracterizadas por Ayres (1999, 2002), que introduz a discussão em nosso meio.

Portanto, podemos observar que, diferentemente do constatado entre os garotos, apenas duas garotas referiram não confiar no preservativo distribuído

gratuitamente nos serviços de saúde, como revelam as falas de Cássia e Ana Carolina:

> *- ... já pegou alguma vez no posto de saúde [a camisinha]?*
> *- Não […]*
> *- Mas você confiaria em usar uma camisinha do posto de saúde?*
> *-Ah, sei lá, não muito, viu […] Não sei, não sei! Acho que, algo meu, preferia mais comprar na farmácia…*
> **(Cássia, 16 anos, atendente, 2º. EM, noturno)**
>
> *- É, mais a gente compra mesmo […]*
> *- Vocês já pensaram em pegar no posto de saúde?*
> *- Já pensamos, mas a gente nunca pegou assim, a gente sempre preferiu comprar. Ai, não sei, nada contra, assim, mas, sempre prefiro comprar.*
> **(Ana Carolina, 16 anos, estagiária, 3º. EM, noturno)**

Em seus discursos, Cássia e Ana Carolina referem desconfiar da eficácia do preservativo distribuído gratuitamente, muito embora não se mostrem capazes de justificar tal tipo de desconfiança. Embora Rita, refira que utilizaria o preservativo gratuito, expressa sua percepção acerca da preferência dos jovens, em geral, por comprar o preservativo, conforme descrito no excerto abaixo:

> *- Mas você pegaria camisinha no posto de saúde por exemplo?*
> *- Ah, pegaria… porque não?*
> *- […] mas, as pessoas vão buscar no posto de saúde?*
> *- Não, não vão. Preferem comprar, até aqueles que são, que você sabe que poderia gastar aquele dinheiro com outras coisa… Mas não. Preferem comprar. Acho que é até uma coisa, tipo, na hora da coisa lá, fica com aquela insegurança, sabe, ai essa aqui é do postinho, não sei o que. Coisa de homem, sabe? Tenho essa, tal marca, sabor assim, eu acho que menino, esses meninos hoje, se preocupam com isso.*
> **(Rita, 17 anos, 3º. EM, integral)**

Rita apresenta, em seu discurso, uma concepção de que pode haver, entre os garotos, uma preferência pelo preservativo comprado devido não apenas à desconfiança de sua eficácia, mas também a certo *status* em comprar a camisinha, escolhendo o tipo, a marca, o sabor, como um produto de consumo, conforme foi observado entre os rapazes, discutido em item anterior.

Dentre as garotas entrevistadas, que referiram não se incomodar em utilizar o preservativo distribuído gratuitamente, destaca-se a fala de Marisa, por ser contrastante a todas as outras, tanto dos garotos, como das garotas:

> *Eu, ou compraria na farmácia, ou pegaria no próprio posto. Porque, eu acho mais segura a do posto […] porque, de farmácia, como é outras pessoas que fazem, eu acho que, é tudo mais, é, relaxado, sabe. Então eu acho que a do posto seria a mais segura, porque eles testa, né, e tem 90% mais segurança do que as outras […] acho que já tá todo mundo já com esse conceito […] Porque, assim, tem uns menino que pega, só pra fazer brincadeirinha assim… Aí, outro dia, pegaram lá na escola, tava com uma daquela [cita a marca do preservativo]. E outra do posto. E ficaram brincando pra vem qual estourava primeiro. E a do posto não estourou, e a outra estourou, então, aí todo mundo, não, agora só tenho que pegar do postinho (risos) […] Até, assim, parece mais fina, assim. E a outra parece mais resistente.*
> **(Marisa, 14 anos, 1º. EM, matutino)**

Interessante observar que a concepção de Marisa acerca do preservativo distribuído gratuitamente como sendo o mais seguro tenha se dado, conforme relatado em seu discurso, a partir de uma experiência realizada em forma de brincadeira entre os colegas da escola.

Quanto a frequentar a equipamentos de saúde para consultas médicas, em geral ou ginecológicas, Ana Carolina e Cássia referiram não fazer nenhum uso de tais recursos, como pode ser observado em suas falas a seguir:

> *Não, nunca. […] Nunca passei por um ginecologista. Eu tenho meio que receio assim… Porque sei lá, eu acho que ele vai olhar, nas partes íntima, essas coisas […] ele ficar olhando, ele falar alguma coisa. Sempre tem que vir acompanhada né… É. É mais vergonha mesmo, […] porque minha mãe trabalha, assim, não tem ninguém pra vir comigo. E sozinha acho que não tem como passar…*
> **(Ana Carolina, 16 anos, estagiária, 3º. EM, noturno)**

> *- Tsc tsc. Ginecologista, nada, eu preciso até ir, mas eu não vou… desde quando eu menstruei, eu nunca fui.[…] Ah eu acho tipo assim eu sempre tive interesse de conversar, que eu gosto de conversar. Ah, mas assim, aquela coisa, iniciativa, de ir, de marcar, de chegar, de todas essas coisa, acho que não teve, entendeu, então acho que por isso foi uma coisa que até hoje não aconteceu, mas logo vai acontecer.*
> *- […] Você acha que, então que o ginecologista, ou médico, assim, é uma pessoa importante pra conversar e tirar dúvidas?*
> *- É importante, claro… Porque a gente tem muitas dúvidas […] a gente tá começando agora, todos, todas as mulher são assim, em questão de tudo, menstruação, ejaculamento, corpo, é, tudo, gravidez, doenças…*
> **(Cássia, 16 anos, atendente, 2º. EM, noturno)**

Podemos observar, nos discursos de Cássia e Marisa a ausência de acompanhamento médico ginecológico, seja por vergonha, falta de iniciativa ou de informação acerca de seus direitos de procurar um profissional, sozinha, sem a necessidade de um acompanhante maior de idade.

Porém, dentre as garotas que relataram experiências em equipamentos de saúde, suas narrativas apontam para alguma frequência a serviços de saúde, como podem ilustrar as narrativas de Bethânia, Priscilla e Rita, abaixo:

> *Ah é, porque eu não gosto muito de ir no médico… só que é assim, o fato de eu não gostar de ir no médico é uma coisa, mas daí, pra não ir, pra evitar a ida ao médico, não. Eu me cuido, assim, eu cuido da minha saúde e tudo o mais… Mas se precisar eu vou, vou sim*
> **(Bethânia, 18 anos, EM completo)**
>
> *- Sim. Ah eu vou de quatro em quatro meses [ao ginecologista], moça, eu tenho muita vergonha de ir…*
> *- É mesmo? Porque?*
> *- Ah não sei, eu… é homem ainda, sei lá é estranho […] a única mulher que tem lá [no posto de saúde] minha mãe não gosta dela, então…*
> **(Priscilla, atendente, 18 anos, 3º. EM, noturno)**
>
> *- Por causa da primeira menstruação e tal e pra acompanhar a saúde, mesmo. [procurou o ginecologista] É que anda tudo junto né, e tal […]*
> *- Você acha que o ginecologista é uma boa fonte de informação?*
> *- Não! Já falo, já falo logo de cara, não! Porque acho que, a maioria [dos profissionais] não tá muito, que nem, eu, jovem, adolescente, nunca tocou no assunto assim, pra falar, olha, você tem que usar isso, usar aquilo… Não. Não sei se é porque eu vou com a minha mãe. É porque, pra mim, não tem nada que não pode falar pra ela, pode falar… sem problema algum sabe. Mas eu acho que falta informação. […] Pra sexualidade, não é. Eu acho que trata mais o órgão, entendeu? Trata, mas a sexualidade eu acho que não foca mesmo.*
> **(Rita, 17 anos, 3º. EM, integral)**

Os discursos de Bethânia, Priscilla e Rita apontam para algumas das dificuldades que a jovem adolescente enfrenta ao procurar um profissional de saúde, seja a vergonha, narrada por Priscilla, seja o simples fato de não gostar de ir ao médico, expresso por Bethânia ato observado entre os garotos (item 5.4.4). Rita, em seu discurso, relata sua observação acerca das atitudes de profissionais de saúde, especialmente ginecologistas, que pouco tratam da questão da sexualidade com as jovens e adolescentes, reduzindo sua abordagem apenas à questão biomédica. O que poderia explicar o desinteresse dos jovens por esse tipo de demanda pela ausência de sentido às suas necessidades e interesses.

Sobre este tema, apenas Marisa refere uma vivência diferente, como verdadeira protagonista, na busca por seus direitos:

> *- você iria no ginecologista, num médico no posto de saúde, pra buscar informações sobre, tirar dúvidas?*

> *- Sim, eu já fui, já! […] antigamente, eu ia na médica com a minha mãe, aí ela falou que se eu tivesse dúvidas, eu podia ir sem a minha mãe, por causa que talvez eu teria vergonha de falar na frente da minha mãe, pra conversar com ela. E eu já fui, porque, tipo, como eu sou de menor, tem gente que não gosta que vá no médico, mas, tipo, na hora que eu fui lá, eu falei que ia falar com ela, aí, eles chamaram ela […] aí eu peguei, já fui, já me informei… Perguntei um monte de coisas pra ela, por ela ser médica, sabe, eu tenho mais segurança de perguntar.*
> **(Marisa, 14 anos, 1º. EM, matutino)**

O discurso de Marisa revela certas práticas profissionais que não reconhecem o jovem como sujeito de direitos, ao mencionar "como eu sou de menor, tem gente que não gosta que vá no médico". Apesar dessa observação e a despeito de seus 14 anos, essa garota exerce seu protagonismo juvenil, expressando autonomia ao buscar diretamente a profissional que lhe havia dado abertura anteriormente, para que pudesse se informar e tirar suas dúvidas. Segundo estudo realizado por Albino et. al. (2005), adolescentes consultam menos médicos, sobretudo ginecologistas, que qualquer outro grupo etário, apontando, nesse sentido alguns obstáculos no que se refere a consentimentos parentais, falta de confidencialidade, horários e locais inconvenientes, entre outros. Dentre outros aspectos, colocam-se, não somente os que observam no relato de Marisa, mas especialmente o observado na fala de Rita, que se refere ao tratamento por parte dos profissionais de saúde de aspectos relacionados notadamente à sexualidade para além da visão biomédica.

Em relação às fontes de informações acerca de temas relacionados à sexualidade, as falas de Priscilla e Ana Carolina revelam poucas fontes de informação, ou pouco interesse, conforme se pode observar nos excertos abaixo:

> *- Nossa, moça, eu não pergunto pra ninguém, assim…*
> *- E como é que você descobriu, aprendeu todas as coisas?*
> *- Essa coisas? Hm… pior que eu não sei, sei lá. Que quando eu tava conversando com os outros, e os outros conversando […]*
> *- […] mas em geral, aonde vocês acham que as jovens buscam mais informação? Sobre essas coisas?*
> *- Internet, professor […] livro também ajuda. Eu tenho um livro.*
> **(Priscilla, atendente, 18 anos, 3º. EM, noturno)**

> *- Ah se eu tenho dúvida, entre as amigas assim, mais, é isso […]*
> *- Com sua mãe, com alguém da família, você conversa? Sobre esses assuntos?*
> *- Não… (risos) não…*
> *- Nunca ninguém sentou e conversou com você, te deu informação?*

> *- Minha mãe me falou sim, mas, eu nunca me interessei muito, assim, por esses assuntos...*
> **(Ana Carolina, 16 anos, estagiária, 3º. EM, noturno)**

Priscilla relata, em seu discurso, uma aparente busca individual por informação, através de internet e livros. Assim como Ana Carolina, ambas revelam, em seus discursos, pouco diálogo com familiares, sendo que a maior fonte de informação passa a ser encontrada entre as amigas.

Da mesma forma, as narrativas de Rita e Bethânia ilustram a maior troca de informação entre pares e dificuldade em relação a interlocutores adultos, como podemos observar a seguir:

> *- Hoje? Internet, escola, eu acho que primeiramente escola, em casa também... mais com a mãe, mas, acho que, primeiramente não procuram a mãe e o pai.*
> *- E elas vão ter essa informações onde em primeiro lugar?*
> *- Vai descobrindo com as amigas... É, sempre amigas... (risos) é, ali na escola, que uma começa comentar e tal, que ouviu, começa daí.*
> *- E você acha que na escola, também, os, professores...?*
> *- Eu acho que eles não são muito abertos ainda a isso... Por mais que seja o século 21 e tal [...] É que, eles são os pais, tipo, de outras pessoas da nossa idade, então acho que eles agem da mesma maneira. Não estão tão abertos a isso. Seria legal que fosse. São poucos que são.*
> **(Rita, 17 anos, 3º. EM, integral)**

> *- [as meninas] quando querem tirar alguma dúvida, você acha que o ginecologista é uma pessoa que elas procuram?*
> *- Ai, na verdade, eu acho que é a última pessoa que elas procuram! (risos) Primeiro elas procuram as amigas. Ou senão, as mães, internet, às vezes [...] a primeira pessoa eu acho que sempre são os amigos, no máximo, a mãe, dependendo da relação que a pessoa tem com a mãe.*
> **(Bethânia, 18 anos, EM completo)**

Rita expressa maior abertura entre as amigas, seja na busca por informações, seja na troca de experiências, do que com adultos, familiares ou professores. A dificuldade na interlocução com adultos a respeito da sexualidade, por parte dos adolescentes, identificada nas falas das garotas, em nosso trabalho, vai ao encontro do estudo de Cano et. al. (2000). Os autores observam, a partir de uma revisão bibliográfica, que a banalização da sexualidade, inclusive pela mídia, não contribui para a orientação e educação para uma prática sexual responsável, tendo em vista adoção de medidas protetivas pelos adolescentes. Os autores identificam, ainda, que diversos estudos apontam para o tabu que permeia o diálogo sobre sexualidade no âmbito familiar, que ainda determina papéis sexuais de forma rígida. Tais definições

que representam padrões tradicionais de comportamento têm sido fortemente questionadas pelos jovens, o que resulta numa ausência de sintonia e distância entre estes e os adultos, sejam pais, familiares ou educadores, que nem sempre se dispõem a repensar seus conceitos.

Vale ressaltar, ainda no discurso de Rita, a menção à internet, também presente nas falas de outras entrevistadas, como fonte importante para busca de informações, a qual ganha grande expressão, conforme pudemos observar nos discursos dos garotos. No discurso de Bethânia pode ser observado o contraponto em relação as fontes de informação pela valorização, de um lado, da internet e a distância que os serviços de saúde representam para os interesses dos jovens.

Assim, cabe mencionarmos a importância da aproximação da população jovem para conhecer suas realidade e necessidades, visando buscar alternativas de intervenção às vulnerabilidades, como discutem Sanchez e Bertolozzi (2007), a partir da proposta de constituição de políticas públicas voltadas às necessidades dos seres humanos, trabalhando com as comunidades e realizando diagnósticos sobre as condições de grupos sociais de maneira participativa. E, ainda, a redefinição dos objetos de intervenção e a análise crítica das práticas de saúde para sua reconstrução, orientada às necessidades dos indivíduos e da coletividade, questão que se apresenta de grande pertinência notadamente no caso dos adolescentes e jovens.

Nesse sentido, o planejamento e elaboração de políticas, bem como a organização e avaliação de serviços com ênfase nos direitos humanos permite analisar situações de vulnerabilidades, não apenas no que se refere às doenças e agravos, mas às vulnerabilidades sociais, conforme Paiva et. al. (2006), levando em conta as relações de gênero, de poder, o sexismo, a homofobia, o racismo e pobreza.

Embora as precárias condições de vida possam se apresentar, conforme Adorno (2001), como obstáculos à realização dos projetos pessoais de jovens e favorecer estilos de vida e de integração social, que podem adicionar riscos à sua trajetória, tal enfoque permite ampliar o olhar, ao pensarmos em políticas públicas. Isto se, a partir do autor, considerarmos que é preciso pensar nos jovens como “agentes e protagonistas de suas histórias e de que a diversidade do mundo e das pessoas é sempre maior do que aquela que situamos numa primeira observação, num primeiro olhar, num primeiro raciocínio” (p.13).

7 DO CRUZAMENTO DE OLHARES ÀS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerarmos as concepções dos entrevistados acerca do que entendem sobre ser homem, ser mulher e ser jovem ou adolescente, observamos tanto nos garotos, como nas garotas a existência de discursos que revelam desde concepções tradicionalistas de gênero, indicando ainda a existência de ideias de divisão de tarefas e de papéis sociais provenientes de uma cultura do patriarcado, polarizando homens e mulheres, essencializando suas diferenças e naturalizando opressões, até visões que ampliam as concepções de gênero indicando a superação desse ideal tradicional em direção a uma flexibilização das relações de gênero em decorrência das históricas lutas pelos direitos femininos, pela liberdade, igualdade sexual e equidade de gênero, bem como pelo empoderamento da mulher e busca de apropriação pelo seu próprio corpo, ao lado dos movimentos sociais contemporâneos pela diversidade sexual.

Acerca da concepção sobre juventude e adolescência, o ser jovem se apresenta nos discursos de garotos e garotas enquanto condição de experimentação, de abertura e reconhecimento social para um momento de curtição à medida que se configura como uma etapa anterior, e de preparo, para outra em que tais experimentações serão mais restritas, dada a ideia de responsabilidade a ser assumida que permeia tal questão. No entanto, foi possível constatar que em suas trajetórias de vida, tanto alguns garotos como algumas garotas já manifestam assumirem certas responsabilidades, ao que parece, em função da condição social destes, que pertencem às camadas populares, responsabilidades essas, entendidas por eles seja em restrição às próprias possibilidades de vivência plena e flexibilização que a adolescência permite em termos de curtição, assim como em termos de iniciação no mercado de trabalho, ou mesmo de responsabilidades no âmbito familiar, tanto em questões financeiras quanto de atividades domésticas.

Neste contexto, salientamos que a busca por autonomia que se dá a partir de uma independência financeira, assim como por uma busca de concretização de um projeto de vida baseado em uma maior escolarização e capacitação profissional, capacitação essa que se dá ainda nessa fase da vida.

Assim, ao compararmos os discursos de garotos e garotas em relação a seus projetos de vida, o que se desvela é uma abertura maior das garotas em relação ao que podemos entender como concepção horizonte em termos de projetos de vida futuro. Uma vez que tal projeto não se apoia tão somente na ideia de escolarização e capacitação profissional, mas igualmente numa abertura em termos das relações de gênero que imprime nesse projeto relações mais igualitárias entre homens e mulheres evidenciadas nas próprias práticas dos relacionamentos sexuais ou afetivo-sexuais nesse momento da adolescência, o que responde pelos ideais e conquistas do movimento feminista pelos direitos sexuais e identidades de gênero.

Nesse sentido, ao buscarmos caracterizar o que representa ser adolescente em nossa sociedade, o que emerge das falas dos garotos e das garotas entrevistados (as) é o fato deste momento de vida não se caracterizar redutivamente em termos de uma faixa etária, mas sim como uma categoria histórica na qual as tradicionais concepções de adolescência e juventude se entrecruzam pelo fato de podermos observar nas narrativas apresentadas no decorrer desse trabalho, não somente a referência à adolescência como um período de transição para a maturidade assim como a própria capacidade reflexiva que já aponta para a aquisição dessa chamada maturidade. Nos dois grupos analisados podemos identificar discursos altamente reflexivos e profundos, de garotos e garotas, em relação aos diferentes temas abordados, que muitas vezes não identificamos entre os chamados jovens, ou seja, aqueles que compreendem a faixa etária dos 14 aos 24 anos, e mesmo os considerados adultos.

Em relação aos usos e significados do corpo adolescente identificamos entre os garotos preocupações com o físico, a performance e afirmação da identidade masculina e heterossexual, que se constituem a partir de um ideal de masculinidade hegemônica. Apesar desse ideal de masculinidade, que se aproxima de uma visão dualista de gênero que contempla tão somente homens e mulheres, nos discursos dos garotos essa ideia é flexibilizada por olhares que questionam padrões patriarcais de conduta masculina tradicionalmente presentes em nossa sociedade, partilhando muitos deles de concepções mais igualitárias de gênero.

Outro aspecto que emerge na fala dos garotos em relação ao corpo é a preocupação com a imagem em termos de estética e adequação a padrões de beleza,

preocupação essa mais tradicionalmente associada ao feminino, apontando para novas significações do ser homem em nossa sociedade contemporânea. Desse modo, além da busca pelo corpo musculoso, o que se observa é a busca de uma dada imagem corporal ideal, daí os garotos se preocuparem, além do corpo propriamente dito, com o cabelo, a pele, dentre outros aspectos. Essa imagem corporal, além de sua dimensão física, pode ser entendida como um corpo social, uma vez que o mesmo é para ser reconhecido como tal e encerrar uma linguagem que serve de instrumento aos jogos de conquista, de sedução que vão desde a busca pelas relações sexuais propriamente ditas, às afetivo-sexuais, notadamente entre os pares.

Dentre as garotas entrevistadas, o que podemos observar é igualmente a expressão de um corpo social, pensado enquanto estratégia de conquista, podendo ser ocultado ou revelado à medida que se deseje atrair mais ou menos atenção sobre ele, ou partes dele. Desse modo, um elemento diferenciador entre os olhares de garotos e garotas em relação a seus próprios corpos é o fato de que, no caso das garotas podemos desvelar a existência de um discurso moral sobre a imagem corporal, que envolve, além do cuidado ao corpo, os *piercings*, as tatuagens, a maquiagem e destacadamente a vestimenta – que vai além da moda – conjunto esse tradutor da linguagem que fala de intenções e desejos das mesmas em suas relações, em suas buscas e intenções diferenciadas de conquistas.

Nos discursos das garotas, outro elemento diferenciador em relação aos olhares dos garotos se refere ao olhar crítico que elas revelam em relação ao que consideram uma ditadura do padrão de beleza que escraviza garotas em geral, incluindo algumas delas, o que implica em problemas de insegurança e notadamente de autoestima, exemplificado em falas que revelam a não aceitação não somente de algumas partes do corpo, mas de todo o corpo.

Em relação aos discursos dos entrevistados acerca da sexualidade, tanto os garotos, quanto as garotas percebem a sexualidade como diferentemente do sexo, embora não saibam como caracterizá-la. Podemos observar, nos discursos de ambos, que o sexo é definido como o ato sexual em si, enquanto a sexualidade é identificada notadamente como uma questão da escolha ou opção sexual, a exemplo da homossexualidade masculina ou feminina.

Em relação às práticas sexuais ou afetivo-sexuais, os olhares de garotos e garotas se aproximam em termos da ideia de experimentação, de tempo para conhecimento, caracterizados pela concepção do “ficar”, que pode se constituir numa experiência própria dele mesmo ou prosseguir em termos de um relacionamento considerado de maior compromisso, como é o caso do namoro. O que vale observar é que dentre os entrevistados a questão do ficar se apresenta em alguns dos discursos, notadamente das meninas, como uma opção do não namorar, o que aponta para o que consideramos uma mudança do comportamento tradicional pautado pelo desejo das garotas de fazer do namoro a busca do desejado casamento. Tal fato pode ser explicado pela busca de uma equidade de gênero já apontada anteriormente, que caracterizou algumas das falas das garotas.

Nesse cenário, as relações sexuais relatadas por garotos e garotas apresentam olhares que se aproximam, permeados por uma nova concepção gênero, pautada pela igualdade entre homens e mulheres, o que possibilita melhor entendimento não somente acerca dos relatos da existência de dupla iniciações sexual por jovens, em seus 16 anos, por exemplo, sem experiência sexual anterior, fato valorizado de maneira especial pelas próprias garotas. Permite igualmente compreender como a questão da experiência sexual ganha novos contornos na vida adolescente, com presença ou não da afetividade. No entanto, observa-se no olhar dos garotos uma visão que poderíamos considerar tradicional e mesmo moralista ao apontarem, em seus discursos duas modalidades de garotas: as “novinhas”, entendida em termos de categorias nativas como “assanhadas” ou “vulgares”, contrapondo-se às “fiéis”. Numa linguagem tradicional, presente na própria literatura, tratam-se, a exemplo de DaMatta das “mulheres da vida” em oposição às esposas, em analogia coma a “virgem-mãe”.

Considerando que as práticas sexuais ou afetivo-sexuais se apresentam como algo que não sofre interdições entre os jovens, e também o fato de que a iniciação sexual feminina pode apresentar-se de maneira bastante precoce, como, por exemplo, aos doze anos o que podemos observar é a relevância que a questão da prevenção das DST e HIV/Aids, assim como a da contracepção, assumem no universo adolescente em termo de Saúde Pública.

Isto porque, quando consideramos os discursos dos garotos, assim como das garotas, acerca do conhecimento sobre as DST/Aids o que observamos são algumas ideias vagas acerca de alguns aspectos do "ouvir falar acerca de", mais especificamente em relação à Aids, quais sejam: trata-se de uma doença sexualmente transmissível, que não tem cura, que o uso da camisinha pode preveni-la, que a multiplicidade dos parceiros aumenta a probabilidade de risco de contraí-la. Daí observarmos igualmente em alguns relatos, embora poucos, a ideia da cadeia epidemiológica no processo de transmissão do HIV/Aids.

Nos discursos, a questão do que poderíamos considerar um risco de adolescentes ao vírus e a enfermidade deve-se ao fato de não observarmos uma preocupação explícita acerca da prevenção na maioria das falas dos entrevistados revelando-se uma manifestação de um temor relacionado à gravidade da doença. Temor esse que se apresenta, nos referidos discursos, de maneira inespecífica e, ao que parece, bastante distante da percepção que possuem da probabilidade deles próprios contraírem o vírus e/ou a doença. Tal percepção essa que repousa, em parte, na crença observada em alguns discursos de que a pessoa vivendo com o HIV ou a Aids carrega, em si própria, uma dada ética, qual seja, a de não querer transmitir o vírus garantindo, assim, em tese, a segurança nas diferentes vivências sexuais.

Vale considerar que em relação às outras DST as falas dos garotos e garotas apontam para um amplo desconhecimento, mesmo diante da ocorrência desse tipo de problema em um dos garotos entrevistados, ele próprio não demonstrando não preocupação para o entendimento da doença que contraiu, uma das DST mais conhecidas, a sífilis.

Quando buscamos observar a questão da dupla proteção que a camisinha pode representar em termos da prevenção da HIV/Aids e das DST, assim como da contracepção, o que se descortina das diferentes falas é que o uso da camisinha embora seja reconhecido como uma dupla prevenção, na prática sua referência mais explícita é em função da preocupação com a gravidez. Além da camisinha, observa-se o amplo uso da chamada "pílula do dia seguinte", mencionada por alguns garotos e garotas como um método contraceptivo usual.

Considerando a complexidade de que se revestem tais práticas de prevenção e de contracepção, assim como as implicações nelas presentes em função das estreitas

relações entre gênero corpo e sexualidade, o que o presente trabalho permitiu descortinar é que tais implicações decorrem, de maneira especial, da carência de fontes de informação que sejam valorizadas pelos adolescentes e jovens por responderem, de maneira significativa, aos seus anseios, dúvidas, curiosidades, conflitos e buscas de descobertas em um mundo novo que se descortina em termos de buscas de vivências prazerosas da sexualidade, dos afetos e das relações de gênero, enfim.

Embora o uso da internet e o aprendizado junto aos pares ganhem expressão, dentre os entrevistados, como fontes de informação, o fato a considerar é que tais fontes permitem ao adolescente incorporar, ao que parece, tão somente alguns aspectos gerais e fragmentados, quer da prevenção da DST/Aids, quer da contracepção e não necessariamente, notadamente no caso dos pares, informações confiáveis.

Tendo em vista o que descortinamos como uma carência de informações em relação a tais práticas e a constatação do não lugar dos serviços de saúde nos discursos e no imaginário desses adolescentes entrevistados, a questão que se coloca é a de como pensar a saúde sexual e saúde reprodutiva nesse universo adolescente, numa perspectiva de saúde pública, na medida em que, retomando o discurso de Bethânia, que se nos apresenta como significativo, o profissional de saúde apresentar-se-ia como o último recurso a ser buscado pelas próprias garotas adolescentes, em relação a essa temática:

> *- E as meninas, em geral, quando querem tirar alguma dúvida, você acha que o ginecologista é uma pessoa que elas procuram?*
> *- Ai, na verdade, eu acho que é a última pessoa que elas procuram! (risos) Primeiro elas procuram as amigas. Ou senão, as mães, internet, às vezes […] Mas, é, a primeira pessoa eu acho que sempre são os amigos, no máximo, a mãe, assim, dependendo da relação que a pessoa tem com a mãe.*
> **(Bethânia, 18 anos, EM completo)**

Ao considerarmos que a saúde tem o que dizer notadamente aos adolescentes, nessa importante área de conhecimento e de atuação da saúde publica – a saúde sexual e reprodutiva – o que se coloca como desafio ao campo é o de saber onde dizer e como dizer, na medida em que pudemos observar que os serviços de saúde

não se caracterizam como espaços frequentados pelos adolescentes e jovens, especialmente os garotos.

Assim, tendo em vista a importância que a questão da dupla prevenção representa em termos de saúde pública, o que podemos concluir é o fato de que, no caso dos adolescentes, as ações de saúde não se restringem aos espaços dos serviços de saúde por se caracterizarem como de natureza interdisciplinar e interinstitucional uma vez que premissa de que partimos é a de que se os jovens não vem ao serviços de saúde, cabe aos serviços de saúde irem ao encontro dos jovens, reconhecendo os espaços nos quais os jovens se encontrem e os identifiquem como lugares que lhe são próprios.

Muito embora a Escola não se apresente como um espaço de referência no discurso dos jovens em geral, o que consideramos é que ela poderia assumir – numa relação estreita com a saúde – papel fundamental na divulgação e disseminação de práticas preventivas acerca das DST/Aids assim como da contracepção, tendo em vista que nos relatos dos garotos e das garotas se descortina uma nova postura de gênero, representada pela ampla abertura presente em vários discursos dos entrevistados, para a responsabilização, notadamente dos garotos, em relação a em tais práticas.

Destacamos o papel da Escola, ao lado da saúde, uma vez que esta se constitui, ou pode e deve se constituir, como espaço privilegiado de contato sistemático com o adolescente, cuja finalidade é centrada na formação não somente intelectual, mas humana, o que envolve desafios em termos da definição de uma filosofia de ensino-aprendizagem-formação a adoção de um trabalho pedagógico que se diferencie dos moldes tradicionais da mera transmissão de informações, valorizando o jovem e o adolescente como sujeito não somente de direitos, mas da sua própria aprendizagem. Assim, entendemos que nesse novo espaço, poderá ocorrer uma convergência de interesses e de identificações entre o mundo da vida e o mundo escolar do jovem, no qual as questões relativas à saúde sexual e reprodutiva terão sentido e lugar.

Para esse tipo de encontro acreditamos que aspirações e desejos de jovens não faltem, bastando, para tal, reconhecê-los como sujeitos que além do aprender, tem igualmente, o que dizer em termos desse aprendizado. Nesse sentido, gostaríamos de

destacar o importante papel do Estado nesse processo, como definidor de novas diretrizes em relação às políticas públicas que pautam ações de relevância para os nossos jovens, assim como resgatar passagem da fala de Gabriel, que, a despeito de sua tenra idade, aponta, igualmente, para a responsabilização do Estado, notadamente em relação às crianças e sua formação como futuros adolescentes e jovens cidadãos.

> *- Sei lá, o governo podia investir mais. Muita molecada aí que tem talento, [mas] tá perdida. Moleque aí, ó, desenhista. Estragado! Moleque sabe muita manobra no skate, dá pra fazer uma competição, ganhar muito dinheiro, honrar a cidade, mas, estragado*
> *- E o que que falta pra…?*
> *- Oportunidade! Oportunidade…*
> **(Gabriel, 15 anos, 1º. EM, Manhã)**

Gabriel revela que são muitos os sujeitos que tem o que dizer nesse trabalho de construção de uma nova cidadania para as nossas crianças, nossos adolescentes e nossos jovens, destacando dentre eles, este nosso próprio trabalho acadêmico, quando de nosso último diálogo:

> *- Obrigada Gabriel, adorei nossa conversa!*
> *- Também gostei. Foi bom! É dahora conversar, né [...]*
> *- Enfim… é isso aí, meu trabalho é esse, eu tô estudando saúde pública a minha ideia é tentar propor pelo menos alguma coisa em termos de política pra saúde dos jovens e adolescentes como você.*
> *- Sabe o que você podia fazer, entrevista mais umas 4 ou 5 pessoa aí, ó. Você tá vendo essa história que você tá gravando. Mostra pro povo aí ó, entendeu [...] Porque, eu vou falar pra você, ô, as vezes se você mostrar sei lá mexe um pouco com esses político, vai saber, um dia aí…*
> **(Gabriel, 15 anos, 1º. EM, Manhã)**

8 REFERÊNCIAS

ADORNO, R.C.F., **Capacitação solidária: um olhar sobre os jovens e sua vulnerabilidade social,** São Paulo, AAPCS - Associação de Apoio ao Programa Capacitação Solidária, 2001.

ADORNO, R.C., et. al. (org.). Jovens, gênero e sexualidade: relações em questão para o campo da saúde pública, **Jovens, trajetórias, masculinidades e direitos,** São Paulo, Fapesp, Ed. Da Universidade de São Paulo, 2005, p. 15-30.

ALBINO, G.C., et. al., A sexualidade pelo olhar das jovens: contribuições para a prática do médico de adolescentes, **Revista Paulista de Pediatria,** vol. 23, no. 3, p. 124-129, 2005.

ALMEIDA, P.C. Gravidez na adolescência em grupos populares urbanos: concepções de idade e maternidade. In: ALMEIDA, H. B. et al. (Orgs.). **Gênero em matizes.** Bragança Paulista, EDUSF, 2002. p. 177-212. (Coleção Estudos CDAPH, Série História & Ciências Sociais).

ALVARENGA, A.T. e SCHOR, N. Contracepção feminina e política pública no Brasil: pontos e contrapontos da proposta oficial, **Saúde e sociedade,** São Paulo, vol. 7, no. 1, p. 87-110, 1998.

ALVES, J.E.D., As políticas populacionais e o planejamento familiar na América Latina e no Brasil, **Textos para discussão,** Escola Nacional de Ciências Estatísticas, no. 21, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, IBGE, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.ence.sistemas.ibge.gov.br/publicacoes/textos_para_discussao/textos/texto_21.pdf> Acesso em 18 de abril, 2013

AMADO, C.R.; LEAL, M. M.. Anticoncepção de emergência na adolescência. **Pediatria Moderna**, v. 37, 2001.

ANDRADE, A. e BOSI, M.L.M. Mídia e subjetividade: impacto no comportamento alimentar feminino, **Revista de Nutrição,** Campinas, vol. 16, no. 1, p. 117-125, jan.-mar. 2003.

ANDRADE, E.A. **Gestão municipal de políticas públicas dirigidas à juventude e possíveis aproximações com a promoção da saúde.** 2008. 189p. Dissertação (mestrado em Saúde Pública) - Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, São Paulo.

ANTUNES M.C., et. al. Diferenças na prevenção da Aids entre homens e mulheres jovens de escolas públicas em São Paulo, SP, **Rev. Saúde Pública,** vol. 36, no. 4 (Supl), p.88-95, 2002.

ARIÈS, P. **História social da infância e da família.** Rio de Janeiro, Zahar 1978.

AYRES, J.R.C.M. et al. Adolescência e saúde coletiva: aspectos epistemológicos da abordagem programática. In: SCHRAIBER, L. B. **Programação em saúde hoje.** São Paulo, HUCITEC, 1993. p. 139-182.

_____ et al. Vulnerabilidade e prevenção em tempos de Aids. In: BARBOSA, R. M. e PARKER, R. (orgs.). **Sexualidades pelo avesso.** Rio de Janeiro, IMS/UERJ, 1999. p. 49-72.

_____ Epidemiologia, promoção da saúde e o paradoxo do risco. **Revista Brasileira de Epidemiologia.** São Paulo. vol. 5, supl. 1, p. 28-42, nov., 2002.

_____ et al. O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: Novas perspectivas e desafios. In: CZERESNIA, D. (org.). **Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendência.** Rio de Janeiro, Ed. FIOCRUZ, 2003. p. 117-139.

_____ Desenvolvimento histórico-epistemológico da Epidemiologia e do conceito de risco. **Cadernos de Saúde Pública.** Rio de Janeiro, vol. 27, no. 7, p. 1301-1311, jul. 2011.

BADINTER, E, **Um Amor conquistado: o mito do amor materno,** Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

BARBOSA, R.M. **Negociação sexual ou sexo negociado? Gênero, sexualidade e poder em tempos de AIDS.** 1997. 241 p. Tese (doutorado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida,** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda. 2001.

BARBIERI, T. de., Sobre La categoria gênero: uma introducción teórico-metodológica. In: AZERÊDO, S. & STOLCKE, V. (Orgs.). **Direitos Reprodutivos.** São Paulo, FCC/DPE, 1991, p. 25-45.

BENEDICT, R. **Padrões de Cultura**. Livros do Brasil, Lisboa, [s/d].

BERQUÓ, E.; CAVENAGHI, S. Increasing adolescent and youth fertility in Brazil: a new trend or a one-time event? In: **Annals population association of America: 2005 annualmMeeting**, session 151. Pennsylvania, Philadelphia, 18 p, March 2005. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/PopPobreza/BerquoElzaeCavenaghiSuzana.pdf> Acesso em 28 de fevereiro de 2012.

BIRMAN, J. Interpretação e Representação na Saúde Coletiva, **Physis - Revista de saúde coletiva**. Rio de Janeiro, vol.1, n. 2, p. 07-22, 1991.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 16 jul, 1990.

_____ Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. **Marco legal, saúde um direito do adolescente.** Brasília, DF, 2005. Série A. Normas e Manuais Técnicos. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/marco_legal.pdf> Acesso em 01 de dezembro, 2011.

_____ Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção a Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Direitos sexuais e direitos reprodutivos, uma prioridade do governo.** Brasília, DF, 2005 Série A. Normas e Manuais Técnicos, Série direitos sexuais e reprodutivos. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartilha_direitos_sexuais_reprodutivos.pdf> Acesso em 18 de abril, 2013.

_____ Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República. **Plano integrado de enfrentamento da feminização da epidemia de Aids e outras DST**, versão revisada, Brasília, DF, jul. 2009, Disponível em: <http://sistemas.aids.gov.br/feminizacao/sites/default/files/PlanoIntegrado-2009.pdf> Acesso em 28 de novembro, 2011.

_____ Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde do Adolescente e do Jovem. **Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da Saúde.** Brasília, DF, 2010a. Série A. Normas e Manuais Técnicos. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/diretrizes_nacionais_adoles_jovens_230810.pdf> Acesso em 05 de dezembro, 2011.

_____ Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Boletim Epidemiológico - Aids e DST**. Brasília, DF, 2010b, Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pagina/2010/36374> Acesso em 20 de fevereiro, 2012.

_____ Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação em Saúde. Perspectivas para o controle da transmissão vertical do HIV no Brasil. In: **Saúde Brasil 2010: Uma análise da situação de saúde e de evidências selecionadas de impacto de ações de vigilância em saúde.** Brasília DF, 2011a, Série G. Estatística e Informação em Saúde. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/cap_1_saude_brasil_2010.pdf> Acesso em 27 de novembro, 2011.

_____ Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Vulnerabilidade à Aids em Jovens Gays. In: **Resumo Analítico dos Dados do Boletim Epidemiológico 2011**. Brasília DF, 2011b. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/publicacao/2011/boletim_epidemiologico_2011> Acesso em 05 de maio, 2013.

BRÊTAS, J.R.S. et. al. Os rituais de passagem segundo adolescentes, **Acta Paulista de Enfermagem**, vol. 21, no. 3, p. 404-411, 2008. Disponível em: <http://www.unifesp.br/acta/toc.php?volume=21&numero=3> Acesso em 27 de março de 2013.

BOURDIEU, P. A Juventude é só uma palavra, IN: BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia.** Lisboa, Ed. Fim de Século, 2003, p. 151-162.

CANO, M.A.T. et. al. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico, **Revista Latino-Americana de Enfermagem,** Ribeirão Preto, vol. 8, no. 2, p. 18-24, abril, 2000.

CABRAL, C.S. "Gravidez na adolescência" e identidade masculina: repercussões sobre a trajetória escolar e profissional do jovem. **Revista Brasileira de Estudos de População.** Rio de Janeiro, vol. 19, no. 2, p.179-195, jul.-dez., 2002.

CASTRO, A.L, Culto ao corpo e estilos de vida: o jogo da construção de identidades na cultura contemporânea. **Perspectivas.** São Paulo, vol. 31, p. 137-168, jan.-jun., 2007.

CAREGNATO, R.C.A. e MUTTI, R. Pesquisa Qualitativa: Análise de discurso *versus* Análise de conteúdo. **Texto & Contexto enfermagem.** Florianópolis, vol. 15, no. 4, p. 679-684, out.-dez., 2006

CARLOS, P.P. et. al "Sou para casar" ou "pego, mas não me apego": um estudo sobre amor e jovens, **Fazendo Gênero 9**, Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 23 a 26 de agosto de 2010

CHALEM, E. et al. Gravidez na adolescência: perfil sóciodemográfico e comportamental de uma população da periferia de São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública.** Rio de Janeiro. vol. 23, no. 1, p. 177-186, jan., 2007.

CLAM – CENTRO LATINO-AMERICANO EM SEXUALIDADE E DIREITOS HUMANOS. Entrevista Veriano Terto. **Aids: falhas na prevenção entre jovens.** Brasil, 30/11/2011. Disponível em: <http://www.clam.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=%5FBR&infoid=9028&sid=43> Acesso em 20 de fevereiro, 2012.

CONNELL, R. **Masculinities.** California, University of California Press, 1995.

CORRÊA, S.; ALVES, J.E.D.; JANNUZZI, P.M. **Direitos e saúde sexual e reprodutiva: marco teórico-conceitual e sistema de indicadores.** In: CAVENAGHI, S.(coord.) Indicadores municipais de saúde sexual e reprodutiva. Rio de Janeiro ABEP, p. 14-26. 2003.

CSORDAS, T.J. C**orpo, significado, cura**, Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2008.

DADOORIAN, D. **Pronta para voar: um novo olhar sobre a gravidez na adolescência**. Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 2000.

DAMATTA, R. Tem pente aí? Reflexões Sobre a Identidade Masculina. In: CALDAS, D. (org.). **Homens.** São Paulo, Ed. SENAC, 1997, p. 31-50.

DAYRELL, J. Juventud, grupos culturales y sociabilidad. **Revista de Estudios sobre Juventud**, Mexico, DF, v. 1, n.22, p. 128-147, 2005.

DEL PRIORE, M. Magia e medicina na colônia, In: DEL PRIORE, M. (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 9ª ed. São Paulo, Contexto, 2007, p. 78-114.

DIAMOND, Lisa M. 'I'm straight, but I kissed a girl': the trouble with american media representations of female-female sexuality. **Feminism & Psychology,** v. 15, n. 1, p. 104-110, 2005.

DIAS, A.C.G. e TEIXEIRA, M.A.P. Gravidez na adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo. **Paidéia**, Ribeirão Preto, vol. 20, no. 45, p. 123-131, abr. 2010.

DÍAZ, M. et al., Os direitos sexuais e reprodutivos. In: RIBEIRO, C., CAMPUS, M. T. A. (ed.). **Afinal, que paz queremos?** Lavras: Editora UFLA, 2004. p 45-70.

D'INCAO, M. A., Mulher e família burguesa. In In: DEL PRIORE, M. (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 9ª ed. São Paulo, Contexto, 2007, p. 223-240.

DOMINGUES, C.M.A.S. e ALVARENGA, A.T. Identidade e sexualidade no discurso adolescente. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano.** São Paulo, vol. 7, no. 2, p 32-68, 1997.

ERIKSON, E.H. **Identidade, juventude e crise.** Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1972.

ESSIG, L. Heteroflexibility. **Salon.com.** Nov 15, 2000. Disponível em <http://www.salon.com/2000/11/15/heteroflexibility/> Acesso em 6 de março, 2013.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade, vol. 1, A Vontade de Saber.** São Paulo, Edições Graal, 2010.

_____ **História da sexualidade, vol. 3, O Cuidado de Si.** Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985.

_____ **Microfísica do poder,** São Paulo, Edições Graal, 2012.

FRAGOSO, T. O. Modernidade Líquida e Liberdade Consumidora: o Pensamento Crítico de Zygmunt Bauman, **Revista Perspectivas Sociais**, Pelotas, ano 1, n. 1, p. 109-124, março/2011.

FRANCHETTO, B.; CAVALCANTI, M.L.V.C; HEILBORN, M.L. Antropologia e feminismo. **Perspectivas antropológicas da mulher.** Rio de Janeiro, Zahar, vol. 1, no. 1, 1981.

FROIS, E. et. al., Mídias e a imagem corporal na adolescência: o corpo em discussão, **Psicologia em estudo**, Maringá, vol. 16, no. 1, p. 71-77, 2011.

GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina,** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

GARCIA, W. O corpo contemporâneo: a imagem do metrossexual no Brasil, **Mneme, Revista de Humanidades.** Rio Grande do Norte, vol. 5, n. 11, p.198-213, 2004 Disponível em: <http://periodicos.ufrn.br/index.php/mneme/issue/view/30> Acesso em 15 de março, 2013.

GIDDENS, A., **Sociologia**. Artmed. 4ª edição. Porto Alegre 2005.

GOLDENBERG, M. Sobre a invenção do casal. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro - UERJ, vol. 1, nº 1, p. 89-104, 2001, [Disponível em www.miriangoldenberg.com]

_____ O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira. **Arquivos em movimento.** Rio de Janeiro, vol. 2, no. 2, p. 115-123, jul-dez 2006.

_____ e RAMOS, M.S. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, M. (org.). **Nu e Vestido.** Rio de Janeiro/São Paulo, Ed. Record, 2002, p. 19-40.

GONTIJO, D.T. e MEDEIROS, M. "Tava morta e revivi": significado de maternidade para adolescentes com experiência de vida nas ruas. **Cadernos de Saúde Pública.** Rio de Janeiro, vol. 24, no. 2, p. 469-472, fev 2008.

GRAVAD. Gravidez na adolescência, gênero e sexualidade: estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil. **GRAVAD - Principais resultados.** Estudo multicêntrico realizado em Salvador, Rio de Janeiro e Porto Alegre, pelo Programa de Estudos em Gênero e Saúde/ ISC / UFBA, pelo Instituto de Medicina Social / UERJ e pelo Núcleo de Antropologia do Corpo e da Saúde / UFRS, 2008. Disponível em <http://www.clam.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=4361&sid = 1> Acesso em 20 de fevereiro, 2011.

GROPPO, L.A., Dialética das juventudes modernas e contemporâneas, **Revista de Educação do Cogeime,** São Paulo, Ano 13, no. 25, p. 9-22, dez. 2004.

GUERREIRO, M.D. et al., Transições na juventude: percursos e descontinuidades. In GUERREIRO, M.D. et. al. (orgs.), **Quotidiano e qualidade de vida,** Oeiras, Celta Editora, 2007. Disponível em: <http://repositorio-iul.iscte.pt/handle/10071/4532> Acesso em 28 de fevereiro, 2013.

HAGUETTE, T.M.F. **Metodologias qualitativas na sociologia.** Petrópolis, Vozes, 1995.

HALL S., **A identidade cultural na pós-modernidade,** 10ª. edição, Rio de Janeiro, DP&A editora, 2005.

HARAWAY, D. "Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**. Campinas, no. 22, p. 201-246, jan.-jun. 2004

HEILBORN, M. et al. Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 8, no. 17, p. 13-45, jun, 2002.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2010**: nupcialidade, fecundidade e migração, resultado da amostra, 2010. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Nupcialidade_Fecundidade_Migracao/censo_nup_fec_mig.pdf> Acesso em 18 de abril, 2013.

KERGOAT, D. Relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho. In: LOPES, M.J.M. e col (Orgs). **Gênero & Saúde**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996, p. 19-27.

LEAL, A.F., e KNAUTH, D. R. A relação sexual como uma técnica corporal: representações masculinas dos relacionamentos afetivo-sexuais. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, vol. 22, no.7, p. 1375-1384, jul., 2006.

LEAL, O.F., Sangue, fertilidade e práticas contraceptivas, In: LEAL, O.F. (org.) **Corpo e significado: ensaios de antropologia social**, 2ª. edição, Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

LEVANDOWSKI, D.C. PICCININI, C.A., LOPES R.C.S. Maternidade Adolescente. **Estudos de Psicologia**, Campinas, vol. 25, no. 2, p. 251-263, abr.-jun. 2008.

LIMA, M.E.A.T., Análise do discurso e/ou análise de conteúdo. **Psicologia em Revista.** Belo Horizonte, vol. 9, no. 13, p. 76-88, jun. 2003.

LOURO, G.L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2010. p. 9-34.

_____ Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, M.J.M. e col (Orgs). **Gênero & Saúde**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996, p. 7-19.

MACEDO O.R., A Vaidade de Todos Nós. In: CALDAS, D. (org.). **Homens.** São Paulo, Ed. SENAC, 1997, p.121-132.

MACHADO, R., Introdução: por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, M., **Microfísica do poder,** São Paulo, Edições Graal, 2012, p. 7-34.

MAGNANI, J.G.C., De Perto e de Dentro: Notas Para Uma Etnografia Urbana, **Revista Brasileira de Ciências Sociais.** São Paulo, vol. 17, n. 49, p. 11-29, junho, 2002.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo, Cosac Naify, 2003.

MEAD, M. **Coming of age in Samoa: a study of adolescence and sex primitive societies**. Harmondsworth, Penguin Books, 1981.

MEIHY, J.C.S.B. **Manual de história oral**. São Paulo, 5ª. edição, Loyola, 2005.

MENEZES, V.Sexualidade na adolescência: desejo, fantasias e iniciação. Do “flerte” ao “ficar”, In: SANTOS, T.F. (org.), **Saúde sexual e reprodutiva, uma abordagem multidisciplinar,** Recife, Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2002.

MEYER, D.E. Do poder ao gênero: uma articulação teórico-analítica. In: LOPES, M.J.M. e col (Orgs). **Gênero & Saúde**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996, p.41-51.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde,** São Paulo, Hucitec, 2007.

MONTEIRO, S. **Qual Prevenção? Aids, sexualidade e gênero em uma favela carioca**. Rio de Janeiro, Ed. FIOCRUZ, 2002.

MORENO, G.G., Novinhas, malandras e cachorras: jovens, funk e sexualidade, **Ponto Urbe,** revista eletrônica do NAU, [online], São Paulo, no. 9, ano 5, dez 2011 Disponível em: <http://www.pontourbe.net/mapa-da-edicao-9> Acesso em 20 de fevereiro de 2012

NOLASCO, S. Um “Homem de Verdade”. In: CALDAS, D. (org.). **Homens.** São Paulo, Ed. SENAC, 1997, p. 13 – 30.

NUBLAT, J. HIV avança entre crianças nas regiões Norte e Nordeste. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 01 de novembro de 2011a, Equilíbrio e Saúde. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/999907-hiv-avanca-entre-criancas-nas-regioes-norte-e-nordeste.shtml> Acesso em 27 de novembro, 2011.

_____ Brasil vai mudar estratégia de campanha contra Aids, diz ministro. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21 de novembro de 2011b, Equilíbrio e Saúde. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/1009630-brasil-vai-mudar-estrategia-de-campanha-contra-aids-diz-ministro.shtml> Acesso em 27 de novembro, 2011.

OLAVARRÍA, J. Desejo, prazer e poder: questões em torno da masculinidade heterossexual, In: BARBOSA, R. M. e PARKER, R. (orgs), **Sexualidades pelo avesso: direitos, identidades e poder,** Rio de Janeiro, IMS/UERJ, São Paulo, Ed. 34, 1999.

OLIVEIRA JÚNIOR, E.B. e CANCELA, C.D. Que Corpo é Esse? O Metrossexual em Debate, **Rev. NUFEM.** [online], vol. 4, n. 1, janeiro-junho, p. 20-33, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v4n1/a03.pdf> Acesso em 15 de março, 2013.

OLIVEIRA, E.R.B. **Sexualidade, maternidade e gênero: experiências de socialização de mulheres jovens de estratos populares.** 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - FEUSP, São Paulo.

OLIVEIRA, M.A.C e EGRY, E.Y.A adolescência como um constructo social. **Revista brasileira de crescimento desenvolvimento humano**, São Paulo, vol. 7, no. 2, p.12-21, jul-dez., 1997.

ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. ONU Mulheres. Mensagem de Michelle Bachelet - Diretora Executiva da ONU Mulheres. **Alcançar zero requer zero de descriminação de sexo e de violência.** É tempo de zerar o foco sobre as mulheres e meninas. Dia Mundial de Combate à AIDS, 1º de dezembro de 2011. Disponível em <http://www.spm.rs.gov.br/conteudo.php?cod_conteudo=1772&cod_menu=1> Acesso em 20 de fevereiro, 2012.

OSÓRIO, A. Tatuagem e autonomia, **Cadernos de Campo,** vol. 15, n. 14/15, janeiro-dezembro, p. 82-97, 2006.

OSÓRIO, L.C., Adolescente Hoje, Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.

PAIS, J.M., **Sexualidade e afectos juvenis,** Lisboa, ICS – Imprensa de Ciências Sociais, 2012.

PAIVA, V. et. al. O direito à prevenção e os desafios da redução da vulnerabilidade ao HIV no Brasil. **Rev. De Saúde Pública,** vol. 40 (supl.), p. 109-119, 2006.

_____ et. al. Idade e uso de preservativo na iniciação sexual de adolescentes brasileiros, **Rev. de Saúde Pública,** vol.42, sup. 1, p. 45-53, São Paulo, Jun, 2008.

PAIVA, S.P., BRANDÃO, E.R., Contracepção de emergência no contexto das farmácias: revisão crítica de literatura. **Physis,** Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 17-34, 2012.

PANTOJA, A.L.N. Ser alguém na vida: uma análise sócio-antropológica da gravidez/maternidade na adolescência, em Belém do Pará, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 19 (Sup. 2), 2003.

PATTON, M.Q. **Qualitative research & evaluation methods**. Thousand Oaks, Sage, 2002.

PENNA, L, **Corpo sofrido e mal-amado: as experiências da mulher com o próprio corpo,** São Paulo, Summus, 1989.

PEREIRA, C.S.P., Os wannabees e suas tribos: adolescência e distinção na internet, **Estudos Feministas,** Florianópolis, vol. 15, n. 2, p. 357-382, maio-agosto, 2007.

PERES, F. **Adolescência: em busca dos sujeitos sociais.** 1995. Tese (doutorado em Saúde Pública) - Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, São Paulo.

PIROTTA, K.C.M. **Não há guarda-chuva contra o amor: estudo do comportamento reprodutivo e de seu universo simbólico entre jovens universitários da USP.** 2002. 295p. Tese (doutorado em saúde pública) - Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, São Paulo.

PISCITELLI, A. "Recriando a (categoria) mulher?" In: ALGRANTI, Le. (Org.). **A prática feminista e o conceito de gênero.** Campinas, IFCH - Unicamp, 2002. (Textos Didáticos, n. 48). Disponível em

<http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.pagu.unicamp.br/files/Adriana01.pdf> Acesso em 05 de maio de 2013.

PLATAFORMA DE CAIRO, **Relatório da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento,** 1994. Disponível em: <http://www.direito.caop.mp.pr.gov.br/arquivos/File/relatoriocairo.pdf> Acesso em 28 de novembro 2011.

QUEIROZ I.S. Os programas de redução de danos como espaços de exercício da cidadania dos usuários de drogas, **Psicologia, ciência e profissão,** vol. 21. no. 4. Brasília. Dez, 2001. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932001000400002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> acesso em 15 de maio, 2013.

RAGO, M., Trabalho feminino e sexualidade, In: DEL PRIORE, M. (org.). **História das mulheres no Brasil**. 9ª ed. São Paulo, Contexto, 2007, p. 578-606.

RASSI, A.P. Do acontecimento histórico ao acontecimento discursivo: uma análise da "Marcha das Vadias", **Revista de História da UEG.** [online**]** vol.1, n.1, janeiro-junho, p. 43-63, 2012. Disponível em: <http://www.prp.ueg.br/revista/index.php/revistahistoria/article/view/599> Acesso em 04 de abril, 2013.

REIS, A.O.A. **O discurso da saúde pública sobre a adolescente grávida: avatares.** 1993. Tese (doutorado em Saúde Pública) - Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, São Paulo.

RIGOTTO, R.M. As técnicas de Relatos Orais e o estudo das Representações Sociais em saúde. **Ciência & Saúde Coletiva.** Rio de Janeiro, vol 3, no. 1, p. 116-130, 1998.

ROCHA, D. e DEUSDARÁ, B. Análise de conteúdo e Análise do discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. **Alea.** vol. 7, no. 2, p. 305-322, jul.-dez., 2005

RODRIGUES, J.C. **O Tabu do Corpo**, Rio de Janeiro, Edições Achiamé Ltda, 1979.

ROHDEN, F. **Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher.** Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ, 2001.

ROMERO, K.T. et al. O conhecimento das adolescentes sobre questões relacionadas ao sexo, **Revista da Associação Médica Brasileira,** vol. 53, no. 1, São Paulo, jan.-fev., 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=0104-423020070001&script=sci_issuetoc> Acesso em 15 de maio de 2013.

SAFFIOTTI, H.I.B., Primórdios do conceito de gênero, **Cadernos Pagu,** vol. 12, 1999, p.157-163.

SANCHEZ, A.I.M e BERTOLOZZI, M.R. Pode o conceito de vulnerabilidade apoiar a construção do conhecimento em Saúde Coletiva? **Ciência e Saúde Coletiva,** vol. 12, no. 2, p. 319-324, 2007.

SANTOS, T.F. et. al. A Saúde reprodutiva de adolescentes: o caso de Recife, In: SANTOS, T.F. (org.), **Saúde sexual e reprodutiva, uma abordagem multidisciplinar,** Recife, Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2002.

SARTI, C.A., **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres,** Campinas, SP, Ed. Autores Associados, 1996.

SCOTT, J.W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, no. 2, p. 71-99, jul.-dez, 1995.

SEGRE, M. & FERRAZ, F.C.O Conceito de Saúde, **Rev. Saúde Pública.** São Paulo, vol. 31, no. 5, p.538-42, 1997

SILVA, L.N. **Era uma vez… meninas que engravidaram: histórias e trajetórias.** 2010, 308p. Dissertação (mestrado em saúde Pública) - Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, São Paulo.

SILVA, P.C. e PIRAJÁ, T.C. Nova: Uma revista velha. **Caderno Espaço Feminino,** v. 24, n. 2, 2012.

SOUZAS, R. e ALVARENGA A.T. Da negociação às estratégias: relações conjugais e de gênero no discurso de mulheres de baixa renda em São Paulo. **Saúde e Sociedade,** São Paulo, vol. 10, no. 2, p. 15-34, 2001.

SPOSITO, M.P., A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade, **Tempo Social, revista de sociologia**, USP, São Paulo, no.5 vol.1-2, p. 161-178, 1993 (editado em Nov., 1994).

TAQUETTE, S.R. et al. A epidemia de AIDS em adolescentes de 13 a 19 anos, no município do Rio de Janeiro: descrição espaço-temporal. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical.** Uberaba, vol. 44, no. 4, p. 467-470, jul-ago, 2011

UCHÔA, E. e VIDAL, J.M., Antropologia médica: elementos conceituais e metodológicos para uma abordagem da saúde e da doença. **Cadernos de Saúde Pública.** Rio de Janeiro, vol. 10, no. 4, p. 497-504, out-dez 1994.

VICTORA, C.G et. al., **Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema.** Porto Alegre, Tomo Editorial, 2000.

_____ Saúde de mães e crianças no Brasil: progressos e desafios. **The Lancet, saúde no Brasil**, maio, 2011. Disponível em <http://www.abc.org.br/IMG/pdf/doc-574.pdf> Acesso em 28 de novembro 2011.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade, In: LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2010. p. 35-82

WILKINSON, S. Bisexuality “a la mode”, **Women’s studies international forum,** USA, vol.19, No. 3, p. 293-301, 1996.

ANEXOS

ANEXO I

Título da Pesquisa: Adolescência e Desafios na Contracepção e Prevenção das DST/AIDS: Uma Relação em Questão Para a Saúde Pública
Pesquisadora: Ludmila Ramos Carvalho

FORMULÁRIO PARA CARACTERIZAÇÃO SÓCIOECONOMICA E DEMOGRÁFICA DO (A) ENTREVISTADO (A)

Data da entrevista: ____/____/2012 Local: _____
Entrevistado (a): _____
Data de Nascimento: ____/____/____ Idade: _____ Adolescente ou Jovem?_____
Residência: _____

Estuda: ( ) Não ( ) Sim. Período: _____
Escola: _____
Escolaridade: _____

Trabalha: ( ) Não ( ) Sim. Função:_____
( ) Vínculo ( ) Sem vínculo
( ) Autônomo ( ) Outros _____
Período: _____ Carga Horária: _____
Salário (descrever valor): _____

Composição familiar:
( ) Crianças até 09 anos: _____
( ) Adolescentes de 10 a 19 anos: _____
( ) Jovens de 20 a 24 anos: _____
( ) Adultos: _____

Chefe da família: _____
Escolaridade do chefe da família: _____
Responsável pela família: _____
Escolaridade do responsável pela família: _____
Ocupação do responsável (descrever):_____
_____
_____
_____

Como classifica sua situação social:_____

Estado civil e situação conjugal: _____

Outras informações relevantes:_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

ANEXO II

ROTEIRO TEMÁTICO PARA COLETA DE DEPOIMENTO PESSOAL ADOLESCENTES DO SEXO FEMININO

LAzER

1- Você pode me dizer qual é o seu lazer nos finais de semana?
2- E durante a semana?
(Explorar: tipo de entretenimento, preferências: rádio, tv, revistas, internet - redes sociais, sites, tipo de música, lugares que frequenta - contexto).

FaMíLiA

3- Fale um pouco sobre sua família. Como é a sua relação com seus pais?

4- E com os outros familiares?
(Explorar: existência de relações amigáveis ou conflituosas.)

QuEstõES dE GêNEr0

5- O que você acha que é ser mulher no mundo de hoje?

6- E o que é ser homem no mundo de hoje?

CoRp0

7- O que você acha que mais preocupa as garotas hoje em dia, em relação ao corpo?

8- Que tipo de cuidados você considera importantes que meninas jovens da sua idade tenham com o corpo?
(Explorar: se surgem cuidados com a saúde ou apenas questões estéticas.)

9- E o que mais te preocupa no seu corpo?

10- Você cuida do seu corpo? Como é esse cuidado?

11- O que você gosta, não gosta e o que gostaria que fosse diferente no seu corpo?

12- E em relação à saúde, que cuidados garotas da sua idade devem ter para se manter saudáveis?

13- Agora vamos falar que questões um pouco mais íntimas. Você pode dizer quando e como foi a chegada da sua primeira menstruação? E como você a encara até hoje?
(Explorar: que informações já possuía sobre a questão, com quem conversou.)

SEXuALiDAdE

14- Para você, qual a melhor forma para as garotas curtirem sua sexualidade nos dias de hoje? E como é pra você?
(Explorar: conhecimento sobre o corpo, práticas como masturbação, a questão do prazer nas relações e outros aspectos.)

15- Como é o seu relacionamento afetivo com os garotos? Pode me falar um pouco sobre isso?
(Explorar: namoro, se fica com rapazes, se há relacionamentos afetivo-sexuais.)

16- Você pode me contar um pouco como foi a experiência da sua primeira relação sexual? Com quem foi e com que idade?
(Explorar: as impressões e relatos que traduzam experiências negativas e/ou positivas assim como a continuidade dessas relações.)

17- Vocês usaram algum método para se prevenir?
(Explorar: qual o método utilizado, de quem foi a iniciativa, como foi a negociação.)

18- Como é a sua vida afetivo-sexual atualmente?
(Explorar: se é com parceiro fixo (namorado) ou parceiros ocasionais, rotatividade de parceiros, frequência, buscar como os classifica - categorias nativas.)

19- Você tem utilizado algum método preventivo?

20- Que diferença você vê entre as palavras sexo e sexualidade?

GRAvIDEz E COnTRAcEPçãO

21- O que você pensa da ocorrência de gravidez nessa fase da vida, a adolescência?
(Explorar: se já vivenciou essa experiência, qual foi o desfecho para ela, o que pensa e como vê o desfecho para os outros, quais as implicações do fenômeno.)

22- Como você acha que é para a garota? E para o garoto?

23- Em sua opinião, qual a melhor forma para os jovens prevenir a gravidez?
(Explorar: conhecimento e orientações para uso dos métodos contraceptivos.)

24- E você se preocupa com isso? Qual tem sido, para você, a melhor forma de prevenção?
(Explorar: facilidades e dificuldades no acesso e no uso dos métodos contraceptivos.)

25- Em sua opinião, qual é a participação dos rapazes na da prevenção da gravidez de garotas com sua idade?
(Explorar: como ela vê o papel ideal do garoto nesse, e como é de fato para ela e para as meninas em geral, possibilidades e dificuldades de negociação e diálogo com rapazes.)

DST/Aids E PReVENçã0

26- O que você pensa sobre a Aids? E outras DST?
(Explorar: qual o conhecimento sobre o tema.)

27- Em sua opinião, qual a importância da prevenção da DST/Aids? Qual a melhor forma de prevenção?
(Explorar: conhecimento e orientações para uso dos métodos preventivos, facilidades e dificuldades no acesso e no uso dos mesmos.)

28- E você se preocupa com isso? Qual tem sido, para você, a melhor forma de prevenção?
(Explorar: se já teve alguma experiência, quais são as preocupações.)

29- Para você, qual é a participação dos rapazes na prevenção das DSTS/Aids?
(Explorar: como vê o papel ideal do garoto, e como é de fato para ela e para as meninas em geral, possibilidades e dificuldades de diálogo com rapazes.)

ReLAçãO ESTAbELeCIDA

30- Que relação você identifica entre evitar a gravidez e também prevenir-se de doenças como as DST/Aids?
(Explorar: se demonstra conhecimento sobre o uso do preservativo como dupla prevenção.)

31- De quem é a responsabilidade maior? Do que e de quem depende?
(Explorar: se há uma responsabilização maior da mulher ou do homem, ou de ambos, dificuldades de negociação e questões de gênero.)

SERVIçOs DE SAúDE

32- Você tem acesso a serviços de saúde? Quando procura e para que?

33- Já foi ao ginecologista?

34- Qual a importância, você vê, em buscar esses serviços?
(Explorar: se percebe serviços de saúde como espaço de diálogo para cuidados com saúde sexual e reprodutiva, bem como para obtenção de preservativos e outros contraceptivos.)

INFoRMAção

35- Em geral, onde você busca informações sobre esses temas que falamos? Com quem você costuma conversar?

36- Onde você acha que os jovens, em geral, buscam essas informações?

JUVeNTuDE

37- Para você, o que é ser uma garota adolescente/jovem nos dias de hoje?

FiNaL

38- Você deseja falar mais alguma coisa sobre os assuntos que tratamos?

39- O que você achou da entrevista?

ANEXO III

ROTEIRO TEMÁTICO PARA COLETA DE DEPOIMENTO PESSOAL ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO

LAzER

1- Você pode me dizer qual é o seu lazer nos finais de semana?

2- E durante a semana?
(Explorar: tipo de entretenimento, preferências: rádio, tv, revistas, internet - redes sociais, sites, tipo de música, lugares que frequenta - contexto).

FAMíLIA

3- Fale um pouco sobre sua família. Como é a sua relação com seus pais?

4- E com os outros familiares?
(Explorar: existência de relações amigáveis ou conflituosas.)

QuEstõES dE GêNER0

5- O que você acha que é ser homem, no mundo de hoje?

6- E o que é ser mulher, no mundo de hoje?

CoRp0

7- O que você acha que mais preocupa os garotos hoje em dia, em relação ao corpo?

8- Que tipo de cuidados você considera importantes que rapazes da sua idade tenham com o corpo?
(Explorar: se surgem cuidados com a saúde ou apenas questões estéticas.)

9- E o que mais te preocupa no seu corpo?

10- Você cuida do seu corpo? Como é esse cuidado?

11- O que você gosta, não gosta e o que gostaria que fosse diferente no seu corpo?

12- E em relação à saúde, que cuidados garotos da sua idade devem ter para se manter saudáveis?

SEXuALiDAdE

13- Para você, qual a melhor forma para os rapazes curtirem sua sexualidade nos dias de hoje? E como é pra você?
(Explorar: conhecimento sobre o corpo, práticas como masturbação, a questão do prazer nas relações e outros aspectos.)

14- Agora vamos falar que questões um pouco mais íntimas. Como é o seu relacionamento afetivo com as garotas? Pode me falar um pouco sobre isso?
(Explorar: namoro, ficar com garotas, relacionamentos afetivo-sexuais.)

15- Você pode me contar um pouco como foi a experiência da sua primeira relação sexual? Com quem foi e com que idade?
(Explorar: as impressões e relatos que traduzam experiências negativas e/ou positivas assim como a continuidade dessas relações.)

16- Vocês usaram algum método para se prevenir?
(Explorar: qual o método utilizado, de quem foi a iniciativa, como foi a negociação.)

17- Como é a sua vida afetivo-sexual atualmente?
(Explorar: se é com parceira fixa (namorada) ou parceiras ocasionais, rotatividade de parceiras, frequência, buscar como as classifica - categorias nativas.)

18- Você tem utilizado algum método preventivo?

19- Que diferença você vê entre as palavras sexo e sexualidade?

GRAvIDEz E COnTRACEPçãO

20- O que você pensa da ocorrência de gravidez nessa fase da vida, a adolescência?
(Explorar: se já vivenciou essa experiência, qual foi o desfecho para ele, o que pensa e como vê o desfecho para os outros, quais as implicações do fenômeno.)

21- Como você acha que é para o garoto? E para a garota?

22- Em sua opinião, qual a melhor forma para os jovens prevenir a gravidez?
(Explorar: conhecimento e orientações para uso dos métodos contraceptivos.)

23- E você se preocupa com isso? Qual tem sido, para você, a melhor forma de prevenção?
(Explorar: facilidades e dificuldades no acesso e uso dos métodos contraceptivos.)

24- Em sua opinião, qual é a participação dos rapazes na da prevenção da gravidez de garotas jovens?
(Explorar: como ele vê o papel ideal do garoto nesse, e como é de fato para ele e para os rapazes em geral, possibilidades e dificuldades de negociação e diálogo com as garotas.)

DST/Aids E PReVENçã0

25- O que você pensa sobre Aids? E outras DST?
(Explorar: qual o conhecimento sobre o tema.)

26- Em sua opinião, qual a importância da prevenção da DST/Aids? Qual a melhor forma de prevenção?
(Explorar: conhecimento e orientações para uso dos métodos preventivos, facilidades e dificuldades no acesso e no uso dos mesmos.)

27- E você se preocupa com isso? Qual tem sido, para você, a melhor forma de prevenção?
(Explorar: se já teve alguma experiência, quais são as preocupações.)

28- Para você, qual é a participação dos rapazes na prevenção das DSTS/Aids?
(Explorar: como vê o papel ideal do garoto, e como é de fato para ela e para os rapazes em geral, possibilidades e dificuldades de diálogo com as garotas.)

ReLAçãO ESTAbELeCIDA

29- Que relação você identifica entre evitar a gravidez e também prevenir-se de doenças como as DST/Aids?
(Explorar: se demonstra conhecimento sobre o uso do preservativo como dupla prevenção.)

30- De quem é a responsabilidade maior? Do que e de quem depende?
(Explorar: se há uma responsabilização maior da mulher ou do homem, ou de ambos, dificuldades de negociação e questões de gênero.)

SERvIçOs DE SAúDE

31- Você tem acesso a serviços de saúde? Quando procura e para que?

32- Já foi ao urologista?

33- Qual a importância, você vê, em buscar esses serviços?
(Explorar: se percebe serviços de saúde como espaço de diálogo para cuidados com saúde sexual e reprodutiva, bem como para obtenção de preservativos e outros contraceptivos.)

INFoRMAçÃo

34- Onde você costuma buscar informações sobre esses temas que falamos? Com quem você costuma conversar?

35- Onde você acha que os jovens, em geral, buscam essas informações?

JUVeNTuDE

36- Para você, o que é ser um rapaz adolescente/jovem nos dias de hoje?

FiNaL

37- Você deseja falar mais alguma coisa sobre os assuntos que tratamos?

38- O que você achou da entrevista?

ANEXO IV

FACULDADE DE SAÚDE PÚBLICA – FSP
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Meu nome é Ludmila Ramos Carvalho, sou aluna da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo-USP. Este é um convite para que você participe da pesquisa "Adolescência e Desafios na Contracepção e Prevenção das DST/AIDS: Uma Relação em Questão Para a Saúde Pública".

Com essa pesquisa, desejo compreender o que os adolescentes entendem sobre saúde, sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis, principalmente a Aids, sobre o uso de métodos para não engravidar, e, também, como se sentem diante destas questões. Para isso, é necessário que eu conheça um pouco sobre sua vida: vamos falar sobre seus projetos, sobre sua família, suas amizades e sua vida afetiva.

A sua participação nessa pesquisa apresenta riscos mínimos e sua contribuição será importante, não apenas para o conhecimento científico dessas questões, mas também para que profissionais de saúde, professores, educadores e outros que trabalhem com adolescentes possam conhecer melhor suas opiniões e necessidades e assim, buscarem soluções para dificuldades que possam existir.

Caso concorde em participar, você assinará esse Termo de consentimento Livre e Esclarecido, como autorização e, caso tenha menos que 18 anos, será preciso também a assinatura de um de seus pais ou o responsável legal por você. Uma cópia deste Termo será arquivada na Faculdade de Saúde Pública da USP e outra será fornecida a você.

Sua participação é livre e voluntária e você poderá desistir de participar em qualquer momento do desenvolvimento da pesquisa, sem que isso lhe prejudique. Se concordar em participar, você não terá gastos e nem receberá pagamento pela sua contribuição.

Marcaremos uma entrevista, que será realizada por mim, em local, data e horário acessíveis para você e que serão combinados com antecedência. Para que nenhum dado seja perdido, a entrevista será gravada, com garantia de que todas as informações serão utilizadas somente para essa pesquisa científica e que você não será identificado (a) em nenhum momento da divulgação. Caso necessite esclarecer qualquer dúvida sobre esta pesquisa, estarei a sua disposição.

_____ , ____ de ____ de 2012.

Pesquisador responsável
Ludmila Ramos Carvalho
(11) 88173098 / (19) 91563816
lud@usp.br

Orientadora
Profa. Dra. Augusta T. Alvarenga
(11) 38152464
atal@usp.br

Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública -FSP/USP:
Av. Dr. Arnaldo, 715, SP
(11) 3061-7779

Declaro que recebi todas as informações referentes ao projeto.

_____
Entrevistado (a)

_____
Responsável pelo (a) entrevistado (a)

ANEXO V

Plataforma Brasil - Ministério da Saúde

Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo

PROJETO DE PESQUISA

Título: Adolescência e Desafios na Contracepção e Prevenção das DST/AIDS: Uma Relação em Questão Para a Saúde Pública

Área Temática:

Pesquisador: Ludmila Ramos Carvalho **Versão:** 2

Instituição: Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo - FSP/USP **CAAE:** 01515112.3.0000.5421

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Número do Parecer: 77743

Data da Relatoria: 20/07/2012

Apresentação do Projeto:

Já consta do parecer inicial.

Objetivo da Pesquisa:

Já consta do parecer inicial.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Já consta do parecer inicial.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Já consta do parecer inicial.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Já consta do parecer inicial.

Recomendações:

Já consta do parecer inicial.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Pendências atendidas, pesquisadora incluiu risco mínimo no projeto e no TCLE e também incluiu o endereço e telefone do COEP no TCLE.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

ANEXO VI

Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/9791458953423335

Ludmila Ramos Carvalho

Curriculum Vitae

Dados pessoais

Nome Ludmila Ramos Carvalho
Nascimento 16/11/1979 - Indaiatuba/SP - Brasil
CPF 286.554.528-82

Formação acadêmica/titulação

2011 - 2013 Mestrado em Saúde Pública.
Universidade de São Paulo, USP, Sao Paulo, Brasil
Título: Adolescência e Desafios na Contracepção e Prevenção das DST/AIDS: Uma Relação em Questão Para a Saúde Pública, Ano de obtenção: 2013
Orientador: Profa. Dra. Augusta Thereza de Alvarenga
Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

1998 - 2002 Graduação em Licenciatura Plena em Psicologia.
Pontifícia Universidade Católica de Campinas, PUC Campinas, Campinas, Brasil
Bolsista do(a): Centro de Integração Empresa Escola

1998 - 2002 Graduação em Psicologia.
Pontifícia Universidade Católica de Campinas, PUC Campinas, Campinas, Brasil
Bolsista do(a): Centro de Integração Empresa Escola

1995 - 1997 Ensino Profissional de nível técnico .
Colégio Técnico da Universidade Estadual de Campinas, COTUCA, Brasil

2003 - 2003 Aperfeiçoamento : Aprimoramento em Psicot. de Base Comport. e Cognit.
Núcleo de Aprimoramento em Psicologia, NAPSI, Brasil
Título: Estudo de Caso
Orientador: Profa. Dra. Diana Tosello Laloni

Formação complementar

2012 - 2013 Grupo de Estudos m Gênero, Sexualidade e Corpo.
Faculdade de Saúde Pública - Universidade de São Paulo, FSP/USP, Brasil

2011 - 2011 Curso de curta duração em Uso do DEDALUS - Banco de Dados Bibliogr. da USP e.
Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, FSP/USP, Brasil

2011 - 2011 Curso de curta duração em Curso Básico para Uso da Biblioteca/CIR.
Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, FSP/USP,

Brasil

2011 - 2011 Curso de curta duração em Uso da Bibliot Virt de Saúde Públ. LILACS e SCIELO.
Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, FSP/USP, Brasil

2009 - 2009 Extensão universitária em Estado e Políticas Públicas.
Escola de Extensão da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil

2007 - 2007 Curso de curta duração em Captação de Recursos e Gestão do Voluntariado.
Assessoria e desenvolvimento para Excelência do Terceiro Setor, ADETS, Brasil

2006 - 2006 Curso de curta duração em Curso Básico de Libras - Língua Brasileira de Sina.
Prefeitura Municipal de Indaiatuba, PMI, Brasil

2004 - 2004 Curso de curta duração em Treinamento em Sala de Vacinação.
Prefeitura Municipal de Indaiatuba, PMI, Brasil

2004 - 2004 Curso de Formação para Instrutores de Yoga.
Via Harmonia - Terapias Integradas, VH, Brasil

2004 - 2004 Formação Avançada em Análise do Comportamento.
Núcleo de Aprimoramento em Psicologia, NAPSI, Brasil

2003 - 2003 Curso de curta duração em Atualização de Tratamento de Lesões de Pele - Técn.
ConvaTec, CONVATEC, Brasil

2002 - 2002 Curso de curta duração em Teste de Wartegg - Básico e Avançado.
Assessoria em Desenvolvimento Humano e Organizacional, DHO, Brasil

2002 - 2002 Curso de Formação em Terapia Comportamental.
Núcleo de Aprimoramento em Psicologia, NAPSI, Brasil

2000 - 2000 Curso de curta duração em Introdução ao pensamento fenomenológico.
Núcleo Eventos Científicos, NÚCLEO, Brasil

1997 - 1997 Extensão universitária em Atuação de Enfermagem em Emergências e Urgências.
Escola de Extensão da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil

1996 - 1996 I Semana de Enfermagem.
Hospital Municipal Dr. Mário Gatti, HMMG, Brasil

Atuação profissional

1. Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas - FMU

Vínculo institucional

2013 - Atual Vínculo: Professor Visitante , Enquadramento funcional:

convidado , Carga horária: 4, Regime: Parcial

2. Centro Universitário Senac - SENAC/SP

Vínculo institucional

2013 - Atual Vínculo: Professor Visitante , Enquadramento funcional: convidado , Carga horária: 20, Regime: Parcial

3. Faculdade Paschoal Dantas - FPD

Vínculo institucional

2013 - 2013 Vínculo: Colaborador , Enquadramento funcional: Docente Graduação , Carga horária: 8, Regime: Parcial

4. Faculdade de Saúde Pública - Universidade de São Paulo - FSP/USP

Vínculo institucional

2012 - 2013 Vínculo: Representante Discente , Enquadramento funcional: Representante Discente, Regime: Parcial

2012 - 2013 Vínculo: Apoio técnico , Enquadramento funcional: Apoio técnico, Regime: Parcial

2011 - 2012 Vínculo: Representante Discente , Enquadramento funcional: Representante Discente, Regime: Parcial

5. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES

Vínculo institucional

2012 - 2013 Vínculo: Bolsista - Mestrado , Enquadramento funcional: Bolsista - dedicação integral , Carga horária: 40, Regime: Dedicação exclusiva

Atividades

02/2010 - 05/2013 Pesquisa e Desenvolvimento, Faculdade de Saúde Pública - FSP/USP

Linhas de pesquisa:
Saúde Reprodutiva, Gênero, Sexualidade e Sociedade

6. Prefeitura Municipal de Indaiatuba - PMI

Vínculo institucional

2003 - 2013 Enquadramento funcional: Estatutário , Carga horária: 40, Regime: Integral

Atividades

03/2009 - 09/2009 Direção e Administração, CRAS

Cargos ocupados:
Gerente Social

01/2009 - 09/2009 Serviço Técnico Especializado, CRAS

Especificação:
Profissional Responsável pelo Projovem Adolescente - Serviço Sócioeducativo

07/2006 - Atual Serviço Técnico Especializado, CRAS

Especificação:
Psicóloga do CRAS

7. instituto Cultural Norte Americano - CNA

Vínculo institucional

2006 - 2010 Vínculo: Celetista formal , Enquadramento funcional: Registrado - CLT , Carga horária: 3, Regime: Parcial

8. Sociedade Interativa Sol Nascente - Indaiatuba - SISNI

Vínculo institucional

2005 - 2010 Vínculo: Voluntária , Enquadramento funcional: Voluntária , Carga horária: 3, Regime: Parcial

9. Via Harmonia - Terapias Integradas - VH

Vínculo institucional

2003 - 2007 Vínculo: Autônomo , Enquadramento funcional: Autônomo, Regime: Parcial

10. Hospital e Maternidade Celso Pierro - HMCP

Vínculo institucional

2002 - 2002 Vínculo: Estágio , Enquadramento funcional: Estágio Supervisionado de Caráter Optativo , Carga horária: 4, Regime: Parcial

2002 - 2002 Vínculo: Estagiário , Enquadramento funcional: Estágio Supervisionado , Carga horária: 12, Regime: Parcial

Atividades

02/2002 - 12/2002 Estágio, Hospital e Maternidade Celso Pierro

Estágio:
estágio em psicologia clínica

11. Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC Campinas

Vínculo institucional

2002 - 2002 Vínculo: Estagiário , Enquadramento funcional: Estagio Supervisionado - Orientação Profiss. , Carga horária: 12, Regime: Parcial

2002 - 2002 Vínculo: Estagiário , Enquadramento funcional: Estagio Supervisionado - Psicologia Escolar , Carga horária: 12, Regime: Parcial

2001 - 2001 Vínculo: Estágio , Enquadramento funcional: Monitor , Carga horária: 6, Regime: Parcial

2000 - 2002 Vínculo: Estagiário , Enquadramento funcional: Estagiário - CIEE , Carga horária: 24, Regime: Parcial

Atividades

02/2002 - 12/2002 Estágio, Instituto de Psicologia e Fonoaudiologia

Estágio:
Estágio Supervisionado

11/2000 - 12/2002 Estágio, Instituto de Psicologia e Fonoaudiologia

Estágio:
Estagiária-Bolsista, atuando junto à Revista Estudos de Psicologia - Publicação científica da Puc-Campinas

12. Centro Interdisciplinar de Atenção ao Deficiente CIAD / PUC-Campinas - CIAD

Vínculo institucional

2000 - 2000 Vínculo: Estagiário , Enquadramento funcional: Voluntário , Carga horária: 4, Regime: Parcial

Atividades

09/2000 - 11/2000 Estágio, CIAD
Estágio:
Estágio de acompanhamento á reabilitação de pessoas com deficiência

Linhas de pesquisa

1. Saúde Reprodutiva, Gênero, Sexualidade e Sociedade

Projetos

Projetos de pesquisa: Projetos de pesquisa **2010 - 2013** Adolescência e Desafios na Contracepção e Prevenção das DST/AIDS: Uma Relação em Questão Para a Saúde Pública
Situação: Concluído Natureza: Projetos de pesquisa
Alunos envolvidos: Mestrado acadêmico (1);
Integrantes: Ludmila Ramos Carvalho; Augusta Thereza de Alvarenga (Responsável)

Produção

Produção bibliográfica

Trabalhos publicados em anais de eventos (resumo)

1. **CARVALHO, L. R.**, ALVARENGA, A. T.
ADOLESCÊNCIA, GÊNERO E SAÚDE PÚBLICA: DESAFIOS NA CONTRACEPÇÃO E PREVENÇÃO DE DST/AIDS In: 10o. Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva, 2012, Porto Alegre.
Anais Saúde Coletiva. , 2012.

2. **CARVALHO, L. R.**, ALVARENGA, A. T.
Desafios para Saúde Pública na relação entre contracepção e prevenção de DST/Aids na adolescência: um estudo de caso In: IV Congresso Internacional de Saúde da Criança e do Adolescente - CISCA, 2012, São Paulo.
Anais IV Congresso Internacional de Saúde da Criança e do Adolescente. Journal of Human Growth and Development, 2012. p.509 - 509

3. **CARVALHO, L. R.**, ALVARENGA, A. T.
Relações entre corpo e sexualidade na contracepção e prevenção das DST/Aids entre adolescentes: desafios para a Saúde Pública In: II Congresso Internacional Transdisciplinar sobre a criança e o adolescente: a linguagem, o corpo e a escrita, 2012, Santa Cruz de Cabrália.
Anais do II Congresso Internacional sobre a criança e o adolescente: a linguagem, o corpo e a escrita. , 2012. p.115 - 116